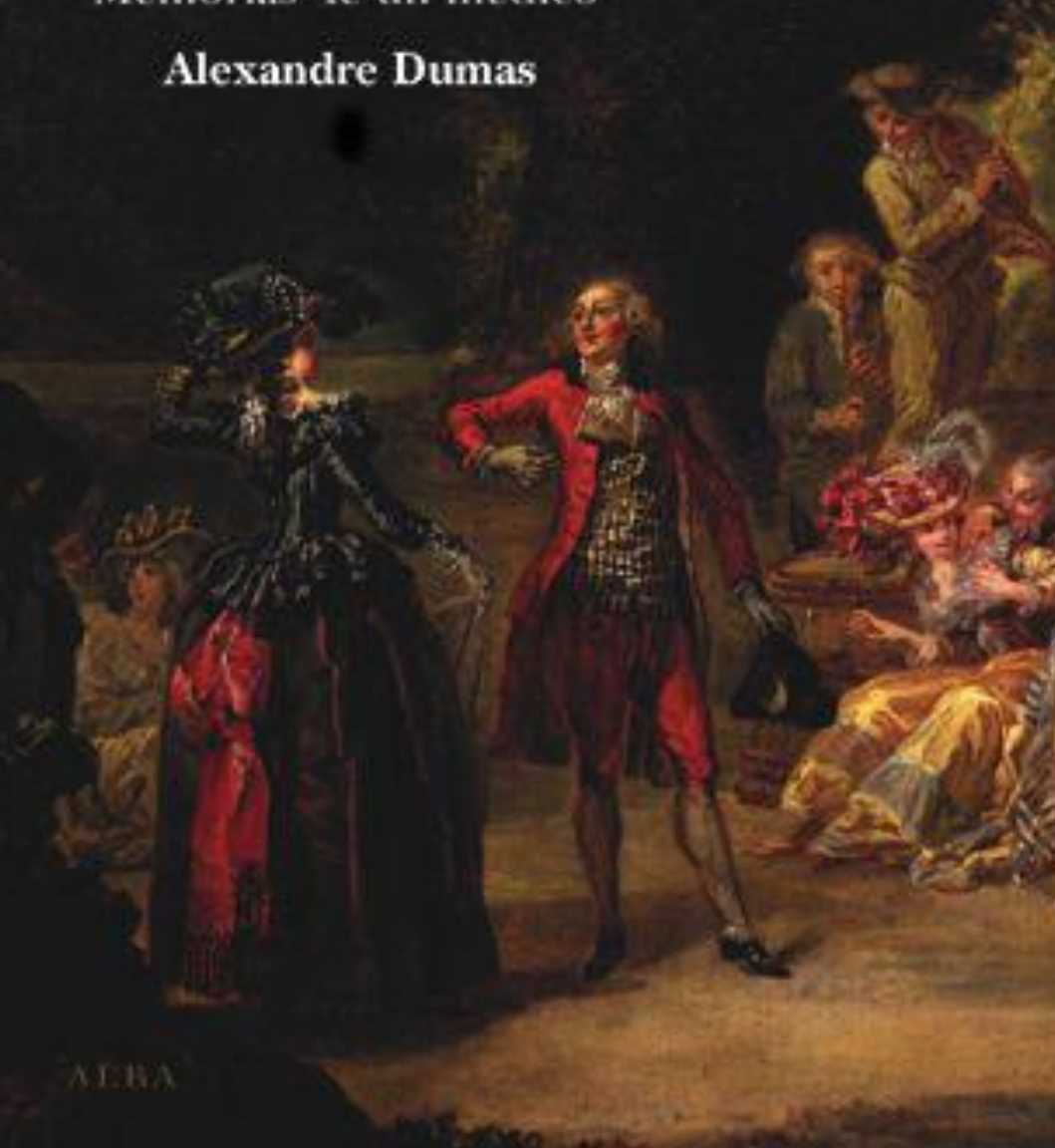




Joseph Balsamo

Memorias de un médico

Alexandre Dumas



ALBA

**Memórias de um médico:
José Bálsamo
Volume IV**

Alexandre Dumas

I

A PARTE DE EL-REI

O duque de Aiguillon, ficando só, achou-se a princípio um pouco perturbado. Havia perfeitamente compreendido tudo quanto seu tio lhe dissera, havia perfeitamente compreendido que a senhora du Barry escutava, havia finalmente compreendido perfeitamente que um homem de espírito em tais circunstâncias, era preciso mostrar-se homem de brio, e jogar só a partida a que o velho duque queria associar-se.

A chegada de el-rei interrompeu muito a propósito a explicação que infalivelmente teria resultado da firmeza puritana do senhor de Aiguillon.

O marechal não era homem que se deixasse enganar muito tempo, e principalmente que fizesse brilhar com um

fulgor exagerado a virtude de qualquer outro à custa da sua.

Mas, tendo ficado só, de Aiguillon teve tempo para reflectir.

El-rei chegava com efeito. Já os seus pajens tinham aberto a porta da antecâmara, e Zamora corria para o monarca pedindo-lhe doces, tocante familiaridade que, nos seus momentos de mau humor, Luís XV pagava com um piparote no nariz ou um puxão de orelhas muito desagradável ao jovem africano.

El-rei instalou-se no gabinete das curiosidades, e, o que convenceu de Aiguillon que a senhora du Barry não tinha perdido uma única das palavras da sua conversa com o tio, foi porque ele, de Aiguillon, ouviu perfeitamente, desde as primeiras palavras, a conversa com a condessa.

Sua Majestade parecia muito fatigado, como um homem que houvesse levantado um peso imenso; Atlas não ficava tão cansado

depois de ter sustido o céu pelo espaço de doze horas sobre os ombros.

Luís XV fez-se agradecer, aplaudir e acariciar por sua amante; fez contar toda a história da despedida do senhor de Choiseul; e pareceu isso diverti-lo muito.

Então a senhora du Barry aventurou-se. Era boa maré para a política; e demais sentia-se valente bastante para revolver uma das quatro partes do mundo.

- Senhor - disse ela - destruiu, foi bom; derrubou, é óptimo; mas agora trata-se de reedificar.

- Oh! Já está tudo feito - disse el-rei negligentemente.

- Já tem um ministério?

- Sim!

- Assim, de repente, sem respirar?

- Ora, que louca... Oh! Bem mostra que é mulher! Antes de despedir o cozinheiro, como o outro dia disse, não se deve ter já justo outro novo?

- Torne a dizer-me que já está composto o gabinete.

El-rei ergueu-se um pouco do canapé em que se havia antes deitado do que sentado, servindo-se para almofada principal dos ombros da formosa condessa.

- Parece, Joanninha - disse ele ao ver o seu desassossego - que conhece o meu ministério para o censurar, e que tem alguém para me propor.

- Ah! - disse a condessa - não é totalmente absurdo isso que diz.

- Realmente?... Tem um ministério?

- E o senhor não tem também outro? - redargüiu ela.

- Oh! Eu, é a minha obrigação, condessa. Vejamos, quem são os seus candidatos?...

- Não, diga-me primeiramente os seus.

- De boa vontade, para lhe dar o exemplo.

- Na marinha, primeiramente, onde estava aquele caro senhor de Praslin?

- Ah! Coisa nova, condessa; um homem encantador, que nunca viu o mar.

- Ora adeus!

- Palavra de honra! Isto é uma invenção magnífica. Vou tornar-me muito popular, e vou ser coroado nos mares mais longínquos... Em efígie, já se sabe.

- Mas quem é, senhor? Quem é?

- Apostamos em como não adivinha entre mil?

- Um homem cuja escolha o torna popular... Não, não adivinho.

- Um homem do parlamento, minha querida... Um primeiro presidente do parlamento de Besançon.

- O senhor de Boynes?

- Exactamente... Apre! Como é sábia!... Conhece essa gente?

- Pudera não! Fala-me todo o dia em parlamento. Ora! Mas é um homem que nem sabe o que é um leme.

- Melhor. O senhor de Praslin sabia bem demais o seu estado, e custou-me muito dinheiro com as suas construções navais.

- Mas na fazenda, senhor?

- Oh! Para a fazenda, é outro caso, escolho um homem especial.

- Um banqueiro?

- Não... Um militar. Há muito tempo que os banqueiros me roubam.

- E na guerra, Santo Deus?

- Sossegue, vai um banqueiro, Terray, que é um esquadrinhador de contas, vai achar erros em todas as adições do senhor de Choiseul. Sempre lhe direi que tive idéia de tomar para a guerra um homem maravilhoso, um puro como eles dizem; era para agradar aos filósofos.

- Bom! Quem havia de ser? Voltaire?

- Quase... O cavalheiro du Muy... Um Catão.

- Ah! Santo Deus! Aterra-me!

- Pois é verdade... Eu tinha-o mandado chamar, estava assinado o seu decreto, e ele já

me tinha agradecido, quando o meu bom ou mau génio... Não é capaz de saber, condessa, o que me fez dizer-lhe?... Que viesse esta noite a Luciennes cear e conversar.

- Oh! Que horror!

- Pois bem! Condessa, quer saber o que Muy me respondeu?

- Diga... Diga...

- Em outros termos, condessa: mas enfim disse-me que servir el-rei era o seu mais ardente desejo; mas servir a senhora du Barry era-lhe impossível.

- É magnífico o seu filósofo!

- Compreende, condessa, estendi-lhe a mão... Para que me entregasse a nomeação, que rasguei com um sorriso muito pachorrento, e o cavalheiro desapareceu. E contudo, se fosse Luís XIV teria mandado apodrecer um semelhante maroto nalgum dos tristes buracos da Bastilha; mas sou Luís XV, e tenho um parlamento que me dá com um chicote em lugar de ser eu quem lhe dê com ele. Eis aí o caso!

- Não importa, senhor - disse a condessa cobrindo de beijos o seu real amante - é um homem perfeito.

- Não é isso que todos hão-de dizer. Terray é odiado.

- Quem o não é?... E nos negócios estrangeiros?

- Aquele bom Bertin que a condessa conhece.

- Eu não.

- Então, que não conhece.

- Mas em tudo isso não vejo eu um único ministro bom.

- Talvez; mas diga-me quais são os seus?

- Só direi um.

- Não o diz; tem medo.

- O marechal.

- Que marechal? - perguntou el-rei fazendo uma visagem.

- O duque de Richelieu.

- Aquele velho? Um atarantado?

- Ora, atarantado, o vencedor de Mahon.

- Um homem imoral, que faz fugir todas as mulheres!

- Ora! Isso é desde que não anda atrás delas.

- Não me fale em Richelieu, não gosto dele! Esse vencedor de Mahon levou-me a todos os covis de Paris... Faziam-me cantigas e epigramas. Não, não!... Richelieu, oh! só o nome me faz sair fora de mim.

- Odeia-o então muito?

- Quem?

- Os Richelieu.

- Com toda a minha alma os odeio.

- Todos?

- Todos. Não é um belo duque e par o senhor de Fronsac? Mais de dez vezes mereceu ser açoitado.

- Entrego-lhe esse; mas ainda há alguns Richelieu.

- Ah! Sim, de Aiguillon.

- Então?

O leitor que julgue de que modo o sobrinho pôs o ouvido à escuta.

- Esse, deveria odiá-lo mais que a todos os outros, porque me entrega nas mãos de todos os tagarelas da França, mas é uma fraqueza de que me não posso curar, é atrevido e não me desagrada.

- É um homem de espírito! - bradou a condessa.

- Um homem corajoso e rígido defensor da prerrogativa real. É um verdadeiro par.

- Sim, sim, cem vezes sim! Faça dele alguma coisa.

Então el-rei olhou para a condessa encruzando os braços.

- Como me pode propor semelhante coisa, condessa, no momento em que a França inteira me pede que exile e exautore o duque?

Por sua vez também a senhora du Barry encruzou os braços.

- Há pouco - disse ela - chamava a Richelieu um atarantado; pois bem! Em si é que de direito recai esse nome.

- Oh! Condessa...

- Está bem soberbo, por ter despedido o senhor de Choiseul.

- Ah! Não era coisa fácil.

- Mas demitiu-o, e agora recua diante das conseqüências!

- Eu?

- Certamente. O que fez despedindo o duque?

- Dei um pontapé no parlamento.

- E não lhe quer dar outro? Com os diabos, levante as duas pernas, uma depois da outra, já se sabe. O parlamento queria conservar Choiseul, mandou-o embora; o parlamento quer mandar embora de Aiguillon, faça o contrário, conserve-o.

- Mas eu também não o mando embora.

- Guarde-o, emendado e consideravelmente aumentado.

- Quer uma pasta para esse enredador?

- Quero uma recompensa para aquele que o defendeu, mesmo com risco das suas dignidades e da sua fortuna.

- Diga também da sua vida, porque o duque há-de ser apedrejado qualquer dia destes, juntamente com o seu amigo Maupeou.

- Era esse um belo meio para animar os seus defensores, se o ouvissem.

- Eles pagam-me na mesma moeda, condessa.

- Não diga semelhante coisa, os factos provam o contrário.

- Ora! Mas que furor é esse por de Aiguillon?

- Furor! Nem sequer o conheço; vi-o e falei-lhe hoje pela primeira vez.

- Ah! Isso é diferente; então é por convicção e como eu nunca as tive, respeito todas as convicções.

- Então dê alguma coisa a Richelieu, em nome de de Aiguillon, já que a este nada quer dar.

- A Richelieu? Nada, nada, nada!

- Então ao senhor de Aiguillon, já que não quer dar a Richelieu.

- Como! Dar-lhe uma pasta? Neste momento é impossível.

- Pois sim... Mas depois... Lembre-se que é homem hábil, activo, e que junto com Terray e Maupeou, terá as três cabeças de Cérbero; lembre-se também que o seu ministério é apenas um gracejo que não pode durar.

- Engana-se, condessa, há-de durar pelo menos três meses.

- Durante três meses? Está dito, aceito e conservo a sua palavra.

- Oh! Oh! Condessa.

- Está dito! Agora preciso alguma coisa para o presente.

- Não tenho coisa alguma.

- Tem a cavalaria ligeira; o senhor de Aiguillon é um oficial, e o que se chama um valente espada, dê-lhe a sua cavalaria ligeira.

- Pois sim.

- Obrigada! - bradou a condessa cheia de prazer obrigada!

E o senhor de Aiguillon sentiu dar um beijo muito plebeu nas faces de Sua Majestade Luís XV.

- Agora - disse el-rei - dê-me de cear, condessa.

- Não - disse ela - aqui não há coisa nenhuma; maçou-me com política... Os meus criados fizeram discursos e fogos de vista, mas na cozinha... nada.

- Então, venha comigo a Marly.

- É impossível; tenho a cabeça despedaçada.

- Está com a enxaqueca?

- Fortíssima.

- Então deve ir deitar-se, condessa.

- É o que vou fazer, senhor.

- Então, adeus.

- Até à vista, quer dizer?

- Faço um pouco a figura do senhor de Choiseul, mandam-me embora.

- Sim, mas acompanhando-o, fazendo-lhe festas e carícias - disse a louca mulher, que brandamente ia empurrando el-rei para o

lado da porta, e acabou por pô-lo fora, rindo sempre às gargalhadas e voltando-se a cada degrau que ele descia.

No alto da escada estava a condessa com uma luz na mão.

- Ouça, condessa - disse el-rei tornando a subir um degrau.

- Senhor!

- Contanto que o pobre marechal não morra disso.

- De quê?

- De febre da pasta.

- Como é mau! - disse a condessa soltando uma última gargalhada.

E Sua Majestade partiu muito satisfeito com esse último epigrama a respeito do duque, a quem realmente odiava.

Quando a senhora du Barry voltou para o seu gabinete, achou de Aiguillon de joelhos diante da porta, de mãos postas e com os olhos ardentemente fitos nela.

A condessa corou.

- Nada consegui - disse ela; - pobre marechal...

- Oh! Eu sei tudo - disse ele - ouve-se perfeitamente... Agradecido, minha senhora, agradecido!

- Creio que lhe devia tudo quanto fiz - redargüiu a condessa com um doce sorriso; - mas levante-se, duque, senão hei-de julgar que tem tanta memória como espírito.

- Isso pode muito bem ser, minha senhora! Como meu tio lhe disse, nada mais sou do que o seu apaixonado servidor.

- E de el-rei. Amanhã será preciso ir cumprimentar Sua Majestade; levante-se, peço-lho eu.

E estendeu-lhe a mão, que o duque beijou respeitosamente.

A condessa ficou muito comovida, ao que parece, porque não acrescentou mais palavra.

O senhor de Aiguillon calou-se, tão perturbado como a condessa; afinal, a

senhora du Barry, erguendo a cabeça, disse outra vez:

- Pobre marechal! Há-de ser preciso dizer-lhe tudo!

O senhor de Aiguillon pensou que estas palavras eram uma despedida definitiva, e inclinou-se.

- Minha senhora - disse o duque - vou ter com ele.

- Oh! Duque, toda a notícia má deve dar-se o mais tarde possível! Faça coisa melhor do que ir a casa do marechal, ceie comigo.

O duque sentiu como que o perfume da mocidade e de amor abrasar e regenerar o sangue do seu coração.

- Não é uma mulher - disse ele - é...

- Sou *Lange*, não é verdade? - lhe disse ao ouvido a boca ardente da condessa, que se chegou muito a ele para lhe falar mais baixo, e que consigo o levou para a mesa.

Nessa noite o senhor de Aiguillon devia julgar-se bem feliz, porque tirou a pasta a seu tio, e comeu a parte que pertencia a el-rei.

II

AS ANTECÂMARAS DO SENHOR DE RICHELIEU

O senhor de Richelieu, como todos os cortesãos, tinha um palácio em Versalhes, outro em Paris, uma casa em Marly, uma em Luciennes; enfim uma habitação ao pé de cada uma das habitações ou estações de el-rei.

Luís XV, multiplicando as suas habitações, tinha imposto a todo o homem de certa ordem, privilegiado das pequenas ou grandes entradas, a obrigação de ser muito rico para seguir numa proporção igual o trem da sua casa e o vôo dos seus caprichos.

O senhor de Richelieu portanto habitava, no momento da demissão dos senhores de Choiseul e de Praslin, o seu palácio de Versalhes; era para ali que havia ido na véspera, na volta de Luciennes, depois

de ter apresentado seu sobrinho à senhora du Barry.

Richelieu tinha sido visto com a condessa no bosque de Marly, tinham-no visto em Versalhes depois da queda do ministro, era sabida a sua secreta e prolongada ausência em Luciennes; foi isso bastante para que toda a corte, com as indiscrições de João du Barry, se julgasse obrigada a ir cumprimentar o senhor de Richelieu.

O velho marechal ia portanto agora também por sua vez respirar esse perfume de lisonja, de adulação e de carícias que todo o interessado vem queimar sem discernimento diante do ídolo do dia.

O senhor de Richelieu não esperava contudo o que ia suceder-lhe; mas levantou-se na manhã do dia de que falamos, com a firme resolução de calafetar o nariz contra o perfume, do mesmo modo que Ulisses tapava os ouvidos com cera contra o canto das sereias.

O resultado para ele só devia chegar no dia seguinte; era com efeito no dia seguinte, que devia ser conhecida e publicada por el-rei mesmo a nomeação do novo ministério.

A surpresa do marechal foi grande quando acordando, ou melhor diremos, quando acordado por uma bulha de carruagens, soube pelo seu criado que os pátios do palácio estavam cheios, assim como as antecâmaras e as salas.

- Oh! Oh! - disse ele - parece-me que dou que falar?

- É muito cedo, senhor marechal - disse o criado vendo a precipitação do duque em desatar o seu barrete de dormir.

- De hoje em diante - redargüiu o duque - já para mim não há-de haver horas, lembre-se disto.

- Sim, senhor.

- O que disseram às pessoas que me têm procurado?

- Que V. Ex^a. não estava ainda levantado.

- Simplesmente?

- Nada mais.

- É uma tolice, devia-se ter acrescentado que eu me tinha deitado muito tarde, ou então, o que era ainda melhor, deviam... Vejamos, onde está Rafté?

- O Sr. Rafté dorme ainda - disse o criado.

- Como dorme? Vão já acordar esse miserável.

- Vamos, vamos! - disse um velho fresco e alegre que apareceu no limiar da porta - aqui está Rafté, o que querem dele?

Toda a raiva do marechal se extinguiu com estas palavras.

- Ah! Bem dizia eu que não dormias.

- E quando assim fosse, o que haveria para admirar? Ainda há pouco que é dia.

- Mas, meu caro Rafté, vês que eu não durmo.

- Isso é outro caso, o senhor é ministro... Como haveria de dormir?

- Bom, lá vais tu ralhar - disse o marechal fazendo trejeitos diante do espelho;
- não estás contente?

- Eu! Que me importa a mim com isso? Vai cansar-se muito, o que o fará adoecer. Resultará disso que serei eu quem governe o Estado, e não é coisa muito divertida, senhor.

- Oh! Como estás velho, Rafté!

- Tenho exactamente quatro anos menos que o duque. Oh! Sim, estou bem velho.

O marechal bateu o pé com impaciência.

- Passaste pela antecâmara? - disse ele.

- Sim.

- Quem está lá?

- Toda a gente.

- O que dizem?

- Cada um conta a outro o que vem pedir-lhe.

- Isso é muito natural; mas da minha nomeação ouviste dizer alguma coisa?

- Oh! Prefiro não repetir o que ouvi.

- Olá!... Já os críticos começam?

- E dos que de si precisam, senhor! O que será daqueles de quem o senhor precisa?

- Ah! Rafté - disse o velho marechal afectando rir-se - aqueles que disseram que tu me lisonjeias...

- Olhe, senhor - disse Rafté - por que diabo se foi ligar a essa charrua chamada ministério? Está cansado de ser feliz e de viver?

- Meu caro, de tudo tenho provado, menos disso.

- Ora adeus! Nunca provou arsénico? Por que não engole uma pequena dose misturada com o seu chocolate, por curiosidade?

- Rafté, és um preguiçoso: adivinhas que na qualidade de meu secretário vais ter muito que fazer, e recuas diante do trabalho... Parece-me que já o disseste.

O marechal fez-se vestir com cuidado.

- Dá-me um certo garbo militar - recomendou ele ao criado e põe-me as minhas ordens militares.

- Pelo que parece, temos a pasta da guerra? – perguntou Rafté.

- É verdade, sim, parece que é a que nos coube.

- Ora vamos a saber - prosseguiu Rafté - isto não é regular, pois não vi a nomeação de el-rei.

- Ela vai chegar, sem dúvida.

- Então, sem dúvida é hoje a palavra oficial?

- Como te tens tornado desagradável desde que envelheceste, Rafté... És formalista e purista; se eu soubesse, não teria mandado fazer por ti o meu discurso de recepção na Academia; é isso o que fez de ti um pedante.

- Então ouça, senhor, já que fazemos parte do governo, sejamos regulares... É caso singular.

- O que é singular?

- O Sr. Conde de La Vaudraye, que acaba de me falar na rua, disse-me que nada se havia feito ainda a respeito de ministério.

Richelieu sorriu.

- O senhor de La Vaudraye tem razão - disse ele. - Mas então já saíste?

- Pudera! Que remédio tive eu, aquele maldito barulho das carruagens acordou-me; vesti-me, pus as minhas ordens militares, e fui dar uma volta pela cidade.

- Ah! Parece-me que o Sr. Rafté quer divertir-se à minha custa?

- Oh! Senhor, Deus me livre de tal; é porque...

- É porque...

- Passeando, encontrei alguém.

- Quem foi?

- O secretário do abade de Terray.

- Então?

- Então, disse-me só que o seu amo estava nomeado para a guerra.

- Oh! Oh! - disse Richelieu com o seu eterno sorriso.

- O que conclui V. Ex^a. disto?

- Que se o senhor de Terray tem a pasta da guerra, não a tenho eu; e que, se ele a não tem, pode ser que eu a tenha.

Rafté tinha feito bastante para a sua consciência; era um homem atrevido, incansável, ambicioso, com tanto espírito como seu amo, e mais bem armado do que ele, porque sabia que era plebeu e dependente, dois grandes defeitos que, durante quarenta anos, haviam exercitado toda a sua astúcia, toda a sua força e toda a agilidade do seu espírito. Rafté, vendo seu amo tão descansado, julgou que não teria também nada que temer.

- Vamos - disse ele - apresse-se, senhor, não se faça esperar muito, seria de mau agouro.

- Estou pronto; mas quem está lá, torno a perguntar?

- Aqui tem a lista.

Apresentou a seu amo uma grande lista, na qual o duque leu com satisfação os primeiros nomes da nobreza, da magistratura e da finança.

- Se eu me tornasse popular, hem Rafté?

- Estamos no tempo dos milagres - respondeu este - podia ser.

- Ah! Taverney! - disse o marechal continuando na leitura da lista. - Que vem ele aqui fazer?

- Não sei, senhor marechal, vamos, faça a sua entrada.

E, quase com autoridade, o secretário obrigou seu amo a entrar na sala grande.

Richelieu devia estar satisfeito; o modo porque o receberam não estava abaixo das ambições de um príncipe de sangue.

Mas toda a civilidade, tão fina, tão hábil, tão cautelosa daquela época e daquela sociedade, serviu mal o acaso, que preparava a Richelieu uma severa mistificação.

Por conveniência e por respeito à etiqueta, toda essa multidão absteve-se de pronunciar diante de Richelieu a palavra ministério; alguns mais ousados chegaram a proferir a palavra parabéns; esses sabiam que era necessário tocar muito de leve nessa

palavra, e mesmo que Richelieu apenas lhe responderia.

Para toda a gente essa visita feita ao despontar do Sol foi apenas como uma demonstração, como um desejo, por exemplo.

Não era muito raro, naquela época, que as mais leves aparências fossem compreendidas pelas massas e na unanimidade.

Alguns cortesãos na conversa arriscaram-se a exprimir um voto, um desejo, uma esperança.

Um teria estimado, dizia ele, ver o seu governo mais influente sobre Versalhes. Gostava de falar nisso com um homem de um crédito tão grande como o do senhor de Richelieu.

Outro afirmava ter sido esquecido três vezes pelo senhor de Choiseul nas promoções de cavaleiros da ordem; contava com a obsequiosa lembrança do senhor de Richelieu para avivar a de el-rei, agora, que nada havia

já que pusesse obstáculos à vontade de Sua Majestade.

Enfim outras pretensões mais ou menos ávidas, mas apresentadas com muita arte, soaram aos ouvidos encantados do marechal.

A pouco e pouco se afastou a chusma; queria-se, segundo diziam, deixar o senhor marechal entregue às suas *importantes* ocupações.

Só uma pessoa se deixou ficar na sala.

Não se tinha aproximado com os outros, nada tinha pedido, nem mesmo se havia apresentado.

Quando a gente começou a sair, aproximou-se aquele homem do duque, com um sorriso nos lábios.

- Ah! Senhor de Taverney - disse o marechal; - estou encantado, encantado!

- Eu esperava-te, duque, para te fazer os meus cumprimentos, positivos e sinceros.

- Ah! Deveras; e por quê? - redargüiu Richelieu a quem o modo reservado dos

cortesãos havia obrigado a mostrar-se discreto, e como misterioso.

- Os meus cumprimentos e parabéns pela tua nova dignidade, duque.

- Caluda! Caluda! - disse o marechal; - Não falemos nisso... Não há coisa nenhuma feita ainda, é apenas um boato.

- Entretanto, meu caro marechal, há muitas pessoas da minha opinião, porque as tuas salas estavam cheias.

- Mas não sei porque motivo.

- Oh! Sei-o eu muito bem.

- O que é? O que é?

- Foi só por uma palavra que eu disse.

- Qual foi?

- Ontem, no Trianon, tive a honra de fazer a corte a El-rei. Sua Majestade falou-me dos meus filhos, e acabou dizendo-me: “Conhece o senhor de Richelieu, creio eu; vá cumprimentá-lo”.

- Ah! Sua Majestade disse-lhe isso? - redargüiu Richelieu com um orgulho patente, como se essas palavras tivessem sido a

nomeação oficial de que Rafté duvidava ou cuja demora deplorava.

- De modo que - prosseguiu Taverney - desconfiei logo da verdade; não era difícil vendo a pressa de toda a gente de Versalhes em vir cumprimentar-te; eu vim, obedecendo a el-rei, para te dar os parabéns, e obedecendo ao meu sentimento particular, para te recomendar a nossa antiga amizade.

O duque tinha chegado à embriaguez. É um defeito de natureza de que os espíritos mais sólidos nem sempre se podem livrar. Só viu em Taverney um desses pretendentes da última ordem, pobre gente retardada no caminho da protecção, inúteis mesmo a ser protegidos, inúteis principalmente nas suas relações e aos quais se leva a mal que ressuscitem das suas trevas, depois de vinte anos, para virem aquecer-se aos raios do sol da prosperidade alheia.

- Bem vejo o que é - disse o marechal asperamente - vem pedir-se-me alguma coisa.

- Exactamente, duque.

- Ah! - disse Richelieu sentando-se, ou antes enterrando-se num sofá.

- Eu disse-te que tenho dois filhos - continuou Taverney mansa e astuciosamente porque percebia o resfriamento do seu grande amigo, e por isso se dirigia a ele mais activamente. - Tenho uma filha, que amo muito, e que é um modelo de virtude e de formosura. Ela está em casa da senhora delfina, que se dignou tomá-la em particular estima. Da minha formosa Andreia não te falo eu, duque, porque está feita a sua fortuna, ou pelo menos está em bom caminho para isso. Já viste a minha filha? Não ta apresentei já em alguma parte? Não tens ouvido falar dela?

- Ora!... Não sei... Pode ser... - respondeu Richelieu negligentemente.

- Não importa - prosseguiu Taverney - a minha filha está arranjada. Eu, vês tu, de nada preciso, el-rei deu-me uma pensão que me chega para viver. Naturalmente, hei-de ter algumas luvas para reedificar Casa

Vermelha, de que pretendo fazer o meu retiro supremo; com a tua influência, com a da minha filha...

- Ah! - disse consigo Richelieu, que até então não havia escutado, enlevado com estava na contemplação da sua própria grandeza, e que essa palavra: "influência da minha filha" chamou a si de sobressalto. - Ah! Ah! A sua filha... Mas é uma jovem formosura que faz sombra àquela boa condessa; é um pequeno escorpião que se agasalha debaixo das asas da delfina para morder em alguém de Luciennes... Vamos, vamos, nada de ser mau amigo, e quanto a gratidão, aquela boa condessa, que me fez ministro, vai ver se eu sou ingrato.

Depois, em voz alta:

- Continue - disse ele com altivez ao barão de Taverney.

- Estou quase no fim - redargüiu este muito decidido a rir interiormente do vaidoso marechal, contanto que dele alcançasse o que pretendia; - portanto não penso mais senão

no meu filho Filipe, que tem um belo nome, mas a quem sempre faltará a ocasião de açacalar esse nome, se ninguém o ajudar. Filipe é um rapaz valente e reflectido, talvez demasiado reflectido; mas isso é consequência da sua posição apurada; bem sabes que o cavalo, quando tem a rédea curta, baixa a cabeça.

- Que me importa a mim com isso? - pensava o marechal fazendo visíveis e inequívocos gestos de aborrecimento e impaciência.

- Eu precisava - continuou desapiedadamente o barão de Taverney - alguém colocado numa posição elevada, como tu, para dar a Filipe uma companhia. A senhora delfina, quando chegou a Estrasburgo, fê-lo nomear capitão; sim, mas faltaram-lhe cem mil libras para ter uma bela companhia nalgum regimento de cavalaria privilegiado. Faz-me alcançar isso, meu grande amigo.

- Seu filho - disse Richelieu - é aquele mancebo que prestou um serviço à senhora delfina?

- E bem grande serviço - respondeu Taverney; - foi ele que defendeu uma das mudas que esperavam por Sua Alteza Real, e que João du Barry queria levar por força.

- Olá! - disse Richelieu consigo mesmo - é esse exactamente o maior inimigo da condessa... Vem bater a boa porta, este Taverney! Apresenta como documentos de mercê o que são documentos de exclusão formal...

- Não me respondes, duque? - disse Taverney um pouco enfadado com a obstinação do marechal em guardar tão profundo silêncio.

- Isso tudo é impossível, meu caro Taverney - redargüiu o marechal levantando-se para indicar que a audiência estava acabada.

- Impossível! Uma semelhante bagatela? E é um antigo amigo que me diz semelhante coisa!?

- Por que não?... Será uma razão, por ser amigo, como diz, que um faça uma injustiça e que o outro abuse da palavra amizade? Não me têm visto durante vinte anos, eu não era, por assim dizer, coisa nenhuma; agora que sou ministro, chegam-se.

- Senhor, de Richelieu, o injusto, neste momento, é o marechal.

- Não, meu caro, não, não quero deixá-lo perder o seu tempo nas antecâmaras; nisto mostro que sou um amigo verdadeiro...

- Entretanto debes ter algum motivo para me recusar semelhante coisa?

- Eu! - exclamou Richelieu muito desassossegado pela desconfiança que Taverney poderia ter; - Eu! Um motivo...

- Sim, tenho inimigos...

O duque poderia responder o que pensava, mas seria descobrir ao barão que fazia a corte à senhora du Barry por gratidão;

seria confessar que era ministro feito por uma favorita, e era isso o que o marechal não teria confessado nem a troco de um império; apressou-se portanto em responder ao barão:

- Não tem inimigos, meu caro, mas tenho-os eu; conceder imediatamente, e sem examinar os documentos, uma semelhante mercê, seria expor-me a que se dissesse que faço o mesmo que Choiseul fazia. Meu caro, quero deixar vestígios da minha ingerência nos negócios. Há vinte anos que medito reformas, progressos; vão agora desabrochar; a protecção perde a França, vou ocupar-me do mérito; os escritos dos nossos filósofos são fachos cuja luz não terá vindo em vão ferir-me os olhos, estão dissipadas todas as trevas dos dias passados, e era já tempo, para a felicidade da nação... Portanto examinarei os documentos de seu filho, com a mesma imparcialidade com que examinaria os de um outro cidadão qualquer; farei esse sacrifício às minhas convicções, sacrifício bem doloroso, sem dúvida, mas que é só de um homem em

proveito de trezentos mil talvez... Se seu filho, o Sr. Filipe de Taverney, me parecer que merece a minha protecção, há-de tê-la, não porque o seu pai seja meu amigo, não porque tenha um nome mais ou menos distinto, mas sim porque seja um homem de mérito: é este o meu plano.

- Queres dizer, o teu curso de filosofia - redargüiu o velho barão, que enraivecido roía as unhas e se arrependia, despeitado, de haver encetado uma conversa que tanta condescendência e tantas pequenas fraquezas lhe havia custado.

- Filosofia, pois seja, senhor; é uma bela palavra.

- Que dispensa belas coisas, senhor marechal, não é verdade?

- É um mau cortesão - disse Richelieu com um sorriso amargo.

- As pessoas da minha qualidade são cortesãos de el-rei, somente!

- Ora! da sua qualidade! O Sr. Rafté, meu secretário, recebe mais de mil todos os

dias nas minhas antecâmaras - respondeu Richelieu - e vêm não sei de que buraco lá da província, onde se aprende a ser malcriado com os pretendidos amigos, pregando sempre em nome da amizade.

- Oh! Bem sei que um Casa Vermelha, nobreza saída das cruzadas, não entende tão bem a igualdade como um vinhateiro menestrel!

O marechal teve mais espírito que Taverney.

Podia mandá-lo deitar pela janela fora. Contentou-se em encolher os ombros e responder.

- Está muito atrasado, senhor das cruzadas; apenas está ao facto da memória caluniosa feita pelos parlamentos em 1720, e não leu a dos duques e pares que lhe serve de resposta. Entre na minha biblioteca, meu caro senhor, Rafté lhe fará ler o que ignora.

E dando essa fina resposta ao seu antagonista, ia-o dirigindo para o lado da porta, quando de repente esta se abriu, e

entrou um homem, fazendo grande rumor e dizendo:

- Onde está ele, este bom duque?

Este homem radioso, com os olhos dilatados pela satisfação, com os braços abertos, era nem mais nem menos que João du Barry.

Ao aspecto do recém-chegado, Taverney recuou de surpresa e despeito.

João viu o gesto, conheceu essa cabeça, e voltou-lhe as costas.

- Parece-me que entendo - disse o barão sossegadamente - e retiro-me. Deixo o senhor ministro em perfeita companhia.

E retirou-se muito nobremente.

III

DESENCANTO

João, furioso por aquela saída cheia de provocação, deu ainda dois passos em seguida do barão, depois encolheu os ombros e voltando-se para o marechal, disse:

- Recebe disto em sua casa?

- Ah! Meu caro, está enganado; pelo contrário, acabo de o pôr na rua.

- Sabe quem é aquele senhor?

- Oh! Se sei!

- Mas talvez não saiba bem?

- É um Taverney.

- É um senhor que quer meter a filha à cara do rei...

- Ora adeus!

- Um senhor que nos quer suplantar, e que para isso toma todos os caminhos... Sim, mas João está presente, e João vê bem claro.

- Julga que quer?...

- É bem custoso de perceber, não é verdade?... Partido do delfim, meu caro... E tem na família um pequeno espadachim...

- Ora!

- Um mancebo muito bem ensinado, que vem morder as pernas à gente, um brigão que dá golpes de espada no ombro de João... Deste pobre João.

- Em si?... É seu inimigo pessoal, meu caro conde? - disse Richelieu fingendo-se admirado.

- Sim! É o meu adversário naquela questão das mudas, bem sabe...

- Ah! Mas veja o que é a simpatia! Eu ignorava isso, e neguei-lhe tudo quanto me pediu; só o que eu teria feito, se soubesse isso, era expulsá-lo em vez de o descontentar, como fiz... Sossegue, conde, agora está o seu brigão debaixo da minha mão e eu lho farei conhecer.

- Sim, pode fazer-lhe perder o gosto de atacar a gente no meio da estrada... Porque,

enfim... Ainda não lhe fiz os meus cumprimentos.

- Sim, conde; parece que está tudo arranjado definitivamente.

- Oh! está tudo feito... Quer que lhe dê um abraço?

- De boa vontade.

- Paciência; não foi tudo como se desejava, mas esse mal é pouco, quando se consegue o principal. Está contente, não é verdade?

- Quer que lhe fale francamente?... Sim, estou contente porque me parece que poderei ser útil.

- Não o duvide; mas é um golpe mestre, e vai dar que falar.

- Por quê? Não gostam de mim no público?

- Do senhor?... Mas não se trata disso; a ele é que têm ódio.

- A ele?... - disse Richelieu admirado - ele, quem?

- Certamente - interrompeu João. - Oh! Os parlamentos vão insurgir-se, é uma repetição do chicote de Luís XIV; são flagelados, duque, levam deveras!

- Explique-me...

- Mas a explicação é fácil de achar no ódio do parlamento pelo autor das suas perseguições.

- Ah! Julga que?...

- Tenho essa certeza, como a tem a França toda. Não importa, duque, fez muito bem em o mandar vir assim, antes que esfriasse o caso.

- Quem?... De quem fala, conde? Estou em brasa, e não entendo palavra do que me está dizendo.

- Falo do senhor de Aiguillon, de seu sobrinho.

- Bem! E depois?

- Digo que andou avisado em o mandar vir.

- Ah! Muito bem! Muito bem! Quer dizer que me há-de auxiliar?

- Há-de auxiliar-nos a todos... Sabe que está na melhor harmonia com Joaninha?

- Sim, realmente?

- O melhor possível. Já conversaram, e aposto que se entendem às mil maravilhas.

- Sabe isso?

- É bem fácil. Joaninha é a rapariga mais preguiçosa que eu conheço.

- Ah!

- Não há quem a faça levantar antes das nove, dez ou onze horas.

- Sim, e daí?...

- Pois bem! Esta manhã, seriam quando muito seis horas, vi sair de Luciennes a carruagem de Aiguillon.

- Às seis horas? - exclamou Richelieu sorrindo.

- Sim.

- Pela manhã?... Esta manhã?...

- Esta manhã, sim, esta manhã. Bem deve conhecer que para ser tão madrugadora, e dar audiência a semelhante hora, Joana deve estar doida por seu sobrinho.

- Sim, sim - continuou Richelieu esfregando as mãos - às seis horas. Bravo, de Aiguillon!

- A audiência deve ter começado às cinco horas... De noite! É milagroso!...

- Milagroso!... - reflectiu o marechal. - Milagroso, com efeito, meu caro João!

- E eis aí três pessoas numa posição semelhante à de Orestes, Pílade, e ainda outro Pílade.

Neste momento, e quando o marechal esfregava alegremente as mãos, de Aiguillon entrou na sala.

O sobrinho cortejou o tio com um modo triste que bastou a Richelieu, se não para compreender toda a verdade, pelo menos para adivinhar a melhor parte.

Tornou-se pálido como se fosse ferido mortalmente: logo lhe ocorreu a idéia que na corte não há amigos nem parentes e que cada um trata primeiro de si.

- Andei bem desassissado - disse ele consigo. - Então, de Aiguillon? - continuou ele em voz alta, reprimindo um suspiro.

- Então, senhor marechal?

- É um belo golpe nos parlamentos - disse Richelieu repetindo pouco mais ou menos as palavras de João.

De Aiguillon corou.

- Já sabe? - perguntou ele.

- O senhor conde disse-me tudo - redargüiu Richelieu - mesmo a tua visita a Luciennes, esta manhã antes de ser dia: a tua nomeação é um triunfo para a minha família.

- Acredite, senhor marechal, no pesar que isso me causa.

- Que diabo diz ele? - perguntou João encruzando os braços.

- Nós entendemo-nos - interrompeu Richelieu - entendemo-nos.

- Isso é diferente, mas não o compreendo eu... Pesar!... Pesar, de quê?... Ah! Sim... Sim, agora me lembro; é porque não é por ora nomeado ministro; Sim, sim... bem percebo.

- Ah! Deve haver um interino - disse o marechal, que sentiu renascer-lhe a esperança no coração... a esperança, esse eterno hóspede do ambicioso e do namorado.

- Um interino, sim, senhor marechal.

- Mas, entretanto - bradou João - está bem pago assim... O melhor comando de Versalhes!

- Ah! - disse Richelieu novamente ferido - há um comando?

- O senhor du Barry exagera talvez um pouco - disse o duque de Aiguillon.

- Mas enfim, que comando é esse?

- A cavalaria ligeira do rei.

Richelieu sentiu novamente a palidez invadir-lhe as faces.

- Oh! Sim - disse ele com um sorriso que não há palavras que o possam explicar - sim, ainda é bem pouco para um homem tão encantador; mas que quer, duque? A mais formosa mulher do mundo não pode dar senão aquilo que tem, ainda mesmo sendo a amante do rei.

Desta vez foi de Aiguillon quem empalideceu.

João admirava os belos quadros de Murillo da sala do marechal.

Richelieu bateu no ombro do sobrinho, dizendo-lhe:

- Felizmente que te prometeram um próximo adiantamento. Os meus parabéns, duque... Os meus sinceros parabéns... A tua perícia, a tua habilidade nos negócios igualam a tua felicidade... Adeus, tenho alguns negócios urgentes; não me olvides na tua protecção, meu caro ministro.

De Aiguillon só respondeu:

- O marechal e eu formamos um só indivíduo.

E, cortejando seu tio, saiu, conservando a dignidade que lhe era natural, e fugindo de uma das posições mais difíceis que tinha experimentado em sua vida, semeada de tantas dificuldades.

- O que há de bom - apressou-se em dizer Richelieu assim que o viu sair, para

João que não sabia o que havia de crer no diálogo de cortesias e civilidades do sobrinho e do tio - o que há de admirável em de Aiguillon é a sua lhaneza. É homem de espírito e simples; conhece a corte, e é honrado como se fosse uma rapariguinha.

- E além disso é seu amigo - disse João.

- É mesmo um cordeiro.

- Ah! Meu Deus! - disse João - este parece mais ser seu filho, do que o senhor de Fronsac.

- É verdade, conde... Por minha alma, é verdade.

E Richelieu respondia a tudo isto andando com agitação em torno da sua poltrona; procurava uma idéia, mas não a achava.

- Ah! Condessa - murmurava ele - há-de pagar-mo!

- Marechal - disse João - vamos realizar entre nós quatro aquela famosa aliança da antiguidade; bem sabe, aquela que se não podia romper.

- Entre nós quatro, meu caro Sr. João?
Como entende o senhor isso?

- Minha irmã o poder, de Aiguillon a autoridade, o senhor o conselho e eu a vigilância.

- Muito bem! Muito bem!

- E deste modo, que venham intrigar minha irmã. Desafio tudo e todos!

- Pudera! - disse Richelieu cuja cabeça ardia.

- Que lhe oponham agora rivais! - exclamou João embriagado com os seus planos e idéias triunfais.

- Oh! - disse Richelieu batendo na fronte.

- Como! Caro marechal, que tem?

- Nada, acho admirável a sua idéia de liga.

- Não é verdade?

- E adopto plenamente a sua opinião.

- Bravo!

- Taverney vive no Trianon com a filha?

- Não, mora em Paris.

- É muito formosa a tal filha, caro conde.

- Fosse ela formosa como Cleópatra ou como... a minha irmã, já a não temo... uma vez que esteja feita a nossa aliança.

- Disse que Taverney mora em Paris, na Rua de Saint-Honoré, creio eu?

- Eu não disse que era na Rua de Saint-Honoré, parece-me que é na Rua Coq-Héron que ele mora. Dar-se-á o caso que achasse uma idéia para castigar os Taverney?

- Parece-me que sim, conde, parece-me que tive uma boa idéia.

- É um homem incomparável; deixo-o e desapareço, vou ver o que se diz pela cidade.

- Então adeus, conde... É verdade, não me disse qual era o novo ministério?

- Oh! São aves de arribação: Terray, Bertin, não sei quem mais... Enfim, os predecessores de de Aiguillon, que é o verdadeiro ministério adiado.

- Que talvez o seja indefinidamente - pensou o marechal dirigindo a João um amável sorriso, como para o despedir.

João saiu. Rafté entrou. Tinha ouvido tudo e sabia o que devia pensar; todas as suas desconfianças acabavam de se realizar. Não disse palavra a seu amo.

Nem mesmo lhe chamou o criado de quarto; conhecia muito bem o carácter do marechal, despiu-o ele mesmo e conduziu-o à cama, na qual o velho marechal se meteu logo, ardendo em febre, e engolindo umas pílulas que o secretário lhe deu.

Rafté correu as cortinas e saiu. A antecâmara estava cheia de criados, à espreita. Rafté agarrou pelo braço no primeiro deles.

- Trata bem do senhor marechal - lhe disse ele; - está doente. Teve esta manhã uma grande contrariedade; viu-se obrigado a desobedecer a el-rei...

- Desobedecer a el-rei - exclamou o lacaio aterrado.

- Sim. Sua Majestade mandou-lhe uma das pastas do ministério, o marechal soube que vinha por intervenção da du Barry e

recusou-a! Oh! Foi um acto soberbo, e pelo qual os parisienses lhe devem um arco de triunfo: mas a luta foi forte, e nosso amo está doente; trata-o bem!

Rafté, depois destas palavras, cujo poder circulativo logo calculou, voltou para o seu gabinete.

Um quarto de hora depois, Versalhes toda sabia do nobre procedimento e do generoso patriotismo do marechal, que dormia um sono profundo sobre a popularidade que seu secretário acabava de lhe promover.

IV

A MESA PARTICULAR DO SENHOR DELFIM

Nesse mesmo dia, Andreia de Taverney saiu do seu quarto pelas três horas da tarde para se dirigir ao quarto da delfina, que costumava ouvir uma leitura antes de jantar.

O abade, primeiro leitor de Sua Alteza Real, não exercia já as suas funções. Dedicava-se todo à política transcendente de certas intrigas diplomáticas nas quais havia desenvolvido um sofrível talento de procurador de negócios.

A menina de Taverney saiu portanto já ataviada para ir para o seu posto. Sofria, como todos os hóspedes do Trianon, as dificuldades de uma instalação um pouco repentina. Ainda não tinha organizado coisa alguma, nem o seu serviço, nem a mudança da sua pequena mobília, e havia sido

provisoriamente vestida por uma das aias da senhora de Noailles, essa intratável dama de honor, que a delfina chamava a Sr^a. *Etiqueta*.

Andreia trazia um vestido de seda azul com um corpo de cintura comprida e delgada como a de uma vespa. O vestido abria-se adiante, e deixava ver por baixo outro de cassa branca com três barras bordadas; mangas curtas, igualmente bordadas de cassa recortada e formando escada desde os ombros, acompanhavam o lenço de aldeã que ocultava pudicamente o seio da formosa donzela. Andreia tinha atado simplesmente os seus lindos cabelos com uma fita de seda azul semelhante ao vestido; os cabelos caindo em formosos anéis dos lados sobre o pescoço e sobre os ombros, davam muito maior realce do que as plumas, as rendas e enfeites que então se usavam, à fisionomia, soberba e modesta da encantadora rapariga cujo rosto pálido e puro não tinha sido ainda enxovalhado pelo carmim.

Caminhando para o seu destino, ia Andreia calçando nas suas mãos delgadas, redondas e o mais delicadas possível, umas luvas de seda branca, enquanto que os saltos dos seus sapatos de cetim azul-claro imprimiam na areia do jardim o vestígio dos seus passos.

Ao chegar ao palácio do Trianon soube que a senhora delfina tinha ido dar um passeio no jardim com o seu architecto e o chefe dos jardineiros. Entretanto ouvia-se no pavimento superior a bulha da roda de um torno, em que o senhor delfim trabalhava para fazer uma fechadura de segurança para um cofre que estimava muito.

Andreia, para ir ter com a delfina, atravessou um tabuleiro, onde, apesar do rigor da estação, se viam flores, que cuidadosamente cobertas à noite, erguiam de manhã a cabeça pálida para aspirar os fugitivos raios de sol ainda mais pálidos que elas. E como já se aproximava a tarde, porque nesta estação anoitece às seis horas, estavam

alguns jardineiros ocupados em pôr redomas de vidro sobre as plantas mais friorentas de cada tabuleiro.

Ao voltar de uma rua do jardim, cercada de árvores verdes e de roseiras de Benguela, que ia dar a um belo quadrado de esparceto, viu Andreia um desses jardineiros que, apenas ela se aproximou, levantou-se cumprimentando-a com uma civilidade mais hábil e experiente que a costumada civilidade do povo.

Olhou, e nesse trabalhador reconheceu Gilberto, cujas mãos, apesar do trabalho, eram ainda brancas bastante para causar o desespero do senhor de Taverney.

Andreia corou ainda mesmo a seu despeito; parecia-lhe que a presença de Gilberto naquele lugar era o resultado de um singular jogo do acaso.

Gilberto renovou a sua cortesia à qual Andreia correspondeu continuando a caminhar.

Mas era uma criatura muito leal e muito corajosa para resistir a um movimento da alma e deixar sem resposta uma questão do seu espírito desassossegado.

Voltou atrás, e Gilberto, que já se tornara pálido e tristemente a seguia com os olhos, voltou de novo à vida e deu um salto para se aproximar dela.

- Está aqui, Sr. Gilberto? - disse Andreia friamente.

- Sim, minha senhora.

- Por que acaso?

- Minha senhora, é preciso viver honradamente.

- Mas pelo que vejo é muito feliz?

- Oh! Minha senhora, muito - respondeu Gilberto.

- Como?

- Digo, minha senhora, que sou muito feliz, como justamente o imagina.

- Quem o meteu aqui?

- O senhor de Jussieu, um dos meus protectores.

- Ah! - disse Andreia admirada - conhece o senhor de Jussieu?

- Era amigo do meu primeiro protector, do meu mestre, do Sr. Rousseau.

- Ânimo, Sr. Gilberto - disse Andreia que se dispunha para se retirar.

- Está já restabelecida, minha senhora? - perguntou Gilberto com uma voz tão trémula e sumida que bem manifestava partir do coração, do qual representava cada uma das vibrações.

- Restabelecida? Como? - disse Andreia friamente.

- Sim... O desastre?...

- Ah! Sim... Obrigada, Sr. Gilberto, estou boa, foi pouca coisa.

- Oh! Escapou por pouco - disse Gilberto no cúmulo da sua comoção - o perigo era terrível.

Neste momento Andreia pensou que era tempo de abreviar essa conversa com um trabalhador, no meio de uma quinta real.

- Adeus, Sr. Gilberto - disse ela.

- Não quer aceitar uma rosa, minha senhora? - disse Gilberto, estremecendo e coberto de suor.

- Mas, senhor - redargüiu Andreia - oferece-me uma coisa que não lhe pertence.

Gilberto, surpreendido, aterrado, não respondeu palavra. Baixou a cabeça, e como Andreia olhava para ele com uma certa alegria por ter manifestado a sua superioridade, Gilberto, endireitando-se, arrancou um ramo cheio de flores, da mais bela roseira, e começou a desfolhar as rosas com o maior sangue-frio e com uma nobreza que pasmou Andreia.

Era muito justa e muito boa para não conhecer que acabava de ferir gratuitamente um inferior apanhado em flagrante delito de civilidade. Também, como toda a gente soberba que reconheceu haver cometido um erro, continuou o seu passeio sem acrescentar mais palavra, quando talvez a desculpa ou a reparação lhe estavam quase a sair da boca.

Gilberto também não acrescentou mais palavra, atirou fora o ramo da roseira e continuou o seu trabalho; mas o seu carácter ligava a soberba à astúcia; baixou-se para trabalhar, sem dúvida, mas igualmente para sorrateiramente ver Andreia afastar-se, que, ao voltar para outra rua, não pôde impedir de fazer um movimento e olhar para trás. Era mulher!

Gilberto contentou-se com essa fraqueza para dizer consigo que nessa nova luta tinha sido o vencedor.

- É menos forte do que eu - disse ele consigo - hei-de dominá-la. Orgulhosa da sua formosura, do seu nome, da sua fortuna que cresce, insolente para o meu amor que talvez adivinha já, tudo isto a torna mais cobiçável ao pobre trabalhador, que treme só de a ver. Oh! Este tremor, este frémito indigno de um homem! Oh! As cobardias que me obriga a praticar... Tudo isto há-de ela algum dia pagar-me! Mas para hoje - acrescentou ele - trabalhei bastante; venci o inimigo... Eu que

devia ter sido o mais fraco, fui dez vezes mais forte.

Repetiu ainda estas palavras com uma alegria selvagem e levando uma mão convulsiva à fronte inteligente, de onde afastava os seus lindos cabelos pretos, enterrou vigorosamente a sua enxada na terra, correu como um ganso através das ruas de ciprestes e teixos, atravessou, ligeiro como a brisa, um tabuleiro coberto de plantas com redomas de vidro, sem tocar sequer numa única, apesar da furiosa rapidez com que correu, e foi postar-se na extremidade da diagonal que acabava de descrever, para se achar adiante do caminho que Andreia andava circularmente.

Ali, com efeito, ainda a viu avançar pensativa e quase humilhada, com os olhos baixos, a mão pendente e inerte, balanceando docemente sobre o vestido; escondido por detrás dos arbustos, ouviu-a suspirar duas vezes, como se falasse consigo mesma. Enfim, passou tão perto das árvores que Gilberto

teria podido, estendendo um pouco o braço, tocar no de Andreia, como a sua febre insensata, vertiginosa, lhe aconselhava de fazer.

Mas franziu as sobrancelhas com um movimento de vontade semelhante a ódio, e pondo a mão sobre o coração, disse:

- Ainda, cobarde!

Depois acrescentou em voz alta:

- É porque é tão formosa!

Gilberto teria ficado muito tempo na sua contemplação, porque a alameda era comprida, e o passo de Andreia vagaroso, mas nessa alameda vinham desembocar outras, pelas quais podia aparecer algum importuno, e o acaso favoreceu tão pouco Gilberto que efectivamente pela primeira rua lateral da esquerda, apareceu um, isto é, quase em frente do bosque de árvores verdes onde Gilberto estava oculto.

Esse importuno caminhava com um passo metódico e compassado; ia de cabeça bem levantada, levava o chapéu debaixo do

braço direito e a mão esquerda sobre a espada.

Trajava uma casaca de veludo debaixo do gibão forrado de martas zibelinas, e andando, estendia a perna, que era bem feita, e o peito do pé, que era bem redondo, como uma pessoa de alta jerarquia.

Este fidalgo, caminhando sempre, viu Andreia, e a figura da jovem senhora agradou-lhe certamente, porque dobrou o passo atravessando obliquamente, de modo a achar-se na linha que Andreia seguia e a cruzá-la o mais depressa possível.

Gilberto, tendo visto essa personagem, soltou involuntariamente um pequeno grito e fugiu, como um melro espantado, por entre os sumagres.

A manobra do importuno teve bom êxito; tinha decerto experiência para as executar, porque no espaço de três minutos já precedia Andreia, que três minutos antes seguia em bastante distância.

Andreia, ouvindo passos atrás de si, retirou-se um pouco para o lado a fim de deixar passar o homem; quando ele passou, olhou para o lado de onde vinha.

O fidalgo também olhou e com toda a sua atenção parou para ver melhor, e voltando-se depois de ter visto, disse com uma voz muito amável:

- Ah! Menina, para onde corre tão depressa?

Ao som desta voz, Andreia ergueu a cabeça e viu atrás de si, em distância de trinta passos, dois oficiais das guardas que caminhavam lentamente; viu debaixo do gibão de martas daquele que lhe dirigira a palavra, a grã-cruz azul, e pálida e trémula, por tão inesperado encontro, e por tão amável interrupção, inclinou-se quanto pôde, exclamando:

- El-rei!

- Minha senhora - redargüiu Luís XV aproximando-se - desculpe-me, tenho tão má

vista que me vejo obrigado a perguntar-lhe o seu nome.

- Andreia de Taverney - murmurou a donzela, tão confusa e trémula, que apenas se lhe podia ouvir a fala.

- Ah! É uma fortuna este passeio que veio dar no Trianon, menina - disse el-rei.

- Eu ia ter com Sua Alteza Real a Sr^a. Delfina, que espera por mim - respondeu Andreia cada vez mais trémula.

- Minha senhora, eu a conduzirei para junto dela - atalhou Luís XV - porque vou como vizinho do campo, fazer uma visita a minha filha; aceite o meu braço, já que seguimos o mesmo caminho.

Andreia sentiu como que uma nuvem passar-lhe pela vista e descer em ondas com seu sangue até ao coração.

Com efeito, uma tal honra para a pobre rapariga, o braço de el-rei, desse soberano senhor de todos, uma glória tão inesperada, tão incrível, um favor que uma corte toda inteira teria invejado, parecia-lhe um sonho.

E fez uma medida tão profunda e tão religiosamente temerosa, que el-rei julgou-se obrigado a cumprimentá-la novamente. Quando Luís XV queria lembrar-se de Luís XIV, era sempre em questões de cerimonial e de política, e demais, essas tradições de cortesia vinham de mais longe, vinham de Henrique IV.

Ofereceu portanto a sua mão a Andreia, esta colocou a extremidade ardente dos seus dedos sobre a luva de el-rei, e ambos continuaram a andar para o pavilhão onde, como tinham dito a el-rei, ele encontraria a delfina com o seu architecto e o seu jardineiro.

Podemos assegurar que Luís XV, que nem por isso gostava muito de andar a pé, se dirigiu pelo caminho mais comprido para conduzir Andreia ao pequeno Trianon.

O facto é que os dois officiaes, que caminhavam atrás, conheceram o engano de Sua Majestade e queixaram-se disso entre si,

porque vinham levemente vestidos e o tempo começava a esfriar.

Chegaram tarde, pois que já não encontraram a delfina no ponto em que esperavam encontrá-la; Maria Antonieta tinha partido naquele instante para não fazer esperar o delfim que gostava de cear entre as seis e as sete horas.

Sua Alteza Real chegou portanto à hora exacta, e como o delfim, sempre muito pontual, se achava já no limiar da sala para ficar mais perto da casa de jantar, quando o mordomo viesse dizer que estava servido, a delfina atirou com a sua manta a uma criada, foi alegremente travar do braço do delfim e levou-o consigo para a casa de jantar.

A mesa estava posta para os dois ilustres anfitriões.

Sentaram-se ao centro da mesa, deixando livres as cabeceiras, que, desde certas surpresas de el-rei, nunca ocupavam, mesmo quando eram muitos os convivas.

Numa das cabeceiras, o lugar de el-rei, com o seu talher, ocupava um espaço considerável; mas o mordomo, que não contava com o hóspede real, fazia o serviço daquele lado.

Por detrás da cadeira da delfina, com o espaço necessário para os criados poderem circular, estava a senhora de Noailles, muito direita, mas mostrando em seu semblante toda a amabilidade que se deve ter para uma ceia.

Ao pé da senhora de Noailles estavam as outras senhoras, às quais a sua posição na corte constituía o direito ou lhes permitia merecerem o favor de assistir à ceia de Suas Altezas Reais.

Três vezes por semana, a senhora de Noailles ceava na mesma mesa com o delfim e a delfina, mas nos dias em que ela não ceava, havia de assistir à ceia, porque isto era ao mesmo tempo um meio de protestar contra essa exclusão dos quatro dias restantes.

Em frente da duquesa de Noailles, alcunhada pela delfina a Sr^a. *Etiqueta*, estava igualmente de pé o senhor duque de Richelieu.

Este também era um estrito observador das conveniências, com a diferença que a sua etiqueta era invisível a todos os olhos, eternamente disfarçada como era pela mais perfeita elegância, e algumas vezes mesmo por uma zombaria muito delicada.

Resultava dessa antítese entre o primeiro gentil-homem da câmara e a primeira dama de Sua Alteza Real a Sr^a. Delfina, que a conversa, incessantemente abandonada pela duquesa de Noailles, era incessantemente prolongada pelo senhor de Richelieu.

O marechal tinha estado em todas as cortes da Europa, e em todas elas havia tomado o tom de elegância mais apropriado à sua natureza; de modo que, com um tacto e uma conveniência admiráveis, sabia ao mesmo tempo todas as anedotas que se

podiam contar à mesa dos jovens príncipes, e nas ceias particulares da senhora du Barry.

Percebeu que nessa tarde a delfina comia com apetite, e que o delfim devorava. Supôs que não estariam muito dispostos a entrarem em conversas, e que apenas se tratava de fazer padecer à senhora de Noailles uma hora de purgatório antecipado.

Começou a falar em filosofia e teatros; dobrado assunto de conversa, duplamente antipático para a venerável duquesa.

Contou o assunto dos últimos escritos filantrópicos do filósofo de Ferney, nome que já davam ao autor da *Henríada*, e, quando viu que a duquesa estava já em aflições, mudou de texto e descreveu todo o trabalho que tinha, para na qualidade de gentil-homem da câmara fazer representar com maior ou menor perfeição as habituais comediantes de el-rei.

A delfina prezava as artes, e principalmente o teatro; tinha mandado um *costume* completo de Clymnestra à Sr^a.

Raucourt; deu por isso ouvidos ao senhor de Richelieu, não só com indulgência, mas até com prazer.

Então viu-se a pobre duquesa, a despeito da etiqueta, agitar-se sobre o seu estrado, assoar-se estrondosamente e abanar a sua venerável cabeça sem se lembrar da nuvem de pó que, a cada um dos seus movimentos, envolvia a sua fronte, como a cada sopro de vento uma nuvem de neve envolve o cume do Monte Branco.

Mas não era bastante divertir a senhora delfina, era preciso também agradar ao senhor delfim. Richelieu portanto abandonou a questão do teatro, para o qual o herdeiro da coroa de França nunca tivera grande simpatia, para falar de filosofia humanitária. Falando dos Ingleses, empregou todo esse calor que Rousseau espalha como um fluido vivificador sobre a personagem de Eduardo Bomston.

Ora a senhora de Noailles odiava os Ingleses tanto como os filósofos.

Uma idéia nova era para ela uma fadiga, e uma fadiga desordenava a economia de toda a sua pessoa. A senhora de Noailles, essencialmente conservadora, uivava a todas as idéias novas como um cão uiva ao som de uma trombeta.

Neste jogo tinha Richelieu um duplo fim; atormentava a Sr^a. *Etiqueta*, o que sensivelmente se conhecia agradar à senhora delfina, e achava de vez em quando alguns apotegmas virtuosos e alguns axiomas de matemáticas, alegremente admitidos pelo senhor delfim, príncipe muito amador das coisas exactas.

Fazia portanto maravilhosamente a sua corte procurando ao mesmo tempo por todos os lados alguém que esperava aí ver e que não achava, quando um grito proferido no princípio da escada subiu até à abóbada sonora, repetido por duas outras vozes de pessoas colocadas no patamar dessa escada.

- El-rei!

A esta palavra mágica a senhora de Noailles levantou-se como se uma mola de aço a fizera saltar para fora do seu banco. Richelieu levantou-se lentamente, o delfim limpou precipitadamente a boca com o guardanapo e ficou de pé com o rosto voltado para o lado da porta.

Quanto à senhora delfina, dirigiu-se para a escada, para ir mais depressa ao encontro de el-rei e fazer as honras da sua casa.

OS CABELOS DA RAINHA

Ao chegar ao patamar da escada, ainda Andreia vinha pela mão de el-rei, e foi somente ali que este a cortejou tão profundamente, que Richelieu teve tempo de ver a cortesia, de admirar a graça com que fora feita, e de perguntar a si mesmo a que feliz mortal havia sido dirigida.

Não durou muito tempo a sua ignorância. Luís XV deu o braço à delfina, que tinha visto tudo e que tinha já perfeitamente reconhecido Andreia.

- Minha filha - lhe disse ele - venho sem-cerimónia cear convosco. Atravessei toda a quinta, e no caminho, encontrando a menina de Taverney, roguei-lhe que me acompanhasse.

- A menina de Taverney! - murmurou Richelieu, quase atordoado com este

inesperado acontecimento - Por minha alma!
É muita felicidade!

- De modo que nem só não ralharei com a menina de Taverney por me ter faltado - respondeu delicadamente a delfina - mas até hei-de agradecer-lhe por nos ter trazido Vossa Majestade.

Andreia, vermelha como uma das belas cerejas que guarneciam a mesa, no centro das flores, inclinou-se sem responder.

- Com os diabos! É realmente formosa! - disse consigo Richelieu; - e aquele velho ratão de Taverney não exagerava o que dizia a respeito do seu merecimento.

El-rei, depois de ter sido cumprimentado pelo senhor delfim, sentou-se à mesa, e com um apetite bem pronunciado, fez honra ao serviço improvisado que, como por encanto, lhe foi apresentado pelo mordomo.

Entretanto, comendo sempre, el-rei que estava de costas voltadas para a porta,

parecia procurar alguma coisa, ou antes alguém.

Com efeito, a menina de Taverney, que não gozava de privilégio algum, pois que a sua posição junto da senhora delfina ainda não estava bem determinada, a menina de Taverney, dissemos nós, não tinha entrado na casa de jantar, e, depois da sua profunda medida em resposta à de el-rei, retirara-se para o quarto da senhora delfina, onde, já por duas ou três vezes, esta lhe havia mandado fazer uma leitura, depois de se meter na cama.

A senhora delfina compreendeu que o olhar de el-rei procurava a sua formosa companheira do caminho.

- Senhor de Coigny - disse ela a um jovem oficial das guardas, colocado por detrás de el-rei - Peço-lhe o favor de mandar entrar a menina de Taverney; com licença da senhora de Noailles, dispensaremos hoje a etiqueta.

O senhor de Coigny saiu, e um instante depois introduziu na casa de jantar Andreia, que, não compreendendo esta sucessão de favores tão desusados, entrou toda a tremer.

- Sente-se acolá; menina - disse a delfina
- ao pé da senhora duquesa.

Andreia subiu timidamente para o estrado, e estava tão perturbada, que teve a audácia de sentar-se a pequena distância da senhora de Noailles.

Também recebeu por isso um olhar tão fulminante que esta lhe lançou, que a infeliz criança recuou quatro pés pelo menos, como se tivesse sido posta em contacto com uma garrafa de Leyde fortemente carregada.

El-rei Luís XV olhava para ela e sorria.

- Ah! Ah! - disse o duque de Richelieu consigo mesmo - escuso de meter-me nisto, o negócio caminha só por si.

El-rei voltou-se e viu o marechal preparado para sustentar o seu olhar.

- Bons dias, senhor duque - disse Luís XV; - então, vive em boa harmonia com a Sr^a. Duquesa de Noailles?

- Senhor - redargüiu o marechal - a senhora duquesa faz-me sempre a honra de me maltratar como a um estouvado.

- Também foi à estrada de Chanteloup, duque?

- Eu, senhor! Por certo que não; a minha casa tem sido muito favorecida por Vossa Majestade para que eu fizesse semelhante coisa.

El-rei não esperava este ataque; preparava-se para motejar, mas achou o duque prevenido.

- Que fiz eu então, duque?

- Senhor, Vossa Majestade deu o comando da sua cavalaria ligeira ao Sr. Duque de Aiguillon.

- Sim, é verdade.

- E para isso era mister toda a energia, toda a habilidade de Vossa Majestade; é quase um golpe de Estado.

Tinha acabado a ceia; el-rei esperou um instante e levantou-se da mesa.

A conversa teria podido causar-lhe transtorno, mas Richelieu estava decidido a não largar a sua presa. Por isso, quando el-rei começou a conversar com a senhora de Noailles, a delfina e a menina de Taverney, Richelieu manejou tão sabiamente que se achou metido no mais forte da conversa, a qual ele tinha dirigido à sua vontade.

- Senhor - disse ele - Vossa Majestade sabe que os sucessos tornam os homens atrevidos?

- Será isso para nos dizer que é atrevido, duque?

- É para pedir a Vossa Majestade uma nova mercê, depois da que el-rei se dignou fazer-me; um dos meus amigos, um antigo servidor de Vossa Majestade, tem o seu filho nos *gendarmes*. É um mancebo de muito merecimento, mas pobre. Recebeu de uma augusta princesa uma patente de capitão, mas

faltava-lhe a respectiva companhia para comandar.

- A princesa é minha filha? - perguntou el-rei voltando-se para a delfina.

- Sim, senhor - disse Richelieu - e o pai do mancebo chama-se o barão de Taverney.

- Meu pai!... - exclamou involuntariamente Andreia. - Filipe!... É para Filipe, senhor duque, que pede uma companhia.

Depois, envergonhada por esse desprezo da etiqueta, Andreia recuou um passo, corando de pejo e com as mãos postas.

El-rei voltou-se para admirar a vermelhidão e a comoção da formosa criança, mas logo se virou para Richelieu com um olhar de benevolência, que mostrou ao cortesão quanto lhe era agradável o seu pedido, que lhe proporcionava tão belo ensejo para fazer uma mercê.

- Efectivamente - disse a delfina - é um excelente mancebo, e eu obriguei-me a fazer a sua fortuna; como são infelizes os príncipes!

Quando Deus lhes dá a boa vontade, tira-lhes a memória ou o raciocínio; não devia eu ter pensado que aquele mancebo era pobre, que não bastava dar-lhe as dragonas, mas que era preciso também dar-lhe a companhia?

- Ah! Minha senhora, como o poderia Vossa Alteza ter sabido?

- Oh! Eu sabia-o - redargüiu vivamente a delfina com um gesto, que trouxe à memória de Andreia a casa tão nua, tão modesta, e contudo tão feliz para a sua infância; - sei-o, ou sabia-o e julguei fazer tudo dando um posto ao Sr. Filipe de Taverney... chama-se Filipe, não é verdade, menina?

- Sim, minha senhora.

El-rei olhou para todas essas fisionomias tão nobres, tão francas; depois fitou os olhos na de Richelieu, que se iluminava também com um reflexo de generosidade que, sem dúvida, tomava emprestado à sua augusta vizinha.

- Ah! Duque - disse ele em voz baixa - vou ter questão em Luciennes.

Depois prosseguiu falando com Andreia:

- Diga só que isso lhe há-de agradar, menina.

- Ah! Senhor - disse Andreia unindo as mãos - eu vo-lo suplico.

- Concedido, então - disse Luís XV; - escolherá uma boa companhia para esse pobre mancebo, duque; e eu fornecerei os fundos dado o caso que ela não esteja já vaga e paga.

Esta boa acção alegrou todas as pessoas presentes; granjeou a el-rei um celeste sorriso de Andreia, e a Richelieu um agradecimento proferido por essa formosa boca a quem, na sua mocidade, teria pedido mais ainda, ambicioso e avarento como era.

Chegaram sucessivamente algumas visitas; entre elas vinha o cardeal de Rohan, que, desde a instalação da delfina no Trianon, fazia assiduamente a sua corte.

Mas el-rei, durante a noite toda, só teve atenções e palavras agradáveis para

Richelieu. Fez-se mesmo acompanhar por ele quando se despediu da delfina para voltar ao seu Trianon. O velho marechal seguiu el-rei com visíveis sinais de prazer.

Enquanto Sua Majestade voltava com o duque e os dois oficiais pelas alamedas sombrias que conduziam ao palácio, Andreia tinha sido despedida pela delfina.

- Precisa mandar dizer esta boa notícia a seu pai, há-de querer escrever, pode retirar-se, menina.

E, precedida por um criado que levava uma lanterna, Andreia atravessava a esplanada de cem passos que separava o Trianon do edifício em que ela habitava.

Diante dela, de arbusto em arbusto, saltava uma sombra por entre a folhagem, seguindo com os olhos chamejantes cada movimento da encantadora menina: era Gilberto.

Quando Andreia chegou ao patim e começou a subir os degraus de pedra da

escada, o criado voltou para as antecâmaras do Trianon.

Então Gilberto, entrando furtivamente no vestibulo, chegou ao pátio das cavaleriças, e por uns degraus íngremes como uma escada de mão, trepou para o quarto, situado em frente das janelas do quarto de Andreia, num ângulo dos edifícios.

De lá viu Andreia chamar em seu auxílio uma aia da senhora de Noailles, cujo quarto era no mesmo corredor.

Mas quando essa criatura entrou no quarto de Andreia, as cortinas da janela caíram como um véu impenetrável entre os seus ardentes desejos e o objecto que as provocava.

No palácio já não havia senão o senhor de Rohan, dobrando o seu galanteio junto da senhora delfina, que o tratava com bastante frieza.

O prelado acabou por ter medo de ser indiscreto, tanto mais que havia já visto o senhor delfim retirar-se. Despediu-se

portanto de Sua Alteza Real com o sinal do mais profundo e verdadeiro respeito.

No momento em que ele se metia na carruagem, uma aia da delfina aproximou-se e disse-lhe:

- Eis aqui.

E entregou-lhe nas mãos um papelinho macio, cujo contacto fez estremecer o cardeal.

- Eis aqui - respondeu ele apressadamente, pondo nas mãos dessa mulher uma bolsa pesada, e que, se estivesse vazia, teria sido uma recompensa honrosa.

O cardeal, sem perder tempo, ordenou ao cocheiro que seguisse para Paris e que chegando à barreira esperasse novas ordens.

Durante o caminho todo, na escuridão da carruagem, apertou e beijou como um amante embriagado o conteúdo desse papel.

Chegando à barreira, disse:

- Rua de Saint-Claude.

Pouco depois atravessava o pátio misterioso, e entrava nessa pequena sala onde

estava Fritz, o introdutor de modos silenciosos.

Bálsamo demorou-se um quarto de hora. Afinal apareceu, e deu por desculpa ao cardeal que a hora adiantada em que se estava o tinha feito persuadir que não teria mais visitas naquele dia.

E, com efeito, eram quase onze horas da noite.

- É verdade, senhor barão - disse o cardeal - e peço perdão de o ter vindo incomodar; mas lembra-se de me ter dito uma vez, que para ter a certeza de certos segredos...?

- Precisava cabelos da pessoa de quem então falávamos - interrompeu Bálsamo que tinha já visto o papelinho nas mãos do lhano prelado.

- Exactamente, senhor barão.

- E traz-me esses cabelos, senhor? Muito bem!

- Ei-los aqui. Julga que será possível tê-los outra vez depois da experiência?

- Salvo se for necessário recorrer ao fogo... porque nesse caso...

- Sem dúvida, sem dúvida - disse o cardeal; - nesse caso poderei haver outros. Posso ter agora uma solução?

- Hoje?

- Sou impaciente, bem o sabe.

- É preciso primeiramente experimentar, senhor.

Bálsamo pegou nos cabelos e subiu precipitadamente aos quartos de Lorenza.

- Vou então saber - dizia ele consigo no caminho - o segredo desta monarquia; vou saber a vontade oculta de Deus.

E antes de entrar no quarto, pela porta misteriosa, adormeceu Lorenza através da parede. A jovem romana portanto recebeu-o abraçando-o ternamente.

Bálsamo arrancou-se a custo dos seus braços. Teria sido custoso decidir qual das duas coisas era mais dolorosa ao pobre barão, se os maus modos da formosa italiana

quando estava acordada, se as suas carícias quando dormia.

Enfim, tendo conseguido desfazer a cadeia que a formosa rapariga lhe formara ao pescoço com os dois braços, disse-lhe, pondo-lhe nas mãos o papelinho:

- Minha querida Lorenza, podes dizer-me a quem pertencem esses cabelos?

Lorenza pegou neles e uniu-os ao peito, depois à fronte; apesar de ter os olhos bem abertos, era pelo peito e pela fronte que ela via durante o seu sono.

- Oh! - disse ela - é uma cabeça muito ilustre aquela de que foram furtados.

- Não é verdade?... Uma cabeça feliz, não é assim?

- Pode sê-lo...

- Procura bem, Lorenza.

- Sim, pode sê-lo; ainda não há sombras na sua vida.

- Todavia é casada...

- Oh! - disse Lorenza sorrindo.

- Então, o que é? O que quer a minha Lorenza dizer?

- É casada, querido Bálsamo, e todavia...

- E todavia?...

- E todavia...

Lorenza também sorriu.

- Eu também sou casada - disse ela.

- Certamente.

- E todavia...

Bálsamo olhou para Lorenza com profunda admiração; apesar do seu sono, a italiana corou de pejo.

- E todavia?... - repetiu ainda Bálsamo. - Acaba.

Lorenza lançou de novo os braços em torno do pescoço do seu amante, e escondendo a cabeça no seu peito, disse:

- E todavia sou virgem.

- E essa mulher, essa princesa, essa rainha - exclamou Bálsamo, - apesar de casada?...

- Essa mulher, essa princesa, essa rainha - repetiu Lorenza - é tão pura e tão virgem

como eu: mais pura, mais virgem ainda, porque ela não ama e eu amo!

- Oh! Fatalidade! - murmurou Bálsamo. - Obrigado, Lorenza, eu sei tudo quanto queria saber.

Abraçou-a, guardou preciosamente os cabelos na sua algibeira; e, cortando a Lorenza uma pequena madeixa dos seus cabelos pretos, queimou-a na chama da luz e recolheu as cinzas no papel que tinha servido para os cabelos da delfina.

Então desceu; e, caminhando sempre, acordou Lorenza do seu sono.

O prelado, comovido e impaciente, esperava e duvidava.

- Então, senhor conde? - perguntou ele.

- Então, senhor...

- O oráculo?...

- O oráculo disse que podia esperar.

- Disse isso? - exclamou o príncipe transportado.

- Tire a conclusão que lhe agradar, senhor; o oráculo disse que esta mulher não ama o seu marido.

- Oh! - disse o senhor de Rohan com um transporte de alegria.

- Quanto aos cabelos - disse Bálsamo - foi-me necessário queimá-los para obter a revelação por meio da essência; aqui estão as cinzas que lhe restituo escrupulosamente depois de as ter apanhado e recolhido, como se cada átomo valesse um milhão.

- Agradecido, senhor, muito agradecido; nunca poderei pagar-lhe tantos serviços.

- Não falemos nisso, senhor. Uma única recomendação quero fazer-lhe - disse ele - e é que não vá beber essas cinzas desfeitas em vinho, como algumas vezes o fazem os namorados; isso é de uma simpatia tão perigosa que o seu amor se tornaria incurável, enquanto que o coração da amante esfriaria.

- Ah! Decerto que o não farei - disse o prelado quase aterrado. - Adeus, senhor conde, adeus!

Vinte minutos depois, a carruagem de Sua Eminência cruzava-se no recanto da Rua dos Petis-Champs com a carruagem do senhor de Richelieu, que por pouco não tombou numa dessas covas enormes abertas para a construção de uma casa.

Os dois fidalgos conheceram-se.

- Olé! Príncipe - disse Richelieu sorrindo.

- Olé! Duque! - respondeu o Sr. Luís de Rohan pondo um dedo na boca.

E foram transportados em sentido inverso.

VI

O SENHOR DE RICHELIEU APRECIA NICOLA

O senhor de Richelieu ia direito à casa do senhor de Taverney, na Rua Coq-Héron.

Graças ao privilégio que possuímos de meias com o diabo coxo, e que nos dá a facilidade de penetrarmos em qualquer casa fechada, sabemos, antes que o senhor de Richelieu o saiba, que o barão de Taverney está sentado em frente do seu fogão, com os pés sobre uns imensos ferros que sustentavam uns restos de tições, pregando um sermão a Nicola e pondo-lhe por vezes a mão na barba, apesar dos pequenos amuos da jovem rapariga.

Se Nicola se teria acomodado com a carícia sem o sermão, ou se teria preferido o sermão sem a carícia, é o que não sabemos afirmar.

A conversa, entre o amo e a criada, versava sobre um ponto importante, isto é, que nunca, a certas horas da tarde, Nicola chegava exactamente e com prontidão ao toque da campainha, tendo sempre alguma coisa que fazer no jardim ou no caramanchão, e que, em qualquer outro ponto, que não fosse nestas duas partes, o seu serviço era sempre malfeito.

Ao que Nicola voltando-se e tornando a voltar-se com uma graça encantadora e voluptuosa, respondia:

- Pois não sei!... Eu aqui morro de aborrecimento: tinham-me prometido que iria ao Trianon com a menina!

Era neste ponto que o senhor de Taverney havia julgado dever acariciar-lhe caritativamente as faces e a barba, certamente para a distrair.

Nicola, prosseguindo no seu tema e repelindo toda a consolação, deplorava a sua desgraçada sorte.

- É verdade! - disse ela gemendo - estou fechada entre quatro paredes; não tenho sociedade, não tenho ar quase nenhum; havia para mim a perspectiva de um divertimento ou de um porvir.

- O que era? - disse o barão.

- Trianon! - respondeu Nicola; - Trianon, onde teria visto gente e luxo, onde eu teria olhado e onde teriam olhado para mim.

- Oh! Oh! Nicoleta! - disse o barão.

- Ora! Senhor, sou mulher e sou tão boa como qualquer outra.

- Apre! Isso é que se chama falar - disse vagarosamente o barão. - E como estás buliçosa! Oh! Se eu fosse moço e rico!

E não pôde impedir-se de lançar furtivamente um olhar de cobiça e admiração sobre tanta mocidade, seiva e formosura.

Nicola meditava e algumas vezes impacientava-se.

- Vamos, deite-se, senhor - disse ela - para que eu também me possa ir deitar.

- Ainda uma palavra, Nicola.

De repente a campainha da porta da rua fez estremecer Taverney e saltar Nicola.

- Quem será a tais horas da noite? - disse o barão; - já deram onze. Vai ver, minha pequena.

Nicola foi abrir a porta, perguntou o nome ao visitante, e deixou a porta da rua entreaberta.

Por essa feliz abertura se escapou uma sombra, que vinha do pátio, não sem fazer bastante rumor para que o marechal, porque era ele, deixasse de se voltar para trás e ver a fuga.

Nicola caminhou adiante, com uma luz na mão, e de um modo todo desvanecido.

- Ah! - disse o marechal sorrindo e seguindo-a para a sala - aquele velho ratão de Taverney, só me tinha falado de sua filha.

O duque era destes homens que não precisam de olhar duas vezes para ver, e ver completamente.

A sombra, que fugia, fê-lo pensar em Nicola, Nicola fê-lo pensar na sombra.

Adivinhou, vendo o lindo rosto desta, o que tinha vindo fazer a sombra, e logo depois de ter visto o olhar tão malicioso, os dentes tão brancos e a estatura tão fina da criada, soube tudo quanto queria saber relativamente ao seu carácter e gosto.

Nicola, cujo coração batia, anunciou à entrada da porta da sala:

- O Sr. Duque de Richelieu!

Nessa noite era sina causar sensação o nome do marechal. Produziu tal efeito no barão, que se levantou da sua poltrona e caminhou direito para a porta sem poder dar crédito ao que ouvia.

Mas antes de chegar à porta viu o senhor de Richelieu na penumbra do corredor.

- O duque!... - murmurou ele.

- Certamente, caro amigo, o duque mesmo... - redargüiu Richelieu com uma voz muito amável. - Oh! Admira-se disso, depois do que o outro dia se passou? Pois bem! Nada

há de mais certo! Agora, dê-me a sua mão, faça-me esse favor.

- Senhor duque, estou confundido.

- Já não tens espírito, meu caro - disse o velho marechal dando a sua bengala e o chapéu a Nicola para poder sentar-se mais comodamente numa poltrona; - dizes tolices, desconchavos... Já não conheces o mundo, segundo parece.

- Entretanto, duque, parece-me - respondeu Taverney muito comovido - que a tua recepção de outro dia era por tal forma significativa, que não havia meio de eu me enganar.

- Ouve, meu velho amigo - respondeu Richelieu - o outro dia procedeste como um rapaz da escola e eu como um pedante; de ti para mim só mediava a palmatória. Tu vais falar agora dessas coisas, quero tirar-te semelhante trabalho; terias razão para me dizer uma tolice, e eu para te responder com outra. Saltemos portanto em claro o outro dia. Sabes o que venho hoje aqui fazer?

- Não, certamente.

- Venho trazer-te a companhia que anteontem foste pedir-me e que el-rei concedeu a teu filho. Com os diabos, meu amigo, é preciso avaliar as posições; anteontem era eu quase um ministro, pedir era uma injustiça; hoje que rejeitei a pasta, e que torno a ser o mesmo simples Richelieu como dantes, cometeria um absurdo se não pedisse. Pedi, alcancei e trago.

- Duque, pois isso é verdade, e... tanta bondade da tua parte?

- É um efeito muito natural do meu dever de amigo... O ministro negava, Richelieu solicita e dá.

- Ah! duque, encantas-me; és portanto um verdadeiro amigo?

- Pudera!

- Mas el-rei, el-rei que me faz semelhante mercê...

- El-rei nem sequer sabe o que faz, ou talvez eu me engane e sabe-o maravilhosamente bem.

- Que queres tu dizer?

- Quero dizer que Sua Majestade tem certamente agora algum motivo para fazer coisa que desagrade à senhora du Barry, e que é muito mais a esse motivo do que à minha influência, que deves a mercê que te concede.

- Julgas isso?

- Tenho essa certeza, e eu ajudo-o. Sabes que é por causa dessa velhaca que rejeitei a pasta?

- Assim mo disseram; mas...

- Mas não acreditas. Vamos, fala francamente.

- Pois bem! Confesso...

- Isso quer dizer que me conheceste sem eu ter escrúpulos, não é verdade?

- Quer dizer pelo menos que te conheci sem prejuízos.

- Meu caro, vou envelhecendo, e já não gosto das mulheres bonitas senão para mim... E daí, tenho ainda outras idéias... Voltemos ao teu filho. É um moço encantador.

- E que está muito mal com o du Barry, aquele que estava em tua casa no dia em que eu tive a loucura de apresentar-me.

- Bem sei, e aí tens o motivo porque não sou ministro.

- Ora!

- Certamente, meu amigo.

- Recusaste a pasta para não desagradar a meu filho?

- Se te dissesse isso, não o acreditarias: nada, não foi isso. Recusei porque as exigências dos du Barry, que começavam pela exclusão do teu filho, teriam chegado a enormidades de todo o género.

- Então estás mal com essas criaturas?

- Sim e não; eles temem-me, eu desprezo-os, é uma coisa por outra.

- Isso é heróico, mas é imprudente.

- Por quê?

- A condessa tem crédito.

- Ora! - disse Richelieu.

- Como dizes isso!

- Digo-o como um homem que sente o fraco da posição, e que, se fosse preciso, saberia levar o mineiro ao lugar melhor para fazer saltar a praça.

- Eu vejo a verdade, fazes um serviço a meu filho para castigares um pouco os du Barry.

- A tua perspicácia não errou de todo, parte do que dizes é verdade; o teu filho serve-me de granada, incendeio por intervenção dele... Mas a propósito, barão, não tens também uma filha?

- Sim...

- Moça?

- Tem dezesseis anos.

- Formosa?

- Como Vénus.

- Que vive no Trianon?

- Já a conheces?

- Passei a noite com ela, e conversei com el-rei mais de uma hora a seu respeito.

- Com el-rei? - exclamou Taverney, cujas faces se tornaram coradas.

- Em pessoa.

- El-rei falou de minha filha, de Andreia de Taverney?

- Que devora com os olhos, sim, meu caro.

- Ah! Realmente?

- Não gostas de ouvir estas coisas?

- Eu... Oh! Não... El-rei faz-me muita honra em olhar para a minha filha... Mas...

- Mas o quê?

- É porque el-rei...

- É um pouco imoral; é isso que queres dizer?

- Deus me livre de falar mal de Sua Majestade, tem direito de ser imoral se assim lhe apraz.

- Bem, então o que significa essa tua admiração? Terás porventura a pretensão de supor que a menina Andreia não é uma formosura perfeita, e que, por consequência, el-rei não olha para ela com um olhar amoroso?

Taverney não respondeu, encolheu os ombros e deixou-se cair numa meditação, em que o perseguiu o olhar desapiedadamente inquisidor de Richelieu.

- Bem, já adivinho o que dirias se, em vez de pensar em segredo, falasses em voz alta - prosseguiu o velho marechal aproximando a sua poltrona da do barão; - dirias que el-rei está habituado a más companhias, que desce até à canalha, como dizem nos Porcherons, e por consequência que se não atreverá a erguer as vistas para tão nobre donzela, de pudico procedimento, de castos amores, nem reparar nesse tesouro de encantos e formosuras de todo o género... ele que só gosta das conversas licenciosas, dos olhares libertinos e dos ditos das costureiras.

- Decididamente, duque, és um grande homem.

- Por que dizes isso?

- Porque tu adivinhaste tudo com exactidão - disse Taverney.

- Portanto, confesso, barão - continuou Richelieu - seria tempo que o nosso amo e senhor não nos obrigasse, a nós, gentis-homens, fidalgos, pares e companheiros do rei de França, a beijar a mão plebéia e vilã de uma mulher de tão baixa espécie; seria tempo que nos fizéssemos respeitar, e evitarmos que el-rei, depois de ter descido da Chateauroux, que era marquesa, e da massa de que se fazem duquesas, à Pompadour, filha e esposa de negociantes; e depois, da Pompadour à du Barry, que se chama simplesmente Joaninha, não desça da du Barry a alguma Maritorne de cozinha ou a alguma Goton dos campos; é humilhante para nós, barão, para nós que temos coroa no brasão, baixar a cabeça diante dessas delambidas.

- Oh! Isso é que são verdades bem puras!
- murmurou Taverney - e prova isso bem que é por esse motivo que todos abandonam a corte!

- Onde não há rainhas, não há mulheres; onde não há mulheres, não há cortesãos; o rei

tem uma modista por sua conta, e o povo está no trono, representado pela menina Joana Vaubernier, fanqueira em Paris.

- E entretanto assim é...

- Vês tu, barão - interrompeu o marechal - poderia representar um belo papel uma mulher de espírito que quisesse reinar em França actualmente...

- Certamente - disse Taverney, cujo coração palpitava; - mas infelizmente o lugar não está vago.

- Para uma mulher - continuou o marechal - que, sem ter os vícios dessas prostitutas, tivesse a mesma ousadia, cálculos e vistas que elas têm; para uma mulher que levaria a tais alturas a fortuna, que dela se falaria ainda, mesmo quando já não existisse a monarquia. Sabes se a tua filha tem espírito, barão?

- Muito, e principalmente muito bom-senso.

- É muito formosa!

- Não é verdade?

- Formosa com esses contornos voluptuosos e encantadores que tanto agradam aos homens, bela com essa candura e essa flor de virgindade que impõe o respeito mesmo às mulheres... É preciso tratar cuidadosamente esse tesouro, meu bom amigo.

- Falas dela com um tal entusiasmo!...

- Eu! Direi mais, estou loucamente enamorado dela, e, se não tivesse setenta e quatro anos, desposá-la-ia amanhã. Mas está ela bem em casa da delfina? Tem ela o luxo próprio de uma flor tão mimosa?... Pensa bem, barão, esta noite vi-a voltar sozinha para casa sem criadas, e apenas acompanhada por um laçao da delfina, o qual a precedia com uma lanterna; isso parece mal, é fazer pouco caso dela.

- Que lhe hei-de fazer, duque? Bem sabes que não sou rico.

- Rico ou pobre, meu caro, é preciso uma criada para a tua filha.

Taverney suspirou.

- Bem o sei - disse ele - bem sei que lhe é precisa uma criada, ou melhor direi, que lhe seria precisa.

- Mas não tens tu uma?

O barão não respondeu.

- O que é aquela rapariga - prosseguiu Richelieu que há pouco estava aí contigo? Uma rapariga bonita e fina, por minha alma!

- Sim, mas...

- Mas o quê, barão?

- Justamente não posso mandá-la ao Trianon.

- Por quê? Parece-me, pelo contrário, que convém perfeitamente para esse emprego; há-de ser uma aia muito boa.

- Não lhe olhaste então para o rosto, duque?

- Eu! Não fiz outra coisa.

- Viste-lhe bem o rosto, e não notaste a sua singular semelhança?

- Com quem?

- Com... Pensa um pouco, vamos!... Nicola, vem cá!

Nicola aproximou-se; como uma verdadeira criada, tinha escutado à porta.

O duque pegou-lhe nas mãos, e agarrou entre os seus joelhos os da rapariga a quem o olhar impertinente do fidalgo e libertino não intimidou nem perturbou um único segundo.

- Sim - disse ele - sim, ela parece-se, é verdade...

- Sabes com quem, e vês, por consequência, que é impossível expor a protecção concedida à nossa casa, a um semelhante capricho da natureza. Será bem agradável que essa velhaquinha de Nicola se pareça com a senhora mais ilustre da França inteira?

- Oh! Oh! - redargüiu amargamente Nicola soltando-se da prisão em que a tinha o duque para responder melhor ao senhor de Taverney - está bem certo de que me pareço com tão ilustre senhora? Tem ela porventura uns ombros tão bem feitos, uns olhos tão vivos, a perna tão redonda e o braço tão bem torneado como esta velhaquinha? Em todo o

caso, senhor barão - continuou ela encolerizada - se assim me deprecia, é só pela amostra que pode falar, porque me parece que não sabe mais nada!

Nicola estava vermelha de raiva, e por conseqüência de uma formosura esplêndida.

O duque apertou-lhe novamente as lindas mãos, prendeu-a segunda vez entre os joelhos, e com um olhar cheio de carícias e promessas, disse:

- Barão, decerto na corte não há quem se pareça com Nicola; eu pelo menos, assim o penso. Quanto ao que diz respeito à tal ilustre senhora com quem, confesso, tem uma pequena semelhança, vamos pôr a coberto todo o amor-próprio... Nicola tem uns cabelos loiros e de um loiro admirável; tem as sobrancelhas e o nariz perfeitamente imperiais; pois bem! Sente-se um quarto de hora diante de um toucador, e essas imperfeições, como o senhor barão lhes chama, hão-de desaparecer. Nicola, minha filha, quereria vir ao Trianon?

- Oh! - exclamou Nicola, cuja alma cheia de cobiça passou toda neste monossílabo.

- Irá ao Trianon, minha menina; irá lá, e fará fortuna, e sem prejudicar em coisa alguma a fortuna de quem quer que seja. Barão, uma última palavra.

- Fala, caro duque.

- Vai-te, minha linda pequena - disse Richelieu - e deixa-nos conversar um instante.

Nicola saiu imediatamente; o duque aproximou-se do barão.

- Se eu insto para que mandes uma criada à tua filha - disse ele - é porque sei que isso há-de agradar a el-rei. Sua Majestade não gosta da miséria, e não o assustam as caras bonitas. Enfim, eu cá me entendo.

- Pois que vá Nicola ao Trianon, visto supores que isso causará prazer a el-rei - redargüiu o barão com o seu sorriso ambicioso.

- Então, como concedes licença, levá-la-ei: irá na minha carruagem.

- Entretanto, duque, seria bom pensares bem na sua semelhança com a senhora delfina.

- Já pensei. Essa semelhança há-de desaparecer entre as mãos de Rafté, em menos de um quarto de hora. Eu respondo por isso... Escreve uma palavra à tua filha, barão, dizendo-lhe a importância que ligas a que ela tenha consigo uma aia, e que essa aia seja Nicola.

- Achas de grande necessidade que a criada de Andreia se chame Nicola?

- Creio que é melhor.

- E que alguma outra Nicola...

- Não preencheria tão bem o seu lugar; assim o creio, barão.

- Então escrevo imediatamente.

E o barão escreveu logo uma carta que deu a Richelieu.

- E as instruções, duque?

- Encarrego-me de as dar a Nicola. É inteligente?

O barão sorriu.

- Então confias-ma... Não é verdade? - disse Richelieu.

- Viva Deus! Isso é contigo, duque; pediste-ma, eu dou-ta; faz dela o que puderes.

- Menina, venha comigo - disse o duque levantando-se - e depressa.

Nicola não esperou que lhe repetissem a ordem. Sem mesmo pedir o consentimento do barão, em cinco minutos reuniu um pequeno embrulho de vestidos, e com um passo tão rápido, que parecia voar, dirigiu-se para a carruagem de Richelieu.

O duque então despediu-se do seu amigo, que lhe renovou os seus agradecimentos pelo serviço que tinha prestado a Filipe de Taverney.

De Andreia, nem mais uma palavra; era mais do que se dela falara.

VII

METAMORFOSE

Nicola não cabia em si de prazer; sair de Taverney para vir a Paris não tinha sido, em seu entender, grande triunfo como sair de Paris para o Trianon.

Foi tão amável com o cocheiro do senhor de Richelieu, que no dia seguinte a reputação da nova aia estava feita em todas as cocheiras e em todas as antecâmaras um tanto aristocráticas de Versalhes e de Paris.

Quando chegaram ao palácio de Hanovre, residência do marechal, este levou a rapariga pela mão e pessoalmente a conduziu ao primeiro andar, onde estava o Sr. Rafté, escrevendo grande número de cartas por conta do Sr. Duque de Richelieu.

Em todas as atribuições do senhor marechal, a guerra tinha um lugar distinto, e Rafté, em teoria pelo menos, tinha-se tornado

um homem de guerra tão hábil, que Políbio e o cavalleiro de Folard, se fossem vivos, teriam estimado muito receber uma dessas pequenas memórias sobre fortificações e manobras, como Rafté costumava escrever, pelo menos uma em cada semana.

Estava portanto o Sr. Rafté occupado em redigir um projecto de guerra contra os Ingleses no Mediterrâneo, quando o marechal entrou e lhe disse:

- Olha, Rafté, repara nesta criança.

Rafté olhou.

- É muito amável, senhor - disse ele com um movimento de lábios dos mais significativos.

- Sim, mas com quem se parece?... Rafté, falo da sua semelhança.

- Ah! é verdade; ah! com os diachos!

- Achas, não é assim?

- É extraordinário, isso há-de causar a sua ruína ou a sua fortuna.

- A sua ruína, é o mais provável; mas vamos remediar isso; ela tem os cabelos

loiros, como vês, Rafté; mas, isso é fácil de se emendar, não é verdade?

- Não é mais que fazer-lhos pretos, senhor - redargüiu Rafté, que havia tomado o costume de completar os pensamentos do seu amo, e muitas vezes mesmo, de pensar inteiramente por ele.

- Vem ao meu toucador, pequena - disse o marechal; - este senhor, que é um homem hábil, vai-te transformar na aia mais formosa e mais bela da França inteira.

Com efeito, dez minutos depois, Rafté, por meio de uma composição que servia ao marechal para todas as semanas tingir de preto os cabelos brancos que tinha debaixo da cabeleira, Rafté, dizemos, tingiu de um preto como o azeviche os lindos cabelos loiros de Nicola; depois, sobre as suas sobrancelhas compridas e loiras passou um alfinete denegrado ao fumo de uma luz; deu assim à sua fisionomia folgazã um realce tão fantástico, aos seus olhos vivos e claros um fogo tão ardente, e algumas vezes tão

sombrio, que se diria ser uma fada saída, por meio da evocação, de um estojo mágico onde a detinha um feiticeiro.

- Agora, minha formosa - disse Richelieu depois de ter dado um espelho a Nicola estupefacta - veja como está bonita e como está diferente da Nicola que ainda há pouco era; já não tem rainhas que recluir, e só se trata agora de fazer fortuna.

- Oh! Senhor! - exclamou a rapariga.

- Sim, e para isso só precisamos entender-nos.

Nicola corava e baixava os olhos; a velhaca esperava certamente ouvir essas palavras que Richelieu sabia dizer tão bem.

O duque compreendeu-a, e para desfazer alguma falsa suposição, disse-lhe:

- Sente-se naquela poltrona, minha querida, ao pé do Sr. Rafté, e preste toda a atenção ao que vou dizer-lhe... Oh! O Sr. Rafté não nos incomoda, nada receie; pelo contrário, há-de dar-nos algum conselho. Está ouvindo?

- Sim, senhor - murmurou Nicola envergonhada de se haver assim enganado por vaidade.

A conversa do senhor de Richelieu com Rafté e Nicola durou mais de uma hora, depois do que o duque mandou a rapariga deitar-se com as criadas do palácio.

Rafté continuou na sua memória militar; o senhor de Richelieu deitou-se na cama, depois de ter passado pelos olhos as cartas que o avisavam do procedimento de todos os parlamentos da província contra o senhor de Aiguillon e a cabala du Barry.

No dia seguinte pela manhã uma das carruagens sem brasão do marechal conduziu Nicola ao Trianon, deixou-a ao pé das grades do palácio, com o seu pequeno embrulho debaixo do braço, e desapareceu.

Nicola, com a fronte erguida, o espírito livre e a esperança no coração, foi bater à porta do edifício contíguo ao Trianon, e que os nossos leitores já conhecem.

Eram dez horas da manhã. Andreia, já levantada e vestida, escrevia a seu pai para lhe dar a notícia do feliz acontecimento da véspera, de que, como já dissemos, o senhor de Richelieu se havia feito o mensageiro officioso.

Os nossos leitores não se terão decerto esquecido que uns degraus de pedra conduzem dos jardins à capela do pequeno Trianon, que do adro dessa capela parte uma escadaria do lado direito que leva ao primeiro andar, isto é, aos quartos das damas de serviço, quartos que dão para um grande corredor com janelas para o jardim.

O quarto de Andreia era o primeiro da esquerda nesse corredor. Era grande, bem claro, dando as janelas para o pátio das cavalariaças, e precedido por um outro quarto com dois gabinetes, um para a esquerda e outro para a direita.

Este quarto, insufficiente se considerarmos o trem ordinário dos comensais de uma corte brilhante, era todavia

uma cela encantadora, muito habitável e alegre como retiro, depois das agitações da gente que povoava o palácio. Ali podia refugiar-se uma alma ambiciosa para devorar as ofensas ou os despeitos do dia; ali podia também repousar, na escuridão e no silêncio, isto é, no isolamento das grandezas uma alma humilde e melancólica.

Com efeito, acabavam-se as superioridades, os deveres, as representações, ao passar o limiar daquela porta, ao subir a escada da capela. Tanto sossego como no convento, tanta liberdade material como na vida da prisão.

O escravo do palácio voltava para ali feito senhor. A uma alma doce e altiva como a de Andreia agradavam esses pequenos cálculos, não que ela viesse descansar de uma ambição despeitada ou das fadigas de uma fantasia insaciada, mas Andreia estava mais à vontade para pensar, no estreito quadrilátero do seu quarto do que nas ricas salas do Trianon, sobre essas lágéas que seus pés

pisavam com tanta timidez que se diria ser terror.

Dali, daquele canto obscuro em que se sentia bem no seu lugar, a jovem menina olhava sem perturbação para todas as grandezas que, durante o dia, lhe haviam deslumbrado os olhos. No meio das suas flores, com o seu cravo, cercada de livros alemães, que tão doce companhia são para aqueles que sabem ler com o coração, Andreia desafiava a sorte de lhe mandar um desgosto ou de lhe roubar uma alegria.

- Aqui - dizia ela, quando à noite, depois de cumpridos os seus deveres, ia vestir o seu roupão largo e respirar o ar com toda a sua alma e com toda a força dos seus pulmões - aqui, possuo pouco mais ou menos tudo quanto hei-de possuir até à morte. Talvez me veja algum dia mais rica, mas nunca me acharei mais pobre; há-de haver sempre flores, música e uma página bem escrita para recrear os isolados.

Andreia tinha alcançado licença para almoçar no seu quarto quando assim lhe conviesse. Esta mercê era-lhe preciosa. Podia assim ficar até ao meio-dia no seu quarto, salvo se a delfina a mandava chamar para alguma leitura ou algum passeio matinal. Assim livre, nos dias bonitos, partia pela manhã com um livro, e sozinha atravessava os grandes bosques que vão do Trianon a Versalhes; e daí, depois de duas horas de passeio, de meditação e de sonho, voltava para almoçar, não tendo muitas vezes visto nem um único senhor, nem um lacaio, nem qualquer outra pessoa.

Se o calor começava a filtrar-se pela sombra densa dos arvoredos, Andreia tinha para se abrigar o seu quarto, que estava sempre muito fresco, tanto pelo ar que entrava pela porta como pelo que entrava pela janela. Um sofazinho coberto de chita, quatro poltronas iguais, seu casto leito de armação em forma de coroa, da qual pendiam cortinas da mesma fazenda da coberta do

canapé, dois vasos da China sobre a chaminé, uma mesa quadrada com pés de cobre: eis de que se compunha esse pequeno universo, nos confins do qual se limitavam todas as esperanças e todos os desejos de Andreia.

Dizíamos nós que a jovem menina estava sentada no seu quarto, escrevendo a seu pai, quando duas pancadas, discretamente batidas na porta do corredor, despertaram a sua atenção.

Ergueu a cabeça vendo abrir-se a porta, e soltou um pequeno grito de admiração, quando o rosto radiante de Nicola lhe apareceu repentinamente saindo da pequena antecâmara.

VIII

COMO A ALEGRIA DE UNS PODE CAUSAR O DESESPERO DE OUTROS

- Bons dias, menina; sou eu - disse Nicola com alegria e fazendo uma mesura, a qual, conhecendo a fundo o carácter de sua ama e senhora, não era por isso isenta de um certo desassossego.

- Tu! E por que acaso? - redargüiu Andreia largando a pena para seguir melhor a conversa que deste modo se começava.

- Esquecia-se de mim; eu então vim...

- Mas se eu me esqueci de ti, é porque tinha para isso as minhas razões. Quem te autorizou a vir?

- Foi o senhor barão, menina, quem havia de ser? - respondeu Nicola,

encrespando as formosas sobrancelhas pretas que ela devia à generosidade do Sr. Rafté.

- Meu pai precisa de ti em Paris, e eu não preciso de ti aqui... Podes portanto voltar para casa.

- Oh! - disse Nicola - mas então não me tem grande amizade... Eu pensava ter-lhe merecido mais estima... Vá lá a gente amar alguém - acrescentou Nicola filosoficamente - para que dêem semelhante pago!

E os seus lindos olhos fizeram quanto puderam para atrair uma lágrima que pelo menos os umedecesse.

Havia bastante vida e sensibilidade na admoestação, para excitar a compaixão de Andreia.

- Minha filha - lhe disse ela - aqui servem-me, e eu não posso tomar a liberdade de sobrecarregar a casa da senhora delfina com mais uma boca.

- Ora adeus! Como se esta boca fosse enorme! - disse Nicola com riso encantador.

- Não importa, Nicola, a tua presença aqui é impossível.

- Por causa da tal semelhança? - disse Nicola. - Então ainda não me olhou para o rosto, minha senhora?

- Efectivamente, pareces-me muito mudada.

- Pudera não; um fidalgo, aquele que fez dar uma patente ao Sr. Filipe, esteve ontem em nossa casa, e como notasse que o senhor barão estava triste por ter a menina vindo para aqui sem uma criada, contou-lhe que nada havia mais fácil do que mudar o branco em preto, levou-me consigo, arranjou-me como vê, e eis-me aqui.

Andreia sorriu.

- Tens-me então muita amizade - disse ela - para vires assim de livre vontade fechar-te no Trianon, onde sou quase uma prisioneira?

Nicola lançou um olhar rápido em torno de si.

- Este quarto não é muito alegre - disse ela; - mas nem sempre fica aqui?

- Eu, é verdade - redargüiu Andreia; - mas tu?

- Ora! Eu?

- Tu que não tens entrada nas salas, junto da senhora delfina; tu que nem divertimentos, nem passeios terás para te distraíres; que terás de ficar sempre aqui, arriscas-te a morrer de aborrecimento.

- Oh! - disse Nicola - sempre hei-de achar alguma janela ou uma fenda da porta, para ver um pequeno canto desse mundo. Se chegar a ver, posso talvez ser vista... E é isso tudo quanto preciso; não lhe dê cuidado.

- Não, Nicola, torno a repetir, não te posso receber sem uma ordem expressa.

- De quem?

- De meu pai.

- É a sua última palavra?

- Sim,

Nicola tirou do seio a carta do barão de Taverney.

- Nesse caso - disse ela - já que não têm poder os meus rogos e a minha amizade, vejamos se esta recomendação será mais eficaz.

Andreia recebeu a carta, que era concebida nestes termos:

“Eu sei, e nota-se, minha querida Andreia, que não tens no Trianon o estado que a tua posição imperiosamente te ordena; deverias ter duas criadas e um laçao, tão certo como eu deveria ter vinte mil libras de renda; entretanto, como não tenho remédio senão contentar-me com mil libras, imita-me e recebe Nicola, que só por si vale quantos criados te seriam necessários.

Nicola é ágil, inteligente e activa; depressa tomará o tom e modo da localidade; terás o cuidado, não de estimular, mas de lhe ganhar a sua boa vontade. Conserva-a, e não julgues que faço um sacrifício. Dado o caso que assim o julgasses, lembra-te que Sua Majestade, que teve a bondade de se lembrar

de nós, quando te viu, notou (foi-me isto confiado por um amigo verdadeiro) que te faltava luxo e representação. Lembra-te disto, que é da mais alta importância.

Teu pai muito afeiçãoado.”

Esta carta lançou Andreia numa dolorosa perplexidade.

Assim, ia ser perseguida ainda mesmo na sua nova prosperidade por uma pobreza que só a ela não parecia ser um defeito, quando tudo lha lançava em rosto como uma nódoa.

Esteve a ponto de quebrar a sua pena com raiva e de rasgar a carta começada, para responder ao barão com algum belo trecho cheio de desinteresse filosófico, que Filipe teria adoptado com toda a sua alma.

Mas pareceu-lhe ver o sorriso irónico do barão quando lesse a sua obra-prima, e imediatamente se desvaneceu toda a sua resolução. Contentou-se portanto em responder à missiva do barão, com um

parágrafo anexo às novidades que do Trianon lhe mandava.

“Meu pai - acrescentou ela - neste mesmo instante acaba de chegar Nicola, e recebo-a conforme o seu desejo; mas o que a esse respeito me escreveu desesperou-me. Serei menos ridícula com esta aldeã por criada, do que o era sozinha no meio das opulências da corte? Nicola não gostará de me ver humilhada, há-de levar-mo a mal porque os lacaios são soberbos ou humildes, segundo o luxo ou a simplicidade dos seus ams. Quanto ao reparo de Sua Majestade a meu respeito, meu pai, permita que lhe diga que el-rei tem tão bom-senso que não pode levar-me a mal a minha impossibilidade de ostentar um grande luxo, e que, além disso, Sua Majestade é homem de muita honra para ter notado ou criticado a minha miséria em vez de a mudar numa fortuna melhor, que o seu nome e os seus serviços legitimariam aos olhos de todos.”

Tal foi a resposta da donzela, e é preciso confessar que essa cândida inocência, que essa nobre soberba tinha bem facilmente razão contra a astúcia e a corrupção dos seus tentadores.

Andreia não falou mais de Nicola. Conservou-a consigo, de modo que esta, alegre e entusiasmada, e bem sabia ela porquê, foi logo tratar de arranjar uma pequena cama, no gabinete da direita, que dava para a antecâmara, e fez-se pequena, aérea, delicada, para não incomodar a sua ama em coisa alguma com a sua presença naquele modesto recinto; dir-se-ia que se esforçava por imitar a folha de rosa que os sábios da Pérsia tinham deixado cair no copo cheio de água, para provar que se lhe podia acrescentar alguma coisa sem fazer trasbordar o conteúdo.

Andreia partiu para o Trianon pela uma hora da tarde. Nunca estivera mais bela e graciosamente vestida. Nicola tinha-se

excedido: amabilidade, atenções e intenções, nada havia faltado ao seu serviço.

Assim que Andreia saiu, Nicola viu que estava senhora da praça e passou uma revista minuciosa.

Tudo passou pelo seu exame, desde as cartas até ao último objecto do toucador, desde a chaminé até aos recantos mais ocultos dos gabinetes.

Depois chegou à janela, para aspirar o ar.

Em baixo viu um grande pátio, onde os moços das cavalariaças estavam limpando os cavalos de luxo da senhora delfina. Moços de cavalariaça, fora! Nicola voltou a cara.

Do lado direito, havia uma correnteza de janelas na mesma altura das dos quartos de Andreia. Apareceram nelas algumas cabeças de criados e varredores. Nicola passou desdenhosamente para outro exame.

Em frente, alguns mestres de música estavam numa grande casa, ensaiando

coristas e instrumentistas para a missa de S. Luís.

Nicola divertiu-se, limpando a sala, a cantarolar ao seu modo, por tal forma, que distraiu os professores e fez desafinar os coristas.

Mas esse passatempo não podia satisfazer por muito tempo as ambições da Sr^a. Nicola; quando os professores e alunos tinham gritado e ralhado bastante, a rapariga passou revista ao pavimento superior. Todas as janelas das águas-furtadas estavam fechadas.

Nicola começou novamente a limpar; mas um momento depois apareceu aberta uma dessas janelas, sem que ela tivesse podido ver por que modo, pois não aparecia pessoa alguma.

Alguém contudo a tinha aberto; esse alguém tinha visto Nicola e não ficara a olhar para ela; era algum impertinente de mau gosto!

Era isto pelo menos o que pensou Nicola; também, para não perder a ocasião de estudar a fisionomia de um impertinente, ela que estudava tão conscienciosamente, resolveu, a cada volta que dava no quarto de Andreia, vir à janela relancear os olhos para a água-furtada, isto é, para esse outro olho aberto, que lhe faltava ao respeito, privando-a do seu olhar, naturalmente por falta de meninas. Uma vez, julgou perceber que alguém fugia quando ela se aproximava... Isso porém não era crível, e ela não o acreditou.

Outra vez teve quase uma certeza disso, ao ver as costas do fugitivo, surpreendido por uma volta de Nicola mais rápida do que ele a esperava.

Então ela empregou a astúcia; ocultou-se com a cortina, deixando a janela de todo aberta, a fim de não causar suspeita.

Esperou muito tempo, mas afinal apareceram uns cabelos pretos, depois umas mãos temerosas que seguravam em forma de

arco um corpo inclinado com precaução, enfim o rosto apareceu todo distintamente. Nicola esteve quase para desmaiar e amarrotou a cortina toda.

Era o rosto de Gilberto, que olhava do alto daquela água-furtada.

Gilberto, vendo agitar a cortina, compreendeu a astúcia e não tornou a aparecer.

Fez mais ainda, a janela da água-furtada fechou-se.

Não havia que duvidar, Gilberto tinha visto Nicola; ficara estupefacto, quisera convencer-se da presença da sua inimiga, e vendo que o tinham descoberto, fugira todo perturbado e enraivecido.

É assim pelo menos como Nicola interpretou a cena, e tinha razão; pois era deste modo que lhe convinha interpretá-la.

Com efeito, Gilberto teria preferido ver o Demónio a ter visto Nicola; forjou mil terrores com a chegada dessa vigia. Tinha contra ela um antigo motivo de raiva; ela

sabia o seu segredo do jardim da Rua Coq-Héron.

Gilberto fugiu não só perturbado, mas também enraivecido, mordendo as mãos com despeito.

- Que me importa agora a mim - dizia ele - com aquela descoberta de que eu estava tão soberbo?!... Se Nicola teve lá um amante, o mal está feito e não é por isso que a mandarão embora daqui; enquanto ela, se disser o que fiz na Rua Coq-Héron, pode fazer com que me expulsem do Trianon... Não sou eu que tenho Nicola em meu poder, é ela que me tem a mim. Oh! Raiva!

E todo o amor-próprio de Gilberto, servindo de estímulo ao seu ódio, lhe fez ferver o sangue com uma violência espantosa.

Parecia-lhe que ao entrar naquele quarto, Nicola havia afugentado dele com um riso diabólico todos os sonhos de felicidade que para lá mandava todos os dias da sua água-furtada, com o seu ardente amor e com as suas flores. Tinha Gilberto muito em que

pensar, para ter vivido até então sem se lembrar de Nicola, ou havia ele afastado de si esse pensamento pelo terror que lhe inspirava? É o que não decidiremos. Mas o que podemos afirmar com a maior certeza, é que a vista daquela rapariga foi para ele uma surpresa essencialmente desagradável.

Ele bem conhecia que mais tarde ou mais cedo se havia de declarar guerra entre os dois; mas, como Gilberto era homem prudente e político, não queria que essa guerra começasse enquanto ele não se achasse habilitado para torná-la boa e enérgica.

Resolveu portanto fingir-se morto até que o acaso lhe desse uma ocasião favorável para ressuscitar, ou até que Nicola, por fraqueza ou necessidade, se aventurasse a dar algum passo para ele, que lhe fizesse perder parte da sua superioridade e vantagem.

É por isso que, tendo só olhos e ouvidos para Andreia, mas circunspecto e vigilante sem cessar, continuou a estar ao facto dos

negócios interiores do primeiro quarto do corredor, sem que uma única vez Nicola o pudesse encontrar nos jardins.

Desgraçadamente para ela, Nicola não se podia dizer irrepreensível, e ainda que assim o fosse pelo que respeita ao presente, havia sempre no seu passado a esquadrinhar algum tropeço em que facilmente poderiam fazê-la cambalear.

Foi o que aconteceu ao cabo de oito dias. Gilberto, à força de espreitar de dia e de noite, acabou por ver pelas grades um penacho que lhe não era desconhecido, e que causava contínuas distracções a Nicola, porque era do Sr. Beausire, que imitando a corte, havia emigrado de Paris para o Trianon.

Por muito tempo Nicola foi cruel: deixava o Sr. Beausire tiritar com o frio ou derreter com o Sol, e essa virtude desesperava Gilberto: mas uma vez, tendo o Sr. Beausire sem dúvida ultrapassado todos os limites da eloquência mímica e achado a

persuasão, Nicola aproveitou o momento em que Andreia jantava com a senhora de Noailles, para descer ao pátio das cavalariaças e ir ao encontro do Sr. Beausire, que ajudava o seu amigo, o intendente das cavalariaças, a ensinar um poldro irlandês.

Do pátio passaram para o jardim, e do jardim para a avenida sombria que conduz a Versalhes.

Gilberto seguiu o par amoroso com a feroz alegria do tigre que segue a sua presa. Contou-lhes os passos, os suspiros, aprendeu de cor o que lhes pôde ouvir dizer, e devemos crer que o resultado o satisfez, porque no dia seguinte, livre de todo o embaraço, apareceu na janela da sua água-furtada, alegre, cantarolando e resoluto, sem recear a vista de Nicola, mas pelo contrário, parecendo desafiar o seu olhar.

A rapariga estava tomando umas redes numas luvas de seda da sua ama; ao som da cantiga, levantou a cabeça e viu Gilberto.

A sua primeira manifestação foi um certo modo de desdém que muito pendia para o azedume e cheirava a hostilidade a uma légua de distância... Mas Gilberto sustentou esse olhar e esse modo com um sorriso tão singular, tanta provocação mostrou nos seus gestos e na sua maneira de cantar, que Nicola baixou a cabeça e corou.

- Compreendeu-me - disse Gilberto consigo; - é o que eu queria.

Depois, começou de novo o manejo, e foi então Nicola quem tremeu; chegou ao ponto de desejar uma entrevista para aliviar o seu coração do peso que sobre ele havia lançado o olhar irónico do jovem jardineiro.

Gilberto notou que se procurava ocasião para essa entrevista. Não o enganavam aquela tosse seca, que soava ao pé da sua janela, quando Nicola sabia que ele estava na água-furtada, as idas e vindas da rapariga pelo corredor, quando podia supor que ele ia descer ou subir.

E bem feliz se sentiu por esse triunfo, que totalmente attribuía à força do seu carácter e ao seu procedimento. Nicola tanto o espreitou que o viu uma vez subir a escada; chamou-o, mas ele não respondeu.

A rapariga levou mais adiante a sua curiosidade e o seu receio. Uma tarde, descalçou os sapatinhos de salto, herança de Andreia, e trémula e rápida dirigiu-se, para o corredor, no fundo do qual sabia que era o quarto de Gilberto.

Ainda era dia bastante para que este, sentindo a rapariga aproximar-se, pudesse distintamente ver Nicola pelas fendas das tábuas.

Ela foi bater-lhe na porta, sabendo muito bem que ele estava no quarto.

Gilberto não respondeu.

Era contudo para ele uma perigosa tentação; podia humilhar à sua vontade aquela que vinha assim pedir o seu perdão. Estava só, ardente e estremecia todas as noites com as recordações de Taverney; com

os olhos fitos na porta, devorava a fascinadora formosura dessa voluptuosa rapariga, e excitado pela sensação preliminar do seu amor-próprio, já tinha levantado a mão para puxar o ferrolho, que com a costumada previsão e circunspecção tinha corrido para se livrar de alguma surpresa.

- Não - disse ele consigo - nela tudo é cálculo; é por temor e interesse que vem procurar-me; portanto, alguma coisa poderia ganhar, enquanto que eu, quem sabe o que perderia?

E, com este arrazoado, deixou outra vez pender a mão que tinha erguido. Nicola, depois de ter batido duas ou três vezes na porta, afastou-se enfadada e franzindo as sobrancelhas.

Gilberto conservou portanto todas as suas vantagens; Nicola então dobrou de astúcia para não perder de tudo as que possuía. Enfim todos os planos e projectos reduziram-se a estas palavras, que as duas partes beligerantes proferiram uma tarde, à

porta da ermida onde o acaso as fizera encontrar:

- Ah! Boa tarde, Sr. Gilberto; então está aqui?

- Ah! boa tarde, Sr^a. Nicola; então está no Trianon?

- Como vê, sou aia da senhora.

- E eu ajudante do jardineiro.

E com isto fez Nicola uma bela mesura a Gilberto, que a cortejou como um homem da corte; e separaram-se.

Gilberto ia para o seu quarto; fingiu que continuava no seu caminho.

Nicola saía, prosseguiu no seu caminho; com a diferença que Gilberto tornou a descer com pés de lã e seguiu Nicola, contando quase com certeza que ela ia ao encontro de Beausire.

Efectivamente, por entre o arvoredos da alameda, viu um homem que esperava; Nicola aproximou-se dele; estava já muito escuro para que Gilberto pudesse conhecer se era o Sr. Beausire, e a ausência do penacho,

por tal modo o intrigou que deixou Nicola voltar a casa e seguiu o homem da entrevista até às grades do Trianon.

Não era o Sr. Beausire, mas sim um homem de certa idade, ou melhor diremos, de idade certa, ademanes de fidalgo e andar desembaraçado, apesar da velhice; ao aproximar-se, Gilberto que passou muito perto desse personagem com uma audácia impudente, conheceu o Sr. Duque de Richelieu.

- Apre! - disse ele; - depois do Sr. Beausire um duque e marechal de França; a Sr^a. Nicola vai subindo em postos!

IX

OS PARLAMENTOS

Enquanto todas estas intrigas de segunda ordem, chocadas e nascidas entre os arvoredos e nas flores do Trianon, compunham uma existência bastante animada para as abelhas desse pequeno mundo, as grandes intrigas da cidade, temíveis tempestades, abriam as suas grandes asas por cima do palácio de Themis, como mitologicamente o escrevia o Sr. João du Barry a sua irmã.

Os parlamentos, resto degenerado da antiga oposição francesa, tinham tomado nova vida sob as mãos caprichosas de Luís XV; mas desde que o seu protector, o senhor de Choiseul, tinha caído, sentiam o perigo aproximar-se e aprontavam-se a conjurá-lo com medidas tão enérgicas quanto as circunstâncias o permitiam.

Todas as grandes comoções gerais começam por uma questão pessoal, como as grandes batalhas começam por um tiroteio isolado.

Desde que o senhor de La Chalotais, atacando o senhor de Aiguillon, havia personalizado a luta do terço contra a feudalidade, o espírito público estava empenhado na questão e não consentia que fosse adiada.

Ora, el-rei, que o parlamento de Bretanha e a França inteira tinham inundado com um dilúvio de representações mais ou menos submissas e filiais, el-rei, graças à senhora du Barry, acabava de dar razão contra o terço à feudalidade, nomeando o senhor de Aiguillon comandante da sua cavalaria ligeira.

O Sr. João du Barry tinha-o formulado com exactidão: era uma boa bofetada na face dos amados e leais conselheiros do parlamento.

Como seria aceite essa bofetada? Tal era a questão de que se tratava na corte e na cidade, todos os dias pela manhã ao despertar do Sol.

Os membros do parlamento em geral são homens hábeis, e vêem bem claramente às vezes o que para tantos outros é confuso.

Começaram por entender-se bem entre si sobre a aplicação e resultado da bofetada; depois do que tomaram a resolução seguinte, bem certos de que a bofetada tinha sido dada:

“A corte do parlamento deliberará sobre o procedimento do ex-governador da Bretanha, e dará o seu parecer.”

El-rei, porém, evitou o golpe intimando aos pares e príncipes a proibição de irem ao palácio para assistir a qualquer deliberação, fosse de que natureza fosse, a respeito do senhor de Aiguillon; os quais obedeceram.

Então resolveu o parlamento fazer ele próprio o seu trabalho, e decretou que o duque de Aiguillon gravemente inculpado e acusado de suspeita, mesmo de factos que lhe

diziam respeito à honra, fosse suspenso das suas funções de par, até que, por um julgamento proferido pela câmara dos pares na forma das solenidades prescritas pelas leis e ordenações do reino, *que nada pode suprir*, ele saísse plenamente absolvido das acusações e suspeitas que lhe manchavam a honra.

Mas um semelhante decreto do parlamento, proferido contra os interessados e inscrito nos registros, era coisa de pequena importância; era preciso a publicidade, a notoriedade pública; era preciso aquele escândalo, que as canções nunca deixam de apregoar em França, o que faz que a canção seja soberana dominadora dos acontecimentos e dos homens. Era mister elevar esse decreto do parlamento à altura da canção.

Paris estimava muito interessar-se no escândalo; pouco disposta para a corte, pouco a favor do parlamento, essa cidade de Paris em perpétua ebulição esperava algum bom

assunto de riso como transição para todos esses assuntos de lágrimas que lhe forneciam havia cem anos.

O decreto portanto tinha sido promulgado; o parlamento nomeou comissários para o fazer imprimir debaixo das suas vistas. Fez-se uma tiragem de dez mil exemplares, cuja distribuição foi organizada num momento.

Depois disso, como era do estilo que o principal interessado fosse informado do que a corte havia deliberado a seu respeito, aqueles mesmos comissários dirigiram-se ao palácio do Sr. Duque de Aiguillon, que acabava de chegar a Paris para um negócio imperioso.

Esse negócio não era outra coisa mais que uma explicação franca e sincera, que se havia tornado necessária entre o duque e seu tio o marechal.

Graças a Rafté, em menos de uma hora toda a população de Versalhes tinha sabido da nobre resistência do velho duque às

ordens de el-rei, a respeito da pasta do senhor de Choiseul. Graças a Versalhes, toda a cidade de Paris e toda a França tinham sabido a mesma notícia; de modo que desde algum tempo o senhor de Richelieu achava-se no estrado da popularidade, de onde fazia visagens políticas à senhora du Barry e ao seu querido sobrinho.

A posição não era boa para o senhor de Aiguillon, já muito impopular. O marechal, tão odiado pelo povo, mas temido porque era a expressão viva da nobreza, tão despeitada e respeitável no tempo de Luís XV; o marechal, tão versátil, que depois de ter escolhido um partido viam-no fazer-lhe guerra sem rebuço, quando a circunstância o permitia, ou quando dessa guerra podia resultar um dito agudo para ele proferir; Richelieu, dizemos, era um mau inimigo para conservar; tanto mais que o pior lado da sua intimidade era sempre o que ele reservava para fazer o que chamava surpresas.

Desde a sua entrevista com a senhora du Barry, tinha de Aiguillon dois grandes defeitos aos olhos do marechal. Adivinhando tudo quanto Richelieu ocultava de rancor e appetites ou vingança, debaixo da aparente igualdade do seu génio, fez o que se deve fazer em caso de tempestade: cortou a tromba com tiros de artilharia, na certeza que o perigo seria menor para quem corresse com ânimo contra ele.

Começou portanto a procurar o tio por toda a parte para ter com ele uma prática muito séria; mas nada era tão difícil desde que o marechal lhe percebera o desejo.

Começaram as marchas e contramarchas; apenas o marechal via o sobrinho nalguma parte logo o saudava com um sorriso dos mais agradáveis, e fazia por se achar cercado de grande número de pessoas que tornavam impossível toda e qualquer comunicação; desafiava assim o inimigo como numa fortaleza impenetrável.

O duque de Aiguillon cortou a tromba.

Apresentou-se sem mais nem menos em casa de seu tio em Versalhes.

Mas Rafté, de sentinela na janelinha do palácio que dava para o pátio, conheceu as librés do duque e foi prevenir seu amo.

O duque entrou até ao quarto de cama do marechal; só encontrou Rafté, que, com um riso confidencial, cometeu a indiscrição de contar àquele sobrinho que o seu tio tinha passado a noite fora do palácio.

O senhor de Aiguillon mordeu os lábios e retirou-se.

Logo que chegou a casa, escreveu ao marechal pedindo-lhe uma audiência.

O marechal não podia deixar de responder. Se respondesse não podia negar a audiência pedida, e se a concedesse, como recusaria uma boa explicação? O senhor de Aiguillon parecia-se muito com aqueles espadachins civilizados e encantadores, que ocultam as suas más tenções debaixo de boas aparências, trazem o homem para o campo

com todas as cautelas, e então ali é esmagado sem dó nem consciência.

O marechal não tinha bastante amor-próprio para se iludir, conhecia toda a força do seu sobrinho. Uma vez que estivesse na presença dele, esse terrível antagonista lhe arrancaria, quer um perdão, quer uma concessão. Ora, Richelieu nunca perdoava, e concessões a um inimigo são sempre um erro mortal em política.

Fingiu portanto, ao receber a carta do senhor de Aiguillon, ter partido de Paris, por alguns dias.

Rafté, que neste ponto foi consultado, deu-lhe o seguinte parecer:

- Estamos tratando de perder o senhor de Aiguillon. Os nossos amigos do parlamento o bram em nosso sentido. Se o senhor de Aiguillon, que disso desconfia, pode pôr-nos a mão em cima, há-de arrancar-lhe a promessa de o auxiliar em caso de desgraça, porque o seu ressentimento é daqueles que não suplantam o interesse de

família; se recusa, pelo contrário, o senhor de Aiguillon sairá nomeando-o seu inimigo, atribuindo-lhe todo o mal, e ficará mais consolado, pois há sempre uma certa consolação em achar a causa de um mal qualquer, ainda que este não esteja curado.

- Tudo isso é muito justo - redargüiu Richelieu - mas não me posso fechar eternamente. Quantos dias haverá antes da explosão?

- Seis dias, senhor.

- Com certeza?

Rafté tirou da algibeira uma carta de um conselheiro do parlamento; essa carta continha só as duas linhas seguintes:

“Decidiu-se que seria publicado o decreto. Fixou-se para isso o dia de quinta-feira.”

- Então, nada mais simples - respondeu o senhor de Richelieu. - Manda outra vez ao duque a sua carta acompanhada por um bilheteinho escrito pela tua mão.

“Senhor duque.

Deve ter sabido da partida do senhor marechal para... Esta mudança de ar foi julgada indispensável pelo médico do senhor marechal, que o acha um pouco fatigado. Se, como creio, segundo o que o outro dia fez a honra de me dizer, deseja falar com o senhor marechal, posso certificar-lhe que quinta-feira à noite, o senhor duque, voltando de... virá dormir no seu palácio em Paris; onde sem falta o encontrará.”

- E agora - acrescentou o marechal - esconde-me nalguma parte até quinta-feira.

Rafté seguiu pontualmente estas instruções. A cartinha foi escrita e mandada, e o marechal foi escondido; o que não impediu que saísse uma noite para ir ao Trianon falar com Nicola, porque estava aborrecido da sua prisão.

A nada se arriscava, ou pelo menos assim o julgava, porque sabia que o Sr. Duque de Aiguillon estava em Luciennes.

Resultou dessa manobra que se o senhor de Aiguillon desconfiava de alguma coisa, não pôde, pelo menos, prevenir o golpe de que era ameaçado, por não encontrar a espada do seu inimigo.

A demora de quinta-feira satisfê-lo; partiu naquele dia de Versalhes com a esperança de encontrar finalmente e de combater esse invisível antagonista.

Era, como dissemos, no dia em que tinha sido assinado o decreto do parlamento.

Uma fermentação surda ainda mais perfeitamente inteligível para o parisiense, que tão bem conhece o nível das suas ondas, reinava nas grandes ruas por onde passou a carruagem do senhor de Aiguillon.

Não fizeram caso dele, porque tinha tomado a precaução de viajar numa carruagem sem brasão, com dois criados sem libré.

Viu com efeito num ou noutro lugar alguns grupos de indivíduos muito ocupados em ler um papel, fazendo gestos e trejeitos e apinhando-se em torno do que lia, como as formigas se apinham em torno de um torrão de açúcar caído no chão; mas era o tempo das agitações inofensivas: o povo agrupava-se geralmente assim por causa de um imposto sobre trigos, por um artigo da Gazeta de Holanda, por uma quadra de Voltaire ou por uma canção contra a du Barry ou contra o senhor de Maupeou.

O senhor de Aiguillon seguiu direito ao palácio do senhor de Richelieu; só encontrou Rafté.

- O senhor marechal - respondeu este - é esperado a todo o momento; o motivo de não ter ainda chegado será talvez proveniente de alguma demora nas barreiras.

O senhor de Aiguillon propôs-se a esperar, manifestando todavia a Rafté o seu mau humor, porque tomava a desculpa por uma nova recusa do marechal.

Esse mau humor aumentou muito quando Rafté lhe disse que o senhor marechal ficaria desesperado, quando voltasse e soubesse que tinham feito esperar o senhor de Aiguillon; que, de mais a mais, virá dormir a Paris, como ao princípio se tinha convencionado; que, sem dúvida, não voltaria sozinho do campo, e apenas atravessaria Paris tocando unicamente no palácio para saber as novidades; que, por conseqüência, seria melhor que o Sr. Duque de Aiguillon voltasse para o seu palácio, onde o senhor marechal o iria procurar.

- Ouça, Rafté - disse de Aiguillon, que se tinha entristecido muito durante esta réplica obscura; - o senhor é a consciência de meu tio: responda-me como homem honrado. Estão zombando de mim, não é verdade? E o senhor marechal não me quer ver. Não me interrompa, Rafté, muitas vezes tem sido para mim um bom conselheiro, e eu tenho sido para o senhor o que ainda serei, um bom amigo; devo voltar para Versalhes?

- Senhor duque, dou-lhe a minha palavra de honra, que antes de uma hora receberá em sua casa a visita do senhor marechal.

- Mas, nesse caso, será melhor esperá-lo aqui, se ele tem de vir a casa.

- Já tive a honra de lhe dizer que talvez não viesse só.

- Compreendo... e tenho a sua palavra, Rafté.

Com estas palavras, o duque saiu pensativo, mas com um modo tão nobre e gracioso quanto o era pouco o rosto do marechal quando saiu de um gabinete, em que estava fechado, logo depois da partida do sobrinho.

O marechal sorria como um daqueles negros demónios que Callot semeou nas suas Tentações.

- De nada desconfia, Rafté? - perguntou ele.

- De nada, senhor.

- Que horas são?

- A hora é indiferente, senhor; devemos esperar que o nosso procuradorzinho do Châtelet nos venha prevenir. Os comissários estão ainda em casa do impressor.

Mal tinha Rafté acabado de falar, quando um criado fez entrar por uma porta secreta uma personagem bastante sebenta, bastante feia, bastante negra, uma dessas penas vivas pelas quais o senhor du Barry professava uma tão violenta antipatia.

Rafté empurrou o marechal para o gabinete, e caminhou todo risonho ao encontro daquele homem.

- Ah! É o senhor, mestre Flageot! - disse ele; - estou encantado de o ver.

- Seu servo, Sr. Rafté; muito bem, o negócio está feito!

- É impresso?

- Uma tiragem de cinco mil exemplares, grande parte dos quais já estão distribuídos, e os outros estão enxugando.

- Que desgraça, meu caro Sr. Flageot! Que desgosto para a família do senhor marechal.

O Sr. Flageot, para se dispensar de responder, isto é, de mentir, tirou da algibeira uma grande caixa de prata, e tomou uma pitada de tabaco espanhol.

- E depois o que se faz? - perguntou Rafté.

- A fórmula do estilo, meu caro Sr. Rafté. Os senhores comissários, seguros da tiragem e da distribuição, entrarão imediatamente na carruagem que os esperará à porta do impressor, e irão significar o decreto ao senhor de Aiguillon, que exactamente, veja que fortuna, quero dizer, que desgraça, Sr. Rafté, se acha no seu palácio em Paris, onde poderão falar-lhe!

Rafté fez um movimento para chegar a uma mesa e pegar num enorme saco cheio de autos que entregou a mestre Flageot, dizendo-lhe:

- Eis aqui os documentos de que lhe falei; o senhor marechal tem a mais ilimitada confiança nas suas luzes e entrega-lhe este negócio, que deve ser de grande vantagem para o senhor. Agradeço os seus serviços no deplorável conflito do senhor de Aiguillon com o todo-poderoso parlamento de Paris, e agradeço igualmente os seus bons conselhos.

E empurrou brandamente, mas com certa pressa, para a porta da antecâmara mestre Flageot, que ia encantado com o peso dos seus autos.

Em seguida, indo soltar o duque da sua prisão, disse-lhe:

- Vamos, para a carruagem, senhor! Não tem tempo a perder; se quer assistir à representação, faça com que os seus cavalos caminhem mais depressa que os dos senhores comissários.

X

EM QUE SE DEMONSTRA QUE O CAMINHO DO MINISTÉRIO NÃO É TODO DE ROSAS

Os cavalos da carruagem do senhor de Richelieu caminhavam mais depressa que os dos senhores comissários, pois que o marechal foi o primeiro a entrar no pátio do palácio do duque de Aiguillon.

O duque não esperava já seu tio, e preparava-se para partir para Luciennes, a fim de anunciar à senhora du Barry que o inimigo tinha tirado a máscara; mas o criado, anunciando o marechal, despertou do fundo do seu entorpecimento aquele espírito desanimado.

O duque correu ao encontro de seu tio, e pegou-lhe nas mãos com uma affectação de ternura medida pelo medo que havia tido.

O marechal imitou o duque: era um quadro tocante. Via-se todavia que o senhor de Aiguillon apressava o momento das explicações, enquanto que o marechal o retardava o melhor que podia, entretendo-se em olhar para um quadro, uma tapeçaria, ou queixando-se de fadiga.

O duque cortou todas as saídas a seu tio, fechou-o numa poltrona como o senhor de Villars tinha fechado o príncipe Eugénio em Marchiennes, e para ataque começou por lhe dizer:

- Meu tio, será verdade que o senhor, o homem mais cheio de espírito da França inteira, me tenha julgado tão mal para crer que eu não seria egoísta por nós ambos?

Não havia que recuar, Richelieu tomou o seu partido.

- O que estás tu aí dizendo? - redargüiu ele - e em que vês tu que eu te julguei bem ou mal, meu caro?

- É porque vejo que está indiferente comigo.

- Eu! A que propósito?

- Oh! Não o negue, senhor marechal; evita-me sempre que de si necessito, basta dizer-lhe isto.

- Palavra de honra, que não te entendo.

- Então vou explicar-lhe tudo. El-rei não quis nomeá-lo ministro, e como eu aceitei o comando da cavalaria ligeira, supõe talvez por isso não só que o abandonei, mas também que o atraíçoei. Pois não é assim, meu tio, e saiba igualmente que aquela boa condessa o traz no coração!

Neste ponto Richelieu mostrou-se mais atento, mas, não foi somente às palavras de seu sobrinho.

- Dizes-me que me tem no coração aquela boa condessa? - acrescentou ele.

- E hei-de prová-lo.

- Mas, meu caro, eu não contesto... Mande-te chamar para me ajudar no trabalho. És mais novo, por consequência mais forte; tu vences, eu sucumbo; é a ordem natural das coisas, e por minha alma, não sei

o que significam os teus escrúpulos; se obraste no meu interesse, és cem vezes aprovado; se obraste contra mim, deixa estar! Não ficarás sem o pago... Vale isto a pena de uma explicação?

- Meu tio, realmente...

- És uma criança, duque. A tua posição é magnífica: par de França, duque, comandante da cavalaria ligeira, ministro em seis semanas, deves ser superior a toda a fútil mesquinhez; o sucesso absolve, meu caro. Supõe... gosto muito dos apólogos... supõe que somos os dois jumentos da fábula... Mas, que bulha é essa que eu ouço?

- Nada, meu tio; continue.

- É alguma coisa, sinto o rodar de uma carruagem no pátio.

- Meu tio, não se interrompa, suplico-lhe; a sua conversa interessa-me muito, eu também gosto dos apólogos.

- Pois bem, meu caro, eu queria dizer-te que nunca, na prosperidade, te dirão de cara a cara os teus erros nem terás de recluir o

despeito dos invejosos; mas se cambaleias, se vacilas... Ah! Então é outro caso, toma cuidado, é nesse momento que o lobo ataca. Mas, vê tu, eu bem to dizia, sinto bulha na tua ante-sala, é que te vem trazer alguém a pasta do ministério... A condessa terá trabalhado a teu favor na alcova.

Entrou o criado.

- Os senhores comissários do parlamento - disse ele com desassossego.

- Ah! - disse Richelieu.

- Comissários do parlamento aqui? O que me querem? - perguntou o duque, pouco sossegado, vendo o sorriso de seu tio.

- Em nome de el-rei! - disse uma voz sonora, entrando na antecâmara.

- Oh! Oh! - exclamou Richelieu.

O senhor de Aiguillon levantou-se pálido, e veio à porta da sala receber e introduzir ele próprio os dois comissários, por detrás dos quais se viam dois meirinhos impassíveis, depois, nalguma distância, uma legião de lacaios espantados.

- O que pretendem de mim? - perguntou o duque com uma voz comovida.

- É com o Sr. Duque de Aiguillon que temos a honra de falar? - disse um dos comissários.

- Sim, senhores, o duque de Aiguillon sou eu.

E acto contínuo, puxou o comissário, da sua cintura, um auto em boa e devida forma, do qual fez uma leitura em voz alta e inteligível, tendo previamente cortejado o duque com o mais profundo respeito.

Era o decreto circunstanciado, completo, que declarava o duque de Aiguillon gravemente culpado e pronunciado por suspeitas mesmo de factos que lhe manchavam a honra, e o suspendia das suas funções de par do reino.

O duque ouviu essa leitura como um homem fulminado ouve o ribombo do trovão. Não se moveu mais que o faria uma estátua sobre um pedestal, e nem sequer estendeu a

mão para receber a cópia do decreto que lhe oferecia o comissário do parlamento.

Foi o marechal que, de pé também, mas atento e com vivacidade, recebeu esse papel, leu-o, e cortejou os comissários.

Já estes iam longe e ainda o duque de Aiguillon se conservava no mesmo entorpecimento.

- É este um terrível golpe - disse Richelieu! - já não és par de França, é uma humilhação.

O duque voltou-se para o tio, como se nesse momento unicamente cobrara alma e vida.

- Não esperavas por isto? - disse Richelieu no mesmo tom.

- E meu tio? - redargüiu de Aiguillon.

- Como queres tu que alguém pudesse suspeitar que o parlamento declararia uma semelhante guerra ao favorito do rei e da favorita?... Essa gente há-de fazer-se esmagar.

O duque sentou-se, e encostou à mão o seu rosto abrasado.

- É que - prosseguiu o velho marechal cravando cada vez mais o punhal na sua vítima - se o parlamento te demite de par por teres sido nomeado comandante da cavalaria ligeira, é capaz de te mandar prender e queimar no dia em que fores nomeado ministro. Essa gente odeia-te, de Aiguillon; desconfia deles.

O duque sustentou essa horrível zombaria com uma constância heróica; a sua desgraça o engrandecia, apurava-lhe a alma.

Richelieu julgou que essa constância era insensibilidade, ininteligência talvez, e que as ferroadelas não tinham sido agudas bastante.

- Não sendo já par - disse ele - estarás menos exposto ao ódio desses samarras... Refugia-te por alguns anos na obscuridade. Demais, bem vês que a obscuridade, tua salvaguarda, vai chegar mesmo sem que o queiras; caído das funções de par, mais dificilmente chegarás ao ministério, e assim te

salvarás; quando pelo contrário, se queres lutar, meu amigo, ah! nesse caso, tens por ti a senhora du Barry, que te protege, e que é um sólido apoio.

O senhor de Aiguillon levantou-se. Nem mesmo respondeu ao marechal com um olhar de raiva por todos os padecimentos que o velho lhe fizera sofrer.

- Tem razão, meu tio - respondeu ele sossegadamente - e a sua sabedoria transluz nesse conselho. A Sr^a. Condessa du Barry, a quem teve a bondade de me apresentar, e a quem disse tanto bem de mim e com tanta veemência, como todos são testemunhas em Luciennes, a senhora du Barry me defenderá. Graças a Deus, ela estima-me, é forte, e tem imenso poder sobre o espírito de Sua Majestade. Obrigado, meu tio, agradeço o seu conselho, abraço-o com toda a minha alma, porque nele acharei a salvação. A minha carruagem! Bourguignon, vamos a Luciennes.

O marechal suspendeu o riso que começara.

O senhor de Aiguillon cumprimentou respeitosamente seu tio, e saiu da sala deixando o marechal muito intrigado, e sobretudo confuso e perturbado pela raiva com que tinha mordido naquela carne tão viva e nobre.

Houve alguma consolação para o velho marechal na louca alegria dos parisienses, quando à noite leram os dez mil exemplares do decreto que se arrancavam uns aos outros nas ruas. Mas não pôde evitar um suspiro, quando à noite Rafté lhe pediu contas do que se tinha passado.

Ele contou-lhe tudo com a maior exactidão.

- O golpe portanto foi recebido?- disse o secretário.

- Sim e não, Rafté; mas a ferida não é mortal, e temos no Trianon coisa muito melhor que estou arrependido de não haver unicamente posto em andamento. Corremos duas lebres, Rafté... É uma grande loucura.

- Por quê, uma vez que agarremos a melhor?

- Ah! meu caro, a melhor, lembra-te sempre disto, a melhor é aquela que não se agarra, e por essa estamos sempre prontos a dar a outra, isto é, a que temos em nosso poder.

Rafté encolheu os ombros, e entretanto o senhor de Richelieu tinha razão.

- Julga - disse ele - que o senhor de Aiguillon poderá sair-se de uma destas?

- Julgas tu que el-rei se sairá bem, pateta?

- Oh! El-rei faz um buraco em qualquer parte e passa; mas parece-me que não estamos tratando de el-rei.

- Onde el-rei passar, há-de passar a senhora du Barry, que anda tão junta dele... E por onde passar a senhora du Barry, também de Aiguillon poderá passar, ele que... Mas tu nada entendes de política, Rafté.

- Senhor, não é essa a opinião do mestre Flageot.

- Bom! O que diz então mestre Flageot, e principalmente quem é esse mestre Flageot?

- É um procurador, senhor.

- E depois?

- Depois, mestre Flageot pretende que el-rei mesmo não se poderá sair bem dali.

- Oh! Oh! Quem porá então obstáculos ao leão?

- Eu sei, senhor, talvez seja o rato!...

- Mestre Flageot, então?

- Diz que sim.

- E crês o que ele diz?

- Sempre creio o que diz um procurador, quando promete fazer mal.

- Veremos, Rafté, quais são os meios de mestre Flageot.

- É também o que eu digo, senhor.

- Então vem cear, porque me quero deitar... Estou incomodado por ver que o meu pobre sobrinho já não é par de França e que não há-de ser ministro. Bem vêes que um tio, Rafté, sempre se sente destas coisas.

O senhor de Richelieu começou a suspirar, e depois deu uma gargalhada.

- O senhor tem portanto tudo que lhe é preciso para ser ministro - redargüiu Rafté.

XI

O SENHOR DE AIGUILLON TOMA A SUA DESFORRA

No dia seguinte àquele em que o terrível decreto do parlamento havia feito grande barulho em Paris e Versalhes, quando todos estavam à espera de ver as conseqüências desse decreto, o Sr. Duque de Richelieu, que se tinha transportado para Versalhes e tomara novamente a sua vida regular, viu Rafté entrar no seu quarto trazendo uma carta na mão. O secretário cheirava e pesava essa carta com um desassossego que logo se comunicou ao amo.

- Que mais temos, Rafté? - perguntou o marechal.

- Alguma coisa pouco agradável, imagino eu, senhor, e que está fechada aqui dentro.

- Por que imaginas isso?

- Porque a carta é do Sr. Duque de Aiguillon.

- Ah! Ah! - disse o duque - do meu sobrinho?

- Sim, senhor marechal; ao sair do conselho de el-rei, veio um meirinho da câmara e entregou-me esta carta para o senhor; há dez minutos que a viro e reviro, e parece-me ver nela alguma má nova.

O duque estendeu a mão.

- Dá-ma - disse ele - eu sou valente.

- Previno-o - interrompeu Rafté - que o meirinho quando ma deu, riu-se maliciosamente.

- Diacho! Isso desassossega-me. Dá-ma sempre - respondeu o marechal.

- E acrescentou: "O Sr. Duque de Aiguillon recomenda que esta carta seja imediatamente entregue ao senhor marechal".

- Dor humana! Quanto tu és má! - exclamou o velho marechal rompendo o selo com mão firme.

E leu.

- Ah! Ah! O senhor faz visagens - disse Rafté, que estava em observação com as mãos atrás das costas.

- Será possível? - murmurou Richelieu prosseguindo na leitura.

- É caso sério, segundo parece?

- Parece que estás encantado?

- Certamente, por ver que não me tinha enganado.

O marechal continuou a sua leitura.

- El-rei é bom - disse ele passado um instante.

- Nomeia ministro o senhor de Aiguillon?

- Melhor do que isso.

- Oh! Oh! Então o quê?

- Lê e comenta.

Rafté leu a carta, a qual, escrita pelo próprio punho do duque de Aiguillon, era concebida nestes termos:

“Meu querido tio.

O seu bom conselho produziu óptimo efeito: confiei as minhas penas a essa excelente amiga da nossa casa, a Sr^a. Condessa du Barry, que se dignou depositar a minha confiança no seio de Sua Majestade. El-rei indignou-se das violências que me fizeram aqueles senhores do parlamento, a mim que tão fiel e lealmente me tenho empregado em seu serviço, e no seu conselho de hoje. Sua Majestade houve por bem caçar e anular o decreto do parlamento, e intimou-me a continuar as minhas funções de par de França.

Sabendo o prazer que esta notícia lhe há-de causar, meu querido tio, mando-lhe o teor da resolução de Sua Majestade tomada em conselho de hoje. Mande-a copiar por um secretário, e tem a notificação primeiro que qualquer outra pessoa.

Acredite no meu terno respeito, meu querido tio, e continue a conceder-me a sua protecção e os seus bons conselhos.

Duque de Aiguillon."

- Ainda em cima escarnece de mim! -
bradou Richelieu.

- Por minha alma, creio que sim, senhor.

- O rei! O rei que se lança no vespeiro.

- Ontem não o queria acreditar.

- Eu não disse que ele não andaria mal,
Rafté, o que eu disse é que se havia de sair
bem... Ora bem vêes que se saiu menos mal.

- O facto é que o parlamento fica batido.

- E eu também!

- Por enquanto, sim.

- Para sempre! Ontem o pressenti eu, e
tanto me quiseste consolar, que não podia
deixar de me suceder alguma desgraça.

- Senhor, parece-me que desanima muito
cedo.

- Rafté, tu és um pateta. Fui batido e hei-
de pagar as custas. Talvez não compreendas
tudo quanto há para mim de desagradável
em ser o alvo das gargalhadas de Luciennes;
neste momento o duque está escarnecendo de

mim nos braços da senhora du Barry; a Sr^a. Chon e João du Barry têm-me tomado por assunto das suas gargalhadas, o preto está comendo bolos e fazendo-me negaças. Com os diabos! Tenho um bom génio, mas tudo isso me torna furioso.

- Furioso, senhor?

- É como te digo, furioso!

- Então não deveria ter feito o que fez – redargüiu Rafté filosoficamente.

- Tu assim mo aconselhaste.

- Eu?

- Sim, tu.

- Ora! Que me importa a mim que o senhor de Aiguillon seja ou deixe de ser par de França? Seu sobrinho não me faz mal algum, parece-me.

- Rafté, tu és um impertinente.

- Há quarenta e nove anos que mo diz, senhor.

- E ainda to repetirei.

- Mas não quarenta e nove anos mais, é o que me sossega.

- Rafté, se é assim que te interessas por mim...

- Interessar-me pelas suas pequenas paixões, não, senhor duque, nunca... Homem de espírito como é, faz loucuras que eu não perdoaria a um ignorante como eu.

- Faz o favor de te explicares, Rafté, e se eu não tiver razão, confessá-lo-ei.

- Precisou ontem de uma vingança, não é verdade? Quis ver a humilhação de seu sobrinho, quis de alguma maneira levar o senhor mesmo o decreto do parlamento e contar os estremecimentos e as palpitações da sua vítima, como diz o senhor de Crébillon filho. Pois bem, senhor marechal, esses divertimentos custam caros. É rico, pague, senhor marechal, pague!

- No meu lugar o que terias feito, tu, meu homem de espírito, vejamos?

- Nada... Teria esperado sem dar sinal de vida; mas morreria por ver o parlamento em oposição à du Barry, no momento em que ela

achasse que o senhor de Aiguillon era mais moço do que o senhor.

O marechal resmungou, foi a sua única resposta.

- Então! - prosseguiu Rafté - o parlamento estava bastante insinuado por si para fazer o que fez; uma vez publicado o decreto, ofereceria os seus serviços ao senhor de Aiguillon, que nada teria desconfiado.

- Tudo isso é muito bonito e muito bom, e admito que andei mal; mas então deverias ter-me avisado.

- Eu, impedir de fazer o mal!... Toma-me por outro, senhor marechal; diz a toda a gente que sou o homem de que precisa, que me educou, e queria que eu não ficasse encantado de ver fazer uma loucura ou acontecer uma desgraça!... Ora adeus!

- Há-de então suceder alguma desgraça, senhor feiticeiro?

- Certamente.

- Qual é?

- É que teimará, e que o senhor de Aiguillon tomará o partido entre o parlamento e a senhora du Barry; nesse dia ele será ministro e o senhor exilado... ou encerrado na Bastilha.

O marechal, enraivecido, entornou sobre o tapete todo o rapé da sua caixa.

- Na Bastilha! - disse encolhendo os ombros; - pensas que Luís XV é o mesmo que Luís XIV?

- Não; mas a senhora du Barry, ajudada pelo senhor de Aiguillon, há-de equivaler à senhora de Maintenon. Tome cuidado, eu não conheço princesas de sangue que lhe fossem agora levar lá bolos e carícias.

- Eis aí fartura de profecias!... - respondeu o marechal depois de um grande silêncio. - Lês no futuro, mas quanto ao presente, o que me dizes?

- O senhor marechal é muito sábio para que se lhe devam dar conselhos.

- Ouve, grande garoto, também tu queres zombar comigo?...

- Repare, senhor marechal, que confunde as datas; já se não chama garoto a um homem depois dos quarenta anos, e eu tenho sessenta e sete.

- Não importa... Tira-me de uma destas, e... Já... Depressa!... Depressa!...

- Por um conselho?

- Pelo que tu quiseses.

- Ainda não é tempo.

- Decididamente, fazes-te engraçado.

- Prouvera a Deus!... Se eu estivesse fazendo de engraçado, era porque as circunstâncias o permitiam... Mas desgraçadamente não é assim.

- O que queres tu dizer com essa tua resposta: “ainda não é tempo?”

- Não, senhor, não é tempo. Se a notificação do decreto de el-rei tivesse chegado a Paris, não digo... Quer que mandemos um correio ao Sr. Presidente de Aligre?

- Para que escarneçam mais depressa de nós...

- Que ridículo amor-próprio, senhor marechal! Será capaz de voltar o juízo a um santo... Olhe, deixe-me acabar o meu plano de desembarque na Inglaterra, e acabe de se afogar nessa intriga ministerial, já que o trabalho está meio feito.

O marechal conhecia bem a acrimónia do Sr. Rafté; por isso sabia que, uma vez declarada a sua melancolia, se tornava casmurro.

- Vamos, não te amues - disse ele - e se eu não compreendo, faz-me compreender.

- Então quer que lhe vá traçar um plano de proceder?

- Certamente, pois que afirmas que não sei proceder sozinho.

- Pois então ouça!

- Estou ouvindo.

- Mandará ao senhor de Aligre - disse Rafté com modo rabugento - a carta do senhor de Aiguillon, juntando-lhe a resolução tomada em conselho por Sua Majestade; esperará que se tenha reunido o parlamento e

que tenha deliberado, o que deverá verificar-se imediatamente; depois, meter-se-á na sua carruagem e irá fazer uma pequena visita a mestre Flageot, seu procurador.

- O quê? - bradou Richelieu, a quem esse nome fez estremecer como na véspera; - ainda o Sr. Flageot! Que diabo tem mestre Flageot que fazer nisto tudo, e o que irei eu fazer a casa desse tal mestre Flageot?

- Já tive a honra de lhe dizer, senhor, que mestre Flageot é um procurador.

- Bem, e depois?

- Depois, sendo o seu procurador, tem papéis seus... Umas demandas quaisquer... Irá pedir-lhe novas das suas demandas.

- Amanhã?

- Sim, senhor marechal, amanhã.

- Mas isso é negócio da sua competência, Rafté.

- Nada, nada... Isso era bom quando mestre Flageot não passava de um simples borrador de papéis; então podia eu tratar de igual para igual com ele; mas como a começar

de amanhã, mestre Flageot é um Atila, um flagelo dos reis, nada menos, não é muito que um duque, par e marechal de França, vá conferenciar com aquele todo-poderoso.

- Tudo isso é sério, ou estamos nós representando uma comédia?

- Verá amanhã se é sério, senhor.

- Diz-me o que me há-de acontecer em casa do teu mestre Flageot?

- Muita pena teria eu disso... Havia de querer amanhã provar-me que tinha adivinhado... Boa noite, senhor marechal. Lembre-se disto: um correio ao senhor de Aligre imediatamente, amanhã uma visita ao mestre Flageot. Ah! A morada... O cocheiro sabe-a, tem-me levado bastantes vezes a casa dele nestes últimos oito dias.

XII

EM QUE O LEITOR ENCONTRA UMA ANTIGA CONHECIDA, QUE JULGAVA PERDIDA, E DE QUEM TALVEZ NÃO TENHA MUITAS SAUDADES

O leitor certamente não perguntará por que motivo mestre Flageot, que tão majestoso papel vai representar, era chamado procurador em vez de advogado e como nesta pergunta tem o leitor toda a razão, satisfaremos a sua exigência.

Os feriados eram desde algum tempo muito repetidos nos parlamentos, e os advogados falavam tão pouco que nem valia a pena pensar nisso.

Mestre Flageot, prevendo o momento em que não haveria mesmo nada que advogar, fez alguns contratos com mestre

Guildou, procurador, que lhe cedeu escritório e freguesia pela soma de vinte e cinco mil libras dadas por uma só vez. Eis aqui o modo pelo qual vemos mestre Flageot feito procurador. Se nos perguntarem de que modo pagou as vinte e cinco mil libras, responderemos que foi casando com a Sr^a. Margarida, que herdou essa soma pelos fins do ano de 1770, três meses antes do exílio do senhor de Choiseul.

Havia muito tempo que mestre Flageot se tornava saliente pela sua perseverança em sustentar o partido da opposição. Assim que se viu procurador, dobrou de violência, com a qual ganhou alguma celebridade, e foi essa celebridade, junta à publicação de uma memória incendiária sobre o conflito do senhor de Aiguillon com o senhor de La Chalotais, que atraiu a atenção do Sr. Rafté, o qual tinha necessidade de estar ao facto dos negócios do parlamento.

Mas, apesar da sua nova dignidade e crescente importância, mestre Flageot não se

mudou da Rua do Petit-Lion-Saint-Sauveur. Teria sido muito duro para a Sr^a. Margarida não ouvir as vizinhas chamarem-lhe a Sr^a. Flageot, e não ser respeitada pelos escreventes de mestre Guildou, agora ao serviço do novo procurador.

Pode-se imaginar o que sofreria o senhor de Richelieu ao atravessar Paris, a nauseabunda Paris daquela zona, para chegar àquele buraco mal cheiroso a que a edilidade parisiense concedia o nome de rua.

Diante da porta de mestre Flageot, a carruagem do senhor de Richelieu teve de parar por causa de outra carruagem que aí estava.

O marechal viu uma senhora que se apeava daquela carruagem, e como os seus setenta e cinco anos não o tinham demitido do seu ofício de elegante, apressou-se em sujar os pés na lama para ir oferecer a mão àquela senhora que se apeava sozinha.

Mas, era um dia aziago para o marechal; uma perna seca e rugosa, que se estendeu

para o estribo, denunciou que era uma velha. Um rosto enrugado, pintado de vermelho, acabou de lhe provar que aquela mulher não só era velha, mas também decrépita.

Contudo não era possível recuar, o marechal havia feito o movimento, que tinha sido visto; além disso, o senhor de Richelieu não era moço. Entretanto a demandista - e qual seria a mulher, possuindo carruagem, que entrasse em semelhante rua a não ser uma demandista? - entretanto, dizemos nós, a demandista não imitou a hesitação do duque; pôs com um sorriso horrível a sua pata na mão de Richelieu.

- Já vi esta cara nalguma parte - disse o marechal em voz baixa.

E em voz alta acrescentou:

- A senhora sobe também para a casa de mestre Flageot?

- Sim, senhor duque - redargüiu a velha.

- Oh! Tenho a honra de ser seu conhecido, minha senhora?! - exclamou o

duque, desagradavelmente surpreendido, parando no limiar do sombrio corredor.

- Quem não conhece o senhor marechal, duque de Richelieu? - lhe respondeu ela. - Seria preciso para isso não ser mulher.

- Pelo que parece este mono conta-se no número das mulheres! - murmurou em voz baixa o vencedor de Mahon.

E cortejou-a o mais amavelmente que pôde.

- Perdoe-me a liberdade que tomo - acrescentou ele - de perguntar com quem tenho a honra de falar?

- Sou a condessa de Béarn, uma sua criada - respondeu a velha fazendo uma medida da corte no sobrado lamacento do corredor, a três polegadas de distância de um alçapão que estava aberto no chão, e pelo qual o duque esperava maldosamente vê-la desaparecer, quando fizesse a sua terceira medida.

- Estou encantado, minha senhora, muito encantado de o saber, e dou mil

agradecimentos ao acaso; tem também demandas, senhora condessa?

- Ah! Senhor duque, tenho uma só; mas que demanda! Decerto terá ouvido já falar nela?

- É verdade, é verdade, aquela grande demanda... é verdade, perdoe-me. Como diacho tinha eu esquecido semelhante coisa?

- Contra os Salúcios.

- Contra os Salúcios, sim, senhora condessa; aquela demanda a respeito da qual fizeram aquela canção...

- Uma canção!... - disse a velha sentida - que canção?

- Cuidado, minha senhora, há aqui um recanto - disse o duque, que decididamente viu que a velha não se deixaria cair para dentro do alçapão; - agarre-se ao corrimão... Isto é, à corda.

A velha condessa subiu os primeiros degraus. O duque seguiu-a.

- Sim, uma canção bem esquisita - disse ele.

- Uma canção esquisita a respeito da minha demanda...

- Ora! Ajuíze a senhora mesmo... Mas talvez a conheça já?

- Nada, não.

- É para se cantar no tom da Bourbonnaise; há uma copla que diz assim:

Minha rica condessinha,
Que me sirvais de madrinha.
Vos venho suplicar...

- É a senhora du Barry quem fala, percebe?

- É uma impertinência contra ela...

- O que se lhe há-de fazer! Os cançonetistas... A nada têm respeito. Santo Deus! Como esta corda está gordurenta!

Então a senhora responde isto:

Sou velha e teimosa,
Tenho uma demanda ruinosa.
Quem ma vencerá?

- Ah! Senhor, isso é horrível! - exclamou a condessa; - não se ultraja assim uma pessoa de bem.

- Desculpe, minha senhora, se cantei desafinado; é porque venho cansado de subir esta maldita escada... Ah! estamos chegados; dê-me licença de tocar.

A velha demandista, resmungando, deixou passar o duque adiante.

O marechal tocou, e a Sr^a. Flageot, que, por ser procuradora não tinha deixado de ser porteira e cozinheira, veio abrir a porta.

Os dois demandistas, introduzidos no gabinete de mestre Flageot, acharam um homem furioso que se esgrimia, de pena entre dentes, ditando um *factum* terrível ao seu primeiro escrevente.

- Meu Deus, mestre Flageot, o que é isso? - bradou a condessa, cuja voz fez voltar o procurador.

- Ah! Minha senhora, sou seu humilde servo. Uma cadeira à Sr^a. Condessa de Béarn. Aquele senhor vem consigo, minha

senhora?... Ah! Mas não me engano; o Sr. Duque de Richelieu em minha casa!... Outra cadeira, Bernadete, outra cadeira!

- Mestre Flageot - disse a condessa - em que alturas vai a minha demanda?

- Ah! Minha senhora, estava agora justamente ocupando-me de si.

- Muito bem, mestre Flageot, muito bem.

- E de um modo, senhora condessa, que há-de dar que falar, assim o espero.

- Ah! Cuidado...

- Oh! minha senhora, já não há necessidade de cautela...

- Se se ocupa de mim, então pode dar audiência ao senhor duque.

- Senhor duque, desculpe - disse mestre Flageot - mas é bastante delicado para não compreender...

- Compreendo perfeitamente, mestre Flageot.

- Agora, estou inteiramente às suas ordens.

- Sossegue, que eu não abusarei. Sabe o que me traz aqui?

- Os sacos que o Sr. Rafté me entregou o outro dia.

- Alguns documentos relativos à minha demanda de... à minha demanda do... Com os diabos! Deve saber de que demanda pretendo falar, mestre Flageot.

- Da sua demanda da fazenda de Chapenat.

- Sim, é essa; e far-ma-á ganhar, saibamos? Seria uma bela acção da sua parte.

- Senhor duque, isso é negócio adiado indefinidamente.

- Ora! Por quê?

- É negócio que se não há-de discutir antes de um ano, pelo menos.

- Mas por que razão?

- As circunstâncias, senhor duque, as circunstâncias... Viu o decreto de Sua Majestade?

- Creio que sim... Qual deles? Sua Majestade promulga tantos decretos!

- O que anula o nosso.

- Muito bem. E depois?

- E depois, senhor duque, responderemos a isso, queimando as nossas embarcações.

- Queimando as suas embarcações, meu caro? Quer queimar as embarcações do parlamento? Isso é que eu não acho muito claro, mesmo porque ignorava que o parlamento tivesse embarcações.

- Talvez a primeira câmara se recuse a registrar? – perguntou a condessa de Béarn, a quem a demanda do senhor de Richelieu não distraía por forma alguma.

- Melhor do que isso.

- A segunda também?

- Isso seria uma bagatela... As duas câmaras tomaram a resolução de não julgar coisa alguma enquanto o senhor de Aiguillon não for retirado por el-rei.

- Ora adeus! - bradou o marechal batendo as palmas.

- Não julgar mais... O quê? - perguntou a condessa um tanto assustada.

- As demandas, minha senhora.

- Pois não hão-de julgar a minha?! - exclamou a senhora de Béarn possuída do maior terror.

- Nem a sua, minha senhora, nem a do senhor duque.

- Mas é uma iniquidade, é uma rebelião às ordens de Sua Majestade!

- Minha senhora - respondeu majestosamente o procurador - Sua Majestade El-rei cometeu um erro... Nós cometemos outro.

- Sr. Flageot, vai fazer com que o metam na Bastilha, leu bem o aviso.

- Para lá irei cantando, minha senhora, e se eu for, todos os meus colegas me seguirão levando palmas.

- Está doido! - disse a condessa para Richelieu.

- Todos nós somos assim - redargüiu o procurador.

- Oh! Oh! - disse o marechal - o caso é curioso.

- Mas, senhor, ainda há pouco me disse que se estava ocupando de mim - atalhou a condessa.

- Disse-o, é verdade... É o primeiro exemplo que cito na minha narração; eu vou ler-lhe o parágrafo que lhe diz respeito.

E arrancou das mãos do seu escrevente o *factum* começado, pôs os óculos e leu com ênfase:

“Perdido o seu estado, comprometidas as suas fortunas, seus deveres calcados aos pés... Sua Majestade compreenderá quanto devem ter sofrido... Assim, o expositor tinha entre mãos um negócio importante, negócio do qual depende a fortuna de uma das primeiras casas do reino; por seus cuidados, por sua indústria, por seu talento, ousou dizê-lo, caminhava este negócio o mais favoravelmente que se podia esperar, e o direito da muito alta e muito poderosa Sr^a. Angélica Carlota Verónica, condessa de

Béarn, ia ser reconhecido e proclamado, quando o sopro da discórdia... engolfando-se...”

- Estava neste ponto, minha senhora - disse o procurador dando-se certos ares de importância - e parece-me que a figura de retórica é bela.

- Sr. Flageot - disse a condessa de Béarn - há quarenta anos que pela primeira vez fiz advogar um negócio meu pelo senhor seu pai, digno e santo homem; continuei a ser sua cliente, tem ganho dez ou doze mil libras com os meus negócios, e talvez tivesse ganho outro tanto.

- Escreva, escreva isso tudo - disse vivamente Flageot ao seu escrevente - é uma testemunha, é uma prova: será inscrita na confirmação.

- Ora - interrompeu a condessa - retire-lhe os meus autos; o começar neste momento, perdeu toda a minha confiança.

Mestre Flageot, assombrado com esta notícia como se um raio lhe caíra em cima,

ficou alguns momentos estupefacto; mas levantando-se logo como um mártir que confessa o seu Deus, disse:

- Está dito! Bernadete, restitua à senhora condessa os seus autos, e consigna este facto - acrescentou ele que o expositor preferiu a consciência à fortuna.

- Perdão, condessa - disse o marechal ao ouvido da senhora de Béarn - mas parece-me que não reflectiu.

- Em quê, senhor duque?

- Retira os seus autos das mãos daquele valente protestador? Para quê?

Mestre Flageot ergueu os olhos para o céu com um fúnebre sorriso de abnegação, de resignação estóica.

- Mas - continuou o marechal, falando sempre ao ouvido da condessa de Béarn - como está decidido que as câmaras nada julgarão, minha querida senhora, um outro procurador não poderá ocupar-se mais de si do que mestre Flageot...

- Então é uma liga?

- Pudera! Julga que mestre Flageot seria tão tolo que fosse protestar sozinho para perder ele só o seu estabelecimento, se os seus colegas não fizessem como ele, e por conseqüência o não ajudassem?

- E o senhor duque, o que faz?

- Eu declaro que mestre Flageot é um procurador muito honrado, e que os meus autos tão bem estão em casa dele como em minha casa... Por conseqüência deixo-lhos, pagando-lhe sempre, já se sabe, como se a demanda prosseguisse.

- É com muita razão, senhor marechal, que dizem que é um espírito generoso e liberal! - exclamou mestre Flageot; - eu propagarei essa fama que tem, senhor duque.

- Muito agradecido, meu caro procurador - respondeu Richelieu inclinando-se.

- Bernadete! - bradou entusiasmado o procurador ao escrevente - insira na peroração o elogio do Sr. Marechal de Richelieu.

- Não, não! Mestre Flageot, peço-lhe... - redargüiu vivamente o marechal; - diacho! O que vai o senhor fazer? Gosto muito que se guarde segredo para aquilo a que se convencionou chamar uma boa acção... Não me queira desgostar, mestre Flageot, eu negaria tudo, desmentiria: a minha modéstia é susceptível... Vamos, condessa, que dizia a senhora?

- Digo que a minha demanda há-de ser julgada... Que preciso um julgamento e que hei-de tê-lo.

- E eu digo-lhe que se a sua demanda for julgada, minha senhora, é porque el-rei terá mandado os suíços, a cavalaria ligeira e vinte peças de artilharia para a sala grande - respondeu mestre Flageot com um ar bélico, que acabou por consternar a demandista.

- Não lhe parece então que Sua Majestade possa desfazer essa liga? - disse Richelieu em voz baixa a Flageot.

- É impossível, senhor marechal; é um caso inaudito; acabou-se a justiça em França, é como se se acabasse o pão.

- Julga isso?

- Verá.

- Mas el-rei há-de enfadar-se.

- Estamos decididos a tudo!

- Mesmo ao desterro?

- Mesmo à morte! Senhor marechal, a saia que trazemos não nos tirou o coração.

E o Sr. Flageot bateu no peito um murro vigoroso.

- Com efeito - disse Richelieu para a sua companheira - parece-me este um mau negócio para o ministério.

- Oh! Sim - respondeu a velha condessa depois de um instante de silêncio - e bem triste para mim, que me não importa com semelhantes coisas, ver-me presa neste conflito.

- Parece-me, minha senhora - disse o marechal - que há alguém que a auxiliaria

neste negócio, uma pessoa muito poderosa...
Mas essa pessoa quererá?

- Será curiosidade de mais, senhor duque, perguntar-lhe o nome dessa potência?

- É a sua afilhada - disse o duque.

- Oh! Oh! A senhora du Barry?

- Ela mesma.

- Efectivamente, é verdade... A sua idéia é excelente.

O duque mordeu os lábios.

- Pois queria ir a Luciennes? - disse ele.

- Sem hesitar.

- Mas a condessa du Barry não poderá quebrar a oposição do parlamento.

- Hei-de dizer-lhe que quero ver a minha demanda julgada, e como nada me pode recusar, depois do serviço que lhe prestei, ela dirá a el-rei que deseja isso. Sua Majestade falará com o chanceler, que é poderoso, senhor duque... Mestre Flageot, faça sempre o favor de estudar bem o meu negócio; há-de ser julgado mais cedo do que pensa: sou eu que lho afirmo.

Mestre Flageot virou a cabeça com uma incredulidade que não fez desdizer a condessa.

Durante este tempo o duque tinha reflectido.

- Então, como vai a Luciennes, minha senhora, quereria fazer-me a honra de apresentar lá os meus sinceros respeitos?

- De muito boa vontade, senhor duque.

- Somos companheiros de infortúnio; a sua demanda está em perigo, a minha também; pedindo por si, trabalharia por mim... Além disso, poderia lá mostrar o desprazer que me causam aquelas cabeças duras do parlamento; acrescentará que foi a instâncias minhas que recorreu à divindade de Luciennes.

- Conte com isso, senhor duque. Adeus, meus senhores.

- Faça-me a honra de aceitar a minha mão para a conduzir à carruagem. Adeus, mestre Flageot, deixo-o entregue às suas ocupações...

O marechal conduziu a condessa para a carruagem.

- Rafté tinha razão - disse ele - os Flageot vão fazer uma revolução. Graças a Deus, estou especado por dois lados. Sou da corte e do parlamento. A senhora du Barry vai envolver-se na política e cair sozinha; se resiste, tenho a minha pequena mina do Trianon. Decididamente, aquele diabo de Rafté é da minha escola, e hei-de nomeá-lo chefe do meu gabinete no dia em que eu for ministro.

XIII

EM QUE AS COISAS CADA VEZ MAIS SE COMPLICAM

A senhora de Béarn aproveitou literalmente o conselho de Richelieu; duas horas e meia depois de se ter separado dele, estava a condessa nas antecâmaras de Luciennes em companhia de Zamora.

Havia já algum tempo que não ia a casa da senhora du Barry; por isso a sua presença produziu um efeito de curiosidade no toucador da condessa, onde o seu nome foi pronunciado.

O senhor de Aiguillon também não tinha perdido o seu tempo, e conspirava com a favorita quando Chon veio pedir audiência para a senhora de Béarn.

O duque quis retirar-se, a senhora du Barry deteve-o.

- Prefiro que esteja presente - disse ela; - no caso em que a minha velha viesse pedir-me algum dinheiro emprestado, poderá ser-me aqui de grande utilidade, porque me pedirá menos.

O duque ficou.

A senhora de Béarn, com um rosto adequado à circunstância, sentou-se defronte da condessa du Barry numa poltrona que esta lhe ofereceu, e feitas as primeiras cortesias a senhora du Barry perguntou:

- Posso saber ao que devo a fortuna de a ver, minha senhora?

- Ah! Minha senhora - disse a velha demandista sucede-me uma grande desgraça.

- O que é, minha senhora?

- Uma notícia que muito há-de afligir Sua Majestade El-rei.

- Fale depressa, minha senhora.

- Os parlamentos...

- Ah! Ah! - resmungou o Sr. Duque de Aiguillon.

- O Sr. Duque de Aiguillon! - apressou-se em dizer a condessa apresentando o seu hóspede à sua visitante, com receio de algum dito inconveniente.

Mas a velha condessa era tão esperta como todos os cortesãos reunidos, e só cometia inconveniências quando lhe convinha e lhe parecia serem úteis.

- Eu sei - disse ela - de todas as torpezas daqueles samarras, e o pouco respeito que eles têm pelo mérito e pelo nascimento.

Este cumprimento, disparado à queimadura sobre o duque, atraiu uma bela cortesia deste para a demandista, que se levantou e lhe correspondeu.

- Mas - prosseguiu ela - já não é do senhor duque que se trata, é da população toda inteira; os parlamentos recusam funcionar.

- Realmente! - bradou a senhora du Barry encostando-se no sofá - já não haverá justiça em França? Pois bem, sendo assim, que mudança poderá isso causar?

O duque sorriu. A senhora de Béarn, em vez de tomar o dito a boa parte, carregou ainda mais o seu rosto melancólico.

- É um grande desastre, minha senhora - disse ela.

- Ora! Realmente? - respondeu a favorita.

- Bem se vê, senhora condessa, que tem a fortuna de não ter demandas.

O senhor de Aiguillon tossiu para chamar a atenção da senhora du Barry, que afinal compreendeu a insinuação da demandista.

- Ah! É verdade, minha senhora - disse ela imediatamente - com isso me faz lembrar que se não tenho demandas, a senhora tem uma demanda muito importante!

- Oh! Sim!... Minha senhora... E toda a demora me é muito prejudicial.

- Infeliz senhora!

- Seria preciso, senhora condessa, que el-rei tomasse uma resolução.

- Ora! Minha senhora, Sua Majestade está disposta a tudo; há-de desterrar os senhores conselheiros, e acaba-se logo tudo.

- Mas então, minha senhora, é um adiamento infinito.

- Acha algum outro remédio, minha senhora? Digne-se indicá-lo.

A demandista encobriu-se com a sua touca, como César expirando se envolveu na sua toga.

- Haveria seguramente um meio - disse então de Aiguillon - mas Sua Majestade duvidaria talvez empregá-lo.

- Qual é? - perguntou a demandista com ansiedade.

- O recurso ordinário da realeza em França, quando não acha outro, é convocar uma sessão real e dizer: "Eu quero!" ainda mesmo quando toda a oposição pensa o contrário.

- Excelente idéia! - exclamou a senhora de Béarn entusiasmada.

- Mas que seria conveniente não divulgar - respondeu com finura de Aiguillon fazendo um gesto que a condessa de Béarn compreendeu.

- Oh! Minha senhora - disse então a demandista - visto ter tanto poder sobre Sua Majestade, faça com que diga: "Quero que seja julgada a demanda da senhora de Béarn." E demais, bem o sabe, é coisa prometida há muito tempo.

O senhor de Aiguillon mordeu os lábios, cortejou com o olhar a senhora du Barry e saiu do gabinete. Acabava de sentir no pátio a carruagem de el-rei.

- Aí vem el-rei! - disse a condessa du Barry erguendo-se para despedir a demandista.

- Oh! Minha senhora, por que não permitirá que eu me lance aos pés de Sua Majestade?

- Para lhe pedir uma sessão real? De boa vontade - redargüiu vivamente a condessa. -

Demore-se aqui, minha senhora, pois se assim o deseja.

Apenas a senhora de Béarn teve tempo de endireitar a sua touca, viu el-rei entrar no gabinete.

- Ah! - disse ele - tem visitas, condessa?

- É a senhora de Béarn, senhor.

- Senhor, justiça! - exclamou a velha fazendo uma profunda medida.

- Oh! Oh! - bradou Luís XV com uma zombaria ininteligível para qualquer que o não conhecesse; - tê-la-iam ofendido, minha senhora?

- Senhor, peço justiça.

- Contra quem?

- Contra o parlamento.

- Ah! Bom!... - disse el-rei batendo as mãos; - vem fazer queixa dos meus parlamentos. Pois então, nesse caso, obrigue-os a entrar na razão. Tenho também que me queixar deles, e igualmente lhe peço justiça - acrescentou ele imitando a medida da velha condessa.

- Mas Vossa Majestade é o rei, pode ordenar.

- Sou rei, é verdade, também posso ordenar, mas nem sempre me obedecem.

- Senhor, manifeste a sua vontade.

- É o que faço todas as noites, minha senhora; e eles, todas as manhãs manifestam a sua. Ora como estas duas vontades são diametralmente opostas uma à outra, acontece-nos o mesmo que ao Sol e à Lua, que eternamente correm um atrás da outra sem nunca se poderem encontrar.

- Senhor, a sua voz é poderosa bastante para abafar toda a gritaria daquela gente.

- É no que está enganada. Eu não sou advogado, e eles são. Se digo sim, eles dizem não; é impossível que nos entendamos... Ah! Se quando eu digo sim, acha um meio de os impedir de dizer não, faço liga consigo.

- Senhor, esse meio, achei-o.

- Queira dizer qual é?

- Convocar uma sessão real.

- Aí temos outra! - disse el-rei. - Uma sessão real, isso é lá possível! É quase uma revolução!

- É um meio para poder dizer na cara daquela gente rebelde, que é o senhor. Vossa Majestade sabe que o rei, quando assim manifesta a sua vontade, é o único que tem o direito de falar; ninguém responde. Dirá. *Eu quero*, e eles curvarão a cabeça...

- O facto é que a idéia é pomposa - disse a condessa du Barry.

- Pomposa, sim - redargüiu Luís XV - mas boa, não.

- E contudo é belo - prosseguiu entusiasmada a senhora du Barry - o cortejo, os gentis-homens, os pares, toda a casa militar do rei, depois uma quantidade imensa de povo, depois aquele trono, composto de cinco almofadas com as flores-de-lis de ouro... Seria uma bela cerimónia.

- Julga isso? - disse el-rei, um pouco abalado nas suas convicções.

- E o magnífico traje do rei, o manto de arminhos, os brilhantes da coroa, o ceptro de ouro, todo aquele esplendor que convém a um rosto augusto e belo. Oh! Quanto seria assim esplêndido, senhor!

- Há muito tempo que não há uma sessão semelhante - disse Luís XV com uma afectada indiferença.

- Desde a vossa infância, senhor--disse a condessa de Béarn - a lembrança da vossa resplandecente formosura está no coração de todos.

- E daí - acrescentou a senhora du Barry - seria uma boa ocasião para o senhor chanceler mostrar a sua eloquência concisa, para esmagar aquela gente com a verdade, a dignidade, a autoridade.

- Será preciso então que eu espere a primeira culpa do parlamento - disse Luís XV; - verei.

- O que poderá esperar, senhor, que seja mais condenável do que o que acaba de fazer?

- Então o que fez? Vamos a saber.

- Não o sabe?

- Combateu um pouco o senhor de Aiguillon, não me parece caso de força... Ainda que - disse el-rei olhando para a senhora du Barry - ainda que este bom duque é dos meus amigos. Ora, se os parlamentos combateram o duque, castiguei a sua maldade com o meu decreto de ontem ou anteontem, já me não lembro. Portanto estamos pagos.

- Pois bem! Senhor - disse vivamente a senhora du Barry - a senhora condessa vinha anunciar-me que eles esta manhã tornaram de novo a começar a guerra.

- Como? - disse el-rei franzindo as sobrancelhas.

- Fale, senhora, el-rei permite-lho - disse a condessa.

- Senhor, os conselheiros resolveram não funcionar mais enquanto Sua Majestade lhes não desse razão.

- Como assim? - disse el-rei; - engana-se, minha senhora, seria um acto de rebelião, e o meu parlamento não ousará revoltar-se, assim o espero.

- Senhor, asseguro-lhe...

- Oh! Minha senhora, isso são boatos.

- Vossa Majestade quer ouvir-me?

- Pode falar, condessa.

- Pois bem! Esta manhã o meu procurador restituiu-me os autos da minha demanda... Já não advoga, porque já não há julgamentos.

- Asseguro-lhe que são boatos; é alguma experiência para meter medo.

E dizendo isto passeava el-rei muito agitado pelo gabinete.

- Senhor, dará Vossa Majestade mais crédito ao senhor de Richelieu do que a mim? Pois bem, na minha presença foram restituídos ao senhor de Richelieu os autos das suas demandas, como a mim, e o senhor duque retirou-se enfurecido.

- Estão mexendo na porta - disse el-rei para mudar de conversa.

- É Zamora, senhor.

Zamora entrou.

- Minha senhora, uma carta - disse ele.

- Dá licença, senhor? - perguntou a condessa - Ih! Meu Deus! - disse ela de repente.

- O que é?

- É do chanceler, senhor de Maupeou, sabendo que Vossa Majestade se dignou visitar-me, solicita a minha intervenção para alcançar um momento de audiência.

- Que mais será?

- Mande entrar o senhor chanceler - disse a senhora du Barry.

A condessa de Béarn levantou-se e quis despedir-se.

- Não é aqui de mais, minha senhora - lhe disse el-rei - Bom dia, senhor de Maupeou, o que há de novo?

- Senhor - disse o chanceler inclinándose - o parlamento servia de estorvo a Vossa Majestade, e já não tem parlamento.

- Como assim? Morreram todos? Tomaram arsénico?

- Prouvera a Deus que assim fosse! Não, senhor, estão vivos, mas não querem funcionar, e dão as suas demissões. Acabo de os receber todos.

- Os conselheiros?

- Não, senhor, os requerimentos em que pedem a demissão.

- Não lhe dizia eu, senhor, que o caso era muito sério? - disse a condessa a meia voz.

- Muito sério - respondeu Luís XV com impaciência.

- Então, senhor chanceler, o que fez?

- Senhor, vim receber as ordens de Vossa Majestade.

- Exilemos toda essa gente, Maupeou?

- Senhor, no exílio não poderão também julgar.

- Intimem-nos para julgarem... Ora! As intimações estão gastas... As cartas régias também...

- Ah! Senhor, desta vez é preciso mostrar vontade.

- Sim, tem razão...

- Ânimo! - disse em voz baixa a senhora de Béarn à senhora du Barry.

- E mostrar que é o senhor, depois de haver demasiadas vezes mostrado que era o pai! - bradou a condessa.

- Chanceler - disse lentamente o rei - não me lembra senão um meio: é grave, mas eficaz. Quero convocar uma sessão real; é preciso que aquela gente trema uma vez.

- Ah! Senhor - exclamou o chanceler - isso é o que se chama falar; que dobrem ou quebrem!

- Minha senhora - acrescentou el-rei dirigindo-se à demandista - se não for julgada a sua causa, bem vê que não será por culpa minha.

- Senhor, Vossa Majestade é o maior rei do mundo todo.

- Oh! Sim!... - repetiram em coro a condessa, Chon e o chanceler.

- E contudo, não é isso o que o mundo diz - murmurou el-rei.

XIV

A SESSÃO REAL

Verificou-se aquela famosa sessão real, com todo o cerimonial que tinham exigido, por uma parte o orgulho real, pela outra as intrigas que levavam o senhor àquele golpe de Estado.

A casa do rei foi posta em armas; uma profusão de archeiros de saios curtos, soldados e agentes da polícia foram destinados para proteger o senhor chanceler, que, semelhante a um general em dia de batalha, devia expor a sua pessoa para o bom êxito da empresa.

O senhor chanceler era muito odiado; ele sabia-o, e se a sua vaidade lhe pudesse fazer recluir um assassínio, as pessoas melhor instruídas dos sentimentos do público a seu respeito podiam sem exagerar profetizar-lhe

ou uma boa afronta, ou pelo menos uma assuada.

Os mesmos favores podiam ser assegurados ao senhor de Aiguillon, que repelia ocultamente o instinto popular, um pouco aperfeiçoado pelos debates dos parlamentos. El-rei affectava serenidade, e todavia não estava tranqüilo. Mas viram-no admirar o seu magnífico trajo real, e fazer immediatamente a reflexão que coisa nenhuma protege como a majestade.

Poderiam ter acrescentado: “E o amor dos povos”. Mas era esta uma frase que lhe tinham repetido tanto em Metz, quando esteve doente, que não julgou poder dizê-la, sem ser argüido de plagiário.

De manhã, a senhora delfina para quem era novo este espectáculo, e que, talvez no íntimo, desejava vê-lo, tomou o seu ar tímido, e conservou-o durante todo o caminho para a cerimónia, o que dispôs a opinião pública muito a seu favor.

A senhora du Barry era valente. Tinha a confiança que dão a mocidade e a formosura. Demais, não se havia dito tudo a seu respeito? O que haveria que acrescentar? Apareceu radiosa, como se o augusto esplendor do seu amante reflectisse nela.

O senhor de Aiguillon caminhava desembaraçadamente entre o número dos pares que precediam el-rei. O seu rosto cheio de nobreza não acusava vestígio algum de cuidados nem de descontentamento. Não mostrava ares de triunfador. Ao vê-lo assim, ninguém teria adivinhado a batalha renhida que o rei e os parlamentos tinham travado por seu respeito.

Entre a multidão apontavam para ele; os membros do parlamento lançaram-lhe uns olhares terríveis... E nada mais.

A sala grande do palácio comportava para mais de três mil pessoas.

Da parte de fora, a chusma, contida pelas varas dos alcaides e as maçãs dos archeiros, apenas dava sinal da sua presença

por esse intraduzível sussurro que não é uma voz, que não articula palavras, mas que se faz ouvir, entretanto, e que se poderia chamar com bastante propriedade o rumor dos fluidos populares.

Continuou o mesmo silêncio na sala grande quando o ruído dos passos cessou, quando cada um tomou o seu lugar, e que el-rei, majestoso e triste, ordenou ao chanceler que tomasse a palavra.

Os membros do parlamento já de antemão sabiam o que lhes estava reservado na sessão real. Compreendiam perfeitamente o motivo porque os tinham convocado. Deveria ser para lhes fazer ouvir vontades pouco suaves; mas conheciam a longanimidade, para não dizer a timidez de el-rei, e se tinham medo, era antes pelas conseqüências da sessão real, do que pela sessão em si mesma.

O chanceler tomou a palavra. Era bom orador. O seu exórdio foi hábil, e os

amadores de estilo demonstrativo acharam nele um campo vasto.

Todavia, o discurso degenerou numa repreensão tão áspera, que o sorriso assomou aos lábios da nobreza e os membros do parlamento começaram a não se achar bem à vontade.

El-rei ordenava, pela boca do chanceler, que se acabasse por uma vez com todos os negócios da Bretanha, de que estava já farto. Ordenava ao parlamento que se reconcilhasse com o Sr. Duque de Aiguillon, cujo serviço lhe agradava; que não tornasse a interromper o serviço da justiça, e que deste modo tudo se passaria como no feliz tempo da idade de ouro, em que os ribeiros corriam murmurando discursos em cinco pontos, do género deliberativo ou judiciário, em que as árvores estavam carregadas de autos e de demandas a que podiam chegar os senhores advogados e procuradores, que tinham direito de os apanhar como frutas que lhes pertenciam.

Estas iguarias não concertaram o parlamento com o senhor de Maupeou, nem com o senhor de Aiguillon. Mas o discurso estava feito, e não tinha resposta possível.

Os parlamentários, no cúmulo do despeito, tomaram todos, com esse admirável espírito de corporação que tanta força dá aos corpos constituídos, uma atitude tranqüila e indiferente, que desagradou soberanamente a Sua Majestade e às pessoas aristocráticas das tribunas.

A senhora delfina empalideceu de raiva. Era a primeira vez que se achava em frente da resistência popular. Calculava-lhe friamente o poder.

Tinha vindo à sessão real com tenção de estar muito oposta, no aspecto pelo menos, à resolução que se ia tomar ou notificar, e a pouco e pouco sentiu-se arrastada para fazer causa comum com os da sua raça e casta; e tanto assim que, quanto mais o chanceler mordida na carne dos membros do parlamento, mais aquela jovem soberba se

indignava de lhe ver dentes tão pouco agudos; parecia-lhe que teria achado palavras que fizessem saltar aquela assembléia como uma manada de bois com o aguilhão. Enfim, achou o chanceler muito fraco e os membros do parlamento bastante fortes.

Luís XV era fisionomista como o seriam todos os egoístas se, algumas vezes, não fossem preguiçosos ao mesmo tempo que egoístas. Relanceou os olhos em torno de si para observar o efeito da sua vontade traduzida por palavras que achava bastante eloqüentes.

A palidez e os lábios cerrados da delfina revelaram-lhe logo o que naquela alma se passava.

Como contrapeso, observou a fisionomia da senhora du Barry, e em lugar do sorriso de triunfo que contava achar, só viu uma grande vontade que ela tinha de atrair sobre si os olhares de el-rei, como para julgar o que ele pensava.

Nada intimida os espíritos fracos como ser prevenidos pelo espírito e vontade de outrem. Se se vêem observados por uma resolução já tomada, concluem que não fizeram bastante, que vão ser ou que foram ridículos, que tinham direito de exigir mais do que fizeram.

Então passam para os extremos, o tímido torna-se furioso, e uma súbita manifestação denuncia o efeito dessa reacção produzida pelo medo sobre um medo menos forte.

El-rei não precisava acrescentar uma única palavra às do chanceler; não era isso da etiqueta, nem mesmo era necessário; mas, naquela ocasião, tentou-o o demónio tagarela, e, fazendo um sinal com a mão, deu a entender que ia falar.

A atenção tornou-se então mais profunda.

Os membros do parlamento voltaram-se para o lado do trono com tanta uniformidade

como se fosse uma fileira de soldados muito bem instruídos.

Os príncipes, os pares e militares sentiram-se comovidos. Não era possível que, depois de tanta coisa boa que se tinha dito, Sua Majestade Cristianíssima deixasse de dizer alguma grande sensaboria. O respeito vedava-lhes designarem por outra forma o que pudesse sair da boca de el-rei.

Foi visto o senhor de Richelieu, que tinha afectado estar separado de seu sobrinho, aproximar-se naquele momento dos membros de mais forte opposição, aproximar-se deles principalmente pelo golpe de vista e afinidade misteriosa da intelligência.

Mas o seu olhar, que começava a tornar-se rebelde, encontrou o olhar claro da senhora du Barry. Richelieu possuía melhor do que ninguém a preciosa arte das transições; passou do tom irónico para o tom admirativo, e escolheu a formosa condessa como ponto de intersecção entre as diagonais desses dois extremos.

Foi portanto um sorriso de felicitações e galanteio que dirigiu de passagem à senhora du Barry; mas esta não se deixou lograr, tanto mais que o velho marechal, que começara a encetar a sua correspondência com os parlamentários e os príncipes da oposição, viu-se obrigado a continuá-la para não parecer o que na realidade era.

Quantas perspectivas não oferece uma gota de água, um oceano para o observador! Quantos séculos se não passam num segundo, uma eternidade indescritível! Tudo quanto aqui dizemos passou-se no lapso de tempo que Sua Majestade Luís XV empregou em se preparar para falar e abrir a boca.

- Ouvistes - disse ele com uma voz firme - qual é a minha vontade, como o senhor chanceler acaba de vo-lo dizer. Tratai portanto de a executar, porque tais são as minhas intenções e não as mudarei!

Luís XV deixou cair estas últimas palavras com o estrépito e vigor do trovão.

Assim ficou toda a assembléia literalmente fulminada.

Um estremecimento passou sobre todos os parlamentários, estremecimento de terror que imediatamente se comunicou à multidão como uma faísca eléctrica. Esse mesmo frémito chegou também aos partidistas de el-rei. A surpresa e admiração pintavam-se em todos os rostos, em todos os corações.

A delfina agradeceu involuntariamente a el-rei com um raio de fogo despedido dos seus lindos olhos.

A senhora du Barry, electrizada, não pôde impedir de se levantar, e teria batido as palmas se não fosse o seu bem natural receio de ser apedrejada quando saísse, ou de receber no dia seguinte cem quadras qual delas mais insultante.

Naquele momento começou Luís a gozar do seu triunfo.

Os membros do parlamento inclinaram as fronte sempre com a mesma uniformidade.

El-rei ergueu-se um pouco sobre as suas almofadas com flores-de-lis.

Imediatamente se levantaram o capitão das guardas, o comandante da casa militar e todos os fidalgos.

O tambor rufou, soaram as trombetas. Esse estremecimento, quase silencioso à chegada do povo, tornou-se num sussurro que foi apagar-se ao longe, abafado pelos soldados e archeiros.

El-rei atravessou soberbamente a sala, sem ver outra coisa mais na sua passagem do que fronte humilhadas.

O senhor de Aiguillon continuou a preceder Sua Majestade, sem abusar do seu triunfo.

O chanceler, chegado à porta da sala, viu ao longe todo aquele povo, assustou-se com todos esses raios, que apesar da distância lhe feriam os olhos, e disse aos archeiros:

- Cerquem-me.

O senhor de Richelieu, a quem o duque de Aiguillon cumprimentava, disse para o sobrinho:

- Eis aí umas fronteiras bem baixas, duque; mais tarde ou mais cedo não podem deixar de se elevar a grande altura. Cautela!

A senhora du Barry passava naquele momento pelo corredor com seu irmão, a marechala de Mirepoix e várias outras senhoras. Ouviu a conversa de Richelieu, e como era mais de dar resposta do que de reserva, disse:

- Oh! Não há que temer, marechal; não ouviu as palavras de Sua Majestade? El-rei disse, se me não engano, que nunca mudaria.

- Terríveis palavras, com efeito, minha senhora - respondeu o velho duque com um sorriso; - mas aqueles pobres senhores do parlamento não viram, felizmente para nós, que dizendo que nunca mudaria, el-rei olhava para a senhora.

E acabou este madrigal com uma dessas inimitáveis medidas que hoje ninguém já sabe fazer, nem mesmo no teatro.

A senhora du Barry era mulher, e por forma nenhuma política. Viu só um cumprimento onde o senhor de Aiguillon sentiu perfeitamente o epigrama e a ameaça.

Também foi com um sorriso que ela respondeu enquanto o seu aliado mordeu os lábios e empalideceu por ver durar esse ressentimento do marechal.

O efeito da sessão real foi imediatamente favorável à causa real. Mas muitas vezes um grande golpe não faz mais do que atordoar, e nota-se que depois do atordoamento o sangue gira com mais pureza e vigor.

Tal foi pelo menos a reflexão que fez, vendo partir el-rei com a sua pomposa comitiva, um pequeno grupo de pessoas simplesmente vestidas e colocadas em posição de observadores no canto do Cais das Flores e da Rua Barillerie.

Eram três homens... O acaso havia-os juntado naquele ângulo, e dali, pareciam ter seguido com interesse as impressões da multidão; e sem se conhecerem, uma vez entabuladas as relações por alguma palavra, tinham avaliado a sessão, antes mesmo que estivesse terminada.

- Bem maduras estão as paixões - disse um deles, ancião de olhos vivos, de rosto suave e honesto. - Uma sessão real é obra de desengano.

- Sim - respondeu um mancebo sorrindo amargamente - sim, se a obra realizasse exactamente as palavras.

- Senhor - redargüiu o ancião voltando-se - parece-me que o conheço... Creio que já o vi?

- Viu-me na noite de 31 de Maio. Não se engana, Sr. Rousseau.

- Ah! É aquele jovem cirurgião, meu patrício, o Sr. Marat?...

- Sim, senhor, para o servir.

Os dois homens cortejaram-se reciprocamente.

O terceiro não tinha ainda tomado a palavra. Era um homem também moço, de fisionomia nobre, que, durante a cerimónia toda, não fizera mais que observar a atitude da multidão.

O cirurgião foi o primeiro em se retirar, metendo-se pelo meio do povo, que menos lembrado do que Rousseau, já o tinha olvidado, mas à memória de quem tinha esperança de se recomendar algum dia.

O outro mancebo esperou que ele tivesse partido, e dirigindo-se a Rousseau, perguntou-lhe:

- Não se retira ainda, senhor?

- Oh! Sou muito velho para me arriscar a atravessar aquela chusma.

- Nesse caso - disse o desconhecido em voz baixa - até esta noite, na Rua Platrière, Sr. Rousseau... Não falte!

O filósofo estremeceu como se diante dele se levantasse um fantasma. O seu rosto,

geralmente pálido, tornou-se lívido. Quis responder àquele homem, mas já tinha desaparecido.

INFLUÊNCIA DAS PALAVRAS DO DESCONHECIDO SOBRE J. J. ROUSSEAU

Depois de ouvir aquelas palavras singulares, pronunciadas por um homem que não conhecia, Rousseau, trémulo e desgostoso, atravessou os grupos, e sem se lembrar que era velho e que temia a multidão, abriu caminho; em pouco tempo chegou à ponte de Nossa Senhora; depois, continuando a pensar e a interrogar-se a si mesmo, atravessou o bairro da Grève, pelo qual chegava mais depressa ao seu.

- Assim - disse ele - este segredo que todo o iniciado guarda ao perigo da sua vida, está na boca de qualquer. Eis aí o que as associações misteriosas ganham em passar pela peneira popular... Um homem conhece-

me, sabe que hei-de ser seu associado, e talvez seu cúmplice acolá. Um semelhante estado de coisas é absurdo e intolerável.

E dizendo estas palavras, Rousseau caminhava apressadamente, cheio de precauções, principalmente desde o seu desastre da Rua Mepilmontant.

- Assim - continuava o filósofo - terei querido saber o fundo desses planos de regeneração humana que propõem certos espíritos que tomam o título de iluminados; terei feito a loucura de crer que da Alemanha podem vir idéias boas, da Alemanha! Uma terra de cerveja e de névoa; terei comprometido o meu nome com o de alguns loucos ou intrigantes aos quais servirá de capa para abrigarem as suas loucuras! Oh! Não, não será assim; não, um raio mostrou-me o abismo, não irei lançar-me nele com o coração nas mãos.

E Rousseau tomava o fôlego, apoiado na sua bengala, de pé e um instante imóvel no meio da rua.

- Era portanto - prosseguiu o filósofo - uma bela quimera: a liberdade na escravidão, o futuro conquistado sem abalos nem tumultos, a meada misteriosamente urdida durante o sono dos tiranos da terra... Era belo demais, fui louco em lhe dar crédito. Não quero receios, suspeitas, sombras, que são indignas de um espírito livre e de um corpo independente.

Estava nisto e começava a prosseguir novamente no seu caminho, quando a vista de alguns agentes do senhor de Sartines, passeando com os seus olhos de lince, espantou o espírito livre, e tal impulso deu ao corpo independente, que foi sumir-se no mais profundo da sombra dos pilares por entre os quais caminhava.

Dos pilares à Rua Platrière a distância não é grande. Rousseau andou esse caminho com rapidez, subiu as escadas respirando como um gamo perseguido pelos caçadores, e foi cair sobre uma cadeira no seu quarto, sem

poder responder uma única palavra a todas as perguntas de Teresa.

Acabou finalmente de senhorear a sua comoção: era o caminho, o calor, a nova da cólera de el-rei na sessão real, uma comoção do terror popular, um *recochete* do que acabava de se passar.

Teresa respondeu resmungando, que não era isso uma razão para deixar esfriar o jantar, e que demais, um homem não devia ser um maricas e intimidar-se por qualquer coisa.

Rousseau não teve resposta para opor a este último argumento, que tantas vezes ele mesmo tinha proclamado em outros termos.

Teresa acrescentou que esses filósofos, essa gente de imaginação eram todos os mesmos... que não cessam, nos seus escritos, de pregar a desordem; que anunciam não terem medo de coisa alguma; que têm Deus e os homens em pequena conta... mas que ao mais pequeno sinal do cão, bradam:

“Socorro!”, que ao mais leve ataque da febre, gritam: “Meu Deus! Estou morto”.

Era este um dos temas favoritos de Teresa, o que mais fazia brilhar a sua eloquência, aquele para que Rousseau, naturalmente tímido, achava piores respostas. Também Rousseau embalava ao som dessa áspera música o seu pensamento, que por certo valia mais que o de Teresa, apesar de todos os ralhos desta mulher.

- A felicidade compõe-se de perfumes e sussurros - dizia ele; - ora, a bulha e o cheiro são coisas de convenção... Quem quererá decidir que a cebola não cheira tão bem como a rosa, e que o pavão não tem o canto tão harmonioso como o rouxinol?

Com este axioma que podia passar por ser um belo e bom paradoxo, foram para a mesa e jantaram.

Rousseau, depois de jantar, não foi sentar-se ao piano, como costumava. Deu cinquenta voltas pelo quarto, e olhou mais de

cem vezes pela janela fora para estudar a fisionomia da Rua Platrière.

Teresa teve então um ataque de ciúme como o costumam ter por contrariedade as pessoas desinquietas, isto é, as pessoas da terra que realmente são menos ciosas.

Porque, se há uma afectação que seja desagradável, é a de um defeito; ainda se pode desculpar quando essa affectação é de qualidades boas.

Teresa, que desprezava profundamente a virilidade, a compleição, o espírito de Rousseau, Teresa, que o achava velho, doente e feio, não tinha medo que lhe seduzissem o marido; não supunha que as mulheres o pudessem ver com melhores olhos do que ela. Entretanto, como para uma mulher, o suplício do ciúme é um dos mais deliciosos bocados, Teresa regalava-se com isso algumas vezes.

Vendo Rousseau chegar tão amiudadas vezes à janela, pensar e não estar quieto, disse-lhe:

- Bom! Compreendo o motivo da tua agitação... Separaste-te ainda agora de alguém.

Rousseau olhou para Teresa com um modo espantado, o que foi mais um indício para ela.

- Alguém que queres tornar a ver - prosseguiu ela.

- Como? - disse Rousseau.

- Temos entrevistas, segundo parece?

- Oh! - disse Rousseau que conheceu que era uma cena de ciúmes; - entrevistas! Estás doida, Teresa?

- Eu bem sei que seria uma loucura, mas és capaz de tudo - disse ela. - Vai, vai fazer conquistas, com essa cor de papel mastigado, com as tuas palpitações no coração, com a tua tosse seca: é um excelente meio para abreviares a existência.

- Mas, Teresa, sabes muito bem que isso não é assim - disse Rousseau enfadado; - deixa-me pensar sossegadamente.

- És um libertino - disse Teresa com a maior seriedade.

Rousseau corou como se acabassem de lhe dizer uma verdade, ou de lhe dirigir um cumprimento.

Então julgou Teresa que devia mostrar um rosto terrível, a ponto de perturbar a ordem da casa, fazer estalar as portas e divertir-se com a tranqüilidade de Rousseau, como as crianças se divertem com esses anéis de metal que metem dentro de caixas e que sacodem para fazer bulha.

Rousseau refugiou-se no seu gabinete. Este tumulto tinha enfraquecido um pouco as suas idéias.

Pensou que haveria certamente perigo em não assistir à cerimónia misteriosa de que lhe falara o estranho.

- Se há castigos contra os reveladores, deve igualmente havê-los contra os que são desleixados - pensou ele. - Ora, sempre notei que os grandes perigos nada são, nem as grandes ameaças; os casos de aplicação de

castigos em tais circunstâncias são muito raros; mas, para as pequenas vinganças, os ataques ocultos, as mistificações e outras coisas assim, é preciso muita cautela. Algum dia os irmãos maçónicos se vingariam do meu desprezo, atravessando-me uma corda na escada; eu quebraria uma perna e os oito ou dez dentes que ainda tenho... ou terão uma pedra pronta, para me deixar cair sobre a cabeça quando eu passar junto de alguns andaimes... Melhor do que isso, há-de haver lá na loja algum panfletário que viva perto de mim, talvez no mesmo patamar onde moro, mergulhando as suas vistas pela janela do meu quarto. Não é impossível, pois que as reuniões têm lugar mesmo na Rua Platrière... Sim, e esse velhaco escreverá a meu respeito tolices que me hão-de tornar ridículo na cidade inteira... Não tenho eu inimigos por toda a parte?

Um instante depois, Rousseau mudava o seu modo de pensar, e dizia consigo:

- Então, onde está a coragem, a honra? Terei medo de mim mesmo? Não verei no meu espelho senão o rosto de um velhaco e de um medroso? Não, não será assim... Ainda que se coligasse todo o Universo para minha desgraça, ou tivesse de cair sobre a minha cabeça o subterrâneo desta rua, hei-de ir... Bela razão, que só nasce do medo. Desde a minha volta, por causa do encontro com aquele homem, vejo que não faço mais que girar num círculo de inépcias. Eis que duvido de todos e de mim mesmo! Isto não é lógico... Eu conheço-me, não sou um entusiasta; se julguei ver maravilhas na projectada associação é porque efectivamente há maravilhas. Quem me diz que não serei eu o regenerador do género humano? Eu, que vieram procurar, eu, que os agentes misteriosos de um poder sem limites vieram consultar sobre a fé dos meus escritos, recuarei quando se trata de prosseguir na minha obra, de substituir a aplicação à teoria?

Rousseau animava-se.

- Como isto é belo! As idades progridem... Os povos saem do embrutecimento, o passo segue o passo na escuridão, a mão segue a mão na sombra: está-se erguendo a imensa pirâmide em cima da qual, para coroa, hão-de os séculos futuros pôr o busto de Rousseau, cidadão de Genebra, que, para fazer como disse, arriscou a sua liberdade, a sua vida, isto é, foi fiel à sua divisa: *Vitain impendere vero*.

Rousseau, transportado com isto, foi sentar-se ao piano, e acabou de exaltar a sua imaginação com melopeias as mais sonoras e guerreiras que dele pôde tirar.

Veio a noite. Teresa, cansada de ter em vão atormentado o seu cativo, dormia sentada na cadeira; Rousseau estudou um pouco diante do espelho a expressão dos seus olhos negros, achou-os vivos e expressivos, o que o encantou.

Encostou-se à sua bengala de junco, e, sem despertar Teresa, esquivou-se do quarto.

Mas, chegando ao fim da escada, depois de ter aberto a porta que dava para a rua, Rousseau começou a olhar para fora, a fim de se assegurar do estado da localidade.

Não passava carruagem alguma; a rua, segundo o costume, estava cheia de ociosos, que olhavam uns para os outros, como também é costume, enquanto muitos paravam diante das vidraças das lojas para verem as raparigas dos balcões.

Portanto, um homem mais ou um homem menos passava despercebido naquele turbilhão. Rousseau precipitou-se nele; o caminho não era extenso.

Um cantor de ruas com uma desafinada rabeca estava parado diante da porta que tinha sido designada a Rousseau. Essa música, a que são sensíveis os ouvidos de todo o verdadeiro parisiense, enchia as ruas de ecos que iam repetindo os últimos compassos da música tocada pela rabeca ou cantada pelo artista-filarmónico.

Nada portanto era mais desfavorável ao movimento circulador que o pejamento formado naquele lugar pelo círculo dos auditores. Era preciso necessariamente que todo o passeante voltasse para a direita ou esquerda do grupo; os que voltavam à esquerda tomavam o centro da rua, os que voltavam à direita seguiam por pé da casa designada.

Rousseau notou que vários daqueles *passeantes* se sumiam no caminho, como se caíssem por algum alçapão. Supôs que aqueles tinham vindo para o mesmo fim que ele vinha, e resolveu imitar as suas manobras; era coisa fácil.

Tendo passado por detrás do grupo dos auditores, como se quisesa também parar, pôs-se à espreita da primeira pessoa que visse entrar no corredor, cuja porta estava aberta. Mais timorato do que aqueles, porque sem dúvida, tinha mais que arriscar, esperou que a ocasião se apresentasse algumas dez vezes.

Não esperou muito mais. Um carrinho que vinha pela rua cortou ao meio o círculo e operou um recalçamento dos dois hemisférios contra as casas. Rousseau achou-se colocado mesmo no limiar do corredor; e não faltava senão continuar... O nosso filósofo observou que todos os curiosos, dando só atenção ao carro, voltavam as costas para a casa; aproveitou o seu isolamento e desapareceu nas profunduras do corredor escuro.

Passados alguns segundos, viu uma luz junto da qual estava um homem, sentado com muito sossego, como um vendilhão descansando dos trabalhos do dia, lendo ou fingindo ler um periódico.

Ao rumor dos passos de Rousseau, aquele homem levantou a cabeça e colocou visivelmente um dedo sobre o peito, alumiado pela luz da lâmpada.

Rousseau respondeu àquele gesto simbólico pondo um dedo sobre os lábios.

O homem ergueu-se imediatamente, e empurrando uma porta que lhe ficava da

direita, porta invisível pela perfeição artística com que era talhada no tabique de madeira a que ele estava encostado, mostrou a Rousseau uma escada muito íngreme que levava para debaixo da terra.

Rousseau entrou; a porta fechou-se sem bulha, mas com rapidez.

Rousseau, auxiliando-se com a bengala, desceu os degraus. Achava mau que para primeira prova lhe impusessem os associados o perigo de partir a cabeça e as pernas.

Mas a escada, se era íngreme não era muito grande. Rousseau contou dezessete degraus, e logo foi invadido por um calor fortíssimo que lhe bafejou os olhos e o rosto.

Esse calor úmido era o sopro de um certo número de homens reunidos naquele subterrâneo.

Rousseau notou que as paredes eram forradas de panos vermelhos e brancos, sobre os quais estavam figurados vários instrumentos de trabalho, certamente mais simbólicos do que reais. Uma única lâmpada,

pendida da abóbada, lançava um reflexo sinistro sobre os rostos, aliás muito honrados, das pessoas que conversavam entre si em voz baixa sentadas em bancos de pau.

Não havia no chão nem tapete nem soalho de luxo, mas sim uma esteira muito grossa que abafava o ruído dos passos.

Rousseau, portanto, não produziu sensação alguma entrando.

Ninguém pareceu ter reparado que ele tinha entrado.

Cinco minutos antes, Rousseau teria desejado uma semelhante recepção, e contudo, uma vez entrado, sentiu não ter merecido mais atenção.

Viu um lugar vazio num dos últimos bancos; instalou-se nele e com a maior modéstia por detrás de todos os mais.

Contou trinta e três cabeças na assembléia. Uma mesa de escritório, elevada sobre um estrado, esperava um presidente.

XVI

A LOJA DA RUA PLATRIÈRE

Rousseau notou que a conversação dos assistentes era muito discreta e restrita. Muitos nem moviam os lábios. Apenas meia dúzia deles diziam algumas palavras.

Outros não só não falavam senão que procuravam ocultar o rosto, o que não era difícil, graças à grande sombra projectada pelo estrado do presidente que se esperava.

O refúgio desses, que pareciam ser os tímidos, era por detrás daquele estrado.

Mas, em compensação, dois ou três membros da corporação procuravam de mil modos reconhecer os colegas. Iam, vinham, falavam entre si, e muitas vezes desapareciam, cada qual por sua vez, por uma porta encoberta por um reposteiro preto com chamas vermelhas.

Pouco depois ouviu-se uma campainha. Um homem afastou-se pura e simplesmente do canto do banco onde se achava confundido com os outros pedreiros, e tomou o seu lugar no estrado.

Depois de ter feito alguns sinais com as mãos e os dedos, sinais que foram repetidos por todos os assistentes, e aos quais ajuntou um mais explícito que os outros, declarou que estava aberta a sessão.

Aquele homem era absolutamente desconhecido a Rousseau: sob a aparência de um artífice abastado, ocultava muita presença de espírito, auxiliada por uma elocução tão fácil quanto se poderia desejar num orador.

O seu discurso foi claro e breve. Declarava que a loja se reunia para proceder à recepção de um novo irmão.

- Não vos admireis - disse ele - que vos tenhamos reunido num local onde não podem ter lugar as provas ordinárias; os chefes julgaram inúteis as provas. O irmão que se trata de receber é um dos fachos da

filosofia contemporânea, é um espírito profundo, que nos será dedicado por convicção, e não por temor. O que sondou todos os mistérios da natureza e do coração humano não poderia ser impressionado do mesmo modo que o simples mortal a quem pedimos o auxílio dos braços, da vontade e do dinheiro. Para termos a cooperação desse espírito distinto, desse carácter honrado e enérgico, basta-nos a sua promessa, a sua aquiescência.

O orador acabou assim a sua proposta e olhou em redor de si para examinar o efeito que produzira.

Sobre Rousseau o efeito fora mágico: o genebrês conhecia os mistérios preparatórios da maçonaria; tinha-os visto com uma espécie de repugnância naturalíssima nos espíritos esclarecidos; essas concessões, todas absurdas, visto que eram inúteis, que os chefes exigiam dos candidatos para simular o medo, quando se sabe que nada há que

temer, pareciam-lhe o cúmulo da puerilidade e da superstição frívola.

Mais ainda: ao tímido filósofo, inimigo das manifestações e exhibições individuais, havia de desagradar-lhe o ter que dar a sua pessoa em pábulo a gente que não conhecia, e que, isso era certíssimo, o mistificavam com mais ou menos boa fé.

Portanto, ver-se dispensado das provas, foi para ele mais do que uma satisfação. Conhecia o rigor da igualdade na presença dos princípios maçónicos; ora, uma excepção em seu favor constituía um triunfo.

Aprontava-se para responder nalgumas palavras à facúndia do presidente, quando no auditório se levantou uma voz.

- Pelo menos - disse essa voz, que era aguda e vibrante - já que vos julgais obrigado a tratar como príncipe um homem como nós, pelo menos, já que o dispensais das angústias físicas, como se não fosse um dos nossos símbolos alcançar a liberdade por meio do padecimento do corpo, esperamos que não

ireis conferir um título precioso a um desconhecido sem lhe ter feito as perguntas do rito, e sem ter recebido a sua profissão de fé.

Rousseau voltou-se para ver o rosto do agressor que batia tão bruscamente no carro do triunfador.

Reconheceu então, com a mais viva surpresa, o moço cirurgião que, naquela mesma manhã ainda, encontrara no Cais das Flores.

O sentimento da sua boa fé, um sentimento de desdém talvez pelo título precioso, cortou-lhe a resposta.

- Ouvistes? - disse o presidente, dirigindo-se a Rousseau.

- Perfeitamente - respondeu o filósofo, a quem a própria voz fez estremecer quando soou debaixo das abóbadas do sombrio subterrâneo. - Ora, muito mais me admiram as interpelações quando vejo por quem foram feitas. Pois quê! Um homem tem por ofício combater o que se chama o padecimento

físico, e acudir aos seus irmãos, que o são tanto os homens ordinários como os Maçons; um tal homem vem aqui pregar a utilidade dos padecimentos físicos!... Escolhe um singular caminho para conduzir a criatura à felicidade, o enfermo à saúde!

- Aqui não se trata deste ou daquele - redargüiu apressadamente o mancebo; - sou desconhecido ao candidato, assim como ele me é desconhecido. Sou lógico, e sustento que o venerável fez mal em fazer distinção de pessoas. Desconheço este homem (e apontou para Rousseau, o filósofo), queira ele não ver em mim o praticante de cirurgia. Assim, devemos talvez andar toda a vida ao lado um do outro, sem que nunca um olhar, um gesto denuncie a nossa intimidade, mais estreita contudo, graças ao nó da associação, de que todas as amizades vulgares. Repito, portanto, que se julgaram dever dispensar o candidato das provas, há lugar contudo para se lhe fazerem ao menos as perguntas.

Rousseau não deu resposta. O presidente leu-lhe no rosto o desgosto da discussão e o arrependimento de se ter envolvido em semelhante empresa.

- Irmão - disse ele com autoridade ao mancebo - espero que guardareis silêncio quando o chefe fala, e que não tornareis a censurar levianamente os seus actos, que são soberanos.

- Tenho direito para interpelar - respondeu mais brandamente o mancebo.

- Para interpelar, sim, para censurar, não. O irmão que vai entrar na associação é conhecido bastante para que procuremos meter nas nossas relações maçónicas um ridículo e inútil mistério. Todos os irmãos presentes lhe sabem o nome, e esse nome é uma garantia. Mas como estou certo de que ele mesmo preza a igualdade, rogo-lhe que responda à pergunta que lhe dirijo unicamente pró-forma: Que buscais na associação?

Rousseau deu dois passos, e isolando-se da multidão, percorreu a assembléia com um olhar pensativo e melancólico.

- Busco - disse ele - o que não posso achar: verdades e não sofismas. Por que motivo me cercareis de punhais que não ferem, de venenos que são água pura, e de alçapões por baixo dos quais estão dispostos colchões?! Conheço o recurso das forças humanas. Conheço o vigor da minha mola física: se a despedaçais, não vale a pena eleger-me vosso irmão; morto, de nada vos serviria; portanto não me quereis matar, e ainda menos ferir-me, e todos os praticantes de cirurgia do mundo não me fariam achar boa a iniciação em que me quebrassem um membro.

“Mais do que todos vós tenho eu experimentado as dores humanas; sondei o corpo e examinei a alma. Se aceitei vir unir-me a vós quando mo pediram (e acentuou esta palavra), é que julgava poder ser útil. Portanto, dou, não recebo.

Ai! antes que tenhais algum poder para me defender, antes que por vossos próprios meios me deis a liberdade se me prenderem, pão, se me esfaimarem, consolações, se me afligirem; antes, digo eu, que sejais alguma coisa, este irmão que hoje admitis, se aquele senhor der licença - acrescentou voltando-se para Marat - terá pago o seu tributo à natureza, porque o progresso é coxo, porque a luz é lenta, e do lugar onde ele tiver caído nenhum de vós o poderá tirar...”

- Estais enganado, ilustre irmão - disse uma voz suave e penetrante, que atraiu gratamente a atenção de Rousseau - na associação que vos dignais aceitar há mais do que pensais; há todo o futuro do mundo; o futuro, bem o sabeis, é a esperança, é a ciência; o futuro é Deus, que deve dar a luz ao mundo, visto que prometeu que a daria. Ora, Deus não sabe mentir.

Rousseau, admirado de tão elevada linguagem, olhou e conheceu o homem ainda

moço que ao sair da sessão real se despedira dele até à noite.

Aquele homem, vestido de preto, com certa elegância e principalmente com grande distinção, estava encostado a um dos lados do estrado, e o seu rosto, alumado por uma luz pálida, brilhava com toda a graça, toda a expressão natural.

- Ah! - disse Rousseau - a ciência, abismo sem fundo! Falais-me em ciência, vós! consolação, futuro, promessa; outro fala-me na matéria, em rigor e violência; a qual devo dar crédito? Será então a assembléia dos irmãos como os lobos devoradores do mundo que acima das nossas cabeças se agita? Lobos e ovelhas! Escutai a minha profissão de fé, já que não a lestes nos meus livros.

- Vossos livros! - bradou Marat - são sublimes, concordo; mas são utopias; sois útil sob o mesmo ponto de vista que Pitágoras, que Sólon e que Cícero, o sofista. Indicais o bem, mas um bem artificial, impalpável, inacessível; pareceis-vos com aquele que

queria nutrir uma chusma de esfaimados com bolhas de ar mais ou menos iriadas pelo Sol.

-Vistes já - disse Rousseau franzindo o sobrolho - operarem-se as grandes comoções da natureza sem preparação? Vistes nascer o homem, esse acontecimento vulgar e contudo sublime? Viste-lo nascer sem que tenha adquirido durante nove meses a substância e a vida nas entranhas da mãe? Ah! Quereis que eu regenere o mundo com actos. Isso não se chama regenerar, senhor, chama-se revolucionar!

- Então - redargüiu violentamente o moço cirurgião - então não quereis a independência! Então não quereis a liberdade!

- Pelo contrário - respondeu Rousseau - porque a independência é o meu ídolo; porque a liberdade é a minha deusa. Só o que pretendo é uma liberdade suave e radiosa, que aqueça e vivifique. Quero uma liberdade que aproxime os homens pela amizade, e não pelo temor. Quero a educação, a instrução de

cada elemento do corpo social, como o mecânico quer a harmonia, como o marceneiro quer a samblagem, isto é, o concurso perfeito, o ajustamento absoluto de cada peça do seu trabalho. Repito, quero o que escrevi: o progresso, a concórdia, a dedicação.

Marat mostrou nos lábios um sorriso de desprezo.

- Sim, os rios de leite e de mel - disse ele - os Campos Elísios de Virgílio, sonhos de um poeta que a filosofia quisera tornar realidade.

Rousseau não disse palavra. Parecia-lhe árduo ter que defender a sua moderação, ele a quem a Europa toda chamara violento inovador.

Tornou a sentar-se silenciosamente, depois de ter, para satisfação da sua alma lhana e tímida, consultado com o olhar a personagem que pouco antes o defendera e cuja aprovação tácita alcançou.

O presidente levantou-se.

- Ouvistes? - disse ele a todos.

- Sim - respondeu a assembléia.

- O candidato parece-vos digno de entrar na associação? Compreende ele os seus deveres?

- Sim - respondeu a assembléia, mas com certa reserva, que indicava falta de unanimidade.

- Prestai o juramento - disse o presidente a Rousseau.

- Ser-me-ia desagradável - respondeu o filósofo com certo orgulho - causar desprazer a alguns membros desta associação, e devo novamente repetir as palavras que há pouco proferi, e que são a expressão da minha convicção. Se eu fosse orador, poderia desenvolvê-las de maneira convincente; mas a minha língua é rebelde e trai sempre o meu pensamento, quando lhe peço uma tradução imediata. Quero dizer que faço mais para o mundo e para vós longe desta assembléia do que faria, praticando assiduamente os vossos costumes; portanto, deixai-me com os meus

trabalhos, a minha fraqueza e o meu isolamento. Já o disse, estou inclinado para o sepulcro: cuidados, enfermidades, misérias, tudo me impele fortemente para o túmulo; não tendes poder para retardar esta grande obra da natureza; abandonai-me, não sou feito para caminhar com os homens, odeio-os e fujo deles; contudo sirvo-os porque também sou homem, e servindo-os imagino que são melhores do que são na realidade. Agora, tendes todo o meu pensamento; não direi mais palavra.

- Recusais então prestar o juramento? - disse Marat com certa comoção.

- Recuso positivamente; não quero fazer parte da associação: demasiadas provas me estão indicando que seria inútil.

- Irmão - disse o desconhecido da voz conciliadora - permiti-me que assim vos chame, porque realmente somos irmãos fora de toda a combinação do espírito humano; irmão! Não cedais a um movimento de despeito, aliás bem natural; sacrificai uma

parte do vosso legítimo orgulho; fazei por nós o que vos repugna. Os vossos conselhos, as vossas idéias, a vossa presença, são a luz! Não nos mergulheis na dupla noite da vossa ausência e da vossa recusa.

- Estais enganado - disse Rousseau - nada vos tiro, pois que nunca vos darei mais do que tenho dado a toda a gente, ao primeiro leitor que aparece, à primeira interpretação das gazetas; se quereis o nome e a essência de Rousseau...

- Queremos! - disseram com civilidade várias vozes.

- Então, pegai numa colecção das minhas obras, ponde os volumes sobre a mesa do vosso presidente, e quando chegardes às opiniões e que me toque a vez de emitir a minha, abri o meu livro, achareis o meu parecer, a minha sentença.

Rousseau deu um passo para sair.

- Esperai um momento! - bradou o cirurgião - as vontades são livres, e a do ilustre filósofo tanto como as outras; mas

seria pouco regular ter dado acesso no nosso santuário a um profano que, não estando ligado por cláusula alguma, nem sequer tácita, poderia, sem por isso deixar de ser homem de bem, revelar os nossos mistérios.

Rousseau sorriu-se para ele em ar de compaixão.

- Nesse caso é um juramento de discrição que me pedis? - disse ele.

- Vós o dissestes.

- Estou pronto.

- Lede a fórmula, irmão venerável - disse Marat.

O irmão venerável leu com efeito esta fórmula:

- “Juro em presença do grande Deus eterno, architecto do Universo, dos meus superiores e da respeitável assembléia que me cerca, nunca revelar, nem dar a conhecer, nem escrever coisa alguma do que debaixo das minhas vistas se passa, condenando-me a mim mesmo, em caso de imprudência, a ser castigado segundo as leis do grande

fundador, de todos os meus superiores, e a cólera de meus irmãos.”

Já Rousseau estendia a mão para prestar o juramento, quando o desconhecido, que tinha escutado e seguido os debates com uma espécie de autoridade que ninguém lhe contestava, conquanto se achasse perdido por entre a multidão, quando o desconhecido, dizemos nós, se aproximou do presidente e lhe disse algumas palavras ao ouvido.

- É verdade - redargüiu o venerável.

E acrescentou:

- Sois um homem e não um irmão, sois um homem honrado colocado diante de nós unicamente na posição de um semelhante. Portanto aqui abjuramos a nossa qualidade para vos pedir uma simples palavra de honra em como esqueceréis quanto entre nós se passou.

- Como pela manhã se esquece o sonho, assim o juro pela minha honra - respondeu Rousseau comovido.

- E com estas palavras saiu, e logo atrás dele saíram muitos outros membros da associação.

XVII

RELATÓRIO

Depois da saída dos membros de segunda e terceira ordem ficaram na loja sete associados. Eram sete chefes.

Reconheceram-se entre si por meio de sinais, que provavam as suas iniciações num grau superior.

O seu primeiro cuidado foi de fecharem as portas, revelando-se depois o presidente pela exibição de um anel em que estavam gravadas as letras misteriosas L. P. D.

O presidente era encarregado da correspondência suprema da ordem. Estava em relações com os seis outros chefes, que habitavam a Suíça, a Rússia, a América, a Suécia, a Espanha e a Itália.

Trazia alguns papéis muito importantes, que recebera dos seus colegas, para os

comunicar à junta dos iniciados superiores, colocados acima dos outros e abaixo dele.

Já reconhecemos esse chefe; era Bálsamo.

A mais importante dessas cartas continha um aviso tremendo; vinha da Suécia, e era escrita por Swedenborg.

“Velai no Sul, irmãos, dizia ele; sob a sua ardente influência foi-se criando um traidor. Esse traidor há-de perder-vos.

Velai em Paris, irmãos, o traidor reside lá; os segredos da ordem estão nas suas mãos, e é impelido por um sentimento de ódio.

Ouço a denúncia do seu vôo surdo, na sua voz de murmúrio. Vejo uma terrível vingança, mas talvez chegue muito tarde. Entretanto velai, irmãos! velai! Muitas vezes basta uma língua traiçoeira, ainda que mal instruída, para destruir os planos mais habilmente urdidos.”

Os irmãos olharam uns para os outros em silenciosa surpresa; a linguagem do fogo iluminado, a sua presciência, a que

muitos exemplos frisantes davam uma autoridade imponente, não contribuíram pouco para impressionar a reunião presidida por Bálsamo.

Nem ele, que depositava fé na lucidez de Swedenborg, pôde resistir à impressão grave e dolorosa que se lhe apoderou do ânimo depois de semelhante leitura.

- Irmãos - disse - o profeta inspirado raras vezes se ilude. Velai portanto, como vo-lo recomenda. Sabeis agora tão bem como eu, que a luta está travada. Não sejamos vencidos por aqueles inimigos ridículos, cujo poder minamos com toda a segurança. Não esqueçais que dispõem de dedicações mercenárias. É uma arma poderosa neste mundo entre as almas que não vêm mais longe que os limites da vida terrestre. Irmãos, desconfiemos dos traidores assalariados.

- Esses receios parecem-me pueris - disse uma voz; - cada dia ganhamos mais força, e somos dirigidos por brilhantes génios e por mãos vigorosas.

Bálsamo inclinou-se para agradecer o elogio do lisonjeiro.

- Sim; mas conforme disse o nosso ilustre presidente, a traição penetra por todos os lados - redargüiu um irmão, que não era outro senão o cirurgião Marat, promovido, apesar da sua mocidade, a um grau superior, graças ao qual pela primeira vez tomava assento na junta consultiva. - Lembrai-vos, irmãos, que dobrando a isca, a presa é mais importante. Se o senhor de Sartines, com um saco de dinheiro, pode comprar a revelação de um dos nossos irmãos obscuros, o ministro, com um milhão ou com a esperança de uma dignidade, pode comprar um dos nossos superiores. Ora, entre nós, o irmão obscuro nada sabe, e quando conhece os nomes de alguns dos seus colegas, esses nomes não significam coisa alguma. É uma ordem admirável esta da nossa constituição, mas é eminentemente aristocrática: os inferiores nada sabem, nada podem; reúnem-nos para lhes dizer ou fazer-lhes dizer

futilidades; e contudo concorrem com o seu tempo e o seu dinheiro para a consolidação do nosso edifício. Pensai nisso, o operário só traz a pedra e a cal; mas sem pedra e sem cal faríeis vós a casa? Ora, o operário recebe um pequeno salário, e contudo eu considero-o igual ao arquitecto, cujo plano cria e vivifica todo o trabalho; e considero-o como seu igual, porque é um homem, e todo o homem vale outro homem aos olhos do filósofo, visto que carrega com a sua parte de miséria e de fatalidade como qualquer outro, e que, mais até que outro qualquer, está exposto à queda de uma pedra ou à quebra de um andaime.

- Interrompo-vos - disse Bálsamo. - Abandonais a questão de que só nós devemos ocupar. O vosso defeito, irmão, consiste em exagerar o zelo e generalizar as discussões. Não se trata hoje de saber se é boa ou má a nossa constituição, senão de manter a firmeza e a integridade dessa constituição. Se eu quisesse discutir convosco, responderia: Não, o órgão que recebe o movimento não é igual

ao génio do criador; não, o obreiro não é igual ao architecto; não, a cabeça não é igual ao braço.

- Se o senhor de Sartines lançar a mão a um dos nossos irmãos dos últimos graus - bradou Marat com vivacidade - deixará de o mandar apodrecer na Bastilha tal qual como o faria a vós ou a mim?

- Concorde; mas, prendendo um desses irmãos, só haverá dano para o indivíduo e não para a ordem, que para nós deve ser a primeira coisa. Se o chefe for preso, a conjuração há-de parar; se faltar o general, perder-se-á a batalha. Irmãos, velai pela salvação dos chefes!

- Sim, mas eles que velem também da sua parte pela nossa.

- É o seu dever.

- E tenham os seus erros dobrado castigo.

- Eu o repito, meu irmão, afastais-vos das regras da ordem. Ignorais que o juramento que liga todos os membros da

nossa associação é o mesmo, e aplica a todos as mesmas penas?

- Os grandes acharão sempre meio de se subtraírem a elas, irmão.

- Não é essa a opinião dos grandes, irmão; ouvi o final da carta do nosso profeta Swedenborg, um dos grandes entre nós; eis o que diz:

“O mal virá dos grandes, de um dos maiores da ordem, ou, se não vier exactamente dele, não deixará por isso de lhe ser imputada a falta; lembrai-vos que o fogo e a água podem ser cúmplices: um dá a luz, outro as revelações.

Velai, irmãos, sobre tudo e sobre todos, velai.”

- Então - disse Marat tomando do discurso de Bálsamo e da carta de Swedenborg o lado de que queria tirar partido - repitamos o juramento que nos liga, e obriguemo-nos a mantê-lo em toda a sua integridade, qualquer que seja aquele que nos tiver atraído ou for causa de traição.

Bálsamo pensou um instante, e levantando-se da sua cadeira, pronunciou as palavras consagradas, que os nossos leitores já viram uma vez, com voz vagarosa, solene e terrível.

“Em nome do Filho crucificado, juro quebrar os laços carnaís que me ligam a pai, mãe, irmãos, irmãs, mulher, parentes, amigas, amantes, reis, benfeitores, e a todo ente, qualquer que seja, a quem eu tenha prometido fé, obediência ou serviço.

Juro revelar ao chefe, que reconheço, segundo os estatutos da ordem, tudo quanto tiver feito, visto, lido ou ouvido, sabido ou descoberto e até procurar e espiar tudo o que se me não oferecer à vista.

Respeitarei o veneno, o ferro e o fogo como meio de purificar o globo pela morte ou pela loucura dos que procuram aviltar a verdade ou arrancá-la das nossas mãos.

Subscrevo à lei do silêncio; consinto em morrer como fulminado no dia em que tiver merecido castigo, e espero, sem me queixar, a

punhalada que me há-de ferir em qualquer parte da terra em que me ache.”

Então os sete homens que compunham a sinistra assembléia repetiram palavra por palavra este juramento, conservando-se de pé, e descobertos.

Depois, acabadas as palavras sacramentais:

- Estamos garantidos - disse Bálsamo; - não cortemos com mais incidentes a nossa discussão. Tenho que dar à junta conta dos principais acontecimentos do ano.

“A minha gerência dos negócios de França não deixará de apresentar algum interesse a espíritos esclarecidos e zelosos como os vossos.

Eu começo.

A França está situada no centro da Europa, como o coração no centro do corpo; vive e faz viver. É nas suas agitações que se deve procurar a causa de todo o mal que perturbe o organismo geral.

Vim portanto à França, e aproximei-me de Paris como o médico se aproxima do coração: auscultei, apalpei, experimentei. Quando há um ano me acerquei dela a monarquia estava cansada; hoje os vícios matam-na. Julguei dever precipitar o efeito dessas mortais devassidões, e para isso protegi-as.

Um obstáculo se apresentava no meu caminho: esse obstáculo era um homem, e esse homem não era o primeiro, mas era o mais poderoso do Estado, depois do rei.

Era dotado de algumas dessas qualidades que agradam aos outros homens. É verdade que era muito orgulhoso, mas esse orgulho applicava-o aos seus trabalhos; sabia adoçar a servidão do povo, fazendo-lhe crer, e até ver algumas vezes, que é uma parte do Estado, e consultando-o não raro sobre as suas próprias misérias, e arvorava um estandarte em volta do qual sempre as massas se reúnem: o espírito nacional.

Odiava os Ingleses, inimigos naturais da França; odiava a favorita, natural inimiga das classes laboriosas. Ora, se tal homem tivesse sido um usurpador, se tivesse sido um dos nossos, se tivesse trilhado o nosso caminho, trabalhado no nosso sentido, tê-lo-ia poupado, tê-lo-ia conservado no poder, tê-lo-ia sustentado com quantos recursos posso criar para os meus protegidos, porque, em vez de escorar a realeza arruinada, tê-la-ia derrubado connosco no dia aprazado. Mas era da classe aristocrática, nascera com os respeitos da primeira ordem, a que não queria prejudicar; da monarquia, contra a qual não ousava atentar; poupava a realeza e desprezava o rei; fazia mais, servia de escudo a essa realeza contra a qual se dirigiam os nossos golpes. O parlamento e o povo, cheios de respeito por aquele dique vivo oposto à invasão da prerrogativa real, mantinha-se numa resistência imoderada, na certeza de, chegado o momento, encontrarem um poderoso auxiliar.

Compreendi a situação. Empreendi a queda do senhor de Choiseul.

Essa obra poderosa, na qual havia dez anos se empenhavam tantos ódios e tantos interesses, comecei-a e concluí-a dentro de poucos meses, por meios que é inútil dizer-vos. Por um segredo, que é uma das minhas forças, força tanto maior quanto há-de eternamente conservar-se oculta aos olhos de todos, manifestando-se apenas pelo efeito, derrubei e expulsei o senhor de Choiseul, e fiz que se lhe ligasse um cortejo de saudades, despeites, lamentações e cóleras.

O trabalho está produzindo os seus frutos; a França inteira pede Choiseul e erguem-se para o reaver como os órfãos erguem ao céu as mãos quando Deus lhes arrebatou os pais.

Os parlamentos usam do único direito que lhes resta, a inércia: cessaram de funcionar. Num corpo bem organizado, como deve ser um Estado de primeira ordem, a paralisia de um órgão essencial é mortal; ora,

o parlamento é para o corpo social o mesmo que o estômago para o corpo humano; deixando os parlamentos de trabalhar, o povo, essas entranhas do Estado, não trabalhará, e por consequência, não poderá pagar: e portanto o ouro, isto é, o sangue há-de faltar-lhe.

Quererão lutar sem dúvida; mas quem há-de lutar contra o povo? Não há-de ser o exército, esse filho do povo, que come o pão do lavrador, que bebe o vinho do vinhateiro. Restam a casa do rei, os corpos privilegiados, os guardas, os suíços, os mosqueteiros, cinco ou seis mil homens, se tanto! O que poderá fazer esse punhado de pigmeus quando o povo se levantar como um gigante?"

- Que se levante então, que se levante! - bradou Marat.

- Mancebo, ainda não vos consultei - disse friamente Bálamo. - Essa sedição das massas - prosseguiu - essa revolta dos fracos tornados fortes pelo seu número contra o poderoso isolado, espíritos menos sólidos,

menos maduros e menos experientes provocá-la-iam imediatamente e conseguia-iam até com pasmosa facilidade; mas eu reflecti, estudei... Desci até ao povo, e debaixo dos seus trajos, com a sua perseverança, com a sua rudez, que eu affectava, vi-o de tão perto que me fiz povo também. Hoje, portanto, conheço-o. Não me enganarei mais a seu respeito. É forte, mas é ignorante; é irritável, mas não rancoroso; numa palavra, não está maduro para a sedição como eu a entendo e como a quero. Falta-lhe a instrução, que lhe mostre os acontecimentos sob o duplo aspecto do exemplo e da utilidade; falta-lhe a memória da sua própria experiência. Parece-se com aqueles ousados mancebos que vi na Alemanha, nas festas públicas, treparem ardentemente até ao cimo de um mastro de navio, onde o bailio mandara colocar um presunto e um copo de prata; iam ardentes de desejos e ganhavam caminho com uma rapidez admirável, mas, chegados ao termo, quando se tratava de estender o braço para

agarrar o prêmio, abandonava-os a força e deixavam-se escorregar até abaixo, no meio das assuadas da multidão. Da primeira vez acontecia como acabo de vo-lo dizer; da segunda vez, poupavam as forças e o fôlego, mas tomando mais tempo, falhavam por irem com demasiado vagar, como antes tinham falhado pela demasiada precipitação; mas à terceira vez, tomavam um meio termo entre a precipitação e o vagar, e venciam. Tal é o plano que medito. Experiências, sempre experiências, que incessantemente nos aproximam do fim desejado até ao dia em que o êxito infalível nos permita alcançá-lo.

Bálsamo cessou de falar e considerou o auditório, onde ferviam todas as paixões da mocidade e da inexperiência.

- Falai, irmão - disse ele a Marat, que acima de todos se agitava.

- Serei breve - disse ele; - as tentativas adormecem os povos quando os não desanimam. As tentativas, são a teoria de Rousseau, cidadão genebrês, grande poeta,

mas génio lento e tímido, cidadão inútil, que Platão expulsaria da sua república! Esperar! Sempre esperar! Desde a emancipação dos comuns, há sete séculos que esperaís! Contai as gerações que têm morrido à espera, e atrevei-vos a tomar ainda por divisa do futuro essa fatal palavra: esperar! O Sr. Rousseau fala-nos da oposição, como se fazia antigamente, como se fazia junto dos marqueses e ajoelhado aos pés dos reis. Molière com as suas comédias, Boileau com as suas sátiras, La Fontaine com as suas fábulas. Pobre e débil oposição, que não adiantou sequer um passo a causa da humanidade! As crianças aceitam essas teorias encobertas sem as compreender e adormecem recitando-as. Rabelais também faz política, conforme a entendeis, mas é uma política que faz rir e não emenda. Ora de trezentos anos a esta parte, tendes visto corrigir algum abuso? Basta de poetas! Basta de teóricos! Venham obras, acções! Há três séculos que deixamos a França nas mãos da

medicina, é tempo que por sua vez entre com ela a cirurgia com os seus instrumentos afiados. A sociedade tem gangrena, tratemos de a dissipar. O que cercado de luxo e opulência se levanta da mesa para ir deitar-se em fofas almofadas, de que manda varrer as folhas de rosas pelos escravos, pode esperar, porque o estômago satisfeito comunica ao cérebro certos vapores, que o recreiam e beatificam; mas a fome, a miséria, o desespero não se satisfazem nem consolam com estrofes, sentenças e contos. Soltam os agudos gritos dos grandes padecimentos; surdo é aquele que não ouve estas lamentações! Maldito aquele que lhes não responde! Uma revolta, ainda quando devesse ser abafada, levará mais luzes aos espíritos do que mil anos de preceitos, mais do que três séculos de exemplos; esclarecerá os reis, se os não derrubar; é muito, é bastante!

Um sussurro lisonjeiro saiu dos lábios de alguns.

- Onde estão os nossos inimigos? -
prosseguiu Marat. - Acima de nós, guardam a porta dos palácios, cercam os degraus do trono; nesse trono está o Paládio, que eles guardam com mais cuidados e receios do que o faziam os Troianos. Esse Paládio, que os torna poderosos, ricos, insolentes, é a realeza a que só se pode chegar passando por cima do corpo dos que a guardam, do mesmo modo que para chegar a um general é preciso aniquilar os batalhões que o protegem. Pois bem! De muitos batalhões nos fala a história, que foram aniquiladas, muitos generais têm sido tomados, desde Dario até ao rei João, desde Régulo até Duiguesclin. Derrubemos a guarda, e chegaremos ao ídolo; é necessário bater primeiro as sentinelas, para depois bater os chefes. Aos cortesãos, aos padres, aos aristocratas, seja o primeiro ataque; o derradeiro aos reis. Contai as cabeças privilegiadas: são apenas duzentas mil; passeai com uma espada na mão nesse belo jardim chamado a França, e cortai essas

duzentas mil cabeças, como Tarquínio fazia às papoilas do Latium, estará tudo feito; já não tereis senão duas potências em presença uma da outra: povo e realeza. Então que a realeza experimente a luta com o povo, esse gigante, e vereis! Quando os anões querem abater um colosso, começam pelo pedestal, quando os lenheiros querem deitar por terra o carvalho, cortam-no pela raiz. Eia! Peguemos no machado, ataquemos o carvalho pela raiz, e essa árvore anosa, copada, soberba, virá beijar o chão aos nossos pés.

- E caindo sobre vós há-de esmagar-vos como pigmeus, desgraçados! - bradou Bálsamo com uma voz forte. - Ah! Desenfreadis-vos contra os poetas, e falais por metáforas mais poéticas e mais figuradas do que as deles! Irmão! Irmão! - prosseguiu ele dirigindo-se a Marat - aprendestes essas frases, eu vo-lo digo, nalgum romance que estudais na vossa água-furtada.

Marat corou.

- Sabeis o que é uma revolução? - continuou Bálsamo. - Tenho visto duzentas, eu, e posso dizer-vo-lo. Vi a do Egipto antigo, vi a da Assíria, as da Grécia, as de Roma, as do Baixo Império. Vi as da Idade Média, em que os povos se deitavam uns aos outros, Oriente sobre o Ocidente, Ocidente sobre o Oriente, despedaçando-se uns aos outros sem se entenderem. Desde a dos reis pastores até aos nossos dias, tem havido cem revoluções talvez. E ainda há pouco vos queixáveis de ser escravos. Então não servem as revoluções de coisa nenhuma. E por quê? Porque aqueles que faziam as revoluções tinham todos a mesma enfermidade; apressavam-se demasiado. Deus, que preside às revoluções do mundo, como o génio preside às revoluções dos homens, nunca se apressa! Derrubai! Derrubai o carvalho, a árvore frondosa! Bradais vós. - E não calculais que o carvalho, ao qual basta um segundo para cair, cobre tanto terreno quando está no chão, que um cavalo a galope não a andaria em menos

de trinta segundos. Ora, os que derrubassem o carvalho, não tendo tempo de fugir, estavam perdidos, esmagados, aniquilados debaixo desse imenso corpo. É isso o que pretendeis, não é verdade? Não o alcançareis de mim. Como Deus, tenho sabido viver vinte, trinta, quarenta vezes a vida de um homem. Como Deus, também eu sou eterno. Terei paciência como Deus. O meu destino, o vosso, o do mundo inteiro tenho-o fechado nesta mão. Ninguém me obrigará a abrir contra minha vontade esta mão-cheia de verdades espantosas. É o raio, que ela contém, bem o sei; pois bem! o raio permanecerá nela como na destra onipotente de Deus. Meus senhores, abandonemos essas alturas demasiado sublimes, e desçamos à Terra.

- Meus senhores, digo-vo-lo com simplicidade e convicção, ainda não é tempo; o raio que está sobre o trono é um último reflexo do grande rei que o povo ainda venera; e nessa majestade que se apaga há

alguma coisa que ainda deslumbra bastante para opor aos raios dos vossos pequenos ressentimentos. Este nasceu rei, rei há-de morrer; a sua raça é insolente, mas pura. A sua origem, podeis lê-la na sua fronte, no seu gesto, na sua voz. Há-de sempre ser o rei. Derrubamo-lo e acontecerá o que aconteceu a Carlos I; os seus algozes virão prostrar-se diante dele, e os cortesãos da sua desgraça, como Lorde Capell, beijarão a mão que tiver cortado a cabeça do seu amo.

Ora, meus senhores, vós todos sabeis, a Inglaterra apressou-se. O rei Carlos I morreu no cadafalso, é verdade, mas o rei Carlos II, seu filho, morreu no trono.

Esperai, meus senhores, esperai, porque os tempos vão ser propícios.

Quereis destruir as flores-de-lis? É a divisa de todos nós: *Lilia pedibus destrue*. Mas é necessário que não fiquem raízes que permitam à flor de S. Luís conservar a esperança de florescer novamente. Quereis destruir a realaleza? Esperai que ela deixe de

ser um sacerdócio, para ser um ofício; que se não exerça num templo, mas sim numa repartição. Ora, o que há de mais sagrado na realeza, isto é, a legítima transmissão do trono autorizado por Deus e pelos povos desde muitos séculos, está perdido para sempre! Escutai! Escutai! Essa invencível barreira colocada entre nós, que nada somos, e essas criaturas quase divinas, esse limite que nunca os povos ousaram ultrapassar e que chamam a legitimidade, essa palavra brilhante como um farol, e que, até hoje, tem garantido a realeza do naufrágio, essa palavra vai apagar-se com o sopro da misteriosa fatalidade.

A delfina, Chamada à França para perpetuar a raça dos reis pela mistura do sangue imperial, a delfina, casada há um ano com o herdeiro do trono de França... Aproximai-vos, meus senhores, porque receio que o rumor das minhas palavras passe além do nosso círculo.

- Então? - perguntaram com ansiedade os seis chefes.

- Então, senhores, a delfina é ainda virgem!

Um sinistro murmúrio, que teria feito fugir todos os reis do mundo, tanto era o júbilo odiento e o triunfo vingador que encerrava, subiu como um vapor mortal daquele círculo estreito de seis cabeças, que quase se tocavam, dominadas como estavam pela de Bálsamo inclinado sobre elas do alto do seu estrado.

- Neste estado de coisas - prosseguiu Bálsamo - apresentam-se duas hipóteses, ambas igualmente aproveitáveis para a nossa causa:

A primeira é que a delfina fique estéril, e nesse caso extingue-se a raça, e o porvir não deixa aos nossos amigos nem combates, nem dificuldades, nem desordens. Hão-de acontecer a essa raça, já marcada para a morte, o mesmo que aconteceu em França todas as vezes que três irmãos se têm

sucedido; o que aconteceu aos filhos de Filipe, o Belo, Luís de Hutin, Filipe, o Longo e Carlos IV, mortos sem posteridade, depois de haverem reinado todos três; o que aconteceu aos filhos de Henrique II, Francisco II, Carlos IX e Henrique III, mortos sem posteridade depois de haverem reinado todos três. Como eles, o delfim, o conde de Provença e o conde de Artois hão-de reinar todos três, e todos três hão-de morrer sem filhos, como os outros morreram: é a lei do destino.

E daí, como depois de Carlos IV, o último da raça Capeto, veio Filipe de Valois, colateral dos reis precedentes; como depois de Henrique III, o último da raça dos Valois, veio Henrique IV de Bourbon, colateral da raça precedente; depois do conde de Antois, inscrito no livro da fatalidade como o último dos reis do ramo mais velho, virá talvez algum Cromwell ou algum Guilherme de Orange, estranho, quer à raça, quer à ordem natural de sucessão.

Eis o que a primeira hipótese nos dá.

A segunda, é ,que a delfina não seja estéril. E é nesse laço em que os nossos inimigos vão cair julgando que somos nós os que cairemos. Oh! Se a delfina não fica estéril, se a delfina for mãe, então, quando todos se regozijarem na corte, e julgarem consolidada a realeza em França, poderemos também regozijarmos, porque possuiremos um segredo de tal modo terrível, que nenhum prestígio, nenhum poder, nenhuns esforços poderão suste-se contra os crimes que esse segredo conterà, em vista das desgraças que dessa fecundidade resultarão para a rainha futura; porque esse herdeiro, que ela der ao trono, facilmente o faremos ilegítimo, porque com essa fecundidade facilmente a declararemos adúltera. Tanto que junto dessa fecundidade factícia, que o Céu parecerá ter-lhe concedido, a esterilidade teria sido uma mercê do Céu. Eis aí, meus senhores, o motivo por que me abstenho; eis aí, meus irmãos, o motivo por que espero; eis aí finalmente o motivo por que julgo inútil

desenfrear hoje as paixões populares que empregarei eficazmente quando o tempo for chegado.

Agora, meus senhores, sabeis qual foi o trabalho deste ano; vedes o progresso das nossas minas. Ficai portanto persuadidos que só venceremos com o génio e o ânimo de uns, que serão os olhos e a cabeça, a perseverança e o trabalho de outros ainda, que representarão os braços, a fé e a dedicação de outros ainda, que serão o coração.

Penetrai-vos e convencei-vos principalmente da necessidade de uma obediência cega, que faz com que o vosso próprio chefe se imole à vontade dos estatutos da ordem, no dia em que assim o exigirem esses estatutos.

Com isto, meus senhores e amados irmãos, fecharia a sessão, se não tivesse ainda um bem que fazer, um mal que indicar.

O grande escritor que esteve entre nós esta noite, e que seria dos nossos se não fosse o intempestivo zelo de um dos nossos irmãos,

que aterrou aquela alma tímida, esse grande escritor, dizia eu, teve razão diante da nossa assembléia, e deploro como grande desgraça que um estranho tenha razão na presença de uma maioria de irmãos que mal conheçam as nossas regras e que não conhecem o nosso fim.

Rousseau, triunfando com os sofismas dos seus livros das verdades da nossa associação, representa um vício fundamental, que eu extirparia a ferro e fogo, se não nutrisse ainda a esperança de o curar pela persuasão. O amor-próprio de um dos nossos irmãos desenvolveu-se desastrosamente. Fez-nos ser vencidos na discussão; nenhum outro caso semelhante se tornará a apresentar, eu o espero, senão ver-me-ei obrigado a recorrer às vias da disciplina.

Agora, meus senhores, propagai a fé pela doçura e a persuasão; insinuai-a, não a imponhais, não a queirais fazer entrar nas almas rebeldes a golpes de malho e de machado, como fazem os inquisidores, por

meio dos carrascos. Lembrai-vos que só poderemos ser grandes depois de ser tidos por bons, e só nos considerarão bons se formos melhores do que quanto nos cerca; lembrai-vos ainda que entre nós, os grandes, os bons e os melhores nada são sem a ciência, a arte e a fé; nada, enfim, ao pé daqueles que Deus marcou para dominar os homens e reger um império.

Meus senhores, está fechada a sessão.”

Assim que pronunciou estas palavras, Bálsamo cobriu-se e embuçou-se na sua capa.

Então cada um dos iniciados foi saindo por sua vez, só e silencioso, para não causar suspeitas.

XVIII

O CORPO E A ALMA

O último que não saiu, conservando-se ao pé do mestre, foi Marat, o cirurgião.

Aproximou-se humildemente e muito pálido do terrível orador, cujo poder era ilimitado.

- Mestre - perguntou ele - acaso cometi algum erro?

- Um grande erro, senhor - disse Bálsamo; - e, o que há de pior, é supor não o ter cometido.

- Pois confesso, que não só creio não ter cometido erro, senão que suponho ter falado como cumpria.

- Orgulho! Orgulho! - murmurou Bálsamo; - orgulho, demónio destruidor! Os homens combatem a febre nas veias do enfermo, a peste nas águas e no ar; mas deixam por tal forma arraigar-se-lhes o

orgulho nos corações, que lhes não é possível arrancá-lo.

- Oh! Mestre - disse Marat - forma bem triste opinião de mim. Sou eu porventura tão pouca coisa que não me possa contar entre os meus semelhantes? Tão mal colhi eu o fruto dos meus trabalhos, que seja incapaz de dizer uma palavra sem ser tachado de ignorante? Sou eu um adepto tão desastrado que se suspeite da minha convicção? Quando mais não fosse, existo pela minha dedicação à santa causa do povo.

- Senhor - redargüiu Bálsamo - é que o princípio do bem luta ainda no seu ânimo contra o princípio do mal, que me parece dever um dia vencê-lo; é por isso, que hei-de tentar emendar esses defeitos. Se tenho de o conseguir, se o orgulho não suplantou já todos os outros sentimentos, há-de ser no breve espaço de uma hora que o consiga.

- Dentro de uma hora? -disse Marat.

- Sim. Quer conceder-me essa hora?

- Certamente.

- Onde poderei encontrá-lo?

- Mestre, é a mim que cabe procurá-lo no lugar que se dignar designar-me.

- Pois então - disse Bálsamo - irei a sua casa.

- Repare a que se obriga, mestre; moro numa água-furtada na Rua dos Cordoeiros. Uma água-furtada, ouve? - disse Marat com afectação de orgulhosa simplicidade, com uma fanfarronada de miséria, que não escapou a Bálsamo - ao passo que o senhor...

- Ao passo que eu?...

- Ao passo que o senhor, mora, segundo dizem, num palácio.

Bálsamo encolheu os ombros, como faria um gigante, que da sua altura medisse as iras de um anão.

- Pois sim, senhor - respondeu - irei procurá-lo à sua água-furtada.

- Quando, senhor?

- Amanhã.

- A que horas?

- De manhã.

- É que ao despontar do dia vou ao meu anfiteatro, e dali ao hospital.

- É exactamente o que eu preciso. Havia de pedir-lhe para me levar lá, se mo não tivesse proposto.

- Mas há-de ser cedo; eu durmo pouco - disse Marat.

- E eu não durmo - respondeu Bálsamo. - Então ao amanhecer.

- Lá o espero.

E separaram-se, porque tinham chegado à porta da rua, tão sombria e solitária à hora da saída quanto povoada e tumultuosa no momento da entrada.

Bálsamo tomou para a esquerda e desapareceu rapidamente.

Marat imitou-o, dirigindo-se para a direita.

Bálsamo foi exacto: no dia seguinte, às seis horas da manhã, batia à porta do patamar que, dentro de um extenso corredor com seis portas, formava o último pavimento de uma casa antiga da Rua dos Cordoeiros.

Conhecia-se que Marat preparara tudo para receber mais dignamente o seu ilustre visitante. O modesto leito de nogueira e a cómoda brilhavam sob o forte esfregar de uma mulher, que sem descansar ,se afadigava com aquela mobília carunchosa.

Marat prestava activo auxílio à mulher e refrescava num pequeno vaso de louça azul as flores pálidas e estioladas, principal ornamento da humilde trapeira.

Conservava ainda debaixo do braço um pano, o que indicava que só tinha ido tratar das flores depois de ter ajudado à limpeza dos trastes.

Como a chave estava na porta e Bálsamo entrou sem bater, surpreendeu Marat nessa ocupação.

Marat, à vista do mestre, corou muito mais do que era permitido a um estóico verdadeiro.

- Vê, senhor - disse ele atirando disfarçadamente para trás de uma cortina o pano revelador - sou amo e ajudo esta boa

criatura. Mas escolho o trabalho, o que se não é de bom plebeu, também não é de fidalgo.

- Isso é próprio de um rapaz pobre e asseado - disse Bálsamo friamente - nada mais. Está pronto, senhor? Sabe que não tenho tempo a perder.

- Vou vestir a minha casaca, senhor... Sr^a. Grivette, dê-me a minha casaca... Esta mulher é minha porteira; serve-me de aia, de cozinheira, de mordomo, e dou-lhe três francos cada mês.

- Louvo muito a economia - disse Bálsamo; - é a riqueza dos pobres e a prudência dos ricos.

- O meu chapéu e a bengala - pediu Marat.

- Estenda o braço - disse Bálsamo; - está aí o seu chapéu, e a bengala que está ao pé dele deve ser a sua.

- Oh! Perdão, senhor, estou tão confuso...

- Está pronto?

- Estou, sim, senhor; o meu relógio, Sr^a. Grivette.

A Sr^a. Grivette voltou-se de um lado para o outro, mas não respondeu.

- Para ir ao anfiteatro e ao hospital, senhor, não precisa de relógio; talvez levem muito tempo antes de o achar e demorar-nos-íamos demasiado.

- Entretanto, senhor, estimo muito o meu relógio, que é excelente e eu comprei muito em conta.

- Durante a nossa ausência a Sr^a. Grivette o procurará - respondeu Bálsamo sorrindo; - e se procurar bem, quando voltar já o terá achado.

- Oh! Certamente - disse a Sr^a. Grivette - há-de achar-se, se porventura o senhor não o tiver deixado nalguma parte; aqui nada se perde.

- Ouviu? - disse Bálsamo. - Vamos, senhor, vamos.

Marat não quis insistir e seguiu Bálsamo resmungando.

Assim que saíram a porta, Bálsamo perguntou:

- Onde vamos nós primeiro?

- Ao anfiteatro, se o mestre não manda outra coisa; vi um exemplar que deve ter morrido esta noite com uma meningite; tenho que lhe fazer algumas observações no cérebro, e não quero que os colegas mo tirem.

- Pois vamos ao anfiteatro.

- E demais, é a dois passos de distância daqui: o anfiteatro fica ao pé do hospital, é só entrar e sair; pode até esperar por mim à porta.

- Pelo contrário, desejo entrar com o senhor; ouvir a sua opinião sobre o exemplar.

- Quando ele era corpo?

- Não, desde que é cadáver.

- Oh! Cuidado - disse Marat sorrindo; - talvez lhe ganhe um ponto, porque conheço essa parte da minha profissão, e dizem que sou hábil bastante em anatomia.

- Orgulho, orgulho e mais orgulho! - murmurou Bálsamo.

- Que diz? - perguntou Marat.

- Digo que vamos ver isso, senhor -
redargüiu Bálsamo.

- Entremos.

Marat foi o primeiro que entrou no estreito corredor, que conduzia ao anfiteatro situado no fim da Rua Hautefeuille.

Bálsamo seguiu-o sem hesitar até à sala comprida e estreita onde, sobre uma mesa de mármore, se viam estendidos dois cadáveres, um de mulher, outro de homem.

A mulher morrera muito moça. O homem era velho e calvo; um mau sudário lhes cobria o corpo, deixando-lhes os rostos meios descobertos.

Estavam ambos deitados costas com costas sobre aquele leito gelado, eles que talvez nunca em vida se tivessem visto neste mundo, e cujas almas, peregrinando então na eternidade, bem admiradas deviam estar de ver semelhante intimidade entre os seus restos mortais.

Marat levantou e pôs de parte num só movimento a coberta ordinária e grosseira

que cobria os dois desgraçados, que a morte tornara iguais perante o escalpelo do cirurgião.

Os dois cadáveres estavam nus.

- A vista dos mortos não lhe repugna? - perguntou Marat com a costumada fanfarronice.

- Entristece-me - redargüiu Bálamo.

- É por falta de costume - disse Marat. - Eu, como todos os dias vejo esse espectáculo, não me causa tristeza nem repugnância. Nós os cirurgiões, como vivemos com os mortos, não interrompemos por causa deles nenhuma das funções ordinárias da nossa vida.

- É esse um dos tristes privilégios da sua profissão, senhor.

- E daí - acrescentou Marat - por que entristeceria eu, por que me repugnaria isto? Para o primeiro caso tenho a reflexão; para o segundo o costume.

- Explique-me as suas idéias - disse Bálamo - porque não as compreendo bem. Explique-me primeiramente a reflexão.

- Pois sim. Por que havia eu de assustar-me? Por que teria medo de um corpo inerte, de uma estátua que é de carne em lugar de ser de mármore ou de granito?

- E não há efectivamente nada num cadáver?

- Nada, absolutamente.

- Parece-lhe isso?

- Tenho essa certeza.

- E num corpo vivo?

- Há o movimento - disse Marat triunfantemente.

- E a alma, não fala dela, senhor?

- Nunca a vi nos corpos que tenho retalhado com o meu escalpelo.

- Porque só tem retalhado cadáveres.

- Oh! não, senhor, tenho feito muitas operações em corpos vivos.

- E nada mais tem encontrado neles, do que nos cadáveres?

- Sim, encontrei a dor. É porventura à dor que chama a alma?

- Então não crê nela?

- Em quê?

- Na alma.

- Creio, porque estou no meu direito de lhe chamar o movimento, se assim me aprouver.

- Muito bem; crê na alma, é quanto eu queria saber; estimo que tenha essa crença.

- Espere um pouco, mestre, entendam-nos, e sobretudo, não exageremos - disse Marat com o seu sorriso de víbora. - Nós cá, os cirurgiões, somos um pouco materialistas.

- Estes corpos estão bem frios - disse Bálsamo pensativo - e esta mulher era bem formosa.

- Sim, sim.

- Uma bela alma teria certamente ficado bem em tão belo corpo.

- Ah! Aí está onde reside o erro do que a criou. Bela bainha, má folha. Este corpo, senhor, era de uma meretriz, que saiu de S.

Lázaro para vir morrer de uma inflamação do cérebro no hospital. A sua crónica é longa e sofrivelmente escandalosa. Se chama alma ao movimento, que punha em acção esta criatura, ofende as nossas almas, que devem ser da mesma essência, visto que provêm da mesma origem.

- Alma que se deveria ter curado - disse Bálsamo e que se perdeu por falta do único médico indispensável, o médico da alma.

- Ai, mestre, aí está mais uma das suas teorias! Médicos só há os do corpo - redargüiu Marat com um amargo sorriso. - E repare, mestre, que tem neste momento nos lábios uma palavra que Molière empregou muitas vezes nas suas comédias, e é essa palavra que o faz sorrir.

- Não - disse Bálsamo - engana-se, e não pode saber o motivo deste sorriso. Por agora, o que concluimos é que estes cadáveres estão vazios, não é verdade?

- E insensíveis - disse Marat levantando um pouco a cabeça da mulher e deixando-a

de novo cair no mármore, sem que o corpo se movesse nem estremecesse.

- Muito bem - disse Bálsamo - vamos agora ao hospital.

- Um momento, mestre, deixe-me primeiro separar do tronco esta cabeça que desejo possuir para certas observações, porque foi a sede de uma enfermidade muito curiosa. Dá licença?

- Pois não - disse Bálsamo.

Marat abriu o seu estojo, tirou dele um bisturi e foi buscar a um canto da casa um grande malho de pau todo cheio de nódoas de sangue.

Então, com mão segura, fez um grande corte circular, que separou toda a carne e todos os músculos do pescoço; e daí, chegado ao osso, meteu o bisturi entre duas juntas da coluna vertebral, e bateu em cima com o malho uma pancada forte.

A cabeça rolou por sobre a mesa e caiu para o chão; Marat viu-se obrigado a ir apanhá-la com as mãos úmidas de sangue.

Bálsamo voltou a cara para o lado para não regozijar o triunfador.

- Algum dia - disse Marat, que julgava apanhar o mestre em fraqueza - algum dia aparecerá algum filósofo que se há-de ocupar da morte como os outros se ocupam da vida; há-de achar uma máquina que há-de assim desligar a cabeça com um só golpe, e que tornará a aniquilação instantânea, o que se não consegue com nenhum dos outros géneros de morte; a roda, o esquartejamento, a forca, são suplícios próprios de bárbaros e não de homens civilizados. Uma nação esclarecida como a França, deve castigar e não vingar-se. Porque a sociedade que roda, enforca ou esquarteja vinga-se do criminoso com o padecimento, antes de o castigar com a morte, o que é de mais, segundo a minha opinião.

- E segundo a minha também, senhor. Mas que espécie de instrumento quer dizer?

- Uma espécie de máquina fria e impassível como a lei; o homem encarregado

de castigar, impressiona-se à vista do seu semelhante, e muitas vezes erra o golpe como aconteceu com Chalais e com o duque de Moramouth. Não aconteceria isso com uma máquina formada de dois braços, que fizessem mover um cutelo, por exemplo.

- E o senhor julga que pelo motivo de passar esse cutelo com a rapidez do raio entre a base do occipital e os músculos trapézios, julga que por isso a morte seria instantânea e a dor rápida?

- A morte seria instantânea, não há dúvida, pois que o ferro cortaria com um só golpe os nervos que dão o movimento. A dor seria rápida, porque o ferro separaria o cérebro, que é a sede dos sentimentos, do coração, que é o centro da vida.

- Senhor - disse Bálsamo - o suplício da decapitação existe na Alemanha.

- Sim, mas com a espada, e eu já lhe disse que a mão do homem pode tremer.

- Na Itália existe uma máquina semelhante; uns braços de pau fazem-na mover e chamam-lhe a *mannaja*.

- E então?

- Então, senhor, vi criminosos decapitados pelo carrasco levantaram-se do banco em que estavam sentados, e cambaleando irem cair a dez passos de distância. Apanhei as cabeças que caíam da *mannaja*, como ainda há pouco caiu de cima da mesa de mármore essa cabeça que tem segura pelos cabelos, e pronunciando-lhe ao ouvido o nome com que em vida tinha sido baptizada, vi abrirem-se os olhos e revolverem-se nas órbitas, procurando ver quem era que da terra os chamava nessa transição da vida para a eternidade.

- É um movimento nervoso, nada mais.

- Não são os nervos os órgãos da sensibilidade?

- O que pretende concluir daí, senhor?

- Concluo que seria preferível, em lugar de inventar uma máquina que mate para

castigar, que o homem inventasse um meio de castigar sem matar. Há-de ser a melhor e a mais ilustrada das sociedades, acredite no que lhe digo, a que descobrir esse meio.

- Utopia! Sempre utopia! - disse Marat.

- Desta vez tem talvez razão - disse Bálsamo; - o tempo nos esclarecerá... Não me tinha falado do hospital?... Vamos lá!

- Vamos! - disse Marat.

E embrulhou cuidadosamente a cabeça da mulher no lenço de assoar, atando-o pelas pontas.

- Agora - disse Marat saindo - tenho a certeza de que os meus condiscípulos só apanharão os caídos.

Dirigiram-se para o hospital, caminhando um a par do outro.

- Cortou essa cabeça com muita frieza e habilidade, senhor - disse Bálsamo; - tem menos comoção quando se trata dos vivos do que com os mortos? O padecimento condói-o mais do que a imobilidade? Tem mais piedade dos corpos que dos cadáveres?

- Não, porque seria uma fraqueza, como a seria no carrasco que se deixasse impressionar. Tanto se mata um homem cortando-lhe mal uma perna, como cortando-lhe mal a cabeça. Um bom cirurgião deve operar com a mão e não com o coração, porque tem a consciência de que por um instante de sofrimento dá anos de vida e saúde, e é esse o lado bom da nossa profissão, senhor.

- Muito bem; mas nos vivos encontra a alma, não é assim?

- Sim, se quer concordar comigo que a alma seja o movimento ou a sensibilidade; sim, decerto que a encontro, e bem incômoda mesmo, porque mata mais doentes do que o meu escalpelo.

Tinham chegado à porta do hospital. Entraram. Pouco depois, guiado por Marat, que não abandonara o sinistro fardo, pôde Bálsamo penetrar na sala das operações, invadida pelo cirurgião em chefe e pelos discípulos de cirurgia.

Os enfermeiros acabavam de trazer um rapaz, que na semana antecedente tinha sido atropelado por uma carruagem, a qual, passando-lhe sobre um pé, lho esmagara.

Uma primeira operação feita à pressa no membro adormecido pela dor não fora bastante, porque o mal desenvolvera-se rapidamente e fora julgada inevitável a amputação da perna.

Aquele desgraçado, estendido no seu leito de angústias, olhava com um terror capaz de abrandar tigres para aquele bando de esfaimados, que esperavam o momento do seu martírio, da sua agonia talvez, para estudar a ciência da vida, fenómeno maravilhoso, por detrás do qual se oculta o sombrio fenómeno da morte.

Parecia pedir a cada cirurgião, a cada discípulo, a cada enfermeiro uma consolação, um sorriso, uma carícia; mas só via por toda a parte a indiferença com o seu coração, o aço com os seus olhos.

Um resto de ânimo e de orgulho conservava-o mudo. Reservava todas as suas forças para os gritos que a dor ia em breve arrancar-lhe.

Entretanto, quando sentiu nos ombros a mão pesadamente amável do enfermeiro, quando sentiu os braços dos ajudantes enroscarem-se em torno do seu corpo como as serpentes de Laçoonte, quando ouviu a voz do operador dizer-lhe: ânimo! atreveu-se o infeliz a interromper o silêncio e a perguntar com voz tímida:

- Padecerei muito?

- Não! Esteja sossegado - respondeu Marat com um sorriso falso, suave para o enfermo, irónico para Bálamo.

Marat viu que Bálamo o tinha percebido; aproximou-se dele, e em voz baixa disse-lhe:

- É uma operação terrível; o osso está todo partido é de uma sensibilidade aterradora. Não morre do mal, mas da dor; e aí está de que serve a alma àquele ser vivo.

- Então por que motivo lhe faz a operação? Por que não o deixa morrer sossegadamente?

- Porque é obrigação tentar a cura, ainda que pareça impossível.

- E diz que há-de padecer?

- Horrivelmente.

- Por causa da alma?

- Por causa da alma, sim, que tem muita ternura pelo corpo.

- Então por que não opera sobre a alma? O sossego da alma seria talvez a cura do corpo.

- É o que acabo de fazer - disse Marat, enquanto continuavam a ligar o corpo do infeliz.

- Preparou-lhe a alma?

- Sim.

- De que modo?

- Como se faz, com palavras. Falei à alma, à inteligência, à sensibilidade, à coisa que fez dizer ao filósofo grego: “Dor, tu não és um mal” que é a linguagem que convém a

essa coisa. Eu disse-lhe: “Não sofrerás”. Depende agora da alma não sofrer, é da sua competência. É este o remédio até hoje conhecido, quanto às questões da alma: mentira! Também não sei porque há-de o diabo da alma andar ligada ao corpo! Há pouco, quando cortei aquela cabeça, o corpo nada disse, e contudo a operação era grave. Mas, como não havia de ser assim! O movimento tinha cessado, tinha-se apagado a sensibilidade, a alma tinha voado, como dizem os espiritualistas. Aí está, porque se não queixou a cabeça que cortei, aí está porque o corpo que há pouco decapitei não me opôs resistência; ao passo que este, em que a alma habita ainda, verdade é que por pouco tempo, mas enfim em que ainda habita, vai, dentro de alguns instantes, soltar gritos terríveis. Tape bem os ouvidos, mestre. Tape-os bem, o senhor, que é sensível a essa conexão das almas e dos corpos, que há-de matar sempre a sua teoria, até ao dia em que ela tiver conseguido isolar o corpo da alma.

- E julga que nunca se conseguirá esse isolamento?

- Experimente - disse Marat - a ocasião é óptima.

- Pois bem, sim, tem razão - disse Bálsamo - a ocasião é óptima, e eu vou experimentar.

- Pois experimente.

- Experimento, sim.

- E como?

- Não quero que aquele rapaz padeça, interessa-me muito.

- É um ilustre chefe - disse Marat - mas nem é o Deus padre, nem o Deus filho, e não poderá impedir que aquele homem padeça.

- E se ele não padecesse, julga que seria possível curar-se?

- Seria provável, mas não é certo.

Bálsamo lançou sobre Marat um inexplicável olhar de triunfo, e colocando-se diante do jovem enfermo, cujos olhos espantados e já exprimindo angústia e terror se encontraram com os dele, disse-lhe:

- Durma!

Esta ordem não foi dada só com a boca, senão também com o olhar, com a vontade, com todo o calor do seu sangue, com todo o fluido do seu corpo.

Neste momento o cirurgião principal começava a apalpar a perna do doente, e a fazer observar aos discípulos a intensidade do mal.

Mas, à ordem de Bálsamo, o rapaz, que se tinha sentado na cama, oscilou um instante nos braços dos ajudantes, inclinou a cabeça e fechou os olhos.

- Perde os sentidos - disse Marat.

- Não, senhor.

- Pois não vê que perdeu os sentidos?

- Não perdeu, dorme.

- Como, dorme?

- Dorme, sim.

Voltaram-se todos para o estranho médico que tomaram por doido.

Um sorriso de incredulidade passou pelos lábios de Marat.

- É costume falar-se durante um desmaio? – perguntou Bálsamo.

- Não, senhor.

- Pois então, interrogue-o, que ele lhe responderá.

- Eh! Rapaz! - bradou Marat.

- Oh! Não precisa gritar tanto - disse Bálsamo-; fale em tom natural.

- Diga-nos o que tem?

- Mandaram-me dormir, e eu durmo - respondeu o enfermo.

A voz era perfeitamente sossegada e fazia contraste com a que pouco antes se tinha ouvido.

Os que estavam presentes olharam uns para os outros.

- Agora - disse Bálsamo - tire-lhe todas as ligaduras.

- Isso não pode ser - disse o cirurgião em chefe - um único movimento que ele faça pode prejudicar a operação.

- Não se há-de mover.

- Quem me dá essa certeza?

- Eu e ele. Perguntem-lho.

- Podem deixá-lo sem ligaduras, meu amigo?

- Podem.

- Promete não fazer movimento algum?

- Prometo, se assim o ordenam.

- Ordeno-o eu.

- Por minha alma - disse o cirurgião em chefe - fala com uma tal certeza, que estou tentado a fazer a experiência.

- Faça, e não receie coisa alguma.

- Tirem as ligaduras - disse o cirurgião em chefe.

Os ajudantes obedeceram.

Bálsamo foi colocar-se à cabeceira do leito.

- A começar deste momento - disse ele - não faça movimento algum sem que eu lho ordene.

Uma estátua deitada sobre um túmulo não seria mais imóvel do que ficou o enfermo depois desta ordem.

- Agora, faça a operação, senhor - disse Bálamo; - o enfermo está perfeitamente disposto.

O cirurgião pegou no escalpelo; no momento porém de servir-se dele, hesitou.

- Corte, senhor, corte, digo-lho eu - bradou Bálamo com o modo de um profeta inspirado.

Aquele, dominado como Marat, como o doente, como todos os circunstantes, chegou o aço à carne.

A carne rangeu, mas o enfermo não soltou um suspiro, não fez um movimento.

- De que terra é, meu amigo? - perguntou Bálamo.

- Sou bretão, senhor - respondeu o rapaz sorrindo.

- E gosta da sua terra?

- Oh! Senhor, a Bretanha é tão formosa!

Durante este tempo o cirurgião dava os golpes circulares por meio dos quais, nas amputações, se começa por descobrir o osso.

- Veio de lá muito novo? - perguntou Bálamo.

- Tinha dez anos, senhor.

Os golpes estavam dados, o cirurgião aproximava a serra do osso.

- Meu amigo - disse Bálamo - cante aquela canção que os trabalhadores das marinhas de Batz costumam cantar à noite, quando recolhem a casa. Só me lembro do primeiro verso:

“Meu sal d’escuma coberto.”

A serra mordia o osso.

Mas ao convite que Bálamo lhe fizera, o enfermo sorriu e começou a cantar melodiosa e lentamente, em êxtase, como um amante ou um poeta:

Meu sal descuma coberto,
Meu lago da cor do céu,
Meu forno ardente aberto;
Meu pão que Deus me deu;

Minha esposa e meu pai,
Meus filhos muito amados;
Os manes de minha mãe
De giestas perfumados;

Eu vos saúdo! Do dia
Terminou a lida, a dor:
Depois da pena, alegria,
Depois da ausência, amor.

Já a perna caía cortada na cama, e ainda
o pobre rapaz cantava.

XIX

A ALMA E O CORPO

Os circunstantes olhavam para o doente com espanto, para o médico com admiração.

Houve quem dissesse que estavam ambos doidos.

Marat traduziu essa opinião ao ouvido de Bálsamo.

- O terror fez perder o espírito a este pobre diabo - disse ele; - e aí está porque ele já não sofre.

- Parece-me que não - respondeu Bálsamo - e bem longe de ter perdido o espírito, estou certo que se o interrogasse, ele nos diria, se deve morrer, o dia da sua morte; se deve viver, o tempo que a sua convalescença deverá durar.

Marat esteve a ponto de participar da opinião geral, isto é, de julgar Bálsamo tão doido como o enfermo.

Entretanto, o cirurgião laqueava activamente as artérias de onde corriam rios de sangue.

Bálsamo tirou da algibeira um frasco, vazou sobre um chumaço de fios algumas gotas da água que o frasco continha, e pediu ao cirurgião em chefe que o applicasse sobre as artérias.

Este obedeceu com certa curiosidade.

Era um dos mais hábeis facultativos daquela época, um homem realmente amador da ciência, que não repudiava nenhum dos seus mistérios, e para quem o acaso era a fraca explicação da dúvida.

Aplicou o chumaço sobre a artéria, que estremeceu, borbulhou, e não deixou correr mais sangue senão gota a gota.

Então pôde o cirurgião ligar a artéria com a maior facilidade.

Desta vez alcançou Bálsamo um verdadeiro triunfo, e todos lhe perguntaram onde tinha estudado e a que escola pertencia.

- Sou um médico alemão da escola de Goettingue - disse ele - e a descoberta que vêm é feita por mim. Entretanto, meus senhores e caros colegas, desejo que esta descoberta seja ainda um segredo, porque tenho muito medo da fogueira, e o parlamento de Paris talvez se decidisse a funcionar ainda uma vez, só pelo prazer de mandar queimar um feiticeiro.

O cirurgião em chefe ficou pensativo.

Marat meditava e reflectia.

Este foi o primeiro a tomar a palavra.

- Afirmava há pouco - disse ele - que se interrogasse este homem sobre o resultado da operação, ele responderia com exactidão, conquanto esse resultado esteja escondido no denso véu do futuro?

- E ainda afirmo - disse Bálsamo.

- Pois bem, vejamos.

- Como se chama esse pobre diabo?

- Chama-se Havard - respondeu Marat.

Bálsamo voltou-se para o enfermo, o qual ainda murmurava as últimas notas da canção.

- Então, meu amigo - lhe perguntou ele - o que augura do estado do pobre Havard?

- O que auguro do seu estado? - respondeu o enfermo; - espere, é preciso que eu volte da Bretanha, onde estava, para o hospital, onde ele agora está.

- É isso; entre, olhe para ele, e diga-me a verdade a seu respeito.

- Oh! Está doente, muito doente! Tanto, que lhe cortaram a perna.

- Realmente? - disse Bálsamo.

- Sim, senhor.

- E a operação teve bom êxito?

- Ótimo; mas...

O rosto do enfermo tornou-se carregado.

- Mas - continuou o enfermo - tem que passar por uma terrível prova, a febre.

- E quando virá a febre?

- Esta noite, às sete horas.

Todos ficaram admirados.

- E a febre?... - perguntou Bálsamo.

- Ai! Há-de fazê-lo sofrer muito; contudo vencerá o primeiro acesso.

- Tem a certeza disso?

- Tenho.

- Mas depois desse primeiro acesso estará salvo?

- Ainda não - disse o infeliz suspirando.

- Então a febre voltará?

- Volta, sim, e mais terrível que dantes; pobre Havard! - prosseguiu ele - pobre Havard, tem mulher e filhos!

E arrasaram-se-lhe os olhos de lágrimas.

- Então a mulher dele ficará viúva, os filhos ficarão órfãos? - perguntou Bálsamo.

- Espere! Espere!

Juntou as mãos.

- Não, não - disse ele.

O rosto brilhou-lhe com uma fé sublime.

- Não, a mulher e os filhos oraram tanto, que alcançaram para ele a graça de Deus.

- Então há-de curar-se?

- Há-de, sim, senhor.

- Ouviram, meus senhores? - disse Bálamo - há-de curar-se.

- Pergunte-lhe em quantos dias - disse Marat.

- Em quantos dias?

- Sim, porque o senhor disse que ele mesmo indicaria as fases e o termo da sua convalescença.

- Estimo muito interrogá-lo sobre isso.

- Interrogue-o, então.

- E quando julga que Havard estará curado? - perguntou Bálamo.

- Oh! A convalescença há-de ser longa; espere; um mês, seis semanas, dois meses; há cinco dias que para aqui entrou, há-de sair dois meses e quinze dias depois do dia em que entrou.

- E sairá curado?

- Completamente curado.

- Mas - disse Marat - incapaz para trabalhar, e por conseqüência, como poderá desse modo sustentar a mulher e os filhos?

Bálamo repetiu esta pergunta.

Havard juntou as mãos.

- Oh! Deus é bom, e Deus proverá a isso.

- E de que modo proverá Deus nesse caso? – perguntou Marat. - Enquanto estou disposto hoje para aprender, desejava também saber isso.

Bálsamo interrogou-o.

- Deus mandou para junto do seu leito um homem caritativo que se compadeceu dele, e que disse consigo: “Quero que nada falte ao pobre Havard”.

Olharam todos admirados uns para os outros; Bálsamo sorriu.

- Realmente estamos assistindo a um espetáculo bem extraordinário - disse o cirurgião em chefe enquanto pegava na mão do enfermo, lhe observava o peito e lhe apalpava a fronte; - este homem está sonhando.

- Julga isso? - disse Bálsamo.

E lançando sobre o enfermo um olhar cheio de autoridade e energia, disse:

- Acorde, Havard!

O mancebo abriu os olhos com dificuldade e olhou com profunda surpresa para todos os que o rodeavam, que, de ameaçadores que dantes estavam, eram agora para ele inofensivos.

- Então! - disse ele dolorosamente - ainda me não fizeram a operação? Vão ainda fazer-me padecer?

Bálsamo tomou vivamente a palavra. Receava a comoção do doente.

Não era preciso apressar-se. Ninguém teria falado primeiro; a surpresa de todos era muito profunda.

- Meu amigo - lhe disse ele - sossegue; o senhor cirurgião em chefe fez uma operação na sua perna, que satisfaz a todas as exigências da sua posição. O que parece, meu rapaz, é que tem o espírito algum tanto fraco, porque desmaiou diante do primeiro ataque.

- Oh! Ainda bem - disse alegremente o bretão - nada senti, o meu sono foi doce e reparador. Que felicidade, não me cortaram a perna!

Mas neste momento o desgraçado olhou para si mesmo: viu a cama ensangüentada, e a perna cortada.

Soltou um grito, e desta vez perdeu os sentidos deveras.

- Interrogue-o agora - disse Bálsamo para Marat e veja se ele lhe responde.

Depois chamando o cirurgião em chefe para um canto da casa, enquanto os enfermeiros levavam o desgraçado rapaz para outra cama:

- Senhor - lhe disse Bálsamo - ouviu o que o doente disse?

- Sim, senhor, disse que havia de curar-se.

- Disse ainda outra coisa: disse que Deus se compadeceria dele, e lhe mandaria com que sustentar a mulher e os filhos.

- E depois?

- Depois, senhor, disse a verdade, tanto neste ponto como no outro; só o que lhe peço, é que se encarregue de ser intermediário de caridade entre o seu enfermo e Deus: aqui

está um brilhante que vale aproximadamente vinte mil libras; quando vir que o seu doente está curado, venderá, o brilhante e entregar-lhe-á o dinheiro; entretanto, como a alma, conforme mui judiciosamente disse o seu discípulo, o Sr. Marat, como a alma tem grande influência sobre o corpo, diga a Havard, logo que tornar a si, diga-lhe que o seu futuro e o de seus filhos está seguro.

- Mas, senhor - disse o cirurgião hesitando em receber o anel que Bálsamo lhe oferecia - se ele não se curar?

- Há-de curar-se!

- Contudo devo dar-lhe um recibo.

- Senhor!...

- É só com essa condição que receberei uma jóia de semelhante valor.

- Faça o que lhe aprouver, senhor.

- O seu nome?

- O conde de Fénix.

O cirurgião entrou para o quarto contíguo, enquanto Marat, admirado,

confuso, mas lutando ainda contra a evidência, se aproximou de Bálsamo.

Ao cabo de cinco minutos o cirurgião voltou, trazia na mão um papel, que entregou a Bálsamo.

Era um recibo concebido nestes termos:

“Recebi do Sr. Conde de Fénix um anel de brilhantes, que ele mesmo declarou valer vinte mil libras, cujo valor deve ser entregue a Havard, no dia em que sair do hospital.

15 de Dezembro de 1771.

Guillotin D. M.”

Bálsamo cortejou o doutor, pegou no recibo e saiu acompanhado por Marat.

- Esqueceu-se de trazer a cabeça - disse Bálsamo, para quem a distracção do cirurgião era um triunfo.

- Ah! É verdade - disse este.

E foi buscar o fúnebre embrulho.

Assim que se acharam na rua, caminharam ambos muito depressa e sem

dizer palavra; depois, quando chegaram à Rua dos Cordoeiros, subiram juntos pela íngreme escada que conduzia à água-furtada.

Diante do quarto da porteira, se todavia é permitido dar o nome de quarto ao cubículo que ela habitava, Marat, que se não esquecera da desapareição do seu relógio, tinha parado e perguntado pela Sr^a. Grivette.

Uma criança de sete para oito anos, magra, fraca e amarela, respondeu-lhe com voz aguda:

- A mamã saiu; disse que, se o senhor viesse, lhe entregasse esta carta.

- Não, meu amiguinho - disse Marat - quando ela vier diz-lhe que ma leve ela mesma lá acima.

- Sim, senhor.

Marat e Bálsamo subiram a escada.

- Ah! - disse Marat, indicando a Bálsamo uma cadeira, e sentando-se ele num banco - vejo que o mestre tem belos segredos.

- É porque mais que ninguém, talvez, tenho entrado na confidência da natureza e de Deus - respondeu Bálsamo.

- Oh! - bradou Marat - como a ciência prova a onipotência do homem, e como deve encher de orgulho o ser homem!

- É verdade, e médico - deveria ter acrescentado.

- Também, estou orgulhoso do senhor, mestre - disse Marat.

- E entretanto - disse Bálsamo sorrindo - não sou mais que um pobre médico da alma.

- Oh! Não falemos disso, senhor, o mestre que vedou o sangue da amputação por meios materiais!

- Eu julgava que a minha cura mais bela tinha sido evitar os sofrimentos ao doente; verdade é que me assegurou que ele estava doido.

- Esteve-o algum tempo, por certo.

- A que chama loucura? Não é a uma abstracção da alma?

- Ou do espírito - disse Marat.

- Não façamos questão de palavras; a alma serve-me para designar o termo que procuro. Uma vez achada, pouco me importa o nome que lhe queira dar.

- Ah! Senhor, aí está em que diferem as nossas opiniões; o senhor pretende ter achado a coisa em si e não lhe faltar senão o nome dela; e eu sustento que procura tudo ao mesmo tempo, a coisa e o nome que lhe pertence.

- Voltaremos logo a isso. Dizia então que a loucura é uma abstracção momentânea do espírito?

- Certamente.

- Involuntariamente, não é verdade?

- Sim... Vi um doido em Bicêtre, que mordida as grades de ferro da prisão, gritando: "Cozinheiro, os teus faisões estão tenros, mas mal assados".

- Mas, enfim, admite que essa loucura passe como uma nuvem sobre o espírito, e que, uma vez dissipada a nuvem, o espírito readquira a sua primitiva limpidez?

- Isso raras vezes acontece.

- Contudo viu o amputado em seu juízo perfeito depois do seu sono de doido?

- Vi-o, mas não compreendi o que via; é um caso excepcional, uma dessas coisas estranhas a que os hebreus chamavam milagres.

- Não, senhor - disse Bálsamo - é unicamente a abstracção da alma, o duplo isolamento da matéria e do espírito: da matéria, coisa inerte, pó, que tornará novamente a ser pó; da alma, centelha divina fechada um instante nessa lanterna de furto-fogo chamada corpo, e que, filha do Céu, depois da queda do corpo, subirá ao Céu novamente.

- Então, tirou momentaneamente a alma do corpo.

- Sim, senhor, ordenei-lhe que saísse do miserável lugar em que estava; tirei-a do abismo da dor, onde o padecimento a detinha, para a fazer divagar nas regiões livres e puras. O que ficou então para o

cirurgião? O mesmo que ficou ao seu escalpelo quando tirou à mulher morta a cabeça que aí traz, isto é, a carne inerte, a matéria, e nada mais.

- E em nome de quem dispôs assim daquela alma?

- Em nome d'Aquele que criou todas as almas com um sopro: almas do mundo, almas dos homens; em nome de Deus.

- Então - disse Marat - nega o livre arbítrio?

- Pelo contrário - disse Bálsamo - que faço eu neste momento? Mostro-lhe de um lado o livre arbítrio, do outro a abstracção. Expondo-lhe um moribundo entregue a todos os padecimentos; é um homem com uma alma estóica, encara a operação, pede-a, suporta-a, mas padece. Aí tem o livre arbítrio. Mas se passo junto desse moribundo, eu, o enviado de Deus, eu, o profeta, eu, o apóstolo, e se, apiedando-me desse homem, meu semelhante, pelo poder que o Senhor me conferiu, tiro a alma desse corpo que padece,

esse corpo, cego, inerte, insensível, torna-se para a alma um espectáculo que ela contempla piedosa e misericordiosamente do alto da sua ímpida esfera. Não ouviu Havard? Quando falava de si mesmo, dizia: “O pobre Havard!” Já não falava de si. É que efectivamente a alma já nada tinha que fazer com aquele corpo, ela que estava no meio caminho para o Céu.

- Mas, sendo assim, o homem não é coisa alguma - disse Marat - e já não posso dizer aos tiranos da terra: “Tendes poder sobre o meu corpo, mas não o tendes sobre a minha alma”.

- Ah! Aí passa da verdade ao sofisma, senhor, e já lho disse, é o seu defeito. Deus empresta a alma ao corpo, é verdade, mas também não é menos verdade que durante o tempo que a alma possui esse corpo há união entre eles, influência de um sobre o outro, supremacia da matéria, conforme, para fins que desconhecemos, Deus tiver permitido que o corpo seja rei ou que a alma seja rainha;

mas não é por isso menos verdade que o sopro que anima o mendigo é tão puro como o que mata o rei. Eis o dogma que o senhor, apóstolo da igualdade, deve pregar. Prove a igualdade das suas essências espirituais, pois que essa igualdade pode estabelecê-la sem nome de todo quanto há de sagrado no mundo, os livros sagrados e as tradições, a ciência e a fé. Que lhe importa a igualdade de duas matérias? Com a igualdade dos corpos, não voais até Deus. Ainda há pouco, aquele infeliz doente, aquele ignorante filho do povo disse-lhe, a respeito da sua doença, coisas que ninguém, entre os melhores médicos, se teria atrevido a dizer. E por quê? Porque a sua alma, livre momentaneamente das ligações do corpo, pairou acima da Terra, e viu de cima um mistério que a nossa opacidade nos oculta.

Marat virava e revirava sobre a mesa a sua cabeça de defunto, procurando uma resposta que não achava.

- Sim - murmurou ele - há nisso, decerto, alguma coisa de sobrenatural.

- Pelo contrário, senhor, é naturalíssimo; cesse de chamar sobrenatural a tudo quanto provém das funções e destino da alma. As funções são naturais; conhecidas, é outra coisa.

- Desconhecidas para nós, mestre, não devem essas funções ser para o senhor um mistério. O cavalo, que os peruvianos não conheciam, era familiar aos espanhóis, que o tinham domado.

- Seria muito orgulho da minha parte dizer: “Eu sei”. Sou mais humilde, senhor: digo “Creio”.

- Pois bem, o que crê?

- Creio que a lei do mundo, a primeira, a mais poderosa de todas, é a do progresso. Creio que Deus nada criou senão com um fim de bem-estar ou de moralidade. Como porém a vida deste mundo é inoculada e incalculável, o progresso é lento. O nosso planeta contava, no dizer das Escrituras,

sessenta séculos, quando a imprensa veio como imenso farol reflectir o passado e alumiar o futuro; com a imprensa cessou a escuridão, cessou o esquecimento; a Imprensa é a memória do mundo. Pois bem! Guttenberg inventou a Imprensa, e eu achei a confiança.

- Ah! - disse ironicamente Marat - chegará talvez a ler nos corações?

- Por que não?

- Então fará praticar no peito do homem a janelinha, que tanto lhe desejavam ver os antigos?

- Não há necessidade disso, senhor; hei-de isolar a alma do corpo; e a alma, filha pura, filha imaculada de Deus, há-de dizer-me todas as torpezas do invólucro mortal, que está condenada a animar.

- Revelará segredos materiais?

- Por que não?

- Dir-me-á por exemplo, quem me roubou o meu relógio?

- O senhor rebaixa a ciência a um triste nível. Mas é o mesmo, a grandeza de Deus tanto se prova pelo grão de areia como pela montanha, pelo insecto como pelo elefante. Sim, eu direi quem lhe roubou o relógio.

Neste momento bateram timidamente na porta. Era a porteira de Marat, que chegara, e conforme a ordem dada pelo jovem cirurgião, trazia a carta.

A PORTEIRA DE MARAT

Abriu-se a porta para dar entrada à Sr^a. Grivette.

Esta mulher, que não nos demorámos em esboçar, porque a sua figura é daquelas que o pintor coloca no último plano enquanto não é precisa; esta mulher entra agora no quadro movediço desta história, e pede para tomar lugar no imenso panorama, que empreendemos desenrolar aos olhos dos nossos leitores; panorama em que representariámos, se o nosso génio igualasse a nossa vontade, desde o mendigo até ao rei, desde Caliban até Ariel, desde Ariel até Deus.

Vamos portanto tentar fazer um esboço da Sr^a. Grivette, que se destaca da sombra e se dirige para nós.

Era alta e ressequida, teria trinta e dois ou trinta e três anos, de cor amarela, olhos

azuis orlados de preto, tipo aterrador do definhamento que sofrem na cidade, nas condições de miséria, de asfixia incessante e de degradação física e moral, essas criaturas que Deus fez formosas, e que teriam sido magníficas em seu pleno desenvolvimento, como o são todas as criaturas do ar, do céu e da terra, quando o homem não lhes tornou a vida um longo suplício; isto é, quando lhes não tem cansado os pés com a peia e o estômago com a fome, ou com uma alimentação quase tão fatal como o poderia ser a falta total de alimentação.

A porteira de Marat seria uma formosa mulher, se não tivesse vivido, desde a idade de quinze anos, numa toca sem ar nem luz; se o fogo dos naturais instintos, alimentado por aquele calor de forno, ou por um frio de gelo, tivesse incessantemente ardido com moderação. Tinha as mãos compridas e magras, que a linha da costura sulcara de pequenos golpes, que a água das barreias gretara e amolecera, que a brasa da cozinha

torrara e endurecera; mas, apesar disso tudo, eram mãos, conhecia-se pela forma, isto é, por esse traço indelével do músculo divino, eram mãos que se teriam chamado mãos reais, se em lugar das empolas da vassoura, tivessem as do ceptro.

Tão verdade é que este pobre corpo humano não passa de uma tabuleta da nossa profissão.

Naquela mulher, o espírito, que por ser superior ao corpo resistira melhor do que este, velava como uma lâmpada; alumiaava, porque assim digamos, o corpo com um reflexo diáfano, e por vezes via-se-lhe subir aos olhos bestificados e sem brilho um raio de inteligência, da mocidade, da formosura, do amor, de tudo enfim quanto há de sublime na natureza humana.

Bálsamo contemplou por muito tempo aquela mulher, ou antes aquela natureza singular, que à primeira vista lhe atraía o olhar observador.

A porteira entrou trazendo a carta na mão, e com voz adocicada, com voz de velha, porque as mulheres condenadas à miséria são velhas aos trinta anos, disse:

- Sr. Marat, aqui está a carta que pediu.

- Não era a carta que eu queria, era a senhora que eu desejava ver - disse Marat.

- Pois bem, sou uma sua criada, Sr. Marat, e aqui estou para o servir.

E a Sr^a. Grivette fez uma cortesia.

- O que desejava? - acrescentou.

- Desejo notícias do meu relógio - disse Marat; - bem o deve saber.

- Ora! Eu não sei o que é feito dele. Vi-o ontem todo dia pendurado no prego, ao pé da chaminé.

- Engana-se; estive todo o dia na algibeira; só às seis horas da tarde, como ia para um lugar onde havia muita gente e tive medo que mo roubassem, o meti debaixo do castiçal.

- Se o pôs debaixo do castiçal, lá deve estar.

E a porteira, com fingida simplicidade, que estava longe de supor tão poderosamente reveladora, foi justamente levantar dos dois castiçais que ornavam a chaminé, aquele debaixo do qual Marat escondera o relógio.

- Sim - disse o mancebo - o castiçal é exactamente esse, mas o relógio?

- Já cá não está, é verdade. Não o tinha aqui posto, Sr. Marat?

- Mas, se acabo de lhe dizer...

- Procure bem.

- Oh! Tenho procurado muito bem - disse Marat, com olhar enfurecido.

- Então, é que o perdeu.

- Mas se lhe digo que eu mesmo ali o pus ontem.

- Terá aqui entrado alguém - disse a Sr^a. Grivette; - recebe tanta gente, tantos desconhecidos!

- Pretexto! Pretexto! - bradou Marat, encolerizando-se cada vez mais; - bem sabe que desde ontem não entrou aqui ninguém. Não, não, o meu relógio levou o mesmo

caminho que o castão de prata da minha última bengala, que aquela colherinha de prata que sabe, e que o meu canivete de seis folhas! Roubam-me, Sr^a. Grivette, roubam-me. Tenho suportado muita coisa, mas não suportarei esta; tome cuidado!

- Mas, senhor - disse a porteira - está-me porventura acusando?

- Deve velar pelas minhas coisas.

- Não sou eu só que tenho a chave.

- Mas é a porteira.

- Dá-me três francos por mês e quer ser servido como por dez criados!

- Não me importa ser mal servido, o que me importa é não ser roubado.

- Senhor, sou uma mulher honrada!

- Sim, uma mulher honrada, que daqui a uma hora hei-de entregar nas mãos da justiça, se o meu relógio não tiver aparecido.

- Nas mãos da justiça?

- Sim.

- Nas mãos da justiça uma mulher honrada como eu?

- Mulher honrada! Mulher honrada!

- Honrada, sim, senhor, e em quem não há que arranhar, ouviu?

- Basta, basta, Sr^a. Grivette!

- Ah! Eu bem desconfiava que o senhor suspeitava de mim quando saía.

- Desconfio de si desde que me desapareceu o castão da bengala.

- Pois bem, eu também tenho uma coisa que lhe dizer, Sr. Marat.

- Qual é?

- É que durante a sua ausência consultei...

- Quem?

- Os vizinhos.

- A que propósito?

- Do senhor desconfiar de mim.

- Ainda lho não tinha dito.

- Mas eu bem o percebia.

- E os vizinhos? Estou com curiosidade de saber o que disseram os vizinhos.

- Disseram que se o senhor suspeitava de mim e o dissesse a alguém, o caso não havia de ficar por aí.

- Então o que havia de fazer?

- Havia de provar evidentemente que o relógio lhe foi tirado.

- E foi tirado, efectivamente, visto que já lá não está.

- Sim, mas havia de provar que foi tirado por mim, compreende? Ah! Perante a justiça são precisas provas; não basta a sua palavra, Sr. Marat: o senhor não é mais do que a gente.

Bálsamo, tranqüilo como sempre, contemplava a cena que diante dele se passava. Via que Marat, apesar de não ter mudado de convicção, ia baixando a voz.

- E se o senhor - continuou a porteira - não faz imediatamente justiça à minha probidade, se não repara o ultraje que fez à minha honra, eu é que vou buscar a justiça, como ainda há pouco me aconselhava o senhorio.

Marat mordeu os beijos. Sabia que havia para ele perigo sério na ameaça da porteira. O senhorio era um velho mercador, que se retirara dos negócios com uma sofrível fortuna. Morava num quarto do terceiro andar, e a crónica escandalosa do bairro pretendia que haveria dez anos protegera muito a porteira, que era naquele tempo criada da cozinha em casa dele.

Ora, Marat, que sustentava relações misteriosas, que era rapaz de vida um tanto desordenada, que se escondia um pouco, que era suspeito aos olhos da polícia, preferia não ter dares nem tomares com a justiça, que poderia levá-lo às mãos do senhor de Sartines, o qual gostava muito de ler a papelada dos rapazes como Marat, e de mandar os autores dos belos escritos para as casas de meditação que tinham por nome Vincennes, a Bastilha, Charenton e Bicêtre.

Marat baixou a voz; porém à proporção que ele a baixava a porteira levantava a sua. Resultou que aquela mulher, nervosa e

histérica, inflamou-se como o fogo que encontra uma corrente de ar.

Ameaças, juramentos, gritos, lágrimas, tudo empregou: foi uma verdadeira tempestade.

Então julgou Bálsamo que era tempo de intervir; deu um passo para a mulher, que estava de pé e ameaçadora no meio do quarto, e olhando para ela com um modo sinistro, applicou-lhe dois dedos ao peito, pronunciando não com os lábios, mas com os olhos, com o pensamento, com toda a vontade, uma palavra, que Marat não pôde ouvir.

Imediatamente a Sr^a. Grivette se calou, cambaleando e perdendo o equilíbrio, e com os olhos horivelmente dilatados, foi recuando e caiu na cama sem pronunciar uma única palavra.

Os olhos fecharam-se-lhe e tornaram a abrir-se, sem que então se lhe visse a pupila; a língua agitou-se-lhe convulsivamente; o torso

não se moveu, e todavia, as mãos tremiam-lhe como se fossem sacudidas pela febre.

- Oh! Oh! - disse Marat - é como o doente do hospital!

- Tal qual.

- Então dorme?

- Silêncio! - disse Bálsamo.

Depois, dirigindo-se a Marat:

- Senhor - disse ele - está chegado o momento de cessarem todas as incredulidades; apanhe a carta que esta mulher lhe trazia e que deixou cair quando a adormeci.

Marat obedeceu.

- Então? - perguntou ele.

- Espere!

E tirando a carta das mãos de Marat:

- Sabe de quem vem esta carta? - perguntou Bálsamo à sonâmbula.

- Não, senhor - redargüiu ela.

Bálsamo chegou à mulher a carta, mesmo fechada.

- Leia-a ao Sr. Marat, que deseja saber o que ela contém.

- Ela não sabe ler - disse Marat.

- Mas o senhor sabe.

- Certamente.

- Pois bem, leia a carta, que ela também a lerá à medida que as palavras se lhe forem gravando no espírito.

Marat abriu a carta e leu-a ao passo que a Sr^a. Grivette, de pé e estremecendo sob a onnipotente vontade de Bálsamo, repetia, à medida que Marat ia lendo, as palavras seguintes:

“Meu caro Hipócrates.

Apeles acabou o seu primeiro quadro, que vendeu por 50 francos; comem-se hoje esses cinqüenta francos na Rua Saint-Jacques. Apareces?

Escuso de dizer-te que também se bebe parte deles.

Teu amigo, *L. David.*”

Era, palavra por palavra, o que estava escrito.

Marat deixou cair o papel.

- Então! - disse Bálsamo - vê que a Sr^a. Grivette tem também uma alma, e que essa alma vela enquanto o corpo dorme?

- É uma alma bem singular - disse Marat - uma alma que sabe ler, quando o corpo não o sabe.

- Porque a alma sabe tudo, porque a alma pode reproduzir pela reflexão. Veja se quando ela estiver acordada é capaz de ler essa carta, isto é, quando o corpo lhe tiver envolvido a alma com a sua sombra.

Marat não dizia palavra; toda a sua filosofia material se revolvía nele; mas não achava resposta.

- Agora - prosseguiu Bálsamo - passemos ao que mais lhe interessa, isto é, vamos saber onde pára o seu relógio.

- Sr^a. Grivette, quem tirou o relógio do Sr. Marat?

A sonâmbula fez um violento gesto negativo.

- Não sei - disse ela.

- Sabe perfeitamente - insistiu Bálsamo - e há-de dizer-mo.

Depois, com uma vontade ainda mais forte:

- Quem tirou o relógio do Sr. Marat?

Diga!

- A Sr^a. Grivette não furtou o relógio do Sr. Marat. Por que julga o Sr. Marat que foi ela que o furtou?

- Se não foi ela, diga quem foi.

- Não sei.

- Bem vê - disse Marat - a consciência é um refúgio impenetrável.

- Pois bem, senhor - disse Bálsamo - visto ser essa a sua última dúvida, vai ficar convencido.

Depois, voltando-se para a porteira:

- Diga quem foi, assim o quero!

- Vamos, vamos - disse Marat - não queira impossíveis.

- Ouviu? - disse Bálsamo; - eu disse que assim o queria.

Então, sob a impressão dessa vontade imperiosa, a desgraçada mulher começou a estorcer-se como doida, um estremecimento semelhante ao da epilepsia lhe percorreu o corpo, e a boca apresentou uma hedionda expressão de terror e fraqueza; deixou-se cair para trás, endireitou-se como numa convulsão dolorosa e caiu de todo na cama.

- Não, não! - disse ela - antes quero morrer!

- Então - bradou Bálsamo com uma raiva que lhe fez brilhar o fogo nos olhos - hás-de morrer se tanto for preciso, mas hás-de falar. O teu silêncio e a tua obstinação seriam suficientes indícios para mim; mas, para um incrédulo, é precisa a prova irrefragável. Fala, eu o ordeno! Quem furtou o relógio?

A exasperação nervosa foi levada ao seu cúmulo; tudo quanto a sonâmbula tinha de força e poder reagia contra a vontade de Bálsamo; soltou gritos inarticulados e

françaram-se-lhe os lábios de uma espuma avermelhada.

- Vai cair numa epilepsia - disse Marat.

- Nada receie, é o demónio da mentira, que está nela e não quer sair.

Depois, voltando-se para a mulher e lançando-lhe ao rosto tudo quanto a sua mão podia conter de fluido, disse:

- Fala! Quem tirou o relógio?

- A Sr^a. Grivette - respondeu a sonâmbula com voz quase ininteligível.

- E quando o tirou?

- Ontem à noite.

- Onde estava?

- Debaixo do castiçal.

- E o que fez dele?

- Levou-o à Rua de Saint-Jacques.

- E a que parte dessa rua?

- Ao n.º 29.

- A que andar?

- Ao quinto.

- A casa de quem?

- A casa de um oficial de sapateiro.

- Como se chama ele?

- Simão.

- O que lhe é esse homem?

A sonâmbula calou-se.

- O que lhe é esse homem?

A sonâmbula continuou a ficar calada.

- O que lhe é esse homem? - repetiu Bálamo.

O mesmo silêncio.

Bálamo estendeu para ela as mãos impregnadas de fluido, e a desgraçada, esmagada com aquele ataque terrível, apenas teve força para murmurar:

- Seu amante.

Marat soltou um grito de admiração.

- Silêncio! - disse Bálamo - deixe falar a consciência.

Depois, continuando a dirigir-se à mulher, que estava toda trémula e coberta de suor, perguntou:

- E quem aconselhou esse roubo à Sr^a. Grivette?

- Ninguém. Levantou o castiçal por acaso, viu o relógio, e então o Demónio tentou-a.

- Foi por necessidade?

- Não, porque não foi vender o relógio.

- Deu-o?

- Deu.

- A Simão?

A sonâmbula fez um esforço e disse:

- A Simão.

Depois escondeu o rosto com as mãos e deixou correr uma torrente de lágrimas.

Bálsamo lançou um olhar para Marat, que, de boca aberta, com os cabelos em desordem, as pálpebras dilatadas, contemplava o aterrador espectáculo.

- Pois bem, senhor! - disse ele - vê enfim a luta da alma com o corpo? Vê, finalmente, que Deus nada esqueceu neste mundo, e que está tudo em tudo? Não negue portanto a consciência, não negue que lhe é desconhecido, mancebo! Sobretudo não negue a fé, que é o poder supremo; e já que

tem ambição, estude, Sr. Marat; fale pouco, pense muito, e não julgue ligeiramente os seus superiores. Adeus, tem um campo bem vasto, aberto pelas minhas palavras; revolva esse campo que encerra tesouros. Adeus. Feliz, bem feliz será se puder vencer o demónio da incredulidade, que vive em si, como eu venci o da mentira, que está naquela mulher.

E saiu dizendo estas palavras, que fizeram assomar ao rosto do mancebo a cor vermelha da vergonha.

Marat não pensou sequer em despedir-se dele.

Depois do primeiro momento de espanto, viu que a Sr^a. Grivette continuava no seu sono.

Esse sono pareceu-lhe aterrador. Marat teria preferido ver na sua cama um cadáver, até com o risco de ver o senhor de Sartines interpretar essa morte a seu modo.

Olhou para aquela atonia, aqueles olhos revirados, aquelas palpitações, e teve medo.

O terror cresceu ainda mais nele quando o cadáver vivo se levantou, lhe pegou na mão e disse-lhe:

- Venha comigo, Sr. Marat!

- Onde?

- À Rua de Saint-Jacques.

- Para quê?

- Venha, venha; ele ordena-me que o conduza lá.

Marat, que se tinha deixado cair numa cadeira, levantou-se.

Então a Sr^a. Grivette, sempre adormecida, abriu a porta, desceu a escada com a ligeireza de um pássaro ou de um gato, isto é, mal tocando nos degraus.

Marat seguiu-a, receando que ela desse alguma queda desastrosa.

Chegada a baixo, saiu, atravessou a rua, sempre seguida pelo mancebo, a quem foi assim guiando até à casa designada.

Bateu à porta. Marat sentiu o coração palpar com tanta violência, que chegou a

parecer-lhe que não devia passar despercebido a quem passava.

Na água-furtada onde a Sr^a. Grivette bateu estava um homem; Marat reconheceu nele um operário de vinte cinco a trinta anos, que algumas vezes vira no cubículo da porteira.

A sonâmbula foi direita à cama, e metendo a mão debaixo do travesseiro, tirou o relógio e entregou-o a Marat, enquanto o sapateiro Simão, pálido de susto, não ousava proferir palavra, e seguia com olhar espantado até o menor gesto daquela mulher, que julgava doida.

Apenas tocou na mão de Marat para lhe entregar o relógio, soltou um profundo suspiro e murmurou:

- Ele acorda-me! Ele acorda-me!

Efectivamente, os nervos estenderam-se-lhe com um cabo abandonado pela roldana; os olhos readquiriram a centelha vital, e achando-se diante de Marat, com a mão na mão dele, e segurando ainda o relógio, isto é,

a prova irrecusável do crime, caiu desfalecida no chão.

- Existirá realmente a consciência?! - disse consigo Marat saindo do quarto, levando a dúvida no coração e o cismar estampado nos olhos.

O HOMEM E AS SUAS OBRAS

Enquanto Marat empregava tão bem o tempo, filosofando sobre a consciência e a dupla vida, outro filósofo na Rua Platrière ocupava-se também em reunir na mente, ponto por ponto, quanto lhe sucedera na noite antecedente, e a interrogar-se para saber se era ou não um grande culpado. Com os braços brandamente apoiados na mesa, a cabeça pesadamente inclinada sobre o ombro esquerdo, Rousseau meditava.

Tinha bem abertos diante de si os seus livros políticos e filosóficos, o *Emílio* e o *Contrato Social*.

De vez em quando, se o pensamento o exigia, curvava-se para folhear os livros que sabia de cor.

- Ai, meu Deus - disse ao ler um parágrafo do *Emílio* sobre a liberdade da

consciência - aqui estão frases bem incendiárias. Que filosofia, Santo Deus! Houve nunca no mundo um botafogo semelhante?

“Pois quê?! - acrescentou erguendo as mãos acima da cabeça - fui eu que proferi semelhantes palavras contra o trono, o altar e a sociedade!...”

Já me não admira que algumas paixões sombrias e concentradas aproveitassem os meus sofismas e se perdessem na senda que eu lhes semeava de flores de retórica. Fui o perturbador da sociedade!...

Ergueu-se muito agitado e deu duas ou três voltas no pequeno quarto.

- E disse eu mal da gente do poder que exercia a tirania contra os escritores! Louco, bárbaro, que eu era! Essa gente tem muita razão.

“O que sou eu senão um homem perigoso para o Estado? Proferi as minhas palavras para alumiar as massas, era pelo menos o que tomava por pretexto: e as

minhas palavras são um facho que vai incendiar o universo.

Semeiei discursos sobre a desigualdade das condições, projectos de fraternidade universal, planos de educação, e colho orgulhos tão ferozes que invertem o sentido da sociedade, guerras intestinas capazes de despovoar o mundo, e costumes tão rudes que fariam recuar dez séculos a civilização... Oh! sou um grande culpado!"

Leu uma página do *Vigário Saboiano*.

- Sim, é isso: "Reunamo-nos para tratar da nossa felicidade..." Escrevi-o eu! "Devemos dar às nossas virtudes a força que os outros dão aos seus vícios", também fui eu que o escrevi!

E Rousseau, remexendo-se na cadeira, agitou-se mais desesperado que nunca.

- Aí estão pois, e por culpa minha - disse ele - os irmãos postos defronte dos irmãos; qualquer dia a polícia invadirá um daqueles subterrâneos, apanhará ninhadas de conspiradores que juram engolir-se uns aos

outros em caso de traição, e aparecerá então algum mais arrojado, que puxará da algibeira por um livro, e mostrando-o exclamará:

“- De que vos queixais? Somos adeptos do Sr. Rousseau; fazemos um curso de filosofia.” Oh! Como Voltaire se há-de rir! Nestas não há receio que aquele cortesão se meta!

A idéia de que Voltaire havia de escarnecer dele encolerizou violentamente o filósofo genebrês.

- Conspirador, eu! - murmurou ele - decididamente caí em demência!... E que belo conspirador que eu sou!

Estava neste ponto do seu discurso quando Teresa entrou sem que ele a visse. Trazia o almoço.

Viu que lia com atenção uma página das *Meditações de Um Solitário*.

- Bom - disse ela - pondo-lhe o copo de leite quente mesmo em cima do livro, - aí está o meu orgulhoso mirando-se no seu espelho.

O senhor lê os seus livros; está o Sr. Rousseau revendo-se na sua obra!

- Vamos, Teresa - disse o filósofo - tenha paciência, deixe-me; não estou brincando.

- É magnífico, não é verdade? - continuou ela zombando. - O senhor extasia-se! Têm os autores tanta vaidade, tantos defeitos, e a nós, pobres mulheres, tão poucos nos perdoam! Lembre-me eu de ir ver-me ao espelho, que lá está o senhor para ralar comigo, chamando-me presumida.

E neste tom continuou, tornando-o o mais infeliz dos homens, como se Rousseau não fosse opulentamente dotado pela natureza.

O filósofo bebeu o leite sem molhar nele o pão.

Meditava.

- Bom, está pensando - disse ela; - vai escrever mais algum livro cheio de horrores.

Rousseau estremeceu.

- Ah! Está pensando nas suas mulheres imaginárias - prosseguiu Teresa - e escreve

livros que as meninas solteiras não se atreverão a ler, ou profanações que serão queimadas pela mão do carrasco.

O mártir estremeceu. Teresa adivinhara.

- Não - respondeu ele - nada mais escreverei que suscite maus pensamentos... Quero, pelo contrário, fazer um livro que todos os homens de bem hão-de ler com transportes de júbilo...

- Oh! Oh! - disse Teresa tirando o copo em que trouxera o leite - é impossível; só tem obscenidades na cabeça... Ainda há poucos dias lhe ouvi ler uma passagem, não me lembra a que respeito, e falava das mulheres que adorava... É um sátiro! Um mágico!

A palavra mágico era uma das mais horríveis injúrias do vocabulário de Teresa. Fazia sempre estremecer Rousseau.

- Espere - disse ele - espere, minha amiga, e verá que há-de ficar satisfeita... Quero escrever que achei um meio de regenerar o mundo sem trazer nas transformações, que se efectuarem, o

padecimento de um único indivíduo. Sim, sim, vou amadurecer esse projecto. Nada de revoluções! Santo Deus! Minha boa Teresa, nada de revoluções!

- Veremos, veremos - disse ela. - Ah! Lá estão batendo à porta.

Um momento depois Teresa voltava da porta acompanhada por um belo mancebo, a quem pediu que esperasse na casa de fora.

Depois, vindo a Rousseau, que já começava a tomar notas com um lápis, disse:

- Esconda depressa todas essas infâmias. Está lá fora alguém que deseja falar-lhe.

- Quem é?

- Um fidalgo da corte.

- Não lhe disse o nome?

- Pudera! Eu não recebo desconhecidos.

- Diga-mo então.

- O senhor de Coigny.

- O senhor de Coigny? - bradou Rousseau; - o senhor de Coigny, gentil-homem do senhor delfim?

- Naturalmente é isso; é um belo rapaz, um homem muito amável.

- Eu vou.

Rousseau apressou-se em olhar um pouco para o espelho, sacudiu as mangas, limpou as chinelas, que não eram mais que uns sapatos velhos gastos pelo uso, e entrou na casa de jantar, onde o esperava o fidalgo.

Este não se sentara. Olhava com uma espécie de curiosidade para os vegetais secos pegados pelo Sr. Rousseau sobre o papel, e metidos em molduras de madeira preta.

Ao ruído produzido pela porta de vidraça, voltou-se, e, cumprimentado com toda a civilidade, disse:

- É ao Sr. Rousseau que tenho a honra de falar?

- Sim, senhor - respondeu o filósofo num tom casmurro, que não excluía uma espécie de admiração pela notável formosura e desafectada elegância do seu interlocutor.

O senhor de Coigny era efectivamente um dos homens mais amáveis e mais belos da

França. Para ele tinha sido decerto inventado o trajo daquela época, o mais adequado para lhe fazer brilhar a delicadeza e a perfeição da perna, para mostrar em todo o seu engraçado desenvolvimento aqueles ombros largos, aquele peito bem construído, para lhe dar um ar majestoso à formosa cabeça, e a alvura do marfim às mãos delicadas e de belo desenho.

O exame satisfez Rousseau, que admirava o que era belo como verdadeiro artista, sempre que encontrava alguma coisa digna disso.

- Senhor - disse ele - tem algumas ordens a dar-me?

- Decerto lhe disseram já, senhor - redargüiu o fidalgo - que sou o conde de Coigny. Acrescentarei que venho de mandado da senhora delfina.

Rousseau corou e fez uma cortesia; Teresa, num canto da casa de jantar, com as mãos nas algibeiras, contemplava com olhos benévolos o belo mensageiro da mais poderosa princesa da França.

- Sua Alteza Real reclama-me... para quê? - disse Rousseau. - Mas, não se senta?

E Rousseau sentou-se. O senhor de Coigny puxou uma cadeira e imitou-o.

- O caso é este: Sua Majestade, jantando no Trianon, um dia destes, manifestou alguma simpatia pela sua música, que é encantadora. Sua Majestade canta as suas árias mais lindas. A senhora delfina, que procura em tudo agradar a Sua Majestade, pensou que daria grande prazer a el-rei se se representasse no teatro do Trianon uma das suas óperas-cómicas...

Rousseau cortejou profundamente.

- Venho portanto pedir-lhe, da parte da senhora delfina...

- Oh! Senhor - interrompeu Rousseau - para isso não precisava da minha licença. As minhas comédias e as arietas que delas fazem parte pertencem ao teatro que as representou. É aos actores que se devem pedir, e entre eles decerto Sua Alteza Real não encontrará mais oposição do que encontra em mim. Os actores

julgar-se-ão muito felizes em representar e cantar diante de Sua Majestade e de toda a corte.

- Não é disso exactamente que eu estou encarregado de tratar - disse o conde de Coigny. - Sua Alteza Real a Senhora Delfina quer dar a el-rei um divertimento mais completo e mais raro. Sua Alteza conhece todas as suas óperas...

Rousseau fez uma nova cortesia.

- E canta-as perfeitamente.

- É muita honra - murmurou ele.

- Ora - prosseguiu o senhor de Coigny - como várias senhoras da corte são excelentes comediantes e cantam maravilhosamente, como vários gentis-homens cultivam também a música com bastante habilidade, a ópera que a senhora delfina escolheria entre as suas seria executada e representada por essa sociedade de gentis-homens e senhoras, sendo os principais actores Suas Altezas Reais.

Rousseau deu um salto na cadeira.

- Asseguro-lhe, senhor - disse ele - que é para mim uma honra insigne, e rogo-lhe que da minha parte apresente à senhora delfina os meus humildes agradecimentos.

- Oh! Não é tudo, senhor - disse o conde de Coigny com um sorriso.

- Ah!

- A companhia, assim composta, é seguramente mais ilustre do que a outra, mas menos experiente. A vista, os conselhos do mestre são indispensáveis: é preciso que a execução seja digna do augusto espectador que há-de ocupar a tribuna real, digna também do ilustre autor.

Rousseau levantou-se para cortejar; desta vez o cumprimento tinha-o sensibilizado; cortejou amavelmente o senhor de Coigny.

- Por isso, senhor - disse o mancebo - Sua Alteza Real pede-lhe que queira vir ao Trianon assistir ao ensaio geral da ópera.

- Oh! - disse Rousseau. - Sua Alteza Real não pensou bem... No Trianon, eu!

- Então! - disse o senhor de Coigny com o ar mais natural possível.

- Oh! O senhor é um homem de gosto e de espírito, tem mais tacto do que a maior parte das pessoas; ora, com a mão na consciência, responda: Rousseau o filósofo, Rousseau o proscrito, Rousseau o misantropo, na corte, não é motivo bastante para fazer rebentar de riso toda a cabala?

- Não vejo - redargüiu friamente o senhor de Coigny - em que poderiam as risadas e conversas loucas que o perseguem perturbar o sono de um homem de sociedade como o senhor, e de um escritor que pode passar pelo primeiro do reino. Se tem essa fraqueza, Sr. Rousseau, oculte-a bem, que bastaria ela para dar assunto para rir a muita gente. Quanto ao que poderão dizer, confessará que devem tomar muito cuidado, porque se trata do prazer e desejos pessoais tais como Sua Alteza Real a Senhora Delfina, herdeira presuntiva da coroa de França.

- Certamente - disse Rousseau - certamente.

- Será - disse o senhor de Coigny sorrindo - um resto de mal cabida vergonha?... Como foi severo com os reis, receia humanizar-se? Ah! Sr. Rousseau, deu lições ao género humano, mas não o odeia, creio eu?... E daí, em todo o caso, exceptuará as senhoras de sangue imperial.

- O senhor está insistindo com imensa graça, mas reflecta na minha posição... Vivo retirado, só... Desgraçado.

Teresa fez uma visagem.

- Desgraçado!... - disse ela; - como é difícil de contentar!

- Por mais que faça, há-de haver sempre no meu rosto e nos meus modos uma expressão desagradável para os olhos do rei e das princesas, que só buscam a alegria e o contentamento. Que direi eu lá?... Que farei?...

- Dir-se-ia que duvida de si; mas o homem que escreveu a *Nova Heloísa* e as

Confissões, senhor, não tem mais espírito e mais acção do que todos nós?

- Asseguro-lhe, senhor, que me é impossível...

- Essa palavra, senhor, não é conhecida dos príncipes.

- Por isso me deixarei ficar em casa.

- Senhor, não me recusará a mim, mensageiro temerário, que me incumbi de satisfazer o desejo da senhora delfina, não me causará o profundo desgosto de me obrigar a voltar a Versalhes vencido, envergonhado; seria para mim um desgosto tal, que me exilaria imediatamente. Vamos, meu caro Sr. Rousseau, por mim, por um homem cheio de simpatia profunda por todas as suas obras, faça o que o seu coração negaria a reis que o viessem solicitá-lo.

- Senhor, é tão amável e gracioso que me conquista o coração; a sua eloquência é irresistível, e tem uma voz que me comove de um modo que não posso explicar...

- Consente então?

- Não, não posso... Não, decididamente; a minha saúde opõe-se a uma jornada.

- Uma jornada! Oh! Sr. Rousseau, o que diz? Uma carruagem leva-o lá em cinco quartos de hora.

- Ao senhor, que tem bons cavalos.

- Mas todos os cavalos das cavaliças reais estão às suas ordens, Sr. Rousseau. Estou encarregado pela senhora delfina de lhe dizer que há um quarto preparado para si no Trianon, porque não querem que volte para Paris de noite. Além disso, o senhor delfim, que sabe de cor todas as suas obras, disse diante da corte toda que desejava poder mostrar no seu palácio o quarto que tiver sido ocupado pelo Sr. Rousseau.

Teresa soltou um grito de admiração, não pelo Sr. Rousseau, mas pelo bom príncipe.

Rousseau não pôde defender-se mais depois desta última prova de amizade.

- Devo então render-me - disse ele - nunca fui tão bem atacado.

- Levado pelo coração, senhor - respondeu o senhor de Coigny; - pelo espírito seria inexpugnável.

- Portanto, senhor, irei, para cumprir as ordens de Sua Alteza Real.

- Oh! Senhor, receba os meus agradecimentos pessoais. Permita que eu me abstenha de agradecer pela senhora delfina, levar-me-ia a mal ter feito o que ela pessoalmente quer fazer. E demais, senhor, sabe que é o homem que deve agradecer, quando um convite destes vem da parte de uma senhora formosa e moça.

- É verdade, senhor - respondeu Rousseau sorrindo; - mas as pessoas velhas têm privilégios iguais aos das mulheres bonitas: fazem-se rogar.

- Então, Sr. Rousseau, terá a bondade de me designar a hora que lhe convém, eu mandarei a minha carruagem, ou antes virei eu mesmo buscá-lo, e irá comigo.

- Lá isso não, senhor - disse Rousseau. - Eu irei ao Trianon, mas deixe-me a faculdade

de ir a meu modo; a partir deste momento, não se ocupe mais de mim. Eu irei, nada mais; diga-me a que horas há-de ser.

- Como! Senhor, pois não permite que eu seja o seu introdutor? Serei eu indigno dessa honra ou é por que um nome como o seu por si mesmo se anuncia?

- Eu sei que o senhor é na corte mais do que eu serei em qualquer parte do mundo... Não rejeito portanto o seu oferecimento, ao senhor pessoalmente, mas gosto dos meus cómodos; quero ir ali como se fosse a um passeio, e finalmente... é este o meu ultimato.

- Obedeço, senhor, Deus me livre de lhe desagradar seja no que for. O ensaio deverá começar às seis horas da tarde.

- Muito bem, às seis horas menos um quarto estarei no Trianon.

- Mas de que modo?

- Isso fica por minha conta; as minhas carruagens são estas.

E apontou para as pernas, que não eram mal feitas.

- Cinco léguas! - disse o senhor de Coigny consternado; - mas fica derrancado; olhe que a noite não se há-de passar folgada.

- Nesse caso, tenho também a minha carruagem e os meus cavalos; carruagem fraternal e popular, que tanto pertence ao vizinho como a mim, assim como o ar, o sol, a água, carruagem que custa quinze soldos.

- Ai, meu Deus! A diligência! Só pensar nela faz-me estremecer.

- Os bancos que lhe parecem tão duros são para mim como um leito da sibarita. Parecem-me estofados de penas ou de folhas de rosa. Até à tarde, senhor conde, até à tarde.

O senhor de Coigny, vendo-se assim despedido, tomou o seu partido, e depois de muitos agradecimentos, de indicações mais ou menos necessárias, desceu a escada, acompanhado até ao patamar pelo Sr. Rousseau, e até ao meio da escada por Teresa.

O senhor de Coigny foi para a carruagem que na rua o esperava, e sorrindo da sua vitória, voltou a Versalhes.

Teresa entrou e fechou a porta com mau modo, o que pressagiou a Rousseau uma tempestade.

O VESTUÁRIO DE ROUSSEAU

Logo que o senhor de Coigny saiu, Rousseau, a quem a visita alterara as idéias, sentou-se, suspirando, numa poltrona, e disse em tom pausado:

- Ai, que aborrecimento! Como me incomodam com estas perseguições!

Teresa, que voltava, tomou estas palavras no ar, e vindo colocar-se em frente de Rousseau, disse:

- Como é soberbo!

- Eu?! - disse Rousseau admirado.

- Sim, é um vaidoso, um hipócrita!

- Eu?

- Você, sim... Está encantado de ir à corte, e oculta a alegria com uma falsa indiferença.

- Ah! Meu Deus! - redargüiu Rousseau encolhendo os ombros e humilhado por ver que assim adivinhavam os seus pensamentos.

- Quer talvez fazer-me acreditar que não é para você uma grande honra ir fazer ouvir ao rei as músicas, que preguiçosamente arranha aqui no seu cravo?

Rousseau olhou irado para a mulher.

- Você é uma toleirona! - disse-lhe; - um homem como eu não se honra por comparecer diante de um rei. A que deve aquele homem o estar no trono? A um capricho da natureza, que o fez nascer de uma rainha; mas eu, se sou digno de ser chamado à presença do rei para o divertir, devo isso ao meu trabalho e ao meu talento.

Teresa não era mulher que assim se deixasse vencer.

- Quem dera que o senhor de Sartines o ouvisse falar de semelhante modo, havia de dar-lhe de presente uma barraca em Bicêtre ou um camarote em Charenton.

- Porque - disse Rousseau - esse senhor de Sartines é um tirano, e o homem que só possui o seu génio não pode defender-se dos tiranos; mas se o senhor de Sartines me perseguisse...

- O que faria? - disse Teresa.

- Ah! Sim - disse Rousseau suspirando - bem sei que os meus inimigos ficariam satisfeitos...

- E por que tem inimigos? - disse Teresa - porque ataca toda a gente. Ah! O senhor de Voltaire é que tem amigos, esse sim!

- É verdade - respondeu Rousseau com um sorriso de expressão angélica.

- Mas, com os diabos! O senhor de Voltaire é um fidalgo, o rei da Prússia é seu íntimo amigo, tem cavalos, é rico, tem um palácio em Ferney... E tudo isso, deve-o ao seu mérito... Também, quando vai ao paço, não se faz desdenhoso, está lá como em sua casa.

- E julga - disse Rousseau - que não estarei lá como se estivesse em minha casa?

Julga que não sei de onde vem todo o dinheiro que lá gastam, e que creio no respeito que se deve ter ao amo? Ah! Boa senhora, que julga a torto e a direito, saiba pois que se eu desdenho do luxo dos cortesãos, é porque esse luxo é roubado.

- Roubado? - disse Teresa com uma indignação inexplicável.

- Sim, roubado! A você, a mim, a todos. Todo o ouro que ostentam nas roupas deveria ser repartido pelos desgraçados que não têm pão. E aí tem porque, eu que penso em tudo isso, não vou lá senão com repugnância.

- Eu não digo que o povo esteja feliz - disse Teresa; - mas enfim, o rei é o rei.

- Pois bem! Eu obedeço-lhe, que mais quer ele?

- Ah! Obedece porque tem medo. Não deve dizer que vai com repugnância a alguma parte e que é um homem corajoso, senão eu responderei, que é um hipócrita e que isso lhe apraz bastante.

- Não tenho medo de coisa nenhuma - disse soberbamente Rousseau.

- Então vá dizer ao rei a quarta parte do que acaba de dizer-me a mim.

- E fazia-o, se a minha vontade o ordenasse.

- Você?

- Sim, eu; porventura já alguma vez recuei?

- Bravo! Não se atreve a tirar um osso da boca ao gato com medo que o arranhe... Que será quando se vir cercado de guardas e de homens de espada à cinta?... Bem vê que o conheço como se fosse sua mãe... Vá agora escanhoar-se; apresentará uma boa perna, um certo piscar de olhos muito interessante, porque tem os olhos pequeníssimos e muito redondos, e se os abrisse naturalmente, ver-se-iam, ao passo que piscando-os faz acreditar que são grandes como dois portões; há-de pedir-me as suas meias de seda, vestir a casaca cor de chocolate com botões de aço, pôr a cabeleira nova, e o meu filósofo irá todo

repimpado num coche fazer-se adorar pelas damas... E amanhã, ah! amanhã, será um êxtase, um desfalecimento; estará enamorado, escreverá algumas linhas suspirando, e derramará algumas lágrimas na chávena do café. Oh! Como eu o conheço!

- Engana-se - disse Rousseau. - Digo-lhe que me obrigam a ir à corte. Irei, porque acima de tudo, temo o escândalo, como deve temê-lo todo o cidadão honesto. Além disso, eu não sou daqueles que se recusam a reconhecer a supremacia de um cidadão numa república; porém, quanto a fazer zumbaias, quanto a fazer de cortesão, quanto a roçar a minha casaca nova contra as palhetas desses senhores das bordaduras, não, não! Nada disso farei, e se vir o contrário, zombe de mim à sua vontade.

- Visto isso, não se veste? - disse Teresa ironicamente.

- Eu não.

- Não põe a sua cabeleira nova?

- Não.

- Não há-de piscar os olhitos?

- Digo-lhe que hei-de lá ir como homem livre, sem affectação, sem medo; hei-de ir à corte como hei-de ir ao teatro, e que os cómicos me achem bem ou mal, desprezo isso.

- Oh! Há-de fazer pelo menos a barba - disse Teresa - porque está muito crescida.

- Digo-lhe que não mudarei coisa alguma.

Teresa pôs-se a rir com tanta força, que Rousseau ficou atordado e passou para outro quarto.

A mulher não havia ainda acabado com as suas perseguições; arranjava-as de todos os modos e sob qualquer pretexto.

Tirou do armário o fato de cerimónia e a roupa branca nova, os sapatos lustrados a ovo, com um cuidado minucioso, e foi estender todas aquelas coisas em cima da cama e nas cadeiras de Rousseau.

Porém este não pareceu prestar a isso a menor atenção.

Teresa disse-lhe então:

- Ora vamos, é tempo de se vestir... Leva muito tempo um vestuário da corte... Já não chega a Versalhes à hora indicada.

- Já lhe disse - replicou Rousseau - que me acho assim perfeitamente; hei-de levar o fato com que me apresento todos os dias aos meus concidadãos. Um rei não é outra coisa mais do que um cidadão como eu.

- Vamos, vamos - disse Teresa para tentá-lo e conduzi-lo por insinuação à sua vontade - não teime, Jacques, e não faça uma tolice... O seu fato está ali... a sua navalha de barba está pronta; e já mandei avisar o barbeiro, para o caso de estar hoje atacado dos nervos...

- Obrigado; - respondeu Rousseau - apenas darei em mim uma escovadela, e calçarei os sapatos, visto que se não sai à rua de chinelos.

- Talvez que também essa fosse a tua vontade - disse Teresa consigo mesmo.

E excitou-o pela galanteria, pela persuasão, ou pela violência dos seus chascos. Porém Rousseau conhecia-a, viu o laço; ele sentia que apenas cedesse, seria desapiedadamente escarnecido por Teresa. Não quis pois ceder, e absteve-se de lançar os olhos para o seu vestuário, que revelava, como ele dizia, a sua boa presença natural.

Teresa espreitava-o. Ela só tinha um recurso, era o relancear de olhos que Rousseau nunca deixava de dar ao espelho quando saía, porque o filósofo era asseado em excesso, se é possível haver excesso no asseio.

Porém Rousseau continuou a estar de prevenção, e como tinha surpreendido o olhar atento de Teresa, voltou as costas ao espelho. A hora chegou; o filósofo tinha recheado a cabeça com tudo quanto poderia dizer de desagradavelmente sentencioso ao rei.

Recitou algumas frases latinas, prendendo as fivelas dos sapatos, pôs o

chapéu debaixo do braço, pegou na bengala, e aproveitando um momento em que Teresa não podia vê-lo, alisou a casaca e a véstia com as duas mãos para destruir as pregas.

Teresa tornou a entrar, e ofereceu-lhe um lenço, que ele escondeu na vasta algibeira, e conduziu-o até ao patamar, dizendo-lhe:

- Ora vamos, Jacques, seja razoável; assim está terrível, parece um fabricante de moeda falsa.

- Adeus - disse Rousseau.

- Parece um garoto - disse Teresa - tome bem sentido!

- Cuidado com o fogo - retrucou Rousseau - e não mexa nos meus papéis.

- Parece um espião, posso assegurar-lho - disse Teresa desesperada.

Rousseau não redargüiu palavra; descia os degraus cantarolando, e aproveitando a escuridão, escovava o chapéu com a manga, sacudia os bofes de renda com a mão

esquerda, e improvisava consigo mesmo um rápido mas inteligente vestuário.

Quando chegou abaixo, afrontou o lamaçal da Rua Platrière, e nos bicos dos pés dirigiu-se aos Campos Elísios, onde estacionavam aquelas honestas carruagens que por purismo chamaremos pataches, e que transportavam ou antes arrastavam, haverá ainda dez anos, de Paris a Versalhes, os viajantes reduzidos à economia.

XXIII

OS BASTIDORES DO TRIANON

As circunstâncias da Jornada são indiferentes; Rousseau fê-la decerto com um suíço, um caixeiro, um negociante e um abade.

Seriam cinco horas e meia quando chegou ao Trianon. Já a corte estava reunida; esperavam el-rei; no autor ninguém pensava.

Sabiam alguns que Rousseau, de Genebra, iria pessoalmente dirigir o ensaio; mas Rousseau não causava mais interesse do que Rameau, Marmontel, ou qualquer outro desses animais curiosos, que a gente da corte atraía às suas salas para os ver.

Rousseau foi recebido pelo oficial de dia, a quem o senhor de Coigny pedira que o mandasse avisar logo que ele chegasse.

O fidalgo apareceu imediatamente com a sua natural cortesia e recebeu Rousseau

com a maior amabilidade. Mas apenas olhou para ele, ficou admirado e não pôde deixar de o examinar outra vez.

Rousseau vinha coberto de poeira, amarrotado, pálido, e na palidez sobressaía-lhe de tal modo a barba de ermitão, que nunca mestre-de-cerimónias vira outra semelhante reflectir nos espelhos de Versalhes.

Rousseau ficou perturbadíssimo com o olhar do senhor de Coigny, perturbação que aumentou quando, aproximando-se da sala de espectáculo, viu a profusão de belos fatos, de rendas, de brilhantes e de grã-cruzes que, entre os dourados da sala, pareciam um ramalhete de flores em enorme açafate.

Rousseau, respirando aquela atmosfera almiscarada, não se sentiu bem; era muito fina e inebriante para os seus sentidos plebeus.

Todavia, era preciso ir para diante e mostrar-se desembaraçado. Não poucos olhares se fitavam nele, que tão grande

mancha fazia no meio de tão luzida assembléia.

O senhor de Coigny, precedendo-o sempre, conduziu-o à orquestra, onde o esperavam os músicos.

Ali, achou-se um pouco consolado, e enquanto executavam a sua música, pensou seriamente que estava no mais forte do perigo e que para aquilo não havia remédio.

A senhora delfina estava já em cena com o seu fato de Colette e esperava pelo seu Colin.

O senhor de Coigny, no seu camarim, mudava de fato.

De repente, viu-se entrar el-rei no meio de um círculo de cabeças curvadas.

Luís XV sorria, e parecia do melhor humor.

O delfim tomou lugar à direita, e o conde de Provença sentou-se à esquerda.

As cinqüenta pessoas que formavam a assembléia, o mais íntima possível, sentaram-se a um pequeno sinal feito por el-rei.

- Então, não se começa? - disse Luís XV.

- Senhor - disse o delfim - os camponeses e camponesas não estão ainda vestidos, estamos esperando.

- Poderia ensaiar-se sem ser a carácter - disse el-rei.

- Não, senhor - redargüiu a delfina, mesmo do palco - porque queremos ver o efeito que os fatos produzem com as luzes.

- É muito justo, minha senhora - disse el-rei; - então, vamos dar uma volta.

E Luís XV levantou-se para dar uma volta pelo corredor e pela cena. Estava de mais a mais bastante inquieto por não ver chegar a senhora du Barry.

Quando o rei saiu do camarote, Rousseau considerou melancolicamente e com o coração oprimido essa sala vazia e o seu próprio isolamento.

Era um bem singular contraste com a recepção que recebera.

Tinha-se figurado que todos os grupos se abririam diante dele, que a curiosidade das

peçoas da corte seria mais importuna e mais significativa que a dos parisienses; tinha receado as perguntas, as apresentações, e acontecia que ninguém fazia caso dele!

Pensou que a sua barba não estava comprida bastante, que uns farrapos teriam sido mais notados do que o fato velho que trazia. Estimou não ter o ridículo da pretensão à elegância.

Mas, no fim de tudo, sentia-se bastante humilhado por se ver reduzido às proporções de um chefe de orquestra.

De repente chegou-se a ele um oficial e perguntou-lhe se era o Sr. Rousseau.

- Sim, senhor - redargüiu ele.

- A senhora delfina deseja falar-lhe, senhor -disse o oficial.

Rousseau levantou-se muito perturbado.

A delfina esperava-o. Segurava nas mãos a arieta de Colette:

“A ventura de todo perdi.”

Assim que viu Rousseau, caminhou para ele.

O filósofo cortejou muito humildemente, dizendo consigo que cortejava uma mulher e não uma princesa.

A delfina, de seu lado, foi graciosa com o filósofo selvagem, como o teria sido com o mais perfeito cavalheiro da Europa.

Pediu-lhe conselho sobre a inflexão que devia dar ao terceiro verso:

“Colin abandona-me...”

Rousseau desenvolveu uma teoria de declamação e de melopéia, que apesar de muito erudita, foi interrompida pela chegada de el-rei com alguns cortesãos.

Luís XV entrou no camarim em que a senhora delfina tomava a lição do filósofo.

O primeiro movimento, o primeiro sentimento do rei, ao ver aquele homem desleixado, foi exactamente o mesmo que o senhor de Coigny manifestara, com a diferença que o senhor de Coigny conhecia Rousseau, e Luís XV não o conhecia.

Olhou portanto demoradamente para o nosso homem livre, ao mesmo tempo que

recebia os cumprimentos e agradecimentos da delfina.

Aquele olhar, em que brilhava uma autoridade perfeitamente real, aquele olhar, que não estava acostumado a baixar-se diante de qualquer pessoa, produziu um indizível efeito em Rousseau, cujo olho vivo era tímido e incerto.

A delfina esperou que el-rei acabasse o seu exame, e então chegou-se a Rousseau dizendo:

- Vossa Majestade permite que eu lhe apresente o nosso autor?

- O seu autor? - disse el-rei fingindo que se queria recordar.

Durante este diálogo Rousseau estava em brasa.

O rei tinha com os olhos percorrido sucessivamente e queimado como um raio de sol debaixo da lente, a barba crescida, os bofes de cor duvidosa, a poeira e a cabeleira desgrenhada do maior escritor de todo o seu reino.

A delfina teve dó deste último.

- O Sr. João Jacques Rousseau, senhor - disse ela - é o autor da linda ópera que vamos escorchar diante de Vossa Majestade.

El-rei ergueu então a cabeça.

- Ah! - disse ele friamente - Sr. Rousseau, tenho o gosto de o cumprimentar.

E continuava a olhar para ele de modo a provar-lhe todas as imperfeições do vestuário.

Rousseau tratava de adivinhar como se cumprimentava o rei de França, sem ser um cortesão, mas também sem incivilidade, pois que reconhecia que estava em casa desse príncipe.

Mas, enquanto pensava isso consigo, el-rei falava-lhe com a límpida facilidade dos príncipes, que têm dito tudo quando dizem uma coisa agradável ou desagradável ao seu interlocutor.

Rousseau, não falando, ficou petrificado. Todas as frases que ele preparara para o tirano, havia-as esquecido.

- Sr. Rousseau - disse el-rei olhando-lhe sempre para o fato e para a cabeleira - compôs uma música encantadora, e que me oferece momentos agradabilíssimos.

E el-rei começou a cantar, com a voz mais antipática a todo diapasão e a toda melodia:

Se dos dândis da cidade
Ouvidos desse ao ardor
Ai! Com que facilidade
Eu tivera outro amor.

- Isto é encantador - disse el-rei acabando de cantar.

Rousseau cortejou.

- Não sei se cantarei bem - disse a senhora delfina.

Rousseau voltou-se para a princesa a fim de lhe dar um conselho a esse respeito.

Mas el-rei recomeçara, e cantava o romance de Colin:

Na minha obscura cabana
Há sempre novos cuidados;
Vento, sol, frio e chuva,
Tormentos continuados.

Sua Majestade cantava horrivelmente
para um músico.

Rousseau, um pouco lisonjeado da
memória do monarca, um pouco enfadado
com a horrível execução, fazia uma cara de
macaco a roer uma cebola, que chora de um
lado enquanto ri do outro.

A delfina conservava-se séria, com o
imperturbável sangue-frio que só na corte se
encontra.

El-rei, sem se embaraçar com coisa
alguma, prosseguiu:

Colette, minha pastora,
Se a vieres habitar,
Nada mais o teu Colin
Poderá ter que chorar.

Rousseau sentiu a cor assomar-lhe ao rosto.

- Diga-me, Sr. Rousseau - disse el-rei - é verdade que algumas vezes se veste de arménio?

Rousseau corou ainda mais, e de tal forma se lhe embrulhou a língua que nem a troco de um reino teria naquele momento podido funcionar.

El-rei começou novamente a cantar sem esperar a resposta:

Ai, que muitas vezes
Quase que amor não sabe
O que vedar ou permitir deve.

- Mora na Rua Platrière, creio eu, Sr. Rousseau? - disse el-rei.

Rousseau fez um sinal afirmativo com a cabeça, mas era a última tula das suas forças... Nunca chamara tantas em seu auxílio.

El-rei cantarolou:

É um menino,
É um menino...

- Dizem que está muito de mal com Voltaire, Sr. Rousseau?

Desta vez Rousseau perdeu o pouco siso que lhe restava, e toda a sua firmeza. El-rei não pareceu apiedar-se muito dele, e prosseguindo na atroz melomania, afastou-se cantando:

Vamos à sombra bailar,
Ânimo, pequenas, é folgar!...

e isto com uns acompanhamentos de orquestra capazes de matar Apolo, como ele matou Marsias.

Rousseau ficou só no meio do gabinete. A delfina retirara-se para dar o último toque ao vestuário.

Rousseau, cambaleando, apalpando, chegou ao corredor; mas, no meio dele, deu de encontro a um par deslumbrante de

brilhantes, flores e rendas, que tomava o corredor, conquanto o mancebo estivesse apertando com muita ternura o braço da senhora.

A senhora, moça e formosa, com as suas rendas riquíssimas, o seu gigantesco penteado, leque, perfumes, estava radiosa como um astro. Rousseau acabava de levar dela um encontro.

O mancebo, delgado, delicado, encantador, roçando a grã-cruz por sobre os bofes de renda de Inglaterra, soltava gargalhadas da mais perfeita franqueza, e cortava-as subitamente com reticências ou segredinhos, que faziam por sua vez rir a senhora, e mostrava estarem na mais perfeita inteligência possível.

Rousseau reconheceu na formosa e sedutora criatura a condessa du Barry; e assim que a viu, costumado a absorver-se unicamente numa contemplação, não viu mais o companheiro.

O mancebo era o conde de Artois, que galanteava com todo o prazer do seu coração a amante de Luís XV.

A senhora du Barry, vendo a negra figura e o rosto de Rousseau, bradou:

- Ai, meu Deus!

- O que é? - disse o conde de Artois, olhando por sua vez para o filósofo.

E já estendia a mão para abrir passagem à companheira.

- O Sr. Rousseau! - bradou a senhora du Barry.

- Rousseau de Genebra? - disse o conde de Artois, no tom de um estudante em férias.

- Tal qual - redargüiu a condessa.

- Ah! Bons dias, Sr. Rousseau - disse o travesso, vendo que Rousseau fazia diligência para abrir passagem.

- Vamos então ouvir música sua?

- Senhor... - murmurou Rousseau com respeito, porque viu a grã-cruz.

- Ah! Linda música - disse a condessa - muito conforme com o espírito e o coração do seu autor!

Rousseau levantou a cabeça e foi queimar o seu olhar no olhar de fogo da condessa.

- Minha senhora... - disse ele com mau humor.

- Desempenharei o papel de Colin, minha senhora - exclamou o conde de Artois - e rogo-lhe que se encarregue do de Colette, senhora condessa.

- De muito boa vontade, senhor; mas não me atreveria, eu que não sou artista, a profanar a música do professor...

Rousseau teria dado a sua vida para ousar olhar ainda outra vez; mas a voz, o tom, a lisonja, a formosura de ambos, tudo lhe cravara um anzol no coração.

Quis fugir.

- Sr. Rousseau - disse o príncipe impedindo-lhe novamente o caminho - quero que me ensine o papel de Colin.

- Não ousarei pedir ao senhor que me dê conselhos para o de Colette - disse a condessa fingindo-se tímida, de modo que acabou de derribar o filósofo.

Os olhos deste perguntaram porquê.

- O Sr. Rousseau odeia-me - disse ela ao príncipe com a sua voz encantadora.

- Ora adeus! - bradou o conde de Artois - quem a pode odiar, minha senhora?

- Bem vê - disse ela.

- O Sr. Rousseau é um homem muito honrado e faz coisas demasiadamente bonitas para fugir de uma senhora tão encantadora - disse o conde de Artois.

Rousseau suspirou, como se estivesse para dar a alma a Deus, e desapareceu pelo estreito caminho que o conde de Artois deixou imprudentemente entre si e a parede.

Mas decididamente naquela noite Rousseau não estava feliz; não dera ainda quatro passos quando encontrou novo grupo. Desta vez, compunha-se o grupo de dois homens, um velho e outro moço. Um tinha

uma grã-cruz, era o mais novo; o outro, que contaria uns cinqüenta anos, estava vestido de encarnado e mostrava ar austero.

Estes dois homens ouviram o jovem conde de Artois rir e gritar com quanta força tinha:

- Ah! Sr. Rousseau, Sr. Rousseau, eu direi que a senhora condessa o fez fugir, e realmente ninguém me acreditará.

- Rousseau! - murmuraram os dois homens.

- Não o deixe passar - disse o príncipe, rindo sempre; - não o deixe passar, senhor de Lavauguyon.

Rousseau compreendeu então em que escolho a sua má estrela acabava de o fazer naufragar.

Era o Sr. Conde de Provença e o preceptor dos infantes de França!

O conde de Provença tolheu igualmente o caminho a Rousseau.

- Bons dias, senhor - lhe disse ele com a sua voz seca e pedante

Rousseau, desesperado, inclinou-se murmurando:

- Nunca me verei livre daqui?

- Ah! Estimo muito encontrá-lo, senhor - disse o príncipe em tom de preceptor que procura e encontra um discípulo em erro.

- Mais algum cumprimento absurdo - pensou Rousseau. - Como são enfadonhos estes príncipes!

- Li a sua tradução de Tácito, senhor.

- Ah! É verdade - disse Rousseau consigo; - este é sábio, é pedante.

- Sabe que é muito difícil traduzir Tácito?

- Mas, senhor, isso escrevi eu num pequeno prefácio.

- Sim, bem sei, bem sei; diz nele que não sabe bem o latim.

- É verdade, senhor.

- Então por que traduziu Tácito, Sr. Rousseau?

- Senhor, foi um exercício de estilo.

- Ah! Sr. Rousseau, não fez bem em traduzir *imperatoria brevitare* por *discurso grave e conciso*.

Rousseau, pouco tranqüilo, procurou na sua memória.

- Sim - disse o jovem príncipe com modos de velho sábio que emenda um erro; - sim, traduziu assim. É no parágrafo em que Tácito conta que Pisão falou às tropas...

- Então! Senhor?

- Então! Sr. Rousseau, *imperatoria brevitare* significa com a concisão de um general... ou de um homem acostumado a comandar. A concisão do comando... é esta a expressão, não é verdade, senhor de Lavauguyon?

- É, sim, meu senhor - respondeu o preceptor.

Rousseau nada respondeu. Depois o príncipe acrescentou :

- É um formidável contra-senso, Sr. Rousseau... Oh! Eu ainda lhe acharei outro.

Rousseau tornou-se pálido.

- Olhe, Sr. Rousseau, é um parágrafo relativo a Cecina. Começa assim: *At in superiore Germania...* Bem sabe, fazem o retrato de Cecina, e Tácito diz: *Cito sermone*.

- Lembra-me perfeitamente, senhor.

- Traduziu isso por *falando bem*.

- Não há dúvida, senhor, e eu pensava...

- *Cito sermone* quer dizer que *fala depressa*, isto é, facilmente.

- Eu disse falando bem?

- Se fosse isso teriam posto *decoro* ou *ornato*, ou *eleganti sermone*; *cito* é epíteto pitoresco, Sr. Rousseau. E como na pintura da mudança de proceder de Othon. Tácito diz: *Delata voluptas, dissimulata luxuria, cunctaque ad imperil decorem composita*.

- Traduzi por: *Reportando a outros tempos o luxo e a voluptuosidade, surpreendeu todos aplicando-se em restabelecer a glória do império*.

- Foi mal, Sr. Rousseau, foi mal traduzido; em primeiro lugar, fez uma frase única de três frases pequenas, o que o obrigou a traduzir mal *dissimulata luxuria...* e

daí, no último membro da frase, fez um contra-senso. Tácito não quis dizer que o imperador Othon se aplicasse em restabelecer a glória do império, quis dizer que, não satisfazendo mais as suas paixões, e dissimulando os seus costumes de luxo, Othon acomodava tudo, aplicava tudo, fazia reverter tudo... tudo, entende bem, Sr. Rousseau, isto é as suas paixões e até os seus vícios, à glória do império. É este o sentido, é complexo; o seu é restrito, não é verdade, senhor de Lavauguyon?

- É, sim, meu senhor.

Rousseau suava e assoprava sob aquela pressão desapiedada.

O príncipe deixou-o respirar um momento, depois do que, disse:

- É muito superior em filosofia.

Rousseau inclinou-se.

- Mas, o seu *Emílio* é um livro perigoso.

- Perigoso, senhor?

- Sim, pela quantidade de idéias falsas que há-de suscitar na burguesia.

- Senhor, desde que um homem é pai, está nas condições do meu livro, seja ele o mais elevado, seja ele o mais pequeno do reino... Ser pai... é...

- É verdade, Sr. Rousseau - perguntou repentinamente o malévolo príncipe - é um livro muito divertido as suas *Confissões*... Afinal, vamos a saber: quantos filhos teve?

Rousseau empalideceu, cambaleou, e dirigiu sobre o jovem carrasco um olhar de raiva e estupefacção, cuja expressão aumentou o maligno humor do conde de Provença.

Era bem assim, porque, sem esperar resposta, o príncipe afastou-se de braço dado com o seu preceptor, prosseguindo nos seus comentários sobre as obras do homem que acabava de esmagar com ferocidade.

Rousseau tornou pouco a pouco a si, quando ouviu na orquestra os primeiros compassos da sinfonia.

Dirigiu-se para aquele lado oscilando, e chegado ao seu lugar, disse consigo:

- Louco, estúpido, covarde que sou! Agora mesmo achei a resposta que devia ter dado àquele cruel pedante.

“Senhor, deveria ter-lhe dito, não é caritativo da parte de um mancebo atormentar um pobre velho.”

Estava neste ponto, contentíssimo com a sua frase, quando a senhora delfina e o senhor de Coigny começaram o seu dueto. A preocupação do filósofo foi distraída pelo padecer do músico; depois do coração, o ouvido recebia o seu suplício.

XXIV

O ENSAIO

Uma vez começado o ensaio, como o espectáculo excitava a atenção, foi Rousseau abandonado.

Foi então ele que passou a observar em redor de si. Ouviu alguns fidalgos que cantavam desafinados e algumas senhoras que em trajo de corte namoravam como pastoras.

A senhora delfina não desafinava, mas era má actriz; tinha tão pouca voz, que mal se ouvia. El-rei, para não intimidar ninguém, tinha-se refugiado num camarote, às escuras, onde conversava com as senhoras.

O senhor delfim servia de ponto na ópera, que ia realmente mal.

Rousseau tomou o partido de não escutar mais, mas foi-lhe difícil deixar de ouvir. Tinha contudo uma consolação,

porque acabava de ver um rosto encantador entre as ilustres coristas, e a camponesa que o céu tinha dotado com tão belo rosto, cantava com a voz mais deliciosa de toda a companhia.

Rousseau concentrou-se portanto; absorveu-se por cima da sua estante para contemplar a encantadora figurante, e abriu os ouvidos para escutar toda a melodia daquela voz.

A delfina, que viu assim o autor atento, persuadiu-se facilmente, graças ao seu sorriso, aos seus olhos moribundos, que achava satisfatória a execução das melhores peças, e para receber um cumprimento, porque era mulher, inclinou-se para a estante dizendo:

- Isto vai mal assim, Sr. Rousseau?

Rousseau, de boca aberta e distraído, não deu resposta.

- Vamos lá, andámos mal - disse a delfina - e o Sr. Rousseau não se atreve a dizê-lo. Não faça cerimónia, Sr. Rousseau.

Os olhos de Rousseau não se tiravam da encantadora corista, que não se apercebia da atenção que lhe prestavam.

- Ah! - disse a delfina seguindo a direcção do olhar do nosso filósofo - foi a senhora de Taverney que não andou bem?

Andreia corou ao ver todos os olhares dirigirem-se para ela.

- Não! não! - bradou Rousseau - não é essa senhora, porque canta como um anjo.

A senhora du Barry despediu sobre o filósofo um olhar mais penetrante que um dardo.

O barão de Taverney, pelo contrário, sentiu o coração fundir-se-lhe de prazer, e olhou para Rousseau com o seu sorriso mais encantador.

- Acha que aquela menina canta bem? - perguntou a senhora du Barry a el-rei, a quem as palavras de Rousseau haviam visivelmente impressionado.

- Não entendo... - disse Luís XV - num coro, são muitas vozes juntas... é preciso ser professor para perceber isso.

Entretanto Rousseau agitava-se na orquestra para conseguir fazer cantar o coro:

Volta Colin à sua pastora,
Celebremos o regresso.

Ao voltar-se depois de uma tentativa, viu o senhor de Jussieu que o cortejava com amenidade.

Não foi para o genebrês um medíocre prazer ser visto regendo a corte, por um homem da corte, que o tinha ferido um pouco com a sua superioridade.

Correspondeu cerimoniosamente à cortesia e continuou a olhar para Andreia, que o elogio tornara ainda mais formosa.

O ensaio continuou, e a senhora du Barry tornou-se de um humor atroz: duas vezes surpreendera Luís XV distraído pelo

espectáculo, apesar das lindas coisas que lhe dizia.

O espectáculo para a ciumenta era necessariamente Andreia, o que não impediu a senhora delfina de receber muitos cumprimentos e de se mostrar de uma alegria encantadora.

O Sr. Duque de Richelieu voava como uma borboleta em torno dela com a ligeireza de um mancebo, e tinha conseguido formar no fundo do teatro um círculo de pessoas, cujo centro era a delfina, o que muito desesperava o partido du Barry.

- Parece - disse ele em voz alta - que a menina de Taverney tem bonita voz.

- Encantadora - disse a delfina; - e se não fosse o meu egoísmo, ter-lhe-ia dado o papel de Colette; mas, como é para me divertir que me incumbi desse papel, a ninguém o cedo.

- Ah! A menina de Taverney não o cantaria melhor do que Vossa Alteza Real - disse Richelieu - e...

- Esta menina é uma excelente cantora - disse Rousseau profundamente sentido.

- Excelente - disse a delfina - e, para o confessar, é ela quem me ensina o meu papel; além disso dança maravilhosamente, e eu danço muito mal.

Pode-se julgar do efeito daquela palestra sobre el-rei, sobre a du Barry, e sobre todos os noveleiros, intrigantes e invejosos; cada qual colhia um prazer fazendo uma ferida, ou recebia o golpe com a vergonha e dor. Não havia indiferentes, salvo talvez a própria Andreia.

A delfina, instada pelo duque de Richelieu, resolveu pedir a Andreia que cantasse a romanza:

Perdi o meu servidor,
Colin abandona-me.

Viu-se el-rei marcar o compasso com a cabeça, com movimentos de satisfação tão apressados, que o carmim da senhora du

Barry caía-lhe em pequenas escamas, como sucede à pintura sob a acção da umidade.

Richelieu, pior que uma mulher, saboreou a sua vingança. Tinha-se aproximado do barão de Taverney, e os dois velhos formavam um grupo, que se poderia chamar a Hipocrisia e a Corrupção meditando um projecto de união.

A sua alegria tornou-se tanto mais viva quanto mais se carregava a fronte da senhora du Barry, que deu fim ao seu mau humor levantando-se encolerizada, o que era contra todas as regras, porque el-rei estava sentado.

Os cortesãos perceberam a tempestade como as formigas, e apressaram-se em buscar abrigo ao pé dos mais fortes. Portanto viu-se a senhora delfina mais cercada pelos seus partidários, e a senhora du Barry afagada pelos seus.

A pouco e pouco ia-se desviando o interesse do ensaio da sua linha natural e inclinava-se para outro curso de idéias. Não se tratava já de Colin nem de Colette, e

muitos dos espectadores pensavam que não tardaria a vez da senhora du Barry cantar:

Perdi o meu servidor,
Colin abandona-me.

- Vês - disse Richelieu em voz baixa a Taverney; - vês o espantoso efeito que produz a tua filha?

E levou-o para o corredor, abrindo uma porta de vidraça, de onde fez cair um curioso que estava trepando para melhor ver a sala.

- Os diabos levem o velhaco! - murmurou o senhor de Richelieu sacudindo a manga, que a pancada contra a porta amarrotara, e principalmente vendo que o curioso estava vestido como os trabalhadores do palácio.

Era com efeito um deles, que, com um cesto de flores debaixo do braço, conseguira içar-se até à bandeira da porta e mergulhar a vista na sala, de onde vira todo o espectáculo.

Levou um encontrão que o ia fazendo cair no corredor; mas, se não caiu, o cesto das flores entornou-se.

- Ah! mas eu conheço este velhaco - disse Taverney com um olhar irritado.

- Quem é? - perguntou o duque.

- O que fazes aqui, maroto? - disse Taverney.

Gilberto, porque, como o leitor já decerto adivinhou, era ele, redargüiu soberbamente:

- Bem vê, estou olhando.

- Em vez de fazeres o teu trabalho - disse Richelieu.

- O meu trabalho está concluído - disse Gilberto humildemente ao duque, sem se dignar olhar para Taverney.

- Está decidido que hei-de encontrar este mandrião por toda a parte - disse Taverney.

- Alto lá, alto lá, senhor - interrompeu docemente uma voz. - O meu Gilbertozinho é um assíduo trabalhador e um botânico experiente.

Taverney voltou-se e viu o senhor de Jussieu, que fazia festas no rosto de Gilberto.

Corou de raiva e afastou-se.

- Os lacaios aqui! - murmurou ele.

- Caluda! - lhe disse Richelieu - não está também aqui a Nicola?... Olha... no canto daquela porta, acolá em cima. Ah! Marota! Também não perdes pitada!

Com efeito, Nicola, por detrás de outros vinte criados do Trianon, erguia acima de todos a encantadora cabeça, e os olhos, dilatados pela surpresa e admiração, pareciam ver tudo duplamente.

Gilberto viu-a e voltou-se para outro lado.

- Vem daí, vem - disse o duque a Taverney - desconfio que el-rei te quer falar... Parece procurar-te.

E os dois amigos afastaram-se na direcção do camarote real.

A senhora du Barry, de pé, conversava com o senhor de Aiguillon, que também

estava de pé. Este não perdia de vista movimento algum do tio.

Rousseau, que ficara só, admirava Andreia; empregava-se, se nos é permitida a expressão, em apaixonar-se por ela.

Os ilustres actores iam despir-se nos camarins, onde Gilberto renovara as flores.

Taverney, que ficara só no corredor desde que o senhor de Richelieu se apartou dele para se dirigir a el-rei, sentia o coração transido e ardente ao mesmo tempo. Afinal o duque voltou e pôs um dedo na boca para recomendar silêncio.

Taverney empalideceu de alegria e foi ao encontro do seu amigo, que o conduziu ao camarote real.

Ali ouviram o que pouca gente podia ouvir.

A senhora du Barry dizia ao rei:

- Deverei esperar por Vossa Majestade para cear esta noite?

E el-rei respondia:

- Sinto-me hoje cansado, condessa, dispense-me.

Neste instante chegava o delfim quase junto da condessa, e sem parecer vê-la, dirigindo-se a el-rei, disse:

- Vossa Majestade querará fazer-nos a honra de cear connosco no Trianon?

- Não, meu filho; o mesmo dizia eu neste momento à condessa; estou cansado; a sua alegria atordoava-me... Cearei só.

O delfim inclinou-se e saiu. A senhora du Barry cortejou e retirou-se, trémula de raiva.

El-rei fez então um sinal a Richelieu.

- Duque - disse ele - tenho que falar-lhe de um negócio que lhe diz respeito.

- Senhor...

- Não fiquei contente... Quero que me explique... Olhe... Eu ceio sozinho, venha acompanhar-me.

E el-rei olhava para Taverney.

- Creio que conhece este senhor, duque?

- O senhor de Taverney? Sim, meu senhor.

- Ah! O pai da linda cantora.

- Sim, meu senhor.

- Escute, duque.

El-rei baixou-se para falar ao ouvido de Richelieu.

Taverney contrafez-se, para não dar sinal de comoção.

Um momento depois, Richelieu passou diante de Taverney e disse-lhe:

- Acompanha-me sem affectação.

- Onde - disse Taverney do mesmo modo.

- Vem andando.

O duque saiu dali, e Taverney seguiu-o na distância de vinte passos até aos quartos de el-rei.

O duque entrou; Taverney ficou só na antecâmara.

O ADEREÇO

O senhor de Taverney não esperou muito tempo. Richelieu pedira ao criado de quarto de Sua Majestade o que el-rei deixara sobre o seu toucador, e saiu imediatamente com um objecto, que o barão não pôde logo distinguir por causa da capa de seda que o cobria.

Mas o marechal tirou o seu amigo de cuidados, chamando-o do lado da galeria.

- Barão - disse ele apenas viu que estavam sós - algumas vezes tens parecido duvidar da minha amizade.

- Eu não, depois da nossa reconciliação - redargüiu o barão.

- Então tens duvidado da tua fortuna e da dos teus filhos?

- Oh! Isso lá, sim.

- Pois, meu amigo, não tens razão. A tua fortuna e a dos teus filhos progride com uma rapidez capaz de te fazer perder o juízo.

- Ora! - disse Taverney, que percebia uma parte da verdade, mas que se não entregaria a Deus, e por consequência livrara-se bem do diabo; - de que modo se faz tão depressa a fortuna dos meus filhos?

- Parece-me que já está capitão o Sr. Filipe, e com uma companhia paga por el-rei.

- Oh! Isso é verdade... E a ti devo essa honra.

- De modo nenhum. Depois vamos ter a menina de Taverney, talvez marquesa...

- Ora adeus! - bradou Taverney. - Pois a minha filha...

- Ouve, Taverney, el-rei tem muito gosto; a formosura, a graça e a virtude, quando as acompanha o talento, encantam Sua Majestade... Ora, a menina de Taverney reúne todas essas vantagens num ponto eminente... El-rei está portanto encantado com a menina de Taverney.

- Duque - redargüiu Taverney tomando um ar de dignidade mais do que grotesco para o marechal; - duque, como explicas tu essa palavra: encantado?

Richelieu que não gostava de pretensões, redargüiu secamente ao seu amigo:

- Barão, eu não sou forte em gramática, e mesmo sei mui pouca ortografia. Encantado, para mim, significou sempre estar extremamente contente, nada mais... Ora se tu estás extremamente pesaroso por veres o teu rei contente com a formosura, talento e mérito dos teus filhos, não temos mais que falar... Eu vou ter com Sua Majestade.

E Richelieu girou nos calcanhares com um desembaraço perfeitamente juvenil.

- Duque, não me entendeste bem - bradou o barão fazendo-o parar. - Com os diabos, és bem apressado!

- Por que me dizes tu que não estás contente?

- Ora! Eu não disse semelhante coisa.

- Pedes-me comentários a respeito dos favores de el-rei... Que tal está o pateta!

- Temos outra; eu não disse semelhante coisa. O certo é que estou contente.

- Ah! Tu... Pois bem! Quem será então o descontente? Tua filha?

- Ah!

- Meu caro, criaste a tua filha como um grande selvagem que és.

- Meu amigo, minha filha criou-se sozinha; bem entendes que não me ia eu agora cansar nisso... Já não era pequeno mal ter que viver naquele buraco de Taverney... A virtude nasceu nela naturalmente.

- E dizem ,que a gente do campo sabe separar o joio do trigo. Enfim, a tua filha é uma presumida.

- Engana-se, é uma pomba.

Richelieu fez uma visagem.

- Pois bem! O que essa pobre criança deve fazer é ver se acha um bom marido, porque com aquele defeito as ocasiões de fazer fortuna hão-de ser muito raras para ela.

Taverney olhou desassossegadamente para o duque.

- Felizmente para ela - prosseguiu o duque - el-rei está tão loucamente namorado da du Barry, que nunca dará seriamente atenção a outras.

O desassossego de Taverney tornou-se em angústia.

- Assim - prosseguiu Richelieu - tu e tua filha podem estar descansados. Vou fazer a Sua Majestade as objecções necessárias, e el-rei desistirá logo.

- Mas desistirá de quê, Santo Deus? - bradou Taverney pálido, sacudindo os braços do amigo.

- De fazer um presente à menina Andreia, meu caro barão.

- Um presente!... O que é? - disse Taverney cheio de cobiça e esperança.

- Oh! Uma bagatela - disse Richelieu com negligência; - é isto... olha!

E tirou de baixo da capa de seda uma caixa que abriu.

- Um adereço!

- É uma miséria... Um colar de algumas mil libras que Sua Majestade, lisonjeado por lhe ter ouvido cantar a sua canção favorita, queria fazer aceitar à cantora; é natural. Mas, já que a tua filha é feroz, não pensemos mais em tal coisa.

- Duque! Não sabes o que dizes, isso seria uma ofensa a el-rei!

- Decerto seria ofender el-rei; mas não é próprio da virtude ofender sempre alguém ou alguma coisa?

- Finalmente, duque, lembra-te - disse Taverney - que minha filha não é tão desarrazoada.

- Isso dizes tu, não o diz tua filha.

- Oh! Mas sei muito bem o que ela há-de dizer ou fazer.

- Os chins são tão felizes! - disse Richelieu.

- Por quê? -disse Taverney admirado.

- Porque têm muitos canais e rios no país.

- Não mudes de conversa, duque; não me faças desesperar, e continua a falar-me.

- Estou falando contigo, barão, e não mudo de conversa.

- Por que me falas então dos chins? Que relação têm os rios com a minha filha?

- Uma muito grande... Os chins, dizia eu, têm a fortuna de poder afogar, sem que lhes digam coisa alguma, as raparigas demasiadamente virtuosas.

- Ora vamos, duque - disse Taverney - é preciso ser justo. Supõe que tens uma filha.

- Por minha vida, tenho uma... E se me vierem dizer que tem demasiada virtude, essa... Será uma grande maldade!

- Enfim, preferirias que não fosse assim, não é verdade?

- Oh! Eu não me meto com os meus filhos desde que completam os oito anos.

- Pelo menos, ouve-me, duque. Ora diz: se el-rei me encarregasse de ir oferecer um adereço a tua filha, e ela fosse fazer-te queixa?

- Oh! Meu amigo, nada de comparações. Eu tenho vivido sempre na corte e tu tens vivido como um selvagem; não há paridade entre nós. O que para ti é virtude, para mim é loucura; Olha, digo-to para teu governo, não há nada mais ridículo que vir dizer à gente: “O que faria você em tal ou tal caso?” E daí, enganas-te nas tuas comparações, meu caro. Não se trata de ir eu oferecer um adereço à tua filha.

- Disseste-mo...

- Eu não disse tal coisa. Só te participei ter-me el-rei ordenado que fosse buscar ao seu quarto um adereço para a menina de Taverney, cuja voz lhe tinha agradado; mas não disse que el-rei me tivesse encarregado de lho ir oferecer.

- Então, realmente - disse o barão desesperado - não sei o que significa isso. Não percebo palavra, falas por enigmas. Por que te deu el-rei esse adereço, se não é para o dares? Por que te encarregou disso, se não é para o entregares?

Richelieu soltou um grito como se acabasse de ver uma aranha.

- Ah! - disse ele - Puh! Fora! Que selvagem!... Oh! Que feio animal!

- Quem?

- Tu, meu bom amigo, tu, meu virtuoso...
Cais da Lua, meu pobre barão.

- Não percebo nada.

- Não, não percebes coisa nenhuma.
Meu caro, quando um rei faz um presente a uma mulher, e encarrega disso o duque de Richelieu, o presente é nobre e o recado bem desempenhado, lembro-te isso... Eu não entrego os adereços, meu caro, isso era da competência do Sr. Lebel. Conhecestes o Sr. Lebel?

- Quem encarregas então disso?

- Meu amigo - disse Richelieu batendo no ombro de Taverney e acompanhando o gesto amigável com um riso diabólico - quando tenho que tratar com uma virtude tão admirável como a da menina Andreia, sou de uma moralidade exemplar; quando me chego

a uma pomba, como dizes, nada em mim cheira a corvo; quando sou deputado a uma rapariga, falo com o pai... Falo-te, Taverney, e entrego-te o adereço para que o dês a tua filha... Agora, queres?

Richelieu estendeu a mão com a caixa.

- Ou não queres?

E retirou a mão.

- Ora, mas por que não te explicaste logo? - exclamou o barão; - dizes que sou o encarregado por Sua Majestade de entregar este presente: é legítimo e torna-se totalmente paternal, acrisola-se...

- Para isso era preciso que suspeitasses más tenções a el-rei - disse Richelieu com seriedade. - Ora, não o ousarias, não é verdade?

- Deus me livre! Mas o mundo... Quero dizer, a minha filha...

Richelieu encolheu os ombros.

- Aceitas ou não? - disse ele.

Taverney estendeu rapidamente a mão.

- Assim és moral? - disse ele ao duque com um sorriso gémeo daquele que Richelieu acabava de lhe dirigir.

- Não achas, barão - disse o marechal - que seja de uma moralidade pura fazer intrometer o pai, o qual purifica tudo, como acabas de dizer, entre o encantamento do monarca e o encanto da tua filha?... Seja nosso juiz o Sr. João Jacques Rousseau, de Genebra, que por aqui andava há pouco; aposto que há-de dizer que o falecido José de que nos fala a história sagrada, comparado comigo era impuríssimo

Richelieu pronunciou estas palavras com tal fleuma e nobreza, que impuseram silêncio às observações de Taverney, e o ajudaram a crer que devia estar convencido.

Tomou portanto a mão do seu ilustre amigo, e apertando-a disse-lhe:

- Graças à tua delicadeza, minha filha poderá aceitar este presente.

- Fonte e origem dessa fortuna de que eu te falava no começo da nossa enfadonha discussão sobre a virtude.

- Obrigado, caro duque, agradeço-to com toda a minha alma.

- É verdade, ,toma grande cuidado em que os afeicionados da senhora du Barry não saibam disso; a condessa seria capaz de deixar o rei e fugir.

- E el-rei levar-nos-ia isso a mal?

- Não sei; mas a condessa não no-lo havia de levar a bem. Quanto a mim, ficava perdido... Sê discreto.

- Não receies coisa alguma. É verdade, e apresenta os meus humildes agradecimentos a el-rei.

- E os da tua filha; não faltarei a isso... Mas ainda não é tudo... Tu mesmo agradecerás a el-rei, meu caro; Sua Majestade convida-te para cear hoje.

- A mim?

- Sim, a ti, Taverney; estaremos em família. Sua Majestade, tu e eu falaremos da

virtude de tua filha. Adeus, Taverney, vejo du Barry com o duque de Aiguillon; não devem surpreender-nos juntos.

E ligeiro como um pajem desapareceu no fim da galeria, deixando Taverney, com o adereço, semelhante a uma criança saxónia que acorda com os presentes que o Natal lhe pôs nas mãos enquanto dormia.

XXVI

A CEIA PARTICULAR DE EL-REI LUÍS XV

O marechal encontrou Sua Majestade na pequena sala para onde o haviam seguido alguns cortesãos, que preferiam ficar sem ceia a deixar outros aproveitarem o olhar distraído do soberano.

Mas nessa noite Luís XV parecia ter mais que fazer que olhar para aqueles senhores. Despediu todos, dizendo ao mesmo tempo que não cearia ou que cearia só.

Então despedindo-se todos de Sua Majestade, e receando desagradar ao senhor delfim se não assistissem à festa que ele dava depois do ensaio, voaram logo como uma nuvem de pombos parasitas, e dirigiram-se para aquele que lhes permitiam ver, prontos para afirmarem que por ele desertavam das salas de Sua Majestade.

Luís XV, que tão rapidamente deixavam, estava bem longe de pensar neles. A pequenez daquela chusma de cortesãos tê-lo-ia feito sorrir noutras circunstâncias; mas desta vez não despertou sentimento algum no monarca, tão motejador, que não poupava coisa alguma nem ao moral nem ao físico do seu melhor amigo, supondo que Luís XV tivesse algum amigo.

Naquele momento prestava Luís XV toda a sua atenção a um coche dourado, que estacionava diante da porta dos comuns do Trianon. O cocheiro parecia esperar com impaciência que chegasse o amo para fustigar os cavalos e partir.

Aquele coche, alumiado com archotes, era da senhora du Barry. Zamora, sentado ao pé do cocheiro, divertia-se em balancear as pernas para trás e para diante.

Afinal a senhora du Barry, que sem dúvida se demorara nos corredores esperando receber alguma mensagem de el-rei, apareceu pelo braço do Sr. Duque de

Aiguillon. Conhecia-se-lhe visivelmente a raiva, ou pelo menos o despeito, não só pelo rosto, mas também pela rapidez dos passos, apesar da diligência que fazia para encobrir a grande perturbação.

João, muito lúgubre, e com o chapéu esmagado pela pressão distraída do braço, acompanhava a irmã; não assistira ao espectáculo porque o senhor delfim não se tinha lembrado de o convidar; mas estivera na antecâmara como um lacaio, todo pensativo, com os bofes descuidadamente caídos sobre a véstia bordada de prata e flores cor-de-rosa, e não olhando sequer para os punhos rotos, que pareciam conformar-se com o seu triste pensamento.

João vira a irmã pálida e distraída, do que havia concluído que o perigo era grande.

João não era valente em diplomacia senão contra os vivos; contra os fantasmas nunca.

Luís XV viu pela janela, escondido com a cortina, desfilar a lúgubre procissão, que

semelhante a frades de cartas entrou toda na carruagem da condessa; depois, fechado o postigo, o laçao saltou na traseira, o cocheiro sacudiu as rédeas, e os cavalos partiram a galope.

- Oh! Oh! - disse el-rei - a condessa partiu sem procurar ver-me, sem tentar falar-me! Está furiosa!

E repetiu em voz alta:

- Sim, a condessa está furiosa!

Richelieu, que acabava de se introduzir na câmara como quem era esperado, ouviu as últimas palavras:

- Furiosa, senhor - disse ele - e por quê? Porque Vossa Majestade se diverte um instante, oh! isso não está bem da parte da condessa.

- É que - respondeu Luís XV - eu não me divirto; pelo contrário, estou cansado e procuro descansar. A música fez-me mal; era preciso, se desse ouvidos à condessa, ir cear a Luciennes, comer e sobretudo beber; os vinhos da condessa são ingratos, não sei de

que uva são fabricados, derrancam a gente; por minha vida que prefiro ficar aqui.

- E Vossa Majestade tem muitíssima razão – disse o duque.

- E demais, a condessa se distrairá! Sou eu porventura uma companhia agradável? Ela tem-mo dito, mas não lhe dou crédito.

- Ah! Desta vez não tem Vossa Majestade razão – disse o marechal.

- Não, duque, não, realmente; eu conto os meus dias e penso um pouco.

- Senhor, a condessa conhece que por forma alguma poderia ter melhor companhia, e é isso o que a torna furiosa.

- Realmente, duque, não sei como faz isso; conserva a arte de levar as mulheres, como se tivesse vinte anos. Nessa idade é o homem quem escolhe, mas na época em que eu estou, duque...

- Então, senhor?!

- Ah! É a mulher que faz o seu cálculo.

O marechal soltou uma gargalhada.

- Vamos, senhor - disse ele - mais uma razão, e se Vossa Majestade julga que a condessa se distrai, consolemo-nos.

- Não digo que ela se distrai, duque; digo que há-de acabar por procurar distracções.

- Ah! Não ousarei dizer a Vossa Majestade que isso não se tenha visto nunca.

El-rei levantou-se muito agitado.

- Quem tenho eu ainda aí fora? - perguntou ele.

- Todos os seus criados, meu senhor.

El-rei pensou um instante.

- Mas o duque - disse ele - tem aí alguém?

- Tenho Rafté.

- Bom.

- Que deve ele fazer, meu senhor?

- Ai, duque, seria preciso que se informasse se a senhora du Barry volta realmente para Luciennes.

- A condessa já partiu, parece-me.

- Ostensivamente, sim.

- Mas onde quer Vossa Majestade que ela vá?

- Quem sabe? O ciúme torna-a louca, duque.

- Senhor, não seria antes Vossa Majestade?

- Como, o quê?

- O ciúme...

- Duque!

- Na verdade, seria uma humilhação para todos nós, meu senhor.

- Ciúmes, em mim? - bradou Luís XV com um riso forçado; - pois na realidade, duque, fala seriamente?

Efectivamente Richelieu não acreditava o que dizia. É preciso mesmo confessar que se aproximava muito da verdade pensando, pelo contrário, que el-rei não desejava saber se a senhora du Barry estava realmente em Luciennes senão para estar certo de que não voltaria ao Trianon.

- Então - disse ele em voz alta - está tratado, meu senhor, mando Rafté à descoberta?

- Mande, sim.

- Agora, o que deseja Vossa Majestade fazer antes de cear?

- Nada, vamos cear imediatamente. Avisou aquela pessoa?

- Avisei, está na antecâmara de Vossa Majestade.

- O que disse?

- Desfez-se em agradecimentos.

- E a filha?

- Ainda se lhe não falou.

- Duque, a senhora du Barry é ciumenta e poderia lembrar-se de voltar.

- Ah! Senhor, seria isso de muito mau gosto, e julgo que a condessa não é capaz de semelhante monstruosidade.

- Duque, é capaz de tudo naqueles momentos, e principalmente quando o ciúme se liga ao ódio. Ela odeia-o: não sei se lhe consta isso?

Richelieu inclinou-se.

- Sei que me faz essa honra, senhor.

- Odeia também o senhor de Taverney.

- Se Vossa Majestade contar bem, estou certo que há-de achar uma terceira pessoa que ela odeia ainda mais do que a mim e ao barão.

- A quem é?

- À menina Andreia.

- Ah! - disse el-rei - acho isso naturalíssimo.

- Então...

- Sim, mas tudo isso não impede, duque, que se esteja de atalaia para que a senhora du Barry não nos faça alguma surpresa esta noite.

- Pelo contrário, é uma medida muito necessária.

- Aí vem o mordomo; caluda! Dê as suas ordens a Rafté e venha ter comigo à casa de jantar com a pessoa que sabe.

Luís XV levantou-se e passou à casa de jantar, enquanto Richelieu saía pela porta do lado oposto.

Cinco minutos depois, acompanhado pelo barão de Taverney, entrava na casa onde estava el-rei.

El-rei deu amavelmente as boas noites ao senhor de Taverney.

O barão era homem de espírito; respondeu com esse modo particular de certas pessoas, que fazem com que os reis e os príncipes, conhecendo-as como sendo da sua gente, se ponham logo à vontade com quem lhes fala.

Luís XV era um mau rei, mas era um homem encantador; a sua companhia, quando ele queria, era cheia de atractivos para bebedores, conversadores e voluptuosos.

Numa palavra, el-rei estudara muito o lado agradável da vida.

Comeu com bom apetite, ordenou aos seus convivas que bebessem, e dirigiu a conversação para a música.

Richelieu compreendeu-o, e disse:

- Meu senhor, se a música põe os homens de acordo, como diz o nosso mestre de dança e como Vossa Majestade parece pensar, poderá dizer-se o mesmo das mulheres?

- Ora, duque - disse el-rei - não falemos das mulheres. Desde a guerra de Tróia até nossos dias que as mulheres operaram sempre um efeito contrário ao da música; o duque principalmente, tem contas muito grandes que ajustar com elas para que goste de ouvir discutir semelhante questão; entre outras há uma, e não é a menos perigosa de todas, com quem está a ferro e fogo.

- É a condessa; mas tenho porventura culpa disso?

- Decerto tem.

-Oh! Oh! Espero que Vossa Majestade se dignará explicar-me...

- Em duas palavras e com muito prazer - disse el-rei.

- Queira dizer, meu senhor.

- Ela ofereceu-lhe a pasta não sei de que ministério, e o duque rejeitou-a, porque a condessa, como diz, não é bastante popular.

- Eu? - disse Richelieu bastante perturbado com o aspecto que a conversa tomava.

- É voz pública - disse el-rei com fingida bondade. - Nem sei já quem me contou isso... parece-me que o li na gazeta.

- Então, meu senhor - disse Richelieu, aproveitando a liberdade que aos seus convivas dava a alegria pouco usual do rei - confessarei que desta vez a voz pública e até as gazetas contavam alguma coisa menos absurda que de costume.

- Como! - bradou Luís XV - realmente recusou fazer parte do ministério, meu caro duque?

Richelieu, como facilmente se conhecerá, estava numa posição delicada. El-rei sabia

melhor que ninguém que ele não tinha recusado coisa nenhuma, mas era preciso que Taverney continuasse a crer no que Richelieu lhe dissera; tratava-se portanto, da parte do duque, de responder com bastante habilidade para fugir da mistificação do rei sem incorrer na pecha de mentiroso, que o barão estava próximo a lançar-lhe em rosto.

- Meu senhor - disse Richelieu - rogo a Vossa Majestade que não nos ocupemos dos efeitos, mas que remontemos à causa. Que eu tenha ou não rejeitado a pasta, é segredo de Estado que não é próprio ser revelado por Vossa Majestade numa ceia, a causa pela qual eu teria rejeitado a pasta, supondo que me tivesse sido oferecida, é que é o essencial.

- Oh! Oh! Duque, então essa causa não é segredo de Estado, segundo parece - disse o rei sorrindo.

- Não, meu senhor, e principalmente para Vossa Majestade que, para mim e para o meu amigo o barão de Taverney, é, neste momento, peço perdão à divindade, o mais

amável anfitrião mortal que se possa ver; não tenho portanto segredos para o meu rei. Entrego-lhe a minha alma toda, porque não quero que se possa dizer que o rei de França não tem um servidor que lhe diga a verdade toda inteira e pura.

- Ouçamos - disse el-rei, enquanto Taverney bastante desassossegado com receio de que Richelieu dissesse mais do que devia, mordida os lábios e compunha escrupulosamente o rosto pelo de el-rei; - ouçamos a verdade, duque.

- Meu senhor, há no Estado duas potências a que um ministro deveria obedecer: a primeira é a vontade de Vossa Majestade; a segunda é a dos amigos mais íntimos que Vossa Majestade se digna escolher: a primeira é irresistível, ninguém deve pensar em se lhe subtrair; a segunda é mais sagrada ainda, porque impõe deveres de coração a quem quer que sirva a Vossa Majestade: chama-se a sua confiança; um

ministro deve prezar, para lhe obedecer, o favorito ou a favorita do seu rei.

Luís XV riu-se.

- Duque - disse ele - aí está uma bela máxima, que estimo ver sair da sua boca; mas proíbo-lhe de a ir apregoar com trombetas no Point-Neuf.

- Oh! Bem sei, meu senhor - disse Richelieu - que os filósofos haviam de protestar; mas não julgo que os gritos deles importem a Vossa Majestade nem a mim. O principal é que as duas vontades preponderantes do reino sejam satisfeitas. Pois bem, a vontade de certa pessoa, meu senhor, di-lo-ei corajosamente a Vossa Majestade, ainda que disso dependesse incorrer no seu desagrado, a vontade da senhora du Barry, enfim, eu não poderia aceder a ela.

Luís XV calou-se.

- Tinha-me ocorrido uma idéia - prosseguiu Richelieu; - olhava em roda de mim, noutro dia, na corte de Vossa

Majestade, via tantas meninas nobres, tantas mulheres distintas, tantas damas radiantes, que se fosse rei de França havia de se me tornar quase impossível fazer escolha.

Luís XV voltou-se para Taverney, que, ao sentir-se meter em conversa, palpitava de receio e de esperança, auxiliando com os olhos a eloquência do marechal, como se impelisse para o porto o navio carregado com a sua fortuna.

- Vejamos se também é daquele parecer, barão?

- Meu -senhor - respondeu Taverney com o coração cheio de júbilo - o duque parece que tem dito há alguns instantes bocadinhos de ouro a Vossa Majestade.

- Portanto é da mesma opinião sobre o que ele diz a respeito das raparigas bonitas?

- Meu senhor, parece-me que efectivamente há algumas na corte de França que são deveras lindas.

- Enfim, é da mesma opinião, barão?

- Sou, sim, meu senhor.

- E exorta-me como ele a fazer escolha entre as formosuras da corte?

- Ousaria confessar que sou da opinião do marechal, meu senhor, se me atrevesse a crer que é também essa a opinião de Vossa Majestade.

Houve um momento de silêncio, durante o qual el-rei olhou com afabilidade para Taverney.

- Meus senhores - disse por fim - não duvidem que seguiria os seus conselhos se tivesse trinta anos. Teria uma inclinação fácil de compreender; mas agora estou um tanto velho para ser crédulo.

- Crédulo! Rogo a Vossa Majestade que se digne explicar-me essa palavra, meu senhor.

- Ser crédulo, meu caro duque, significa crer; ora, nada me fará crer em certas coisas.

- Quais são?

- É que se possa inspirar amor na minha idade.

- Oh! Meu senhor - exclamou Richelieu - eu tinha pensado até hoje que Vossa Majestade era o gentil-homem mais polido do seu reino; mas agora vejo com dor profunda que me tinha enganado.

- Em quê? - perguntou el-rei, rindo-se.

- Em ser eu velho como Matusalém, eu que nasci em 1694. Digne-se de notar, meu senhor, que tenho dezesseis anos mais do que Vossa Majestade.

Era uma hábil lisonja da parte do duque. Luís XV admirava sempre a velhice daquele homem, cuja mocidade se perdera ao seu serviço; porque, tendo aquele exemplo debaixo dos olhos, podia esperar que chegasse à mesma idade que ele.

- Seja - disse Luís XV - mas espero que não terá já a pretensão de ser amado por si mesmo, duque?

- Se eu pensasse nisso, meu senhor, havia de quebrar no mesmo instante as minhas relações com duas mulheres, que ainda esta manhã me disseram o contrário.

- Então, duque - disse Luís XV - veremos; veremos, senhor de Taverney; a mocidade remoja, é verdade...

- Sim, sim, meu senhor, e o sangue nobre é uma salutar infusão, sem contar que na mudança um espírito rico como o de Vossa Majestade ganha sempre, e nunca perde.

- Entretanto - observou Luís XV - lembra-me que o meu avô, quando envelheceu, deixou de fazer a corte às mulheres com o mesmo desembaraço.

- Ora! Ora! Meu senhor - disse Richelieu - Vossa Majestade conhece todo o meu respeito pelo falecido rei, que duas vezes me mandou para a Bastilha; mas não deve isso impedir-me de dizer que entre a idade madura de Luís XIV e a idade madura de Luís XV, não se pode fazer comparação alguma. Com os diabos! Vossa Majestade Cristianíssima, sempre honrado o seu título de filho primogénito da Igreja, não leva o ascetismo ao ponto de esquecer a sua humanidade?

- À fé que não - disse Luís XV; - posso dizê-lo, pois que não está aqui o meu médico nem o meu confessor.

- Pois bem, meu senhor; el-rei Luís XIV admirava muitas vezes, pelo excesso de zelo religioso e pelas suas mortificações sem-número, a senhora de Maintenon, que todavia era mais velha do que ele. Torno a repetir, meu senhor, pode porventura fazer-se comparação de homem com homem quando se fala de Vossas duas Majestades?

El-rei, naquela noite, estava de boa maré, e as palavras de Richelieu eram como outras tantas gotas de água caídas da fonte de Juvêncio, Richelieu pensou que era chegado o momento, e tocou com o joelho no de Taverney.

- Meu senhor - disse este - permita Vossa Majestade que lhe apresente os meus agradecimentos pelo magnífico presente que mandou a minha filha.

- Não tem que agradecer, barão - disse el-rei; - a menina de Taverney agrada-me pela

sua graça honesta e decente. Bem desejava que as minhas filhas tivessem ainda que nomear o pessoal do seu serviço; decerto que a menina Andreia... é assim que se chama, não é verdade?

- É sim, meu senhor - respondeu Taverney, encantado de que el-rei lhe soubesse o nome de baptismo da filha.

- Lindo nome. Decerto que a menina Andreia teria sido a primeira na lista; mas tudo está completo na minha casa. Entretanto, barão, fique sabendo, sua filha há-de ter toda a minha protecção; não tem grande dote, creio eu?

- Infelizmente, não, meu senhor.

- Pois bem, eu lhe tratarei do casamento.

Taverney cortejou respeitosamente.

- Nesse caso terá Vossa Majestade também a bondade de procurar o marido, porque, confesso, na nossa pobreza, que é quase miséria...

- Sim, sim, esteja descansado - disse Luís XV; - mas é muito nova ainda, creio, e não há pressa em casá-la?

- Não há pressa nenhuma, meu senhor, e muito menos, tendo Vossa Majestade horror a casamentos.

- Sabe isso?! - disse el-rei esfregando as mãos e olhando para Richelieu. - Pois bem, em todo o caso, senhor de Taverney, se se vir em algum embaraço, disponha de mim.

Dito isto, Luís XV levantou-se; depois, dirigindo-se ao duque, disse:

- Marechal!

O duque aproximou-se de el-rei.

- A pequena ficou contente?

- De quê, meu senhor?

- Do adereço.

- Perdoe-me Vossa Majestade de lhe falar em voz baixa, mas o pai está escutando, e não deve ouvir o que lhe vou dizer.

- Ora!

- Não, meu senhor.

- Diga.

- Meu senhor, a pequena tem horror ao casamento, é verdade, mas outra coisa de que também tenho a certeza, é que não tem horror a Vossa Majestade.

Dito isto, com uma familiaridade que agradou a el-rei pelo excesso mesmo de franqueza, o marechal correu com os seus passos curtos e apressados para Taverney, o qual, em sinal de respeito, se retirara para o limiar da galeria.

Saíram ambos pelos jardins.

A noite estava magnífica. Adiante deles iam dois lacaios com archotes, e ao mesmo tempo que os alumiam, iam desembaraçando a passagem, afastando os ramos das árvores e de outros arbustos carregados de flores. Viam-se ainda iluminadas as janelas do Trianon através dos vidros cobertos do vapor causado pelos cinqüenta convivas da senhora delfina.

A música de Sua Majestade animava o minuete porque, depois da ceia, dançara-se e dançava-se ainda.

Numa mata de lilás e acácias, Gilberto, ajoelhado no chão, olhava para o movimento das sombras por detrás das tapeçarias diáfanas.

Se o Céu desabasse sobre a Terra não distrairia aquele contemplador, inebriado com a beleza da dança, que seguia em todas as suas voltas.

Entretanto, quando Richelieu e Taverney passaram roçando pela mata em que estava oculta aquela ave noturna, o som das vozes, e principalmente certa frase, fizeram erguer a cabeça a Gilberto.

É que aquela frase era para ele muito importante e significativa. O marechal, de braço dado com o seu amigo, e inclinando-se-lhe ao ouvido, dizia:

- Considerando e pensando bem, barão, é custoso confessar-to, mas deves quanto antes mandar a tua filha para um convento.

- Por quê? - perguntou o barão.

- Porque el-rei, ia apostar - respondeu o marechal - está loucamente namorado dela.

Gilberto, a estas palavras, empalideceu e sentiu o sangue afluir-lhe ao coração.

XXVII

PRESENTIMENTOS

No dia seguinte, quando acabava de dar meio-dia no relógio do Trianon, foi Nicola gritar à porta de Andreia, que ainda não saíra do quarto:

- Menina, está aqui o Sr. Filipe!

Este grito vinha do fim da escada.

Andreia, muito admirada, mas ao mesmo tempo alegríssima, conchegou o penteador de cassa e correu ao encontro do mancebo, que na realidade acabava de se apear do cavalo no pátio do Trianon, e perguntava a alguns criados a que horas poderia falar a sua irmã.

Andreia abriu pessoalmente a porta, e deu logo de cara com Filipe, que a officiosa Nicola fora buscar ao pátio, e conduzira pela escada.

Andreia lançou-se ao pescoço do irmão e ambos entraram no quarto, seguidos por Nicola.

Só então Andreia notou que Filipe vinha mais sério que de costume; que o seu sorriso era triste; que vinha completamente uniformizado, e que no braço esquerdo trazia a sua capa de jornada muito bem dobrada.

- O que é isso, Filipe? - perguntou ela com esse instinto das almas sensíveis, para quem um olhar é uma grande revelação.

- Minha irmã - disse Filipe - recebi esta manhã ordem de ir para o meu regimento.

- E partes?

- Certamente.

- Oh! - exclamou Andreia exalando nesse grito doloroso toda a sua coragem e grande parte das suas forças.

Conquanto aquela partida fosse naturalíssima e ela devesse já esperá-la, tal impressão lhe fez recebê-la, que se viu obrigada a agarrar-se ao braço do irmão para não cair.

- Meu Deus! - disse Filipe admirado - pois esta partida aflige-te a esse ponto, Andreia? Na vida militar, bem sabes, que é isto um dos acontecimentos mais vulgares.

- Sim, sim, não há dúvida - murmurou Andreia; - e para onde vais, meu irmão?

- Agora vou para Reims; bem vês que não é uma jornada muito longa. É verdade que dali, segundo todas as probabilidades, o regimento voltará a Estrasburgo.

- Ah! E quando partes?

- A ordem é para partir imediatamente.

- Vens então para te despedir de mim?

- Venho, sim, minha irmã.

- Despedidas!

- Tens alguma coisa particular a dizer-me, Andreia? - perguntou Filipe inquieto por aquela tristeza, demasiado profunda para que não tivesse outra causa além da partida.

Andreia compreendeu que aquelas palavras aludiam a Nicola, a qual olhava para esta cena com uma admiração, que a extrema dor de Andreia motivava.

Efectivamente, a partida de Filipe, isto é, de um oficial para o seu regimento, não era catástrofe que devesse provocar tantas lágrimas.

Andreia compreendeu pois ao mesmo tempo o sentimento de Filipe e a admiração de Nicola; pegou num mantelete que pôs nos ombros, e dirigindo o irmão para a escada, disse:

- Acompanho-te até à grade da quinta, Filipe, e iremos pela rua do arvored. Tenho efectivamente muitas coisas que te contar, meu irmão.

Estas palavras equivaliam para Nicola a uma ordem de afastar-se; portanto retirou-se, caminhando encostada à parede e entrou no quarto da ama, enquanto esta descia a escada com Filipe.

Andreia desceu pela escada que fica junto da capela, e seguiu pelo caminho que ainda hoje conduz para o jardim, apesar de ser incessantemente interrogada pelo olhar inquieto de Filipe, foi por muito tempo

apoiada no braço dele, com a cabeça inclinada sobre o ombro, sem pronunciar uma única palavra.

Depois, de repente, o coração palpitou-lhe dolorosamente, as feições cobriram-se com uma palidez mortal, assomou-lhe aos lábios um suspiro, e rios de lágrimas lhe vendaram os olhos.

- Minha querida irmã, minha boa Andreia - bradou Filipe - em nome de Deus, diz o que tens?

- Meu amigo, meu único amigo - disse Andreia - partes, deixas-me só neste mundo em que entro, e perguntas-me por que choro? Ai! Pensa bem, Filipe, minha mãe morreu dando-me à luz; e, é horroroso confessá-lo, nunca tive pai! Todas as penas que o meu coração sentiu, todos os segredos que a minha alma conhece, a ti, só a ti os tenho confiado. Quem me sorriu na aflição? quem me acariciou na tristeza? Quem me embalou quando criança? Foste tu. Quem me protegeu depois de criada? Foste tu. Quem me fez crer

que as criaturas de Deus não estavam neste mundo só para padecer? Foste tu, Filipe, sempre tu. Porque, enfim, nunca tive amor nem a coisa nem a pessoa alguma, desde que estou no mundo, excepto a ti, e também não fui ainda amada por outra pessoa. Oh! Filipe! Filipe! - continuou melancolicamente Andreia - desvias o rosto e eu leio no teu pensamento. Dizes contigo que sou moça, que sou formosa, e que devo contar com o futuro e com o amor. E todavia, bem vês, Filipe, que não basta ser formosa e moça, porque ninguém repara em mim. A senhora delfina é boa, me dizes tu, meu amigo. Certamente, é perfeita, pelo menos aos meus olhos assim é, e olho para ela como para uma divindade. Mas é principalmente porque a considero nessa esfera sobre-humana que tenho por ela muito respeito, mas não amizade. Ora, a amizade, Filipe, é um sentimento tão necessário ao meu coração que, nele incessantemente recalcado, o despedaça. Nosso pai... Ai, meu Deus! Nosso pai, não é

novo para ti o que digo, Filipe, não só não é para mim um protector, um amigo, senão que nunca olha para mim que me não cause medo. Sim, sim, tenho medo, Filipe, tenho medo dele, principalmente desde que sei que te vais. Medo de quê? Nem eu sei. Ai, meu Deus, não têm também as aves que fogem, os rebanhos que balem, medo da tempestade, quando ela está próxima? Dirás que é instinto; mas por que não há-de a nossa alma imortal ter o instinto da desgraça? Há algum tempo que tudo é favorável à nossa família, bem o sei. Estás feito capitão; eu, estou empregada na casa real e quase na intimidade da delfina; nosso pai ceou ontem, segundo dizem, quase a sós com el-rei. Pois bem, Filipe, torno a repetir, ainda que te pareça insensata, tudo isto me assusta mais do que a nossa tranqüila miséria e a nossa obscuridade de Taverney.

- E contudo, lá, querida irmã - disse Filipe com tristeza - estavas também só, lá

também eu não estava ao teu lado, para te consolar.

- É verdade, mas ao menos estava só, só com as minhas recordações de infância: parecia-me que aquela casa, onde tinha vivido, onde tinha respirado, onde tinha morrido minha mãe, me devia a protecção natal, se é permitido exprimir-me assim; tudo ali me era grato. Via-te partir com sossego, via-te voltar com prazer. Mas, partisses ou voltasses, não te seguia por toda a parte o meu coração? Tinha amor àquela casa, aos meus jardins, às minhas flores, àquele todo de que outrora eras só uma parte; hoje és tu o todo, Filipe, e quando me deixas, tudo me deixa.

- E todavia, Andreia - disse Filipe - hoje tens uma protecção muito mais poderosa do que a minha.

- É verdade.

- Um belo futuro.

- Quem sabe?...

- Por que duvidas?

- Não sei.

- É ser ingrata para com Deus, minha irmã.

- Oh! não, graças ao Céu, não sou ingrata para com Deus, e noite e dia lhe rendo graças pelos seus benefícios; mas parece-me que em lugar de receber as minhas orações, cada vez que ajoelho, uma voz lá de cima me diz: “Toma cuidado, pobre menina, toma cuidado!”

- Mas de que tens tu que acautelar-te, responde? Não posso admitir que te ameace alguma desgraça. Tens algum pressentimento dessa desgraça? Sabes o que deves fazer para a combater afrontando-a, ou para a evitar?

- Nada sei, Filipe, a não ser que me parece estar a minha vida presa por um fio, que para mim já nada luz além deste momento que vai marcando a tua partida. Numa palavra, parece-me que durante o meu sono me largarão no declive de um precipício, em que não poderei parar quando acordar; que estou acordada; que vejo o

abismo, e que entretanto vou caindo nele, e que estando tu ausente, não te tenho junto de mim para me protegeres, vou sumir-me e despedaçar-me.

- Querida irmã, boa Andreia - disse Filipe, a seu pesar comovido por aquela expressão cheia de um terror tão verdadeiro - exageras uma ternura, que te agradeço. Sim, perdes um amigo, mas momentaneamente; não estarei tão longe que me não possas chamar se te for preciso; e daí pensa que, exceptuando as tuas quimeras, nada te ameaça.

Andreia parou diante do irmão.

- Então, diz-me por que é que tu, que és um homem, tu que tens mais força do que eu, estás neste momento mais triste que eu mesma? Vamos, como explicas isso, meu irmão?

- É fácil, querida irmã - disse Filipe fazendo parar Andreia, que cessando de falar tinha continuado a caminhar. - Não somos só irmãos pela alma e pelo sangue, somo-lo

também pela alma e pelos sentimentos; por isso vivíamos numa inteligência que, para mim sobretudo, desde a nossa chegada a Paris, se tornou em gratíssimo costume. Quebro esse laço, querida amiga, ou por melhor dizer, quebram-no, e o golpe fez-se sentir no meu coração. Estou portanto triste, mas momentaneamente; nada mais. Eu, Andreia, eu, vejo para além da nossa separação; não creio em desgraça nenhuma, salvo a de nos não vermos durante alguns meses, durante um ano, talvez; resigno-me portanto e não te digo adeus, mas até à vista.

Apesar daquelas palavras consoladoras, Andreia só respondeu com lágrimas...

- Minha querida irmã - bradou Filipe, vendo a expressão daquela tristeza, que lhe parecia incompreensível; minha querida irmã, não me disseste tudo, ocultas-me alguma coisa; fala, em nome de Deus, fala!

E abraçou-a, apertando-a contra o coração para lhe ler nos olhos.

- Não, não, Filipe - disse ela - juro que te disse tudo, que te abri o meu coração.

- Pois bem, então, por piedade, Andreia, ânimo; estás-me afligindo assim.

- Tens razão - disse ela - e estou louca. Ouve, sabes melhor que ninguém, que nunca tive o espírito muito forte, sempre temi, sempre meditei, sempre suspirei; mas não tenho direito para associar às minhas dolorosas quimeras um irmão que amo com tanta ternura, principalmente quando me assegura e me prova que não tenho razão de assustar-me. Tens razão, Filipe, é verdade, é bem verdade; tudo aqui é perfeito para mim, Filipe, perdoa-me; bem vês que enxugo as lágrimas, já não choro, sorrio, Filipe; também eu não te digo adeus, digo-te apenas: até à vista.

E Andreia abraçou ternamente o irmão, ocultando dele uma última lágrima, que ainda lhe corria dos olhos e que foi cair como uma pérola sobre as agulhetas de ouro do moço oficial.

Filipe olhou para ela com essa ternura infinita que participa ao mesmo tempo do carinho do pai e do afecto do irmão.

- Andreia - disse ele - assim é que gosto de te ver. Tem ânimo! Vou partir, mas todas as semanas o correio te trará uma carta minha. O que te peço é que faças com que todas as semanas eu receba também letras tuas.

- Sim, Filipe - disse Andreia; - sim, e será essa a minha única felicidade. Mas preveniste o pai, não é verdade?

- De quê?

- Da tua partida.

- Querida irmã, foi o barão mesmo que esta manhã me trouxe a ordem de casa do ministro. O senhor de Taverney não é como tu, Andreia, e segundo parece passará facilmente sem mim: parecia estimar a minha partida, e a falar verdade, tinha razão; aqui nada adiantaria, ao passo que lá, pode deparar-se uma ocasião...

- O pai estima a tua partida! - murmurou Andreia. - Não estarás enganado, Filipe?

- Ele virá consolar-te - respondeu Filipe, iludindo a resposta.

- Julgas isso, Filipe? Ele poucas vezes me vê!

- Minha irmã, ele encarregou-me de te dizer que hoje mesmo, depois da minha partida, viria ao Trianon. Ele é teu amigo, acredita-o; com a diferença que é teu amigo a seu modo.

- Que tens, Filipe? Pareces perturbado.

- Querida Andreia, é porque já deu a hora. Vê que horas são?

- Falta um quarto para a uma.

- Pois bem, querida irmã, o que causa a minha perturbação, é que há uma hora que eu deveria estar a caminho, e estamos ao pé da grade onde o cavalo me espera. Portanto...

Andreia mostrou o rosto sereno, e pegando na mão do irmão, disse com expressão demasiado firme para que na voz se não conhecesse a afectação:

- Portanto, adeus, meu irmão...

Filipe abraçou-a pela última vez.

- Até à vista! - disse ele; - lembra-te da tua promessa.

- Qual?

- Pelo menos uma carta cada semana.

- Oh! Escusas lembrar-mo!

E pronunciou estas palavras com supremo esforço: a pobre criança já não tinha voz.

Filipe disse ainda adeus com um gesto e afastou-se.

Andreia seguiu-o com a vista, sustendo a respiração para reprimir os suspiros.

Filipe montou a cavalo, disse-lhe mais uma vez adeus do outro lado da grade e partiu.

Andreia ficou de pé e imóvel durante todo o tempo que o pôde ver.

Depois, assim que desapareceu, voltou-se e correu para um pequeno bosque, viu um banco e teve apenas forças para se arrastar

para ele e cair-lhe em cima quase sem sentidos.

Depois, soltando do mais íntimo do peito um suspiro profundo, exclamou:

- Oh! Meu Deus! Meu Deus! Por que me deixais assim só na Terra?

E ocultou o rosto com as mãos, deixando correr por entre os claros dedos as grossas lágrimas, que já não tentava reprimir!

Naquele momento fez-se um leve rumor entre os arbustos; Andreia julgou ouvir um suspiro. Voltou-se assustada e viu um rosto triste diante dela; era Gilberto.

XXVIII

O ROMANCE DE GILBERTO

Era Gilberto, dissemos, tão pálido como Andreia, tão desolado, tão abatido como ela.

A vista de um homem, à vista de um estranho, Andreia deu-se pressa em enxugar as lágrimas, como se a altiva donzela se envergonhasse de chorar. Compôs o semblante e restituiu a imobilidade às faces de mármore, que o frémito do desespero agitara.

Gilberto levou mais tempo a acalmar-se, e as feições conservavam-lhe a expressão dolorosa, que a menina de Taverney notou logo que, erguendo os olhos, o viu diante de si.

- Ah! Outra vez o Sr. Gilberto - disse Andreia com o tom ligeiro que affectava todas as vezes que o acaso, como ela julgava, a aproximava do mancebo.

Gilberto não respondeu; estava ainda muito comovido.

A dor, que fizera estremecer o corpo de Andreia, abalara violentamente o dele.

Foi portanto Andreia que prosseguiu, querendo decifrar aquele enigma:

- Mas o que tem, Sr. Gilberto? - perguntou ela; - por que olha para mim com esse modo triste? Tem coisa que o aflija, decerto, o que é, senhor?

- Deseja sabê-lo? - perguntou melancolicamente Gilberto, que sob aquela aparência de interesse descobria a ironia.

- Desejo, sim.

- Pois bem, o que me entristece é vê-la aflita, minha senhora - redargüiu Gilberto.

- E quem lhe disse que eu estava aflita, senhor?

- Vejo-o eu.

- Está enganado, senhor, que não estou aflita - disse Andreia passando pela segunda vez o lenço pelos olhos.

Gilberto sentia aproximar-se a tempestade; resolveu desviá-la com a sua humildade.

- Perdão, minha senhora - disse ele - é que ouvi os seus queixumes.

- Ah! Estava escutando? É melhor então...

- Minha senhora, foi o acaso - balbuciou Gilberto, sentindo mentir.

- O acaso! É-me muito desagradável, Sr. Gilberto, que o acaso o conduzisse junto de mim; mas fosse como fosse, em que puderam entristecê-lo as queixas que ouviu, peço-lhe que mo diga?

- Não gosto de ver chorar uma mulher - disse Gilberto num tom que desagradou soberanamente a Andreia.

- Serei eu por acaso uma mulher para o Sr. Gilberto? - redargüiu a altiva senhora. - Eu não mendigo a compaixão de pessoa alguma, e a do Sr. Gilberto ainda menos que a de qualquer outro.

- Minha senhora - disse Gilberto abanando a cabeça - faz mal em me tratar assim; vi-a triste, e afligi-me ouvindo-lhe dizer que partindo o Sr. Filipe ficava só no mundo! Oh! Não, não, minha senhora, porque fico eu; e nunca palpitou por si coração mais afeiçoado. Repito-o, não, nunca a menina de Taverney estará só no mundo enquanto eu tiver cabeça para pensar, coração para bater, braço para obrar.

Gilberto estava realmente belo de vigor, nobreza e dedicação pronunciando aquelas palavras, conquanto o fizesse com toda a simplicidade que ordenava o respeito mais profundo.

Mas estava decidido que tudo, no infeliz mancebo, havia de desagradar a Andreia, havia de ofendê-la e impeli-la a dar respostas humilhantes, como se cada um dos respeitos do pobre moço fosse um insulto, cada um dos seus rogos uma provocação. Quis primeiro levantar-se para achar um gesto mais severo com uma palavra mais livre; mas um

estremecimento nervoso a prendeu ao banco. Depois pensou que, de pé, seria vista de mais longe conversando com Gilberto. Por isso, deixou-se ficar sentada, porque uma vez por todas queria esmagar com o pé o insecto que se lhe tornava importuno.

Respondeu portanto:

- Eu julgava ter-lhe já dito, Sr. Gilberto, que me era soberanamente desagradável, que a sua voz me irritava, que me repugnavam os seus modos filosóficos. Por que motivo, tendo-lhe eu dito isto, teima em falar-me?

- Minha senhora, mostrar simpatia por uma mulher honrada, não é coisa que irrite - disse Gilberto pálido, mas contendo-se. - Um homem honrado é igual de toda a criatura humana, e eu a quem maltrata tão desumanamente, mereço talvez mais que outro qualquer a simpatia que me pesa não lhe ver sentir por mim.

Andreia, ouvindo a palavra simpatia repetida duas vezes, abriu muito os olhos e cravou-os impertinentemente em Gilberto.

- Simpatia! - disse ela - simpatia entre si e mim, Sr. Gilberto! Realmente eu estava enganada a seu respeito. Julgava que era um insolente, mas é ainda menos que isso: é um doido.

- Nem sou insolente nem doido - disse Gilberto com aparente tranqüilidade, que muito devia custar a manter à soberba que lhe conhecemos. - Não, minha senhora, porque a natureza fez-me seu igual, e o acaso fez-lhe ser-me obrigada.

- Outra vez o acaso! - disse Andreia com ironia.

- A Providência, devera talvez ter dito. Nunca lhe teria falado nisso, mas as suas injúrias avivam-me a lembrança.

- Sua obrigada, eu? Sua obrigada, foi o que disse? Como é isso, Sr. Gilberto?

- Gorarei por si de tanta ingratidão, minha senhora; Deus, que tão formosa a fez, deu-lhe, além desse defeito, muitos outros, para compensar essa formosura.

Desta vez Andreia levantou-se.

- Perdoe-me - disse Gilberto - mas às vezes irrita-me de mais, e então esqueço o interesse que me inspira.

Andreia pôs-se a rir às gargalhadas, a ponto de levar a cólera de Gilberto ao seu paroxismo; mas, com grande admiração sua, Gilberto não se inflamou. Cruzou os braços no peito, conservou a expressão hostil e obstinada do seu olhar de fogo, e esperou com paciência o fim daquela rajada ultrajante.

- Minha senhora - disse friamente Gilberto - digne-se responder a uma só pergunta: respeita seu pai?

- Na verdade, parece que me está interrogando, Sr. Gilberto?! - exclamou Andreia com altivez.

- Sim, respeita seu pai - prosseguiu Gilberto - e não por causa das qualidades, nem das virtudes dele; não, é unicamente porque lhe deu a vida. Um pai, desgraçadamente, deve saber isso, minha senhora, um pai não é respeitável senão por esse título, mas enfim é um título. Há mais:

por esse único benefício da vida - e Gilberto ia por sua vez assumindo um ar de desdenhosa compaixão; - por esse único benefício - prosseguiu ele - há obrigação de amar o benfeitor. Pois bem, minha senhora, posto isto em princípio, por que motivo me ultraja? Por que me repele? Por que me odeia, a mim que lhe não dei a vida, é verdade, mas que lha salvei?

- O senhor! - bradou Andreia - o senhor salvou-me a vida?

- Ah! Nem sequer pensou nisso - disse Gilberto - ou talvez se tenha esquecido; é muito natural, já lá vai quase um ano. Será, portanto, preciso que lho torne a lembrar, minha senhora. Sim, salvei-lhe a vida sacrificando a minha.

- Ao menos, Sr. Gilberto - disse Andreia muito pálida - há-de fazer-me a mercê de dizer onde e quando?

- No dia, minha senhora, em que cem mil pessoas, esmagando-se umas às outras, fugindo dos cavalos fogosos, das espadas que

ceifavam a multidão, deixaram na Praça de Luís XV grande número de feridos e de cadáveres.

- Ah! No dia 31 de Maio.

- Sim, minha senhora.

Andreia sossegou e mostrou o seu sorriso irónico.

- E diz o Sr. Gilberto que nesse dia arriscou a sua vida para salvar a minha?

- Já tive a honra de lho dizer.

- É portanto o Sr. Barão de Bálsamo? Peço-lhe perdão, porque o ignorava.

- Não - disse Gilberto com os olhos inflamados e os lábios trémulos - não sou o Sr. Barão de Bálsamo, sou um pobre filho do povo, sou Gilberto, que tem a loucura, a desgraça de amar; que, por amá-la como um insensato, como um louco, como um desesperado, a segui por entre a multidão; sou Gilberto, que, separado um instante da senhora, tornei a encontrá-la por causa do grito terrível que soltou quando caiu; sou Gilberto, que caí ao pé de si e a envolvi com

os meus braços até que vinte mil braços, pesando sobre os meus, me tivessem aniquilado as forças; sou Gilberto, que me lancei sobre o pilar de pedra, contra o qual ia ser esmagada, para lhe oferecer o apoio mais brando de meu cadáver; sou Gilberto, que vendo na multidão o homem singular que parecia dominar os outros homens, e cujo nome acaba de pronunciar, reuni as minhas forças, e a ergui nos meus braços extenuados para que aquele homem a pudesse ver, agarrar e salvar; sou Gilberto, finalmente, que da senhora, que cedi a um salvador mais feliz do que eu, só guardei um pedaço do vestido, que levei logo aos lábios, e era tempo, porque o sangue afluíu-me ao coração, às fontes, à cabeça, e a onda movediça dos carrascos e das vítimas, rolando sobre mim, cobriu-me, e enquanto, semelhante ao anjo da ressurreição, a senhora subia para o céu, ficava eu no abismo!

Gilberto acabava de se dar a conhecer, isto é selvagem, lhano, sublime, na sua

resolução como no seu amor. Por isso Andreia, apesar do seu desprezo, não podia olhar para ele sem admiração. Por um momento pensou o triste que a sua história fora irresistível como a verdade, como o amor. Mas o pobre Gilberto não contava com a incredulidade, essa má fé do ódio. Ora, Andreia, que odiava Gilberto, não se deixara levar por nenhum dos argumentos vencedores daquele amante desprezado.

Primeiramente não deu resposta e olhou para Gilberto; mas via-se que no seu espírito se passava uma luta tremenda.

O desditoso mancebo, pouco à vontade em presença de tão frio silêncio, viu-se obrigado a acrescentar em guisa de peroração:

- Portanto, agora, minha senhora, não continue a odiar-me tanto, porque seria não só injustiça mas também ingratidão, como eu lho dizia há pouco e torno a repeti-lo.

Mas a essas palavras, Andreia ergueu a cabeça altiva, e no tom mais indiferentemente cruel, disse:

- Sr. Gilberto, quanto tempo estive de aprendizagem em casa do Sr. Rousseau?

- Minha senhora - disse novamente Gilberto - três meses, creio eu, sem contar os dias que estive doente em consequência do desastre de 31 de Maio.

- Engana-se - disse ela - eu não lhe pergunto se estive doente ou não... Desastres!... Isso remata artisticamente talvez o seu conto... Mas pouco me importa. Queria só dizer-lhe, que, tendo apenas permanecido três meses em casa do ilustre escritor, aproveitou muito, e que o discípulo faz assim de improviso romances quase dignos dos que publica o mestre.

Gilberto, que a escutara com sossego, julgando que Andreia ia responder coisas sérias às coisas apaixonadas que lhe dissera, caiu de toda a altura da sua sinceridade sob o golpe daquela asquerosa ironia.

- Um romance! - murmurou ele indignado - trata de romance o que acabo de lhe dizer?

- Sim, senhor - disse Andreia - um romance, repito o termo; só me não obrigou a lê-lo e eu agradeço-lho; mas, infelizmente, tenho muita pena de não o poder pagar pelo seu valor; ainda que eu quisesse, é um romance impagável.

- É então isso o que me responde? - murmurou Gilberto com o coração oprimido e os olhos amortecidos.

- Faço mais, nem sequer lhe respondo, senhor - disse Andreia repelindo-o para passar diante dele.

Neste momento, Nicola, chegando à entrada da rua do jardim, chamou pela ama para não interromper repentinamente a conversa, cujo interlocutor não conhecia, porque, por entre a folhagem não pudera conhecer Gilberto.

Mas aproximando-se, viu o mancebo, conheceu-o e ficou estupefacto. Então

arrependeu-se de não ter dado outra volta, a fim de ouvir o que Gilberto dissera à senhora de Taverney.

Esta, dirigindo-se então a Nicola brandamente, como para melhor fazer sentir a Gilberto a altivez com que lhe falara:

- O que é, minha filha? - perguntou.

- O Sr. Barão de Taverney e o Sr. Duque de Richelieu vieram procurar a menina - respondeu Nicola.

- Onde estão eles?

- No jardim, próximo da escada.

- Vem comigo.

Andreia retirou-se.

Nicola acompanhou-a, mas não sem lançar um olhar irónico para Gilberto, que, menos pálido que lívido, menos agitado que louco, menos enraivecido que desesperado, estendera o punho na direcção da rua por onde se afastara a sua inimiga, e rangendo os dentes, murmurava:

- Criatura sem coração, corpo sem alma; salvei-te a vida, concentrei o meu amor, fiz

calar todos os sentimentos que podiam ofender o que eu chamarei a tua candura, porque, para mim, no meu delírio, eras uma virgem santa, como a Virgem que está no Céu... Agora, vi-te de perto, não és mais que uma mulher, e eu sou um homem... Oh! Mais dia, menos dia, eu me vingarei, Andreia de Taverney; já duas vezes te tive em meu poder, e duas vezes te respeitei; cuidado com a terceira, Andreia de Taverney!... Até outra vez, Andreia!... Veremos a tua soberba...

E afastou-se, saltando por entre os arbustos, como um lobo ferido, que se revira mostrando os dentes agudos e os olhos chamejantes.

XXIX

O PAI E A FILHA

Efectivamente Andreia avistou no fim da rua o pai e o marechal, que passeavam diante do vestibulo, esperando por ela.

Os dois amigos pareciam alegríssimos; estavam de braço dado, e nunca na corte se vira Orestes e Pílates tão exactamente representados.

À vista de Andreia, os dois velhos redobraram de júbilo, e fizeram-se mutuamente notar a radiante formosura, que a cólera e a rapidez do passo tinham ainda aumentado.

O marechal cortejou Andreia como o fizera a uma Pompadour declarada. Aquele modo não escapou a Taverney, que ficou encantado; mas causou estranheza a Andreia pelo misto de respeito e galanteria um pouco livre; porque o hábil cortesão sabia reunir

tantas minúcias num só cumprimento quantas frases francesas reunia Covielle numa palavra única turca.

Andreia correspondeu com uma medida, tão cerimoniosa para o pai como para o marechal; depois, com infinita graça, convidou-os a subir ao seu quarto.

O marechal admirou o asseio elegante, único luxo de mobília e de arquitectura daquele quarto. Com flores e uma pouca de cassa branca transformara Andreia o triste aposento, não num palácio, mas num templo.

O duque sentou-se numa poltrona coberta de fazenda verde, com grandes ramagens, junto de um enorme vaso do Japão, de onde caíam cachos perfumados de acácias e lilás misturados com rosas de Bengala.

Taverney sentou-se noutra igual; Andreia tomou lugar num banquinho e encostou-se ao piano, guarnecido também de flores, que se ostentavam num vaso de Saxónia.

- Venho, minha senhora - disse o marechal - da parte de Sua Majestade apresentar-lhe todos os cumprimentos que a sua encantadora voz e o seu talento musical arrancaram ontem dos lábios a quantos tiveram a fortuna de assistir ao ensaio. Sua Majestade não lhe fez os seus cumprimentos de viva voz, porque teve receio de acarretar-lhe invejosos e invejosas. Encarregou-me, portanto, de lhe exprimir todo o prazer que lhe causou.

Andreia, estava tão formosa na vermelhidão que lhe assomou às faces, que o marechal continuou como se falasse por conta própria:

- Afirmou-me el-rei não ter visto ainda na corte senhora que reunisse em tão subido grau os tons de espírito e os da formosura.

- Esqueces os do coração - disse Taverney com desvanecimento; - Andreia é a melhor das raparigas.

O marechal pensou que o amigo ia chorar, e cheio de admiração por aquele esforço de sensibilidade paternal, exclamou:

- O coração! Ai! Meu caro, tu és o único juiz da ternura que pode haver no coração da menina de Taverney. Se eu tivesse vinte e cinco anos, deporia a seus pés a minha vida e a minha fortuna.

Andreia não sabia ainda acolher ligeiramente a homenagem de um cortesão. Richelieu só obteve dela um murmúrio sem significação.

- Minha senhora - disse ele - el-rei houve por bem rogar que lhe permitisse oferecer-lhe uma prova da sua satisfação, e encarregou o senhor barão, seu pai, de lha transmitir. Que deverei responder em seu nome a Sua Majestade?

- Senhor - disse Andreia, que na sua resposta só pensou no respeito que toda a súdita deve ao seu rei; digne-se certificar a Sua Majestade o meu profundo agradecimento. Diga a Sua Majestade que me

torna felicíssima dignando ocupar-se de mim, e que me considero bem indigna de atenção de tão poderoso monarca.

Richelieu pareceu entusiasmado com aquela resposta, que a donzela pronunciou com voz firme e sem a mais leve hesitação.

Pegou-lhe na mão, que beijou respeitosamente, e demorando nela a vista, disse:

- Mão de rainha, pé de fada... espírito, vontade, candura... Ah! Barão, que tesouro!... Não é uma filha que tens aqui, é uma rainha...

E despediu-se, deixando junto de Andreia o barão, que insensivelmente se entumecia de orgulho e de esperança.

Quem visse aquele filósofo das antigas teorias, aquele céptico, aquele desdenhoso aspirar a longos tragos o ar da protecção real no seu lodaçal menos respirável, diria que Deus fizera do mesmo limo o espírito e o coração do senhor de Taverney.

A única resposta que o barão podia dar a propósito de tal mudança era:

- Não fui eu que mudei, foi o tempo.

Conservou-se ao pé de Andreia, sentado, mas um tanto perturbado, porque a filha, com a sua inesgotável serenidade, fitava nele os olhos tão profundamente como o faria se quisesse penetrar o mar no seu mais profundo abismo.

- O senhor de Richelieu não disse, senhor, que Sua Majestade lhe tinha confiado uma prova da sua satisfação? Qual é?

- Ah! - pensou Taverney - é interesseira... Não o sabia. Melhor. Satanás, eu to agradeço!

Tirou lentamente da algibeira o estojo dado na véspera pelo marechal, como os pais tiram um saco de bolos ou um brinquedo, que os olhos das crianças, se pudessem, lhes arrancariam da algibeira antes deles lhe tocarem.

- Aqui está - disse ele.

- Ah! São jóias... - disse Andreia.

- São do teu gosto?

Era um adereço de pérolas de subido valor. Doze grandes brilhantes ligavam

outros tantos fios de pérolas; um broche de brilhantes, brincos e um diadema também de brilhantes, davam ao presente um valor não inferior a trinta mil escudos.

- Jesus, meu pai! - exclamou Andreia.

- Então!

- É rico demais... el-rei enganou-se. Eu tinha vergonha de pôr isto... Terei porventura vestuário que possa aliar-se com a riqueza desses brilhantes?

- Queixa-te, se te parece! - disse ironicamente Taverney.

- Senhor, não me compreende... Tenho pena de não poder usar estas jóias, porque são ricas de mais.

- O rei que te deu o adereço, Andreia, é generoso bastante para te dar também os vestidos...

- Mas, senhor... tanta bondade da parte de el-rei...

- Não julgas que a tenho merecido por meus serviços? - disse Taverney.

- Ah! Perdão, senhor; é verdade - redarguiu Andreia baixando a cabeça, mas sem ficar bem convencida.

Passado um momento de reflexão, fechando de novo o adereço, disse:

- Não usarei estes brilhantes!

- Por quê? - exclamou Taverney com inquietação.

- Porque tanto meu pai, como meu irmão têm falta do necessário, e este supérfluo fere-me os olhos desde que penso na pobreza de ambos.

Taverney apertou-lhe a mão sorrindo, e disse-lhe:

- Oh! Não penses nisso, minha filha. El-rei fez isto mais por mim do que por ti. Estamos no agrado de el-rei, minha filha. Não seria próprio de uma súdita respeitosa nem de uma mulher agradecida aparecer diante de Sua Majestade sem o adereço com que se dignou presentear-te.

- Obedecerei, senhor.

- Sim, mas é preciso que obedecas com satisfação... Parece-me que te não agrada o adereço?

- Não entendo de brilhantes, senhor.

- Sabe pois que só as pérolas valem cinqüenta mil libras.

Andreia uniu as mãos em sinal de espanto.

- Senhor - disse ela - é singular que Sua Majestade me faça um tal presente! Rogo-lhe que pense bem nisto, meu pai.

- Não te entendo, minha filha - disse Taverney em tom seco.

- Se eu usar estas jóias, senhor, asseguro-lhe que todos se hão-de admirar.

- Por quê? - disse Taverney no mesmo tom, com um olhar frio e imperioso, que fez baixar o da filha.

- Tenho escrúpulo!

- Menina, hás-de confessar que é singularíssimo que encontres escrúpulos numa coisa que eu acho naturalíssima. Ora vivam as raparigas cândidas e inocentes, que

sabem conhecer o mal e descobri-lo, por mais oculto que esteja, quando ninguém ainda deu por ele! Viva a mocinha singela e virgem, que faz corar os velhos granadeiros como eu!

Andreia ocultou a sua perturbação, encobrindo o rosto com as lindas mãos.

- Oh! Meu irmão - murmurou ela em voz baixa - porque estás tu já tão longe!

Taverney ouviria estas palavras, adivinhá-las-ia com a maravilhosa perspicácia que lhe conhecemos? É o que não podemos dizer; mas mudando de tom no mesmo instante, e pegando nas mãos de Andreia, disse:

- Ora vamos, minha filha, parece-te que teu pai não te consagra nenhuma espécie de amizade?

Grato sorriso despontou por entre as sombras que encobriam a bela fronte de Andreia.

- Não estou eu presente para amar-te, para aconselhar-te? Não te sentes orgulhosa

de contribuir para a fortuna de teu irmão e para a minha?

- Oh! sim - disse Andreia.

O barão concentrou na filha um olhar cheio de carícias.

- Pois bem - disse ele - a menina será como há pouco dizia o senhor de Richelieu, a rainha de Taverney... El-rei distinguiu-a... E a senhora delfina também - acrescentou com vivacidade; - portanto, na intimidade de tão augustas personagens, construirá o nosso futuro, tornando-lhes feliz a vida... Amiga da delfina, amiga... de el-rei, que glória!... É dotada de um talento superior e de uma formosura sem rival; tem um espírito são, isento de avareza e de ambição... Oh! Minha filha, que papel poderá representar! Está lembrada da graciosa criança que suavizou os últimos momentos de Carlos VI?... O seu nome foi abençoado pela França. Lembra-se de Inês Sorel, que restituiu a honra à coroa de França?... Todos os bons franceses veneram a sua memória... Andreia, será o arrimo da

velhice do nosso glorioso monarca... Há-de amá-lo como sua filha, e reinará em França pelo direito da beleza, da coragem e da fidelidade...

Andreia abriu muito os olhos em sinal de admiração.

O barão continuou sem lhe dar tempo para reflectir:

- Essas mulheres perdidas, que desonram o trono, serão pela menina afastadas com um único olhar; a sua presença há-de purificar a corte, e será à sua generosa influência que a nobreza do reino há-de dever a restauração dos bons costumes, da civilidade e da pureza. Minha filha, pode e deve ser um astro regenerador para este país, e uma coroa de glória para o nosso nome.

- Mas - disse Andreia - o que será preciso fazer para isso?

O barão ficou alguns momentos pensativo.

- Andreia - disse ele - muitas vezes lhe tenho dito que neste mundo, para obrigar a

gente a ser virtuosa, é preciso fazer com que a virtude seja amável. A virtude carrancuda, triste e sentenciosa, faz fugir até os que mais ardentemente desejariam aproximar-se dela. Junte à sua virtude todos os engodos do galanteio, do vício até. É coisa fácil para uma menina tão espirituosa e tão forte. Faça-se tão formosa, que a corte não fale senão da sua formosura. Torne-se tão agradável aos olhos de el-rei, que el-rei não possa passar sem a menina. Mostre-se muito secreta, muito reservada para todos, excepto para Sua Majestade, que logo lhe atribuirão todo o poder, que não deixará de alcançar.

- Não compreendo bem o último aviso - disse Andreia.

- Deixe-me guiá-la, e executará sem compreender, o que é melhor para uma criatura tão boa e generosa como a menina. A propósito, para executar o primeiro ponto, minha filha, devo rechear-lhe a bolsa. Receba pois estes cem luíses, e ostente uma maneira

digna da posição a que é chamada desde que el-rei nos fez a honra de distinguir-nos.

Taverney deu cem luíses à filha, beijou-lhe a mão e saiu.

Dirigiu-se rapidamente pela rua por onde viera, e não viu, no fundo do bosque dos Amores, Nicola, que estava em grande palestra com um senhor, que lhe falava ao ouvido.

XXX

O QUE ALTHOTAS PRECISAVA PARA COMPLETAR O SEU ELIXIR DA VIDA

No dia seguinte, pelas quatro horas da tarde, estava Bálsamo ocupado no seu gabinete da Rua de Saint-Claude a ler uma carta que Fritz acabava de lhe entregar.

A carta não tinha assinatura, e ele virava-a entre as mãos.

- Conheço esta letra - dizia ele - comprida, irregular, um pouco trémula e com muitos erros de ortografia.

E tornou a ler:

“Senhor conde:

Uma pessoa que o consultou algum tempo antes da queda do último ministério, e que já muito tempo antes o tinha consultado,

há-de procurá-lo hoje, porque deseja falar-lhe. Consentirão as suas numerosas ocupações que conceda a essa pessoa meia hora das quatro para as cinco da tarde?"

Concluída assim a leitura pela segunda ou terceira vez, Bálsamo voltava a cismar quem seria.

- Não vale a pena consultar Lorenza por tão pouca coisa: e demais, não sei eu já adivinhar? A letra é comprida, sinal de velhice, a carta cheia de erros de ortografia: é de um cortesão... Ah! que louco eu sou, é do Sr. Duque de Richelieu. Certamente, meu caro duque, hei-de ter não só meia hora para lhe dar, mas até uma hora, um dia inteiro. Tome o meu tempo e disponha dele como se fosse seu. Não é o duque, sem o saber, um dos meus demónios familiares? Não trabalhamos nós na mesma obra? Não abalamos com iguais esforços a monarquia, o duque como amigo, eu como inimigo? Ah! Venha! Senhor duque! Venha!

E Bálsamo puxou pelo relógio para ver quanto tempo deveria ainda esperar pelo duque.

Naquele momento soou uma campainha na cornija do tecto.

- O que será? - disse Bálsamo estremecendo; - Lorenza chama-me! Lorenza! Quer ver-me! Ter-lhe-á acontecido alguma desgraça? Ou será alguma dessas fantasias do seu carácter, de que tantas vezes tenho sido testemunha e algumas vezes vítima! Ontem, estava bem pensativa, bem resignada, bem doce; ontem, estava como gosto de a ver. Pobre criança! Vamos lá.

Então abotoou a camisa bordada, escondeu os bofes de renda debaixo do chambre, viu-se ao espelho para certificar-se do penteado, não estivesse em demasiado desalinho, e caminhou para a escada depois de ter respondido a Lorenza com um toque de campainha semelhante ao dela.

Mas, segundo o seu costume, Bálsamo parou no quarto que precedia o de Lorenza, e

voltando-se com os braços encruzados para o lado onde supunha que ela devia estar, com essa força de vontade que não conhece obstáculos, ordenou-lhe que dormisse.

Depois olhou por uma fenda imperceptível feita na parede, como se duvidasse de si mesmo ou precisasse dobrar de precauções.

Lorenza estava adormecida num canapé, onde, cambaleando sem dúvida sob a vontade do seu dominador, buscara apoio. Um pintor não teria certamente podido achar para ela atitude mais poética. Abatida e arquejante com o peso do rápido fluido que Bálsamo lhe mandara, Lorenza parecia-se com uma dessas belas Arianas de Vanloo, cujo peito está entumecido, o torso cheio de ondulações e estremecimentos, e a cabeça perdida de fadiga ou de desespero.

Bálsamo entrou portanto pelo seu habitual caminho e parou diante dela para a contemplar; mas logo a acordou: como estava era perigosíssima.

Apenas abriu os olhos, Lorenza desferiu deles como que um raio; depois, como para assentar idéias, alisou os cabelos com as mãos, limpou os lábios úmidos de amor, e procurando profundamente na memória, pareceu reunir todas as suas recordações.

Bálsamo olhava para ela com uma espécie de ansiedade. Estava havia muito acostumado à repentina passagem da doçura amorosa para um arrebatamento de raiva e de ódio. A reflexão daquele dia, reflexão a que não estava habituado, o sangue-frio com que Lorenza o recebia, em lugar dos acostumados arrebatamentos de raiva, anunciaram-lhe, desta vez, alguma coisa porventura mais séria do que quanto até àquele dia se passara.

Lorenza endireitou-se portanto, e abanando a cabeça dirigiu para Bálsamo o olhar profundo.

- Sente-se junto de mim - disse-lhe - peço-lho eu.

Bálsamo estremeceu ao som daquela voz de tão desusada doçura, e disse:

- Sentar-me? Bem sabes, minha Lorenza, que só tenho um desejo, e é de passar a minha vida a teus pés.

- Senhor - continuou Lorenza no mesmo tom - rogo-lhe que se sente, posto que não leve muito tempo o que tenho para dizer-lhe; mas, enfim, parece-me que lhe falarei melhor se estiver sentado.

- Hoje, como sempre, minha adorada Lorenza - disse Bálsamo - cumprirei os teus desejos.

E sentou-se numa poltrona ao pé de Lorenza, que estava sentada num canapé.

- Senhor - disse ela fitando em Bálsamo os olhos de uma expressão angélica - chamei-o para lhe pedir um favor.

- Oh! Minha Lorenza - exclamou Bálsamo cada vez mais encantado - tudo quanto quiseses, diz, tudo te darei.

- É só uma coisa, mas previno-o que a desejo ardentemente.

- Fala, Lorenza, custe ela toda a minha fortuna, ou metade da minha vida, tê-la-ás.

- Nada lhe custará, senhor, senão um minuto do seu tempo - respondeu a romana.

Bálsamo, encantado com o aspecto sossegado que tomava a conversa, formava já consigo, graças à sua activa imaginação, um programa dos desejos que Lorenza podia ter formado, e principalmente dos que ele poderia satisfazer.

- Vai pedir-me alguma criada ou companheira - dizia ele consigo. - Pois bem, esse imenso sacrifício, que pode comprometer os meus amigos e o meu segredo, fá-lo-ei, porque a pobre criança é bem infeliz neste isolamento.

- Fala depressa, minha Lorenza - prosseguiu em voz alta e com um sorriso cheio de amor.

- Senhor - disse ela - sabe que morro de tristeza e aborrecimento?

Bálsamo inclinou a cabeça suspirando em sinal de assentimento.

- A minha juventude - continuou Lorenza - consome-se, os meus dias são um longo sofrimento, as noites um perpétuo terror. Envelheço na solidão e na angústia.

- Foi a vida que criou, Lorenza - disse Bálsamo - e não depende de mim que o viver, que de tal modo a entristece, não se torne digno de causar inveja a uma rainha.

- Seja assim; mas vê que reconheço o meu erro.

- Agradecido, Lorenza.

- É bom cristão: tem-me dito isso algumas vezes, se bem que...

- Se bem que me julga uma alma perdida, quer dizer. Completo a sua idéia, Lorenza.

- Não atenda senão ao que eu lhe disser, senhor; peço-lhe que não faça suposições.

- Continue então.

- Pois bem, em lugar de me deixar abismar nestas raivas e desesperos, conceda-me, já que lhe não sou de utilidade nenhuma...

Deteve-se, a fim de olhar para Bálsamo; mas este já tinha tomado império sobre si, e ela só encontrou um olhar frio e um sobrolho austero.

Animou-se com aquele olhar quase ameaçador.

- Conceda-me - prosseguiu ela - não digo a liberdade, pois sei que um segredo de Deus, ou antes a sua vontade, que me parece onnipotente, me condena ao cativeiro durante a vida; conceda-me que veja algum rosto humano, que ouça o som de outra voz que não seja só a sua; conceda-me enfim a liberdade de sair, de andar, de existir.

- Eu tinha previsto esse desejo, Lorenza - disse Bálsamo pegando-lhe na mão - e desde muito que, bem o sabe, é igualmente esse o meu desejo.

- Então! - bradou Lorenza.

- Mas - redargüiu Bálsamo - a Lorenza preveniu-me; como um insensato que era, e todo o homem que ama é insensato, deixei-lhe penetrar parte dos meus segredos em

ciência e em política. Sabe que Althotas achou a pedra filosofal e procura o elixir da vida; esta a parte científica. Sabe que eu e os meus amigos conspiramos contra as monarquias do mundo; esta a parte política. Um dos segredos pode levar-me à fogueira como feiticeiro, o outro pode conduzir-me ao cadafalso como réu de alta traição. Ora, a Lorenza ameaçou-me, disse-me que tudo empreenderia para cobrar a sua liberdade, e que uma vez conquistada, o primeiro uso que dela faria seria denunciar-me ao senhor de Sartines. Disse isto?

- Ora! Algumas vezes exaspero-me e então... então enlouqueço.

- Está sossegada, está tranqüila agora, Lorenza, e podemos conversar?

- Assim o espero.

- Se lhe restituir a liberdade que pede, acharei em si uma mulher submissa e obediente, uma alma constante e dócil? Sabe que é este o meu mais ardente desejo, Lorenza?

A pobre mulher calou-se.

- Finalmente, amar-me-á? - continuou Bálsamo suspirando.

- Não quero prometer senão o que posso cumprir - disse Lorenza - e nem o amor, nem o ódio dependem de nós. Espero que Deus, em troca dos bons procedimentos da sua parte para comigo, há-de permitir que se extinga o ódio e que venha o amor.

- Infelizmente não basta semelhante promessa, Lorenza, para que eu confie em si. Preciso um juramento solene, cuja ruptura seja um sacrilégio, um juramento que ligue neste mundo e no outro; que importe a sua morte neste mundo e a sua condenação no outro.

Lorenza não respondeu.

- Quer prestar esse juramento?

Lorenza deixou pender a cabeça entre as mãos e o seio arquejou-lhe com a oposição de sentimentos opostos.

- Preste esse juramento, Lorenza, tal qual eu lho ditar, com a solenidade de que eu o revestir, e fica livre.

- O que deverei jurar, senhor?

- Jure que nunca, sob pretexto algum, sairá da sua boca palavra alguma a respeito do que sabe da ciência de Althotas.

- Sim, jurarei isso.

- Jure que nunca divulgará coisa alguma do que surpreendeu relativamente às nossas reuniões políticas.

- Também jurarei isso.

- Com o juramento e forma que eu indicar?

- Sim; é só isso?

- Não; jure, e este é o juramento principal, Lorenza, porque aos outros está só ligada a minha vida, a este que vou dizer-lhe está ligada a minha felicidade; jure que nunca, seja por instigação de vontade estranha, seja por instigação da sua própria vontade, jure que nunca se separará de mim, Lorenza; jure, e dou-lhe a liberdade.

A infeliz estremeceu como se um ferro em brasa lhe tivesse chegado ao coração.

- E sob que forma deverá ser prestado esse juramento?

- Iremos juntos a uma igreja, Lorenza; comungaremos juntos com a mesma hóstia. Sobre essa hóstia inteira, jurará nunca revelar coisa alguma a respeito de Althotas, nem relativa aos meus companheiros. Jurará também que nunca se separará de mim. Dividiremos a hóstia ao meio, tomaremos cada um metade, e confirmaremos esse juramento perante Deus, a Lorenza que nunca me atraiçoará, eu, que a farei sempre feliz.

- Não - disse Lorenza - semelhante juramento é um sacrilégio.

- Um juramento só é um sacrilégio, Lorenza - redargüiu Bálsamo tristemente - quando é feito com intenção de o quebrar.

- Não farei semelhante juramento - repetiu Lorenza; - teria medo de perder a minha alma.

- Não é jurando que perderá a sua alma - disse Bálsamo; - é traindo esse juramento.

- Não jurarei.

- Então, é preciso ter paciência, Lorenza - disse Bálsamo sem cólera, mas com profunda tristeza.

A fronte de Lorenza anuviou-se como um prado esmaltado de boninas quando entre ele e o céu passa uma nuvem.

- Assim, recusa? - disse ela.

- Não, Lorenza, é a senhora que rejeita.

Um movimento nervoso indicou toda a impaciência que ela comprimia ao ouvir estas palavras.

- Ouça, Lorenza - disse Bálsamo - ouça o que por si posso fazer, e já é muito, acredite-o.

- Diga - respondeu a romana com amargo sorriso. - Vejamos até que ponto chegará essa generosidade que tanto faz valer.

- Deus, o acaso ou a fatalidade, como quiser, Lorenza, ligou-nos um ao outro por

meio de nós indissolúveis; não tentemos portanto quebrá-los nesta vida, pois que só a morte pode despedaçá-los.

- Isso sei eu -disse Lorenza com a mais pronunciada impaciência.

- Pois bem, dentro de oito dias, Lorenza, custe o que custar, e arrisque o que arriscar no que vou fazer, dentro de oito dias terá uma companheira.

- Onde? - perguntou ela.

- Aqui.

- Aqui! Dentro destas grades, fechada com estas pesadas portas de ferro, uma companheira de prisão! Oh! Não repara no que diz, senhor; não é isso o que lhe peço.

- Contudo, Lorenza, é quanto posso conceder.

A pobre mulher fez um gesto de impaciência ainda mais acentuado.

- Minha amiga! Minha amiga! - atalhou Bálsamo com doçura - pense bem, se tiver uma companheira, ser-lhe-á mais suportável esta vida.

- Está enganado, senhor, até hoje só tenho padecido pelo meu próprio mal e não pelo mal de outrem. Faltava-me essa prova, e não me admira que me queira fazer passar por ela. Sim, colocará junto de mim uma vítima como eu, que verei emagrecer, empalidecer, expirar de dor como eu; que ouvirei bater, como eu tenho feito, contra esta muralha, porta odiosa, que mil vezes por dia interrogo para saber onde se abre quando lhe dá passagem, e quando a vítima minha companheira tiver como eu gasto as unhas contra o pau e o mármore, tentando arrombá-lo ou abri-lo; quando tiver, como eu, gasto as pálpebras com as suas lágrimas; quando estiver morta como eu, e que tenha dois cadáveres em lugar de um só, na sua infernal bondade dirá: “Estas duas crianças divertem-se, fazem sociedade, são felizes.” Oh! não, não, mil vezes não!

E bateu violentamente o pé no chão.

Bálsamo tentou ainda sossegá-la.

- Vamos, Lorenza - disse ele - sossegue, seja dócil, raciocinemos.

- Ele pede-me sossego, pede-me raciocínio! O carrasco pede doçura ao padecente, que tortura, sossego ao inocente, que martiriza!

- Sim, peço-lhe sossego e doçura, minha querida Lorenza, porque as suas iras em nada mudam o seu destino; servem só para torná-lo mais doloroso, e nada mais. Aceite o que lhe ofereço, Lorenza, eu lhe darei uma companheira, que há-de apreciar a escravidão, porque essa mesma escravidão lhe terá granjeado a sua amizade. Não verá um rosto triste e lacrimoso como parece recear, mas, pelo contrário, encontrará o sorriso e a alegria, que lhe desenrugarão a fronte. Vamos, minha boa Lorenza, aceite o que lhe ofereço, porque, juro-lho, não posso oferecer-lhe mais.

- Sim, quer dizer que colocará junto de mim uma mercenária, a quem dirá que há aqui uma pobre mulher doente e condenada a

morrer; inventará a doença: “Encarcere-se com esta doida, consinta neste cativeiro, e pagarei os seus cuidados logo que a doida tenha morrido”.

- Oh! Lorenza, Lorenza! - murmurou Bálsamo.

- Não, não é isso, eu engano-me, não é verdade? - prosseguiu Lorenza com ironia - adivinho mal; que lhe hei-de fazer? Sou tão ignorante, conheço tão mal o mundo e o coração humano! Dirá a essa mulher: “Vigie-a bem, a doida é perigosa; dê-me conta de todas as suas acções, de todos os seus pensamentos; vele-a tanto acordada, como durante o sono.” E dar-lhe-á quanto ouro ela quiser; o ouro nada lhe custa, pois que o sabe fazer!

- Lorenza, perde a cabeça; em nome de Deus, Lorenza, leia melhor no meu peito. Dar-lhe uma companheira, minha amiga, é comprometer interesses tão grandes, que estremeceria se me não odiasse... Dar-lhe uma companheira, já lho disse, é pôr em perigo a

minha segurança, a minha vida, e entretanto, tudo isso eu quero arriscar para lhe evitar o aborrecimento.

- Aborrecimento! - bradou Lorenza, rindo com o riso selvagem e assustador que fazia estremecer Bálsamo. - Chama a isto aborrecimento?

- Pois bem! Sofrimentos, sim, tem razão, Lorenza, são cruéis sofrimentos. Sim, Lorenza; pois bem, eu lho repito, tenha paciência e um dia virá em que todos esses sofrimentos terão fim, em que terá a sua liberdade, em que será feliz.

- Ouça-me - disse ela - quer deixar-me retirar para um convento? Professarei.

- Para um convento!

- Para orar; hei-de orar pelo senhor em primeiro lugar e depois por mim. Estarei bem fechada, é verdade, mas terei um jardim, ar, espaço, um cemitério para passear entre os túmulos e procurar um lugar para minha sepultura. Terei companheiras que serão infelizes do seu próprio mal e não do meu.

Deixe-me retirar para um convento, e farei quantos juramentos quiser. Um convento, Bálsamo, um convento, Peço-lhe de mãos postas!

- Lorenza, não nos podemos separar. Estamos ligados para sempre neste mundo; compreende? Tudo quanto exceder os limites desta casa, é escusado pedir-mo.

E Bálsamo pronunciou estas palavras com voz tão fraca, e ao mesmo tempo tão reservada no seu absolutismo, que Lorenza nem sequer continuou a insistir.

- Portanto não quer?... - disse ela descoroçoada.

- Não posso.

- É irrevogável?

- Irrevogável, Lorenza.

- Pois então, outra coisa... - disse ela com um sorriso.

- Oh! Minha boa Lorenza, sorria, sorria outra vez, que com mais um sorriso assim fará de mim o que quiser.

- Sim, não é verdade, fará o que eu quiser, contanto que eu faça o que lhe agradar. Pois bem, seja. Serei razoável, o mais possível.

- Fala, Lorenza, fala!

- Ainda há pouco me disse: “Um dia, Lorenza, deixarás de padecer, um dia serás livre, um dia serás feliz”.

- Oh! Eu disse-o, e juro pelo Céu que espero por esse dia com impaciência igual à tua.

- Pois bem, esse dia pode ser imediatamente, Bálsamo - disse a romana com uma expressão tão doce como nunca o marido lhe vira senão durante o sono. - Estou cansada, oh! muito cansada; facilmente o compreenderá: tão moça ainda, tenho padecido tanto! Pois bem, meu amigo, diz que me estima, ouça-me: esse dia de felicidade, dê-mo imediatamente.

- Fala - disse Bálsamo na maior perturbação.

- Concluo por onde deveria ter começado, Acharat.

E a jovem senhora estremeceu.

- Fala, minha amiga.

- Pois bem! Muitas vezes notei, que quando fazia experiências sobre pobres animais, dizendo-me que eram experiências necessárias à humanidade, notei muitas vezes que tinha o segredo da morte, fosse com uma gota de veneno, fosse por meio de uma veia aberta, e que essa morte era bem suave e tinha a rapidez do raio, e que as desgraçadas e inocentes criaturas, condenadas como eu à infelicidade do cativeiro, viam-se repentinamente libertadas pela morte, primeira ventura que depois do nascimento tinham conhecido. Pois bem...

Empalideceu e deteve-se.

- Depois, Lorenza? - disse Bálsamo.

- Depois, o que por vezes pratica com os desgraçados animais no interesse da ciência, pratique-o comigo para obedecer às leis da humanidade; faça-o por uma amiga que o

abençoará com toda a sua alma; por uma amiga que lhe beijará as mãos com agradecimento infinito, se lhe conceder o que lhe pede. Faça-o, Bálsamo, por mim, que lhe prometo, na minha hora derradeira, mais amor e mais prazer do que tem podido despertar em mim durante a vida inteira; por mim que lhe prometo um sorriso franco e radiante no momento de deixar a terra. Bálsamo, por alma de sua mãe, pelo sangue do nosso Deus, por tudo quanto há de mais grato e mais solene, de mais sagrado, no mundo dos vivos e no mundo dos finados, eu o conjuro, mate-me! Mate-me!

- Lorenza! - bradou Bálsamo agarrando entre os braços a pobre senhora, que a essas últimas palavras se tinha erguido - Lorenza, tu deliras! Eu matar-te? Tu, meu amor! Tu, minha vida!

Lorenza com um violento esforço arrancou-se dos braços de Bálsamo e caiu de joelhos.

- Não me levantarei - disse ela - enquanto me não conceder o que lhe peço. Mate-me sem violência, sem dor, sem agonia; conceda-me o que lhe suplico. Diz que me ama, pois adormeça-me como tantas vezes me tem adormecido; mas não me deixe acordar: a vida é o desespero.

- Lorenza, minha amiga - disse Bálsamo - meu Deus! não vês que me feres a alma? Como! pois és tão desgraçada como isso? Vamos, Lorenza, sossega, não te entregues assim ao desespero. Ah! Odeias-me então muito?

- Odeio a escravidão, as algemas; e visto que me faz escrava, desgraçada e solitária, saiba que o odeio!

- Mas eu amo-te muito para que te veja morrer, Lorenza; não morrerás portanto, e eu farei a cura mais difícil de quantas tenho feito, minha Lorenza; hei-de fazer-te amar a vida.

- Não, não, é impossível; tem-me feito desejar a morte!

- Lorenza, por piedade, minha Lorenza, prometo-te que em pouco tempo...

- A morte ou a vida! - bradava a italiana, que se inebriava gradualmente com a raiva. - Hoje é o dia supremo: quer dar-me a vida, isto é, a liberdade? Ou quer dar-me a morte, isto é, o repouso?

- A vida, minha Lorenza, a vida.

- Então é a liberdade.

Bálsamo conservou-se silencioso.

- Então a morte suave, a morte com um veneno, com uma agulha, a morte durante o sono, o repouso! O repouso! O repouso!

- A vida e a paciência, Lorenza.

Lorenza soltou uma gargalhada terrível, e dando um salto para trás, tirou do seio uma faca de folha fina e aguda, que, semelhante ao raio, lhe fuzilou na mão.

Bálsamo soltou um grito; mas já era tarde: quando acudiu, quando pôde agarrar-lhe o braço, Lorenza tinha já cravado a arma no peito; Bálsamo ficara deslumbrado com o brilho da faca, o sangue cegou-o.

Por sua vez soltou um grito terrível e tomou Lorenza nos braços, agarrando ao mesmo tempo a arma, que pela segunda vez ela ia cravar no peito.

Lorenza, com um esforço violento, puxou pela faca, e a folha afiada escorregou entre os dedos de Bálsamo.

O sangue correu-lhe logo da mão mutilada.

Então, em vez de continuar na luta, Bálsamo estendeu sobre Lorenza a mão ensangüentada, e com voz irresistível, disse:

- Durma, Lorenza, durma, ordeno-o!

Mas a irritação desta vez era tal, que a obediência foi menos pronta que de costume.

- Não, não! - murmurou Lorenza cambaleando e procurando ferir-se novamente. - Não, não quero dormir.

- Durma! - bradou Bálsamo pela segunda vez - durma, ordeno-lho!

Desta vez, foi tal o poder de vontade em Bálsamo, que toda a reacção foi vencida, Lorenza suspirou, deixou cair a faca,

cambaleou, e foi tombar sobre umas almofadas.

Só os olhos se lhe conservaram abertos, mas o fogo sinistro que deles irradiava tornou-se gradualmente pálido e fecharam-se. O pescoço, que estava erecto, curvou-se; a cabeça inclinou-se para o ombro, como a cabeça de uma ave ferida, e um estremecimento nervoso lhe percorreu o corpo todo. Lorenza estava adormecida.

Foi só então que Bálsamo pôde abrir-lhe a roupa e sondar a ferida, que lhe pareceu ligeira. Entretanto, o sangue corria dela com abundância.

Bálsamo carregou sobre o olho de leão e a porta abriu-se; depois, desatando o contrapeso que fazia descer o alçapão do quarto de Althotas, colocou-se sobre a tábua e subiu ao laboratório do ancião.

- Ah! És tu, Acharat - disse este sempre sentado na sua poltrona - sabes que é dentro de oito dias que completo cem anos? Sabes

que daqui até lá preciso o sangue de uma criança ou de uma virgem?

Mas Bálsamo não lhe dava atenção; correu ao armário onde estavam os bálsamos mágicos, pegou num dos frascos de que tantas vezes tinha experimentado a eficácia; depois tornou a colocar-se na tábua, bateu com o pé e desceu.

Althotas fez rodar a sua poltrona até ao orifício do alçapão, com tenção de o agarrar pelo fato.

- Ouves, desgraçado - lhe disse ele - ouves, se dentro de oito dias não tenho uma criança ou uma virgem para completar o meu elixir, estou morto.

Bálsamo voltou-se; os olhos do ancião pareciam chamejar naquele rosto de músculos imóveis; dir-se-ia que só os olhos viviam.

- Sim, sim - respondeu Bálsamo; - sim, descanse, eu lhe darei o que pede.

Depois, soltando o peso fez novamente subir a tábua, que semelhante a um ornamento, foi adaptar-se ao tecto.

Em seguida correu ao quarto de Lorenza, onde, apenas entrou, ouviu tocar a campainha de Fritz.

- O senhor de Richelieu - murmurou Bálsamo; - oh! Por minha vida, que apesar de duque e par, há-de esperar!

AS DUAS GOTAS DE AGUA DO SR. DUQUE DE RICHELIEU

O duque de Richelieu saiu às quatro horas e meia da casa da Rua de Saint-Claude.

O que fora fazer a casa de Bálsamo vai ser muito naturalmente explicado na narrativa que segue.

O senhor de Taverney jantara com a filha; naquele dia a senhora delfina dispensara Andreia por todo o dia, para que pudesse receber o pai nos seus aposentos.

Estavam à sobremesa quando entrou o senhor de Richelieu: sempre portador de boas novas, ia anunciar ao seu amigo que naquela mesma manhã el-rei declarara, que já não era uma companhia que contava dar a Filipe, mas sim um regimento.

Taverney manifestou estrondosamente a sua alegria, e Andreia agradeceu com efusão ao marechal.

A conversa foi o que devia ser depois do que se passara. Richelieu falou sempre do rei, Andreia sempre do irmão, Taverney sempre da filha.

No decurso da sua conversação, Andreia disse que estava dispensada do serviço pela senhora delfina; que Sua Alteza Real recebia dois príncipes alemães da sua família, e que, para passar algumas horas de liberdade que lhe recordassem a corte de Viena, não quisera conservar dama alguma junto de si, nem sequer a sua dama de honor, o que tinha por tal forma feito estremecer a senhora de Noailles, que se fora lançar aos pés de el-rei.

Taverney estava, dizia ele, encantado com aquela liberdade de Andreia, para conversar com ela sobre muitas coisas que interessavam a fortuna e o nome da família.

Ao ouvir esta observação, Richelieu propôs retirar-se para deixar o pai e a filha

em maior intimidade, o que a menina de Taverney não quis permitir. Portanto, Richelieu ficou.

O duque estava na sua veia de moralidade: pintou com muita eloquência a desgraça em que caíra a nobreza de França, obrigada a afrontar o jugo ignominioso de favoritas do acaso, de rainhas de contrabando, em vez de ter que incensar as favoritas de outro tempo, quase tão nobres como seus augustos amantes, mulheres que reinavam sobre o príncipe pela formosura e pelo amor, e sobre os súbditos pelo nascimento, pelo espírito e pelo patriotismo leal e puro.

Andreia ficou admirada de encontrar tanta analogia entre as palavras de Richelieu e as que o barão de Taverney havia alguns dias lhe fazia ouvir.

Richelieu apresentou depois uma teoria da virtude, teoria tão cheia de espírito, tão pagã, tão francesa, que a menina de Taverney viu-se obrigada a convir que não era de

maneira nenhuma virtuosa conforme as teorias do senhor de Richelieu, e que a verdadeira virtude, como a entendia o marechal, era a da senhora de Chateauroux, da menina de Lavallière e da menina de Fosseuse.

De deduções em deduções, de provas em provas, o duque tornou-se tão claro, que Andreia não percebeu coisa nenhuma.

A conversa permaneceu naquele pé até cerca das sete horas da tarde.

Às sete horas levantou-se o marechal; via-se obrigado, dizia ele, a ir fazer a corte ao rei, a Versalhes.

Nas voltas que deu pelo quarto para procurar o chapéu, o duque encontrou Nicola, que sempre tinha que fazer onde estava.

- Pequena - disse-lhe ele batendo-lhe no ombro há-de acompanhar-me, quero que me tragas um ramalhete que a senhora de Noailles mandou apanhar no seu jardim e

que manda de presente à Sr^a. Condessa de Egmont.

Nicola inclinou-se como as aldeãs das óperas cómicas de Rousseau.

Depois disso, o marechal despediu-se do pai e da filha, trocou um olhar significativo com Taverney, fez uma cortesia de rapaz a Andreia e saiu.

Permita-nos o leitor que deixemos o barão e Andreia conversando sobre a nova mercê concedida a Filipe, e que acompanhemos o marechal. Será meio de sabermos o que tinha ido fazer à Rua de Saint-Claude, onde entrara conforme sabemos, num momento terrível.

E depois a moral do barão requintava comparada com a do seu amigo o marechal, e era capaz de espavorir ouvidos, que menos puros que os de Andreia, percebessem alguma coisa.

Richelieu desceu portanto a escada encostando-se ao ombro de Nicola, e assim que se achou fora de casa com ela:

- Então, pequena - disse ele parando e olhando para ela - temos amante?

- Eu! Senhor marechal - bradou Nicola corando e dando um passo para trás.

- Ora! - disse ele - não és porventura Nicola Legay?

- Sou, sim, senhor marechal.

- Pois bem! Nicola Legay tem um amante.

- Ora essa!

- É verdade; um certo velhaco que não é mal parecido, que ela recebia na Rua Coq-Héron, e que a seguiu até Versalhes.

- Senhor duque, juro-lhe...

- Uma espécie de oficial, que se chama...
Queres que te diga, pequena, como se chama o amante da Sr^a. Nicola Legay?

A última esperança de Nicola era que o marechal ignorasse o nome daquele feliz mortal.

- Por quem é, diga, senhor marechal - respondeu ela - uma vez que já começou...

- Que se chama o Sr. Beausire - continuou o marechal - e que na realidade não desmente muito o nome?

Nicola pôs as mãos com uma afectação de virtude, que não enganou o velho marechal.

- Parece - disse ele - que se lhe dão entrevistas no Trianon. Diacho! Num palácio real, é caso muito sério; minha menina, aqui põem na rua as que fazem semelhante coisa, e o senhor de Sartines tem o maldito vício de mandar para a Salpêtrière todas as raparigas que são expulsas dos palácios reais.

Nicola começou a mostrar-se inquieta.

- Senhor - disse ela - juro-lhe que se o Sr. Beausire se gaba de ser meu amante, é um mentiroso, um presumido, porque na realidade estou inocente.

- Não digo o contrário - disse Richelieu - mas vamos a saber: tiveste ou não entrevistas com ele?

- Senhor duque, uma entrevista não é uma prova.

- Tiveste ou não entrevistas? Responde.

- Senhor!

- Tiveste, muito bem; não te censuro, minha pequerrucha; e demais, gosto das raparigas bonitas que fazem gala da sua formosura, e tenho sempre rendido homenagem à beleza do melhor modo que tenho podido; mas agora, como teu amigo e como teu protector, previno-te caritativamente.

- Mas então viram-me? - perguntou Nicola.

- Naturalmente, visto que o sei.

- Senhor - disse Nicola, em tom decidido - ninguém me viu, é impossível.

- Não sei, mas corre essa fama, e isso dá muito mau ar à tua senhora; e bem deves entender que, sendo eu muito mais amigo da família de Taverney do que da família Legay, é do meu dever dizer ao barão duas palavras a respeito do que se passa; e não posso nem quero deixar de cumprir esse dever.

- Ah! senhor - bradou Nicola aterrada com o aspecto que a conversa ia tomando - olhe que me perde; mesmo inocente, bastará a suspeita para eu ser despedida.

- Pois bem! Pobre rapariga, então já te previno que hás-de ser despedida, porque a estas horas, não sei que mau espírito foi que tendo achado más essas entrevistas, inocentes como são, deu parte de tudo à senhora de Noailles.

- À senhora de Noailles? Santo Deus!

- Sim, bem vês que o caso não está bem figurado.

Nicola juntou as mãos com desespero.

- És uma desgraçada, bem sei - disse Richelieu; - mas que diabo hás-de fazer?

- E o senhor, que ainda há pouco dizia que era o meu protector, o senhor, que me provou sê-lo, já me não pode proteger? - perguntou Nicola com a meiguice que teria empregado uma mulher de trinta anos.

- Decerto, posso.

- E então, senhor?...

- Posso, mas não quero.

- Oh! Senhor duque.

- Sim, és bonita, bem sei, e os teus olhos úmidos dizem-me muita coisa; mas começo a não ver bem, minha pobre Nicola, e já não entendo a linguagem dos olhos. Outrora não teria hesitado em te oferecer asilo no palácio de Hanôver, mas hoje, de que serviria? Nem sequer falariam em tal coisa.

- Contudo já me levou ao palácio de Hanôver – disse Nicola com despeito.

- Ah! Nicola, como é feio lançar-se assim em rosto o ter-te conduzido ao meu palácio, quando fiz isso para te prestar um serviço; porque, enfim, confessa que se não fosse a água do Sr. Rafté, que fez de ti uma linda morena, não entravas no Trianon, o que na verdade era melhor talvez do que ser expulsa; mas por que diabo vais tu dar entrevistas ao Sr. Beausire? E nas grades da cavalaria, de mais a mais!

- Então, também sabe isso? - disse Nicola, que entendeu ser melhor mudar de tática e entregar-se à discrição do marechal.

- Pudera! bem vêes que o sei, e a senhora de Noailles também. Olha, esta noite tinhas tu uma entrevista com ele...

- É verdade, senhor duque, mas à fé de Nicola que não vou lá.

- Tu certamente, porque estás prevenida; mas o Sr. Beausire, que não está prevenido, há-de ir e hão-de prendê-lo. Então, como naturalmente não há-de querer passar por ladrão, que se leva à forca, ou por um espião que se açouta, preferirá dizer, tanto mais que a coisa não é desagradável de confessar: “Deixem-me, que sou amante de Nicola”.

- Vou mandá-lo avisar.

- É impossível, pobre pequena, e daí por quem havia de ser? Talvez pelo mesmo que te denunciou.

- Ah! É verdade - disse Nicola, mostrando-se desesperada.

- Que bela coisa é o remorso! - bradou Richelieu.

Nicola escondeu a cara entre as mãos, tendo cuidado de deixar bastante intervalo entre os dedos, para não perder sequer um gesto, um movimento de Richelieu.

- És adorável, na verdade - disse o duque, a quem não escapava nenhuma daquelas espertezas femininas; - porque não havia eu de ter cinqüenta anos de menos! Mas não importa! Com os diabos! Nicola, quero livrar-te desta.

- Oh! Senhor duque, se fizer o que diz, a minha gratidão...

- Não a quero, Nicola. Prestar-te-ei o serviço sem interesse.

- Ah! Será uma bela acção da sua parte, senhor; e do íntimo do coração lhe agradeço.

- Não agradeças ainda. Nada sabes. Ouve primeiro, com os diabos!

- Tudo me há-de agradar, senhor duque, contanto que a menina Andreia me não ponha na rua.

- Ah! Mas tens pelo que vejo grande empenho em ficar no Trianon?

- É o que eu mais desejo, senhor duque.

- Pois, minha linda Nicola, risca da tua lista esse primeiro desejo.

- Mas se eu não for descoberta, senhor duque?

- Descoberta ou não, hás-de partir.

- Oh! E por quê?

- Eu to digo: porque se fores descoberta pela senhora de Noailles, não há empenhos, nem de el-rei, que te possam salvar.

- Ah! Se eu pudesse falar a el-rei!

- Pois não! É o que faltava! E daí, se não fores descoberta, sou eu quem te fará pôr fora.

- O senhor!

- Imediatamente.

- Na verdade, senhor marechal, não entendo uma palavra do que diz.

- Pois é como tenho o gosto de to contar.

- E é assim que me protege?

- Se não queres, ainda é tempo, é dizer uma palavra, Nicola.

- Oh! Se quero, senhor duque! Eu quero, não me abandone!

- Queres a minha protecção? Está dito, concedo-ta.

- E depois?

- Depois, hei-de fazer isto, ouve!

- Diga, senhor.

- Em lugar de te deixar despedir e meter na cadeia, faço-te livre e rica.

- Livre e rica?

- Sim.

- E o que será preciso fazer para eu ser livre e rica? Diga depressa, senhor marechal.

- Quase nada.

- Mas...

- O que te vou ordenar.

- É coisa difícil?

- Não.

- Então - disse Nicola - sempre é preciso fazer alguma coisa.

- Ah!... Deves conhecer o ditado, Nicola: de graça nem pancadas...

- E o que há para fazer, é para mim, ou é para o senhor duque?

O duque olhou para Nicola.

- Com os diabos! - disse ele - é bem ladina esta velhaca.

- Enfim, senhor duque, acabe.

- Pois bem, é para ti - respondeu o duque.

- Ah! Ah! - disse Nicola, que conhecendo que o marechal precisava dela, já não o temia, e dava tratos à imaginação para descobrir a verdade no meio das palavras de Richelieu; - que farei eu então para mim, senhor duque?

- Ouve: o Sr. Beausire vem às sete horas e meia?

- Sim, senhor marechal, é a hora dele.

- São sete horas e dez minutos.

- Também é verdade.

- Se eu quiser, é preso.

- Sim, mas o senhor duque não quer.

- Não; vais ter com ele e dizes-lhe...

- Digo-lhe?...

- Mas, vamos primeiramente a saber, tu gostas dele, Nicola?

- Eu que lhe dou entrevistas... bem vê...

- Isso não é uma razão; podias querer casar com ele: as mulheres têm caprichos tão singulares!

Nicola soltou uma gargalhada.

- Eu casar com ele! - disse ela. - Ah! Ah! Ah!

Richelieu ficou estupefacto, nunca tinha encontrado, nem na corte, mulheres de semelhante género.

- Pois bem, seja, não queres casar com ele; mas tens-lhe amor? Melhor ainda.

- Pois sim, tenho amor ao Sr. Beausire, assentemos nisso, senhor, e vamos adiante.

- Apre! Que salto.

- Certamente. Bem sabe o que me interessa mais.

- O que é?

- É saber o que ainda tenho que fazer.

- Primeiramente, Nicola, como o amas, há-de fugir com ele.

- Diabo! Enfim, se o senhor duque o quiser por força, que remédio haverá!

- Oh! Oh! Eu não quero coisa nenhuma; espera um pouco, pequena.

Nicola viu que ia caminhando com demasiada presteza, e que não tinha ainda nas mãos nem o segredo nem o dinheiro do seu antagonista.

Curvou-se portanto, reservando para si o direito de erguer-se depois.

- Estou esperando as ordens do senhor duque – disse ela.

- Muito bem! Vais ter com o Sr. Beausire, e dizes-lhe: “Descobriu-se tudo; mas tenho um protector que nos livra de irmos parar o senhor a S. Lázaro, e eu à Salpêtrière. Fugamos”.

Nicola olhou para Richelieu.

- Fugamos? - repetiu.

Richelieu percebeu o olhar frio e expressivo da rapariga.

- Pois está claro - respondeu-lhe; - as despesas da viagem faço-lhas eu.

Nicola não pediu mais esclarecimentos; por força lhe haviam de dizer tudo, visto que lhe pagavam.

O marechal percebeu Nicola, apressou-se efectivamente a dizer quanto tinha para dizer, como homem que perdeu ao jogo, e que se apressa em pagar, para evitar o desgosto de pagar depois.

- Sabes em que pensas, Nicola? - disse ele.

- Palavra que não - respondeu a rapariga; - mas o senhor marechal, que sabe tanta coisa, aposto que o adivinhou?

- Nicola - disse ele - estás pensando que, se fugires, a tua ama poderá precisar de ti, por acaso, e chamar-te de noite, e não te achando, mandar-te procurar, e dar isso lugar a seres agarrada?

- Não - disse Nicola - eu não pensava nisso, por que reflectindo bem, senhor marechal, prefiro ficar aqui.

- Mas se prenderem o Sr. Beausire?

- Pois bem! Que o prendam.

- Mas se confessar?

- Deixá-lo confessar.

- Ah! - disse Richelieu principiando a inquietar-se - ficarás então perdida.

- Não fico, porque a menina Andreia é muito boa, e como no fundo do coração é minha amiga, há-de falar por mim a el-rei, e não me hão-de fazer mal nenhum.

O marechal mordeu os beiços.

- E eu, Nicola - redargüiu ele - digo que és uma pateta; que a menina Andreia não está bem com el-rei, e que se me não ouvires, como desejo, vou-te fazer levar daqui imediatamente; ouviste, minha viborazinha?

- Oh! Senhor, não sou tola, nem teimosa; ouço, mas faço as minhas observações.

- Bem. Então vai já combinar o teu plano de fuga com o Sr. Beausire.

- Mas como quer que me exponha a fugir, senhor marechal, quando o senhor mesmo me diz que a senhora pode chamar-

me, procurar-me, e não sei que mais? Mil coisas em que eu não tinha pensado logo de princípio, mas de que me preveniu o senhor, que é um homem de muita experiência?

Richelieu mordeu outra vez os beiços, desta vez porém com mais força que da primeira.

- Pois bem! Se pensei nisso, velhaca, também pensei no meio de evitar o acontecimento.

- E como impedirá que a menina me chame?

- Impedindo que ela acorde.

- Ora! Ela acorda dez vezes cada noite; é impossível impedir isso.

- Tem então a mesma doença que eu tenho? – disse Richelieu tranquilamente.

- Que o senhor? - repetiu Nicola rindo.

- Certamente, porque também acordo dez vezes cada noite. Mas tenho um remédio excelente para essas insónias. Ela há-de fazer o mesmo que eu faço, e se o não fizer, tu lho farás.

- Vamos a saber como é isso, senhor? - disse Nicola.

- O que costuma tomar tua ama ao deitar?

- O que toma?

- Sim, hoje é moda prevenir assim a sede: uns tomam laranjada ou limonada, outros água de melissa, outros...

- A menina Andreia, à noite, antes de se deitar, só bebe um copo de água pura, e algumas vezes com açúcar e água de flor de laranja, se está atacada dos nervos.

- Muito bem! - disse Richelieu - é exactamente como eu; o meu remédio há-de portanto convir-lhe perfeitamente.

- Como?

- É como te digo; deito uma gota de certo licor na água, e durmo toda a noite.

Nicola cismava, procurava adivinhar a que se dirigia toda aquela diplomacia do marechal.

- Não respondes? - disse ele.

- Estou pensando que a menina Andreia não tem desse licor que o senhor duque usa.

- Pois eu to darei.

- Ah! Ah! - murmurou Nicola, que afinal via brilhar um raio de luz naquelas trevas.

- Deitarás duas gotas no copo de água da tua ama, duas gotas, ouves, nem mais, nem menos, que ela há-de dormir, de modo que não chamará por ti e por consequência terás tempo de fugir.

- Oh! Se é só isso, não vejo a dificuldade.

- Deitarás então as duas gotas?

- Certamente.

- Prometes?

- Mas - disse Nicola - parece-me que é do meu interesse deitá-las; e daí, à cautela fecharei também a porta do quarto da senhora...

- Não, não - disse vivamente Richelieu. - É isso exactamente o que não deves fazer. Pelo contrário, hás-de deixá-la aberta.

- Ah! - exclamou Nicola, fazendo um gesto significativo.

Tinha percebido; Richelieu conheceu-o perfeitamente.

- É tudo? - perguntou ela.

- Tudo. Agora podes dizer ao Sr. Beausire que apronte as malas.

- Infelizmente, senhor, que não terei de lhe dizer que apronte a bolsa.

- Isso é da minha conta.

- Sim, lembro-me que teve a bondade...

- Quanto precisas, Nicola?

- Para quê?

- Para deitares as duas gotas de água.

- Para deitar as duas gotas de água, nada, senhor duque, visto que me assegura que é no meu interesse que as deito; não seria justo que pagasse o que é do meu interesse. Mas para deixar aberta a porta do quarto da senhora, oh! para isso desde já o previno de que preciso uma soma redonda.

- Vamos, diz a soma.

- Preciso vinte mil francos, senhor.

Richelieu estremeceu.

- Hás-de ir longe, Nicola - suspirou o marechal.

- Que remédio haverá, senhor! Começo a crer como o senhor duque, que hão-de correr atrás de mim; mas com os seus vinte mil francos, poderei ir andando.

- Vai prevenir o Sr. Beausire, Nicola, que eu depois te contarei o dinheiro.

- O Sr. Beausire é muito incrédulo, e não há-de acreditar o que eu lhe disser, se lhe não der provas.

Richelieu meteu a mão na algibeira e tirou dela uma porção de notas do banco.

- Aqui tens por conta - disse ele - e nesta bolsa há cem duplos luíses.

- Então faça a sua conta e entregar-me-á o resto depois de eu falar com o Sr. Beausire.

- Não, com os diachos! Quero dar-te já tudo. És uma rapariga económica, Nicola, isso há-de trazer-te felicidade.

E Richelieu completou a soma prometida, com luíses, meios luíses e notas.

- Bem - disse ele - é isso?

- Creio que sim - disse Nicola; - agora falta-me o principal.

- O licor?

- Sim, tem-no naturalmente nalgum frasco?

- Tenho-o num frasquinho, que trago sempre comigo.

Nicola sorriu.

- O pior - disse ela - é que todas as noites fecham o Trianon e eu não tenho a chave.

- Mas eu, na minha qualidade de primeiro gentil-homem, tenho uma chave.

- Realmente?

- Aqui a tens.

- Que felicidade! - disse Nicola; - pode dizer-se que é uma enfiada de milagres. Agora, adeus, senhor duque.

- Como adeus?

- Decerto, porque eu hei-de partir durante o primeiro sono da senhora.

- É justo; adeus, Nicola.

E Nicola rindo consigo mesma, desapareceu por entre as trevas.

- Ainda venço - disse Richelieu; - mas dir-se-ia que a fortuna me encontra já muito velho e me serve de má vontade. Fui batido pela rapariga; mas isso que importa, se eu restituir os golpes?

XXXII

A FUGA

Nicola era uma rapariga de consciência. Recebera o dinheiro do senhor de Richelieu, recebera-o adiantado, e tinha que corresponder àquela confiança, ganhando-o.

Correra portanto direita à grade, onde chegou às sete horas e quarenta minutos, em vez das sete horas e meia, que ajustara com o amante.

Ora, o Sr. Beausire, acostumado como estava à disciplina militar, era pontual, e havia dez minutos que a esperava.

Havia também pouco mais ou menos dez minutos, que o senhor de Taverney deixara sua filha, que ficou só. Ora, como se achasse só, a formosa menina fora fechar as cortinas.

Gilberto olhava, ou melhor diremos, segundo o seu costume, devorava Andreia da

sua trapeira. Seria contudo difícil dizer se o olhar que nela fitava brilhava de amor, se de ódio.

Fechadas as cortinas, Gilberto não tinha mais que ver; portanto dirigiu a vista para outro lado.

Como olhasse para outro lado, viu o penacho do Sr. Beausire e ouviu uma ária que ele assobiava, para enganar o tédio da espera.

Passados dez minutos, isto é, às sete horas e quarenta minutos, apareceu Nicola; disse algumas palavras ao Sr. Beausire, que fez um movimento com a cabeça em sinal de que percebia perfeitamente, e afastou-se na direcção da rua, que conduz ao pequeno Trianon.

Nicola, ligeira como um passarito, voltou para trás.

- Ah! Ah! - observou Gilberto - o Sr. Beausire e a Sr^a. Nicola têm alguma coisa que dizer ou que fazer, e receiam testemunhas: bom!

A curiosidade de Gilberto a respeito de Nicola tinha passado, mas como visse na rapariga uma inimiga natural, procurava reunir contra a moralidade dela tal quantidade de provas que lhe servisse para repelir o ataque, se Nicola o atacasse.

Não duvidava que tarde ou cedo a luta principiaria e como soldado previdente, juntava quantas munições de guerra podia haver à mão.

Uma entrevista de Nicola com um homem dentro do Trianon era arma que um inimigo tão inteligente como Gilberto não podia desprezar, principalmente quando, como Nicola, se cometia a imprudência de a deixar cair aos pés. Gilberto quis por consequência colher as provas de ouvido para as juntar às dos olhos e apanhar no ar alguma frase, que a compromettesse bem, e que pudesse vitoriosamente repetir à rapariga no momento do combate.

Desceu por isso apressadamente do sótão, meteu pelo corredor das cozinhas, e

pela pequena escada da capela desceu ao jardim. Chegado ali, Gilberto não tinha que recluir, conhecia todos os recantos, como a raposa conhece o mato.

Meteu-se portanto entre as tílias, seguiu junto da latada, chegou a um bosque, que apenas distava uns vinte passos do sítio onde contava encontrar Nicola.

E lá estava ela com efeito.

Instalado Gilberto, chegou-lhe aos ouvidos um ruído estranho: era a bulha do ouro sobre a pedra, era o som metálico, de que nada pode dar idéia exacta, senão a realidade.

Arrastou-se como uma serpente até ao muro do terraço onde havia uma barreira de lilás, que, no mês de Maio, espalhava o seu perfume e sacudia as suas flores sobre quem passava naquela pequena rua que separa o Trianon grande do pequeno.

Chegado ali, os olhos de Gilberto, habituados à escuridão, viram Nicola, que vazava sobre uma pedra, para aquém da

grade, e prudentemente colocada fora do alcance da mão do Sr. Beausire, a bolsa dada pelo senhor de Richelieu.

Os belos luíses caíam saltando e luzindo, enquanto o Sr. Beausire, com o olho vivo e a mão trémula, olhava atentamente para Nicola e para os luíses, sem compreender como ela os possuía.

Nicola dizia:

- Mais de uma vez me tem proposto fugir consigo, meu caro Sr. Beausire.

- E mesmo casar com a menina - exclamou ele todo entusiasmado.

- Oh! Quanto a esse último ponto, meu caro senhor - disse a rapariga - depois o discutiremos; por enquanto, o principal é fugir. Podemos fugir dentro de duas horas?

- Dentro de dez minutos, se quiser.

- Não; tenho que fazer antes disso, e o que tenho que fazer leva duas horas.

- Dentro de duas horas ou de dez minutos, estou às suas ordens, terna amiga.

- Bem; receba estes cinqüenta luíses.

A rapariga contou cinqüenta luíses, e pela grade passou-os ao Sr. Beausire, que os meteu na algibeira sem contar.

- Daqui a hora e meia - prosseguiu ela - quero encontrá-lo aqui com uma carruagem.

- Mas... - disse Beausire.

- Oh! Se não quer, façamos de conta que de nada se falou, e restitua-me os meus cinqüenta luíses.

- Eu não recuo, minha querida Nicola, mas tenho medo do futuro.

- Por quem?

- Pela menina.

- Por mim?

- Sim. Logo que se gastem os cinqüenta luíses, e não há-de levar muito tempo, ficaremos sem recursos; e então há-de ter saudades do Trianon, há-de ter...

- Oh! Como é delicado, meu caro Sr. Beausire; vamos, vamos, não receie coisa alguma; não sou dessas mulheres a quem podem fazer infelizes; não tenha escrúpulo; e daí, acabados esses cinqüenta luíses, veremos.

E Nicola fez tinir os outros que lhe ficavam na bolsa.

Os olhos de Beausire estavam fosforescentes.

- Pela menina - disse ele - seria eu capaz de me meter num forno em brasa.

- Ora adeus! Não lhe peço tanto, Sr. Beausire. Então, está tratado, dentro de hora e meia a carruagem, dentro de duas horas a fuga.

- Está dito - bradou Beausire pegando na mão de Nicola, e puxando-a pela grade para lhe dar um beijo.

- Silêncio! - disse Nicola - está doido?...

- Não, estou namorado.

- Ora! - disse Nicola.

- Não me acredita, meu bem?

- Acredito, sim... Olhe! Traga bons cavalos, que é o principal.

- Oh! Esteja descansada.

E separaram-se,

Mas, um momento depois, voltou Beausire muito perturbado.

- Psiu! Psiu! - disse ele.

- O que é? - perguntou Nicola já longe bastante e levando as mãos à boca em guisa de buzina, a fim de levar a voz mais longe sem fazer muita bulha.

- E a grade? - perguntou Beausire - salta por cima dela?

- Forte estúpido! - murmurou Nicola, que naquele momento estava apenas distante de Gilberto uns dez passos.

E continuou em voz alta:

- Tenho a chave!

Beausire soltou um ah! cheio de admiração, e desta vez desapareceu de veras.

Nicola voltou cabisbaixa e apressadamente para junto da ama.

Gilberto, ao ficar só, propôs a si mesmo os quatro quesitos seguintes:

- Por que foge a Nicola com o Beausire, de quem não gosta? Por que tem a Nicola em seu poder tão grande soma de dinheiro? Por que tem a Nicola a chave da grade? Por que

volta Nicola para junto de Andreia, quando podia fugir desde já?

Quanto a este quesito: “Por que tem a Nicola em seu poder tão grande soma de dinheiro?” Gilberto achava-lhe uma solução fácil; mas quanto aos outros não podia resolvê-los.

Àquela negação da sua perspicácia, a curiosidade natural ou a desconfiança adquirida, como quiserem, foi nele tão poderosamente excitada, que se decidiu, apesar da excessiva friagem da noite, a ficar debaixo das árvores úmidas, para esperar o desfecho da cena, cujo princípio acabava de entrever.

Andreia, que acompanhara o pai até às barreiras do grande Trianon, voltava só e pensativa, quando Nicola desembocou a correr da rua que conduzia à famosa grade, onde acabava de dispor tudo com o Sr. Beausire.

Parou ao ver a ama, e a um sinal que esta lhe fez, subiu imediatamente atrás dela e acompanhou-a ao quarto.

Seriam oito horas e meia da noite. Anoitecera mais depressa que de costume, porque uma grande nuvem negra, que corria do sul para o norte, cobrira o espaço, de modo que para além de Versalhes, por cima dos grandes bosques, em toda a distância que a vista podia alcançar, via-se a lúgubre mortalha envolver a pouco e pouco todas as estrelas que um instante antes brilhavam na abóbada azul. Um vento pesado e rasteiro soprava por entre os arbustos, levando ardentes baforadas às flores secas, que curvavam a cabeça como para implorar do céu a esmola da chuva ou do orvalho.

Aquela ameaça da atmosfera não tinha por forma alguma acelerado o passo de Andreia; pelo contrário, a gentil menina, triste e profundamente pensativa, punha como a custo o pé sobre cada degrau da escada que conduzia ao seu quarto, e parava

junto de cada janela a fim de olhar para o céu, que em tanta harmonia estava com a sua tristeza, e retardar desse modo a sua entrada para o quarto.

Nicola, impaciente, desesperada, e receando que alguma fantasia da ama a demorasse além da hora, resmungava em voz baixa as imprecações que os criados nunca poupam aos amos que têm a imprudência de se atreverem a satisfazer uma fantasia à custa das fantasias dos seus criados.

Finalmente, Andreia empurrou a porta do quarto, e mais depressa caindo do que sentando-se sobre uma cadeira, ordenou vagarosamente a Nicola que entreabrisse a janela que dava para o pátio.

Nicola obedeceu.

Depois, voltando para junto da ama, com o ar de interesse que a lisonjeira tão bem sabia afectar, disse:

- Receio bem que a menina esteja doente; acho-lhe esta noite os olhos pisados e

vermelhos, apesar de brilhantes. Creio que a menina faria muito bem em descansar.

- Parece-te isso, Nicola? - disse Andreia, que nem ouvira o que lhe diziam.

E estendeu os pés sobre um tapete bordado.

Nicola tomou aquela posição por uma ordem para despi-la, e começou a desatar-lhe e a despregar-lhe as fitas e as flores do toucado, edifício que a mais hábil não demolia em menos de um quarto de hora.

Durante este tempo Andreia não disse palavra. Entregue ao seu livre arbítrio, Nicola apressou-se, e sem fazer gritar a ama, tão profundamente preocupada estava, arrepelou-lhe muito à vontade os cabelos. Terminados os preparativos da noite, Andreia deu as suas ordens para o dia seguinte. Era preciso ir a Versalhes buscar uns livros, que Filipe lhe havia de ter mandado, e avisar o afinador para ir ao Trianon afinar o cravo.

Nicola respondeu com toda a serenidade que, se a menina não acordasse de noite, havia de erguer-se cedíssimo, e que antes que ela acordasse tudo estaria feito.

- Amanhã também hei-de escrever - prosseguiu Andreia falando consigo mesma; - sim, escreverei a Filipe, servir-me-á isso de alguma consolação.

- Em todo o caso - disse Nicola também consigo não serei eu que leve a carta.

E fazendo esta reflexão, a moça, que ainda não estava totalmente depravada, começou a pensar tristemente que ia, pela primeira vez, deixar aquela excelente ama junto da qual se lhe desenvolveu o espírito e o coração. A lembrança de Andreia prendia-se nela a tantas recordações, que, despedaçar esta, era abalar toda a cadeia que ligava aquele ao primeiro dia da sua infância.

Enquanto as duas moças, de carácter e condição tão diferentes, pensavam assim ao lado uma da outra, sem que nas suas idéias houvesse conexão, o tempo fugia, e o relógio

de Andreia, sempre mais adiantado que o do Trianon, dava nove horas.

Beausire devia estar no lugar aprazado, e apenas faltava meia hora para Nicola ir ter com o amante.

Acabou de despir a ama o mais depressa que pôde não sem deixar escapar alguns suspiros, aos quais Andreia nem sequer deu atenção. Vestiu-lhe um roupão de dormir, e como Andreia, sempre pensativa, permanecesse imóvel e com os olhos fitos no tecto, Nicola tirou do seio o frasco de Richelieu, e deitou dois torrões de açúcar num copo e a água necessária para os dissolver, e sem hesitação, pela onnipotência daquela vontade já tão forte em coração tão novo ainda, vazou duas gotas da água do frasco no copo de água, que logo se turvou, tomando uma ligeira cor opaca, que em breve se desvaneceu.

- Minha senhora - disse então Nicola - o copo de água está pronto, o fato dobrado, a

lâmparina acesa. Sabe que preciso levantar-me cedo; posso ir agora deitar-me?

- Podes - respondeu Andreia distraída.

Nicola fez a sua mesura, soltou um último suspiro, que se perdeu como os outros, e fechou atrás de si a porta de vidraça que dava para a pequena antecâmara. Mas, em lugar de entrar no seu quarto, que era a pequena cela contígua, como já sabemos, ao corredor a que recebia luz da antecâmara de Andreia, fugiu ligeiramente, deixando entreaberta a porta do corredor, de modo que foram executadas à risca as instruções de Richelieu.

E daí, para não despertar a atenção dos vizinhos, desceu em bicos de pés a escada que conduz ao jardim, saltou o patamar, e foi a correr encontrar o Sr. Beausire ao pé da grade.

Gilberto não abandonara o seu observatório. Ouvira dizer a Nicola que voltaria dentro de duas horas, e estava-a esperando. Como porém já passassem dez

minutos da hora aprazada, começava a recear que não aparecesse.

De repente viu-a correndo como se alguém a seguisse.

Chegou à grade, passou a chave a Beausire, que abriu a porta; Nicola fugiu para o outro lado, e a grade fechou-se com estrondo.

Depois atiraram a chave para o meio das ervas de um fosso, que ficava mesmo por baixo do sítio onde estava Gilberto; o mancebo ouviu-a cair, e reparou no lugar onde fora parar.

Durante aquele tempo iam Nicola e Beausire caminhando. Gilberto ouviu-os afastar, e não tardou que sentisse, não o ruído de uma carruagem como Nicola pedira, mas o passo de um cavalo; passados alguns momentos, naturalmente gastos com as recriminações de Nicola, que quisera partir de carruagem como uma duquesa, ouviu-se o cavalo meter a galope e afastar-se.

Estava livre; ficava sem Nicola, isto é, sem a sua inimiga. Andreia ficara só; talvez que ele pudesse agora chegar até junto dela: é o que Gilberto pensava.

Aquele pensamento sobressaltou o ardente moço com todos os furores do receio e da incerteza, da curiosidade e do desejo.

E seguindo caminho oposto ao de Nicola, dirigiu-se para as casas do Trianon, onde ficavam os aposentos de Andreia.

XXXIII

DUPLA VISTA.

Ao ficar só, Andreia fora gradualmente saindo do entorpecimento moral que dela se tinha apoderado; e enquanto Nicola fugia na garupa do cavalo de Beausire, ajoelhava ela pedindo a Deus por Filipe, o único ser no mundo a quem amava com afeição verdadeira e profunda.

Orava, absorta na sua confiança em Deus.

As orações de Andreia não se limitavam a uma seqüência de palavras ligadas umas às outras; eram uma espécie de êxtase divino, em que a sua alma se elevava até ao Senhor e se confundia nele.

Naquelas súplicas apaixonadas do espírito separado da matéria não havia sombra de egoísmo. Andreia como que se abandonava a si mesma, semelhante ao

náufrago que perdida toda a esperança já não pede a Deus por si, mas pela mulher e pelos filhos, que vão ficar ao desamparo.

Aquela dor íntima assaltara Andreia depois da partida do irmão; como a oração, compunha-se de dois elementos distintos, um dos quais não era para ela muito inteligível.

Era como que um pressentimento, como que a aproximação perceptível de uma desgraça iminente. Era uma sensação análoga à dor que por vezes se sente em uma ferida cicatrizada. A força da dor está extinta, mas a impressão sobrevive muito tempo e dá sinal da presença do mal como outrora o fazia a própria ferida.

Andreia não tentou sequer examinar o que sentia; entregue inteiramente a pensar em Filipe, era só no irmão estremecido que empregava todas as impressões que a agitavam.

Levantou-se, escolheu um livro entre os que guarneciam a sua modesta biblioteca, pôs

a luz onde lhe pudesse chegar com a mão e meteu-se na cama.

O livro em que pegara ao acaso era um dicionário de botânica. Um tal livro, como é fácil de compreender, não era feito para absorver-lhe a atenção, pelo contrário ia-a adormecendo. Pouco tardou que se lhe espalhasse por sobre a vista uma nuvem, de princípio transparente, mas que gradualmente se foi condensando. Andreia lutou ainda um instante contra o sono, duas ou três vezes prendeu o pensamento fugitivo, que de novo se lhe escapou; depois, inclinando a cabeça para apagar a luz, viu o copo de água preparado por Nicola, estendeu o braço, pegou nele com uma das mãos, com a outra mexeu com a colher o açúcar meio dissolvido, e já sob a impressão do sono, chegou o copo à boca.

De repente, quando já tocava com os lábios a bebida, uma comoção estranha lhe fez tremer a mão, um peso úmido e ardente ao mesmo tempo lhe caiu no cérebro.

Reconheceu com terror, pelos impulsos dos fluidos que lhe percorriam os nervos, aquela invasão sobrenatural de sensações desconhecidas, que, já por mais vezes, lhe triunfara das forças aniquilando-lhe a razão.

Apenas teve tempo para colocar o copo no prato, e quase no mesmo instante, sem outra queixa mais que um suspiro que se lhe escapou do peito, perdeu a fala, a vista, a inteligência, e caiu na cama como fulminada, entregue a um mortal entorpecimento.

Mas aquela espécie de aniquilação foi só a passagem momentânea de uma existência para outra.

De morta como estava, com os olhos que pareciam fechados para sempre, ergueu-se repentinamente, tornou a abri-los com aterradora fixidade, e semelhante a uma estátua de mármore que baixasse do túmulo, desceu do leito.

Não havia que duvidar, Andreia dormia o sono maravilhoso que já várias vezes lhe suspendera a vida.

Atravessou o quarto, abriu a porta de vidraças e passou ao corredor com a atitude rígida e firme de um mármore animado

Diante dela abria-se a escada, desceu-a degrau por degrau, sem precipitação, e foi aparecer nos degraus da escada exterior.

Quando Andreia punha o pé no degrau mais alto para descer, punha Gilberto o pé no mais baixo para subir.

Gilberto viu portanto aquela mulher branca e solene avançar como se viesse ao seu encontro.

Recuou diante dela, e recuando sempre, foi entranhar-se no centro de um maciço de flores.

Fora assim, lembrava-se muito bem, que já em Taverney vira Andreia.

Esta passou diante de Gilberto, chegando a roçar a roupa por ele, mas não o viu.

O mancebo, assustado, aterrado, baixou-se todo trémulo: tinha medo.

Não sabendo a que atribuir a estranha saída de Andreia, seguiu-a com os olhos; mas a sua razão estava confusa, o sangue fervia-lhe com impetuosidade, batendo-lhe nas fontes, e Gilberto estava mais perto da loucura que do frio bom senso que é preciso ao observador.

Ficou portanto agachado no meio da folhagem, e espreitando, como costumava fazer desde que em seu peito entrara aquele fatal amor.

De repente foi-lhe explicado o mistério daquela saída: Andreia nem estava louca, nem perdida, como ele pensava. Andreia, com aquele passo frio e sepulcral, concorria a uma entrevista.

Acabava de fuzilar um relâmpago.

Gilberto, àquela luz azulada, viu um homem escondido debaixo da sombria avenida de tílias, e por mais rápido que fosse o clarão, viu destacar-se no fundo negro o rosto pálido e o fato em desalinho do desconhecido.

Andreia caminhava para aquele homem, que estava com um braço estendido como para a atrair a si.

Alguma coisa semelhante à queimadura de um ferro em brasa mordeu o coração de Gilberto e fê-lo erguer-se sobre os joelhos para melhor ver.

Naquele momento, cortou as trevas outro relâmpago.

Gilberto reconheceu Bálsamo que, com o auxílio de alguma inteligência misteriosa, penetrara no Trianon; Bálsamo enfim, que atraía Andreia a si tão invencivelmente, tão fatalmente como a serpente atrai a pobre avezinha.

Dois passos distante dele, Andreia parou.

Ele pegou-lhe na mão: o corpo todo de Andreia estremeceu.

- Vê? - perguntou.

- Vejo - respondeu Andreia; - mas chamando-me assim, por pouco me não matou.

- Perdão, perdão - respondeu Bálsamo - é que estou com a cabeça perdida, é que já me não pertenço, é que enlouqueço e morro.

- Efectivamente está aflito - disse Andreia, a quem pelo contacto da mão facilmente se transmitira a aflicção de Bálsamo.

- Estou aflito, estou, e venho procurar a consolação junto de si. Só a senhora me pode salvar.

- Interrogue-me.

- Segunda vez pergunto: vê?

- Oh! Perfeitamente.

- Quer seguir-me até minha casa, é-lhe possível?

- Posso, se pelo pensamento me quiser lá conduzir.

- Venha.

- Ah! - disse Andreia - entramos em Paris, seguimos pelo bulevar, entramos numa rua que é alumiada por um único lampião.

- É isso: entremos, entremos.

- Estamos numa antecâmara. Há uma escada do lado direito; mas leva-me de encontro à parede: a parede abre-se; vê-se uma escada...

- Suba, suba - bradou Bálsamo - é o nosso caminho.

- Ah! Estamos numa sala: há peles de leão, armas... Ah! A chapa do fogão abre-se.

- Entremos; onde está?

- Numa casa bem singular, que não tem saída, cujas janelas têm grades; ah! Como tudo está em desordem nesta casa!

- Mas está vazia, vazia, não é verdade?

- Está, sim.

- Pode ver a pessoa que a habitava?

- Sim, se me derem um objecto que tenha estado em contacto com ela, que lhe pertença ou tenha pertencido.

- Aqui tem alguns cabelos dela.

Andreia pegou nos cabelos e chegou-os a si.

- Oh! Eu conheço-a - disse ela - já vi aquela mulher; fugia então para Paris.

- É isso, é isso; pode dizer-me o que fez nestas últimas duas horas e de que modo fugiu?

- Espere... espere... sim... está deitada num sofá, tem o peito meio nu, e uma ferida debaixo do seio.

- Olhe bem, Andreia, olhe, não a deixe.

- Estava adormecida; acorda e procura em torno de si; puxa por um lenço, sobe para uma cadeira, ata o lenço às grades da janela. Oh! Meu Deus!

- Então quer realmente morrer?

- Quer, sim, está decidida. Mas aquela morte assusta-a. Deixa o lenço atado às grades... Desce... Ai! Pobre mulher!

- O que é?

- Oh! Como ela chora, como padece, como torce os braços! Procura uma esquina da parede para esmigalhar a cabeça.

- Oh! Meu Deus! Meu Deus! - murmurou Bálsamo.

- Oh! Lá corre para a chaminé! A chaminé representa dois leões de mármore; vai quebrar a cabeça contra a cabeça do leão!

- Depois... Depois... Olhe, Andreia, olhe bem, que ordeno eu.

- Sustém-se.

Bálsamo respirou.

- Aplica a vista.

- E a que aplica ela a vista? - perguntou Bálsamo.

- Viu uma nódoa de sangue no olho do leão.

- Meu Deus! Meu Deus! - murmurou Bálsamo.

- Sim, sangue, e contudo ela não chegou a bater com a cabeça contra o fogão! Oh! Isto é muito singular, o sangue não é dela, é seu!

- Esse sangue é meu? -bradou Bálsamo.

- É seu. Feriu-se no dedo com uma faca ou com um punhal e carregou com o dedo ensangüentado no olho do leão. Estou-o vendo.

- É verdade, é verdade. Mas como fugiu ela?

- Espere... espere... vejo-a examinar o sangue, reflectir, depois carregar com o dedo no mesmo lugar em que o senhor tinha carregado com o seu. Ah! O olho do leão cede, solta-se uma mola. A chapa da chaminé abre-se.

- Imprudente! - bradou Bálsamo; - miserável imprudente, miserável louco que eu sou. Traí-me a mim mesmo.

Andreia calou-se.

- E ela saiu... fugiu? - prosseguiu Bálsamo.

- Oh! Deve perdoar-lhe; pobre mulher, era bem desgraçada!

- Onde está? Onde vai ela? Siga-a, Andreia, eu ordeno-o!

- Espere; ela pára um instante na sala das armas e das peles; está aberto um armário; uma caixa geralmente fechada naquele armário está agora em cima de uma mesa. Ela conhece a caixa e pega nela.

- O que contém a caixa?

- Os seus papéis, creio eu.

- Como é ela?

- É de veludo azul com pregos de prata e fechos e fechadura também de prata.

- Oh! - disse Bálsamo batendo o pé com raiva - foi então ela que me levou a caixa?

- Sim, sim, foi ela. Desce a escada que dá para a antecâmara, abre a porta, puxa pela corrente que faz abrir a porta da rua; sai.

- É muito tarde?

- Deve ser tarde, porque é alta noite.

- Ainda bem, terá partido pouco antes de eu ter voltado, e talvez tenha ainda tempo de encontrá-la; siga-a, siga-a, Andreia.

- Saiu de casa, corre como uma louca, chega ao bulevar... Corre... Corre sem parar...

- Para que lado?

- Para o lado da Bastilha.

- Continua a vê-la?

- Continuo! Parece uma insensata; bate de encontro à gente que transita pelas ruas.

Afinal pára, procura conhecer onde está...
Pergunta.

- Que diz ela? Escute, Andreia, escute, e em nome do céu, não perca uma só palavra. Disse que ela perguntava?

- Sim, a um homem vestido de preto.

- O que lhe pergunta ela?

- A morada do chefe da polícia.

- Oh! Não era então uma vã ameaça. E ele diz-lha?

- Diz.

- E ela o que faz?

- Volta para trás, mete por outra rua, atravessa uma grande praça.

- A Praça Real, é o caminho. Pode ler por que intenção é guiada?

- Apressa o passo, corre, depressa, depressa, vai denunciá-lo! Se chega primeiro que o senhor, se vê o senhor de Sartines, está perdido.

Bálsamo soltou um terrível grito, correu para o pequeno bosque, saiu por uma porta que um vulto oculto na sombra abriu e

fechou, e num salto montou Djérid, que se impacientava à porta.

O animal, aguilhoado ao mesmo tempo pela voz e pelas esporas, partiu veloz como um raio na direcção de Paris, e por algum tempo não se ouviu mais que a bulha das ferraduras na calçada.

Quanto a Andreia, ficara fria, imóvel, muda, pálida e de pé. Mas como se Bálsamo lhe tivesse levado a vida, foi gradualmente desfalecendo até que caiu.

Bálsamo, com a pressa de perseguir Lorenza, esquecera-se de acordar Andreia.

CATALEPSIA

Conforme dissemos, não foi de súbito que Andreia se deixou cair, mas por gradações, que vamos tentar descrever.

Só, abandonada, atacada pelo frio interior que sucede a todos os furiosos abalos do sistema nervoso, Andreia começou a vacilar e a tremer como no princípio de um ataque de epilepsia.

Gilberto continuava no seu posto, imóvel, inclinado para diante e cobrindo-a com a vista. Mas para Gilberto, e é fácil de compreender, ignorante como era, dos fenómenos magnéticos, não havia ali nem sono, nem violência. Nada ou quase nada ouvira do diálogo com Bálsamo. O que notou foi que, pela segunda vez, tanto no Trianon como em Taverney, Andreia obedecera ao chamamento daquele homem, que sobre ela

tomara tão terrível e singular influência; para Gilberto, resumia-se tudo nestas palavras: a menina Andreia tem, quando não seja um amante, pelo menos um homem a quem ama e com quem tem encontros nocturnos.

O diálogo que se verificara entre Bálsamo e Andreia, conquanto fosse pronunciado em voz baixa, tinha ares de uma disputa. Bálsamo, fugindo, insensato, perdido, parecia um amante desesperado; Andreia, só, imóvel, muda, tinha todo o feitio de amante abandonada.

Foi naquele momento que a viu vacilar, torcer os braços e girar sobre si; depois soltou dois ou três suspiros, que lhe rasgaram o peito oprimido e esforçou-se, ou porque melhor digamos, a natureza fez esforço para lançar fora de si aquela massa mal ponderada de fluido que lhe tinha dado, durante o sono magnético, a dupla vista, cujos fenómenos vimos manifestarem-se no capítulo precedente.

Mas a natureza foi vencida, e Andreia não pôde repelir aquele resto de vontade, que Bálsamo esquecera nela. Não pôde desatar as cadeias misteriosas, inextricáveis, que a tinham totalmente ligado, e à força de lutar, entrou nas convulsões que outrora as pítias experimentavam diante da chusma de religiosos interrogadores que rumorejavam no peristilo do templo.

Perdeu o equilíbrio, e soltando doloroso gemido, ia cair por terra como se fora fulminada pelo estrondo do trovão que naquele momento rasgava a abóbada celeste.

Não chegou a tocar no chão, porque Gilberto, com a agilidade e vigor do tigre, correu a ela, recebeu-a nos braços, e sem pensar no peso do fardo, levou-a para o aposento de onde ela saíra para obedecer ao chamamento de Bálsamo, e no qual se via ainda arder a luz próxima da cama, Gilberto achou todas as portas abertas, como Andreia as deixara.

Dirigiu-se para o sofá, onde deitou Andreia, fria e inanimada.

Tudo nele era febre ao sentir o contacto daquele corpo inanimado; os nervos tremiam-lhe e fervia-lhe o sangue.

Contudo, a sua primeira idéia, foi casta e pura: era preciso primeiro que tudo chamar à vida a formosa estátua; procurou com a vista a garrafa para derramar-lhe algumas gotas de água no rosto.

Naquele momento, porém, quando estendia a mão trémula para a garrafa de cristal, pareceu-lhe que uns passos, firmes e ligeiros ao mesmo tempo, faziam ranger a escada de madeira e tijolo que conduzia ao quarto de Andreia.

Não era Nicola, visto ter fugido com o Sr. Beausire; também não era Bálsamo, porque partira a todo o galope no Djérid.

Não podia, portanto, deixar de ser algum estranho.

Gilberto, surpreendido, seria posto fora imediatamente; Andreia era para ele como as

rainhas de Espanha, em quem um súdito não pode tocar nem para lhes salvar a vida.

Todas estas idéias envolveram como um turbilhão o espírito de Gilberto em menos tempo do que levou o movimento de cada um dos passos fatais que sentira.

Os passos, que se iam aproximando, vinham numa distância cuja exactidão Gilberto não podia calcular, tão grande era a bulha que naquele momento produzia a tempestade; mas dotado de um sangue-frio e prudência admiráveis, o mancebo compreendeu que não era ali o seu lugar, e que o mais importante de tudo era não ser visto.

Apagou depressa a luz que alumiaava o quarto de Andreia, e atirou consigo para o gabinete que servia de quarto a Nicola. Assim colocado, através da porta de vidraça daquele gabinete, podia ver ao mesmo tempo o quarto de Andreia e a salinha.

Nessa salinha estava uma lamparina acesa. Gilberto tivera a princípio idéia de a

apagar como apagara a luz do quarto, mas nem teve tempo para isso; sentiu passos no ladrilho do corredor, ouviu-se uma respiração um pouco opressa, apareceu um vulto no limiar da porta, entrou timidamente na salinha e fechou a porta correndo o fecho.

Gilberto teve apenas tempo de fugir para o gabinete de Nicola, e fechar sobre si a porta de vidraça.

Susteve a respiração, chegou o rosto aos vidros e prestou toda a sua atenção.

A procela bramia de um modo horrível, grossas gotas da água açoitavam as vidraças da janela de Andreia e as do corredor, onde outra janela que ficara aberta rangia nos gonzos, e impelida de tempos a tempos pelo vento que soprava no corredor, batia com estrondo no caixilho.

Mas o tumulto da natureza, os rumores do exterior, por mais terríveis que fossem, nada eram para Gilberto; todo o pensamento lhe estava concentrado no olhar que tinha cravado naquele homem.

O vulto atravessara a antecâmara, passara dois passos distante de Gilberto, e sem hesitar entrara no quarto.

Gilberto viu aquele homem dirigir-se às apalpadelas para a cama de Andreia, fazer um gesto de admiração ao achá-la deserta, e quase no mesmo instante tocou com o braço no castiçal que estava em cima da mesa.

O castiçal caiu, e Gilberto ouviu quebrar-se a dirandela de cristal no mármore da mesa.

Então o homem chamou por duas vezes em voz baixa:

- Nicola! Nicola!

- Como é isto? Nicola! - perguntou Gilberto a si mesmo, no esconderijo. - Por que motivo chama aquele homem por Nicola, quando devia chamar por Andreia?

Mas, não tendo voz alguma respondido à sua, o homem levantou do chão o castiçal, e caminhando no bico dos pés, foi acender a vela à luz da lamparina, que estava na antecâmara.

Foi então que Gilberto concentrou toda a atenção no estranho e nocturno visitador; naquela ocasião teria visto através de um muro que fosse, tão activa era a vontade que empregava para que nada lhe escapasse.

De repente estremeceu, e apesar de estar escondido, recuou um passo.

À luz das duas chamas, que se combinavam, estremeceu, e meio morto de assombro, reconheceu el-rei no desconhecido que segurava o castiçal.

Então percebeu tudo: a fuga de Nicola, o dinheiro contado entre ela e Beausire, e a porta deixada aberta, e Richelieu, e Taverney, e toda aquela intriga sinistra e misteriosa, cujo centro era Andreia.

Então compreendeu o motivo porque el-rei acabava de chamar Nicola, medianeira naquele crime, Judas condescendente, que assim vendera e entregara a sua ama.

Mas com a idéia do que el-rei vinha fazer àquele quarto, com a idéia do que se ia

passar debaixo das suas vistas, o sangue subiu-lhe à cabeça e cegou-o.

Teve vontade de gritar, mas o medo, esse sentimento irreflectido, caprichoso, irresistível, o medo que teve daquele homem, cheio de prestígio, a quem chamavam o rei de França, prendeu-lhe a língua.

Entretanto, Luís XV voltara ao quarto, com a luz na mão.

Apenas entrou, viu Andreia com um roupão de cassa branca, mais nua do que vestida, cuja cabeça pendia sobre as costas do sofá, tendo uma das pernas estendida sobre as almofadas, ao passo que a outra, inteiramente nua, lhe pendia sobre o tapete.

El-rei sorriu-se ao vê-la assim.

A luz alumiou aquele lúgubre sorriso, mas quase no mesmo instante um sorriso quase tão sinistro como o de el-rei iluminou o rosto de Andreia.

Luís XV murmurou algumas palavras, que Gilberto interpretou como palavras de amor, e pondo o castiçal na mesa, voltando-se

e lançando um olhar para o céu inflamado, foi ajoelhar diante de Andreia, cuja mão beijou.

Gilberto limpou o suor que lhe corria da testa. Andreia não se moveu.

El-rei, que sentiu aquela mão gelada, pegou nela para ver se a podia aquecer entre as suas, e envolvendo com um dos braços aquele corpo tão belo e delicado, inclinou-se para lhe dizer algumas dessas meiguices amorosas que se murmuram ao ouvido das donzelas quando dormem.

Naquele momento el-rei chegou de tal modo a sua cara à de Andreia, que chegou a tocar nela.

Gilberto apalpou-se e respirou ao sentir que trazia no bolso da véstia a navalha com que podava as árvores da quinta.

Andreia tinha o rosto tão gelado como as mãos.

El-rei levantou-se, dirigiu os olhos para o pé nu de Andreia, branco e formoso como o

de uma fada. Tomou-o também entre as mãos e estremeceu.

O pé estava frio como o de uma estátua de mármore.

Gilberto rangeu os dentes e abriu a navalha, que até então conservara fechada.

Mas já el-rei tinha abandonado o pé de Andreia, como fizera da mão, como fizera do rosto, e admirado daquele sono profundo, que primeiro atribuíra a fingida virtude, procurava adivinhar a causa daquele frio mortal que se apoderara das extremidades de tão belo corpo, e perguntava a si mesmo se realmente palpitava ainda o coração, quando a mão, o pé e o rosto estavam de tal modo gelados.

Abriu o roupão de Andreia, descobriu-lhe o peito virginal, e com a mão cínica e tímida ao mesmo tempo, interrogou o coração mudo debaixo daquele seio gelado como o alabastro, de que tinha a rigidez e a alvura.

Gilberto deitou meio corpo fora da porta, com o olhar chamejante, os dentes cerrados, resolvido, se el-rei continuasse na sua tentativa, a apunhalá-lo e a apunhalar-se a si.

De repente, um trovão horrível fez estalar os móveis da casa e até o sofá, diante do qual Luís XV estava ajoelhado; novo relâmpago roxo e sulfúreo lançou sobre o rosto de Andreia uma chama tão lívida e tão viva, que Luís XV, assustado com aquela palidez, aquela imobilidade, aquele silêncio, recuou horrorizado murmurando:

- Mas esta rapariga está morta!

No mesmo momento, a idéia de ter abraçado um cadáver produziu-lhe um calafrio. Foi buscar a luz, voltou a Andreia e olhou para ela alumiada por aquela chama trémula. Ao ver-lhe os lábios roxos, os olhos pisados, os cabelos em desordem, e o seio sem o menor sinal de vida, soltou um grito, deixou cair a luz, cambaleou, e como um homem embriagado, passou tropeçando à

saleta, tão espavorido que foi de encontro às paredes.

Depois ouviram-se-lhe os passos precipitados descendo a escada, depois correrem no saibro do jardim; mas em breve o vento, que soprava no espaço e torcia as árvores, levou rumores e passos na sua corrente forte e procelosa.

Então Gilberto, com a navalha na mão, saiu mudo e sombrio do seu esconderijo. Avançou até à porta do quarto de Andreia, e contemplou durante alguns segundos a formosa menina, tão profundamente adormecida.

Durante aquele tempo, a vela caída no chão ardia sobre o tapete, alumando o pé delicado e a perna formosíssima do adorável cadáver.

Gilberto fechou lentamente a navalha, ao passo que no rosto se lhe desenhavam invisivelmente os sinais de uma resolução irrevogável. Em seguida foi escutar à porta por onde el-rei saíra.

Escutou por mais de um minuto.

Depois, por sua vez também, como fizera el-rei, fechou a porta e correu o fecho.

Em seguida apagou a lamparina da saleta.

E, finalmente, com o mesmo vagar, com o mesmo fogo sombrio nos olhos, voltou para o quarto de Andreia e pôs o pé sobre a vela, que derretida corria pelo tapete.

A súbita escuridão não permitiu ver o fatal sorriso que se lhe deslizou nos lábios.

- Andreia! Andreia! - murmurou ele - tinha prometido que a terceira vez que caíesses em meu poder não me escaparias como das duas primeiras; Andreia! Andreia! O terrível romance que me acusaste de ter feito precisa um fim terrível.

E com os braços estendidos, caminhou direito ao sofá onde Andreia se conservava deitada, sempre fria, imóvel, e privada de qualquer sentimento.

A VONTADE

Vimos partir Bálsamo.

Djérid levava-o com a rapidez do raio. O cavaleiro, pálido de impaciência e terror, inclinado sobre o cavalo, aspirava com os lábios entreabertos o ar, que se cortava contra o peito do cavalo como a água se corta contra a proa do barco veloz.

Atrás dele, como visões fantásticas, desapareciam as árvores e casas. Mas via, ao passar, o pesado carro que gemia no seu eixo e cujos cinco possantes cavalos se espantavam ao ver aproximar aquele meteoro vivo, que não podiam considerar como pertencendo à sua espécie.

Assim percorreu Bálsamo aproximadamente uma légua com o cérebro de tal modo inflamado, os olhos tão ardentes, a respiração tão abrasada e sonora, que os

poetas de agora tê-lo-iam comparado com os terríveis génios cheios de fogo e vapor, que animam as pesadas e fumegantes máquinas, fazendo-as voar sobre um caminho de ferro.

Cavalo e cavaleiro haviam em poucos segundos atravessado Versalhes; os poucos habitantes que ainda transitavam pelas ruas tinham visto passar um rastilho de faíscas, nada mais.

Bálsamo percorreu assim outra légua; Djérid não gastara um quarto de hora em andar aquelas duas léguas, e esse quarto de hora tinha parecido um século ao dono.

De repente ocorreu uma idéia a Bálsamo.

Parou de súbito o cavalo, que parecia ter músculos de aço.

Ao estacar, Djérid vergou nas pernas e as mãos enterraram-se-lhe na areia.

Cavalo e cavaleiro puderam então tomar o fôlego mais à vontade.

Bálsamo, respirando sempre, ergueu a sua cabeça imponente.

Depois limpou com um lenço as fontes banhadas de suor, e dilatando as ventas à brisa da noite, pronunciou nas trevas as seguintes palavras:

- Oh! Pobre louco que és! Nem o correr do teu cavalo, nem o ardor do teu desejo alcançarão nunca a instantaneidade do raio nem a rapidez da faísca eléctrica, e contudo é isso o que precisas para conjurar a desgraça suspensa sobre a tua cabeça; precisas o efeito rápido, o golpe imediato, o choque poderoso que paralise as pernas, cuja acção receias, a língua, cujas palavras temes; precisas, em distância, esse sono vencedor que te restitua a posse da escrava que se evadiu. Oh! Que se ela torna a cair em meu poder!...

E rangendo os dentes, mostrou Bálsamo um gesto desesperado.

- Oh! É inútil querer, Bálsamo, é inútil correr - bradou ele - Lorenza há-de já ter chegado; vai falar, talvez já falasse. Oh! Miserável mulher! Oh! Não há suplício bastante para te castigar.

“Vejam, vejamos - continuou Bálsamo enrugando a fronte, com os olhos fixos, apoiando a barba sobre a palma da mão - vejamos: a ciência é uma palavra ou um facto? A ciência pode ou não pode? Eu quero! Experimentemos... Lorenza, Lorenza, quero que durmas! Lorenza, em qualquer parte que estejas, dorme, dorme, eu to ordeno e conto com isso!

Oh! Não, não - murmurou ele desanimado; - não, eu minto, não, eu não o creio; não, eu bem sei que não conto com isso, e entretanto a vontade é tudo. Oh! Contudo eu quero com toda a firmeza, eu quero com todo o poder da minha vida. Fende os ares, minha vontade suprema, atravessa todas essas correntes de vontades antipáticas ou indiferentes; atravessa as muralhas que deves atravessar como uma bala, persegue-a em qualquer parte onde a encontres; vai, fere, anula; Lorenza, Lorenza, quero que sejas muda, ordeno-o eu!”

E empregou por alguns instantes o seu pensamento nesse fim, imprimindo-o no seu espírito para lhe dar maior força quando voasse para Paris; e depois dessa operação misteriosa, à qual sem dúvida concorreram todos os átomos divinos animados por Deus, senhor de todas as coisas, Bálsamo, com os dentes ainda cerrados, os punhos ainda fechados, abrandou mais as rédeas de Djérid, mas desta vez sem lhe chegar os joelhos nem as esporas.

Dir-se-ia por isto que Bálsamo queria convencer-se a si mesmo.

Então o nobre animal caminhou pausadamente segundo a fácil permissão que seu dono lhe concedia, pousando com a delicadeza particular à sua raça os pés quase silenciosos, tão leves eram, sobre as pedras da estrada.

E daí, Bálsamo, durante todo aquele tempo, que a olhos superficiais parecia perdido, Bálsamo combinava um plano de

defesa; concluía-o no momento em que Djérid chegava à Calçada de Sèvres.

Chegado em frente da grade da quinta, parou e olhou em torno de si; dir-se-ia que esperava alguém.

Com efeito quase no mesmo instante um homem se destacou de sob um portal, e caminhou para ele apressadamente.

- És tu, Fritz? - perguntou Bálsamo.

- Sou eu, mestre.

- Indagaste?

- Sim, senhor.

- A Sr^a. Condessa du Barry está em Paris ou em Luciennes?

- Em Paris.

Bálsamo, satisfeito, ergueu para o céu um olhar de triunfo.

- Como vieste?

- No Sultão.

- Onde está?

- No pátio desta estalagem.

- Aparelhado?

- Aparelhado.

- Está bom, está pronto à primeira voz.

Fritz foi desatar Sultão, que estava preso a uma argola. Era um desses valentes cavalos alemães, de boa raça, que murmuram um pouco nas marchas forçadas, mas que não deixam por isso de andar enquanto têm fôlego nos flancos, e sentem as esporas do cavaleiro.

Fritz voltou a Bálsamo.

Este estava escrevendo à claridade da lanterna da cavalaria.

- Volta para Paris e entrega, esteja onde estiver, este bilhete à Sr^a. Condessa du Barry pessoalmente - disse Bálsamo; - tens para isso meia hora, depois do que voltarás à Rua de Saint-Claude, onde esperarás pela Sr^a. Lorenza, que não pode deixar de voltar; deixá-la-ás passar sem lhe dizer coisa alguma, e sem lhe opor o menor obstáculo; vai, e lembra-te principalmente que esse recado deve ser feito dentro de meia hora.

- Bem - disse Fritz - há-de ser executado.

E ao mesmo tempo que dava a Bálsamo esta resposta tranqüilizadora, chegava o chicote e as esporas ao pobre Sultão, que, admirado daquela agressão a que não estava acostumado, partiu rinchando dolorosamente.

Quanto a Bálsamo, serenando a pouco e pouco, foi seguindo pela estrada de Paris, onde entrou três quartos de hora depois, com o rosto quase sereno, e o olhar sossegado, mas extremamente pensativo.

É porque Bálsamo tinha razão: por mais veloz que Djérid andasse, aquele filho rinchão do deserto, sempre andaria devagar; e só a sua vontade é que podia caminhar tão depressa como Lorenza evadida da prisão.

Da Rua de Saint-Claude dirigira-se ela para o bulevar, e voltando à direita, viu em breve os muros da Bastilha; mas Lorenza, sempre fechada, não conhecia Paris: e demais, o seu primeiro intento era fugir da casa maldita em que só via uma prisão; a sua vingança era objecto secundário.

Acabava portanto de entrar no Bairro de Santo António, toda perturbada e pressurosa, quando a ela se chegou um rapaz que havia minutos a seguia com grande admiração.

Efectivamente, Lorenza, italiana dos subúrbios de Roma, tendo quase sempre passado uma vida excepcional, fora de todos os hábitos da moda, de todos os costumes e usos da época, Lorenza vestia-se mais depressa como mulher do Oriente do que como européia, isto é, sempre sumptuosamente, não se parecendo em coisa alguma com as encantadoras bonecas apertadas como vespas num cinto comprido e todas frementes de sedas e cassas, debaixo das quais se procuraria quase inutilmente um corpo, tão grande é a ambição de parecerem imateriais.

Portanto Lorenza não tinha conservado, ou por melhor dizermos, não adoptara do traje das francesas de então, senão os sapatos de duas polegadas de altura, esse calçado impossível que fazia dobrar o pé, torcer a

delicadeza dos tornozelos, e que naquele século, um pouco mitológico, tornava impossível a fuga das Aretusas perseguidas pelos Alfeus.

O Alfeu que perseguia a nossa Aretusa alcançou-a facilmente; tinha-lhe visto as pernas divinas debaixo das saias de cetim e de rendas, os cabelos sem pós e os olhos, que brilhavam com um fogo vivo debaixo de uma mantilha enrolada pela cabeça e pelos ombros, e julgou ver em Lorenza uma mulher disfarçada, quer para alguma mascarada, quer para alguma entrevista amorosa, que se dirigia a pé, por não poder alugar uma carruagem, para qualquer casa daquele bairro.

Aproximou-se por isso e pondo-se ao lado de Lorenza, com o chapéu na mão:

- Santo Deus! Minha senhora - disse ele - não poderá ir muito longe com semelhante calçado, que atrasa o passo; quer aceitar o meu braço até que encontremos uma

carruagem, fazendo-me a honra de a acompanhar para onde for?

Lorenza voltou repentinamente a cabeça, cravou os olhos negros e penetrantes naquele que lhe fazia um oferecimento, que a muitas mulheres pareceria uma impertinência, e parando, disse:

- Aceito.

O rapaz ofereceu-lhe o braço.

- Onde quer ir, minha senhora? - perguntou ele.

- Ao palácio do chefe da polícia.

O rapaz estremeceu.

- A casa do senhor de Sartines?! - perguntou ele muito admirado.

- Não sei se se chama o senhor de Sartines, mas quero falar com o chefe da polícia.

O rapaz começou a pensar.

Aquela mulher, nova e bonita, que em traje estrangeiro, às oito horas da noite, corria, pelas ruas de Paris, com uma caixa debaixo do braço e perguntando pelo palácio

do chefe da polícia, do qual se afastava, pareceu-lhe deveras suspeita.

- Ah! Diacho! - disse ele - o palácio do senhor chefe da polícia, não é para este lado.

- Então para que lado é?

- É no Bairro de Saint-Germain.

- E por onde se vai para o Bairro de Saint-Germain? Queira dizer-mo.

- Por aqui, minha senhora - respondeu o rapaz, secamente, conquanto sempre cortês; - e se quiser, a primeira carruagem que encontrarmos...

- Sim, é verdade, uma carruagem, tem razão, não me lembrava...

O mancebo conduziu Lorenza ao ponto de onde viera, e encontrando uma carruagem no caminho, mandou logo parar.

O cocheiro apeou-se e perguntou:

- Onde quer ir, minha senhora?

- Ao palácio do senhor de Sartines - respondeu o mancebo.

E com um resto de civilidade, ou antes de admiração, abrindo a portinhola, cortejou

Lorenza, e depois de a ter ajudado a subir, viu-a desaparecer como as visões de um sonho.

O cocheiro, cheio de respeito por tão terrível nome, como era o do senhor de Sartines, fustigou os cavalos e dirigiu-se para o lugar indicado.

Foi então que Lorenza atravessou a Praça Real, foi então que Andreia, no seu sono magnético, tendo-a visto e ouvido, a denunciou a Bálsamo.

Em vinte minutos chegou Lorenza à porta do palácio do senhor de Sartines.

- Deverei esperar, minha formosa senhora? – perguntou o cocheiro.

- Sim - respondeu Lorenza maquinalmente.

E com toda a ligeireza entrou pelo portão do esplêndido palácio.

O PALÁCIO DO SENHOR DE SARTINES

Assim que entrou no pátio, viu-se Lorenza rodeada de uma multidão de beleguins e soldados.

Dirigiu-se ao soldado que viu mais perto de si, e pediu-lhe que a levasse à presença do chefe da polícia; o soldado indicou-lhe um contínuo, que, vendo aquela mulher tão formosa, tão estranha, tão ricamente vestida e trazendo debaixo do braço uma caixa tão rica, conheceu que a visita podia ser importante, e fê-la subir a uma sala, onde os que vinham, podiam, por meio de sagaz inquirição daquele porteiro, entregar ao senhor de Sartines, fosse de dia ou de noite, e a qualquer hora, algum esclarecimento, alguma denúncia ou algum requerimento. Já se sabe que as duas primeiras classes de visitantes

eram mais favoravelmente recebidas que a última.

Lorenza, interrogada por um contínuo, só respondeu por estas palavras:

- É o senhor de Sartines?

O contínuo ficou muito admirado por ver que alguém pudesse confundir o seu fato preto e a sua corrente de aço com a farda bordada e a cabeleira empoada do chefe de polícia; mas, como um tenente nunca leva a mal que lhe chamem capitão, como pela voz de Lorenza conheceu que era estrangeira, como o olhar firme e seguro não era de doida, ficou convencido que aquela mulher trazia alguma coisa importante no cofre, que com tanto cuidado e segurança levava debaixo do braço.

Entretanto, como o senhor de Sartines era homem prudente e desconfiado, e como por várias vezes lhe tinham sido armado laços, querendo-o seduzir por meios não menos horríveis que os da formosa italiana, todos em volta dele estavam alerta.

Lorenza teve portanto que passar pelas investigações, interrogatórios e suspeitas de meia dúzia de secretários e lacaios.

O resultado de todas aquelas perguntas e respostas foi que o senhor de Sartines não tinha ainda voltado, e que era preciso que Lorenza esperasse.

Então a italiana conservou-se em completo silêncio e dirigiu os olhos para as paredes nuas da enorme sala em que se achava.

Ouviu-se o toque de uma campainha; uma carruagem entrou no pátio, e um segundo contínuo veio dizer a Lorenza que o senhor de Sartines a estava esperando.

Lorenza levantou-se e atravessou duas salas cheias de gente com rostos suspeitos e trajos ainda mais singulares que o seu; finalmente, foi introduzida num gabinete de forma octogonal, alumiado por grande quantidade de velas de cera.

Um homem de cinqüenta a cinqüenta e cinco anos, de chambre, com uma enorme

cabeleira, toda empoada e frisada, estava trabalhando sentado diante de uma secretária alta, cuja parte superior, semelhante a um armário, tinha duas portas feitas de espelhos, nos quais, sem se incomodar, podia muito bem ver aqueles que entravam no seu gabinete, e estudar-lhes a fisionomia antes que tivessem tempo de a harmonizar com a dele.

A parte inferior daquela secretária tinha uma grande quantidade de gavetas de pausanto; cada uma daquelas gavetas, que se fechavam pela combinação das letras do alfabeto, continha papéis e segredos, que ninguém em vida dele poderia ler, porque nenhuma outra pessoa podia abrir a secretária, e que ninguém depois da sua morte poderia decifrar, salvo se, em alguma gaveta, ainda mais secreta que as outras achasse o cifrante.

Aquela secretária, ou antes aquele armário, debaixo dos espelhos da sua parte superior, tinha doze gavetas igualmente

fechadas por um mecanismo invisível. Construído este móvel expressamente pelo regente para encerrar segredos químicos ou políticos, fora dado pelo príncipe a Dubois e deixado por Dubois ao Sr. Dombroval, chefe da polícia; fora este último quem o dera ao senhor de Sartines; todavia o senhor de Sartines não tinha querido servir-se dele senão depois da morte do doador, e ainda assim fizera-lhe modificações na fechadura.

Aquele móvel tinha alguma reputação, e fechava muito bem, segundo diziam os que o conheciam, para que o senhor de Sartines se servisse dele unicamente para guardar as suas cabeleiras.

Os que criticavam naquela época, diziam que se fosse possível ler através das tábuas daquele móvel, certamente se teriam achado nalguma das suas gavetas os famosos tratados, em virtude dos quais Sua Majestade Luís XV agiotava com os trigos, por intervenção do seu agente, o senhor de Sartines.

O senhor chefe da polícia viu portanto no espelho reflectir-se o rosto pálido de Lorenza, que para ele caminhava com a caixa debaixo do braço.

Chegada ao meio do gabinete, parou.

O traje, o rosto e o andar da romana atraíram a atenção do senhor de Sartines.

- Quem é a senhora? - perguntou ele sem se voltar, mas olhando para o espelho; - o que quer de mim?

- Estou na presença do senhor de Sartines, chefe da polícia? - perguntou Lorenza.

- Está - respondeu este secamente,.

- O que pode assegurar-mo?

O senhor de Sartines voltou-se.

- Se a mandar prender, será para a senhora uma prova de que sou a pessoa que procura? - disse ele.

Lorenza não respondeu, mas olhou em redor de si, com a inexplicável dignidade das mulheres do seu país, para procurar a cadeira

que o senhor de Sartines lhe não tinha ainda oferecido.

Ficou vencido com aquele único olhar, porque era um homem muito bem educado o senhor de Alby de Sartines.

- Sente-se - disse-lhe bruscamente.

Lorenza puxou uma poltrona e sentou-se.

- Fale depressa - disse o magistrado; - vamos, o que pretende?

- Senhor - disse a mulher - venho acolher-me à sua protecção.

O senhor de Sartines olhou para ela com o olhar fino que lhe era particular.

- Ah! Ah! - disse ele.

- Senhor - prosseguiu Lorenza - fui roubada à minha família e submetida, por um falso casamento, a um homem, que há três anos me oprime e faz morrer de dor.

O senhor de Sartines olhou para aquela nobre fisionomia, e sentiu-se comovido por aquela voz de um acento tão doce e tão harmonioso.

- De que terra é? - perguntou ele.
- Sou romana.
- O seu nome?
- Lorenza.
- Lorenza de quê?
- Lorenza Feliciani.
- Não conheço essa família. É donzela?

Donzela, bem se sabe, significava naquela época menina de alta jerarquia. Em nossos dias, uma mulher julga-se nobre bastante no momento em que se casa, e já não deseja senão que lhe chamem senhora.

- Sou donzela - disse Lorenza.

- E pede?...

- Peço justiça contra aquele homem, que me encarcerou, seqüestrou...

- Isso não é da minha competência - disse o chefe da polícia. - É esposa dele?

- Ele assim o diz, pelo menos.

- Como? Ele assim o diz!

- Sim, mas não me recordo, porque o casamento foi contratado durante o meu sono.

- Apre! Tem o sono bem pesado!

- Como?

- Digo que isso não é da minha competência: dirija-se a um procurador e intente acção; não gosto de me meter em negócios caseiros.

E com isto fez o senhor de Sartines um gesto com a mão, que significava: retire-se.

Lorenza deixou-se estar.

- Então? - disse o senhor de Sartines admirado.

- Não acabei - disse ela - e se venho aqui, deve compreender que não é para me queixar de uma frioleira, mas para me vingar. Já lhe disse qual era a minha terra; as mulheres do meu país vingam-se, não se queixam.

- Isso é outro caso - disse o senhor de Sartines; - mas depressa, formosa senhora, o meu tempo é precioso.

- Eu já lhe disse que vinha pedir-lhe protecção; tê-la-ei?

- Protecção contra quem?

- Contra o homem de quem me quero vingar.

- Então é ele poderoso?

- Mais poderoso que um rei.

- Vamos, minha cara senhora, expliquemo-nos... para que lhe hei-de eu conceder a minha protecção contra um homem, que, segundo diz, é mais poderoso que el-rei? Para alguma acção, que talvez seja criminosa? Se se quer vingar desse homem, vingue-se, que a mim pouco me importa; o que lhe digo é que se a senhora cometer algum crime, hei-de mandá-la prender, e depois veremos; é esta a marcha.

- Não, senhor - disse Lorenza - não me mandará prender, porque a minha vingança é de grande utilidade para o senhor, para el-rei, para a França. Vingo-me revelando os segredos desse homem.

- Ah! Ah! Ele tem segredos? - disse o senhor de Sartines, mostrando interesse mau grado seu.

- E grandes segredos, senhor.

- De que natureza?

- Políticos.

- Diga-os.

- Mas enfim, vejamos, terei a sua protecção?

- Que qualidade de protecção me pede? - disse o magistrado com um sorriso profundo;
- dinheiro ou afeição?

- Peço, senhor, para entrar num convento, e viver lá ignorada como se estivesse enterrada. Peço que esse convento seja para mim um túmulo, que nunca há-de ser violado por quem quer que seja.

- Ah! - disse o magistrado - a exigência não é muito grande. Irá para um convento; fale.

- Dá-me a sua palavra, senhor?

- Parece-me ter-lha já dado.

- Então - disse Lorenza - receba esta caixa; contém mistérios que o farão tremer pela segurança de el-rei e de todo o reino.

- Então conhece esses mistérios?

- Superficialmente, mas sei que existem.

- E que são de importância?

- Que são terríveis.

- Mistérios políticos, diz a senhora?

- Nunca ouviu dizer que havia uma sociedade secreta?

- Ah! A dos pedreiros?

- A dos invisíveis.

- Sim, mas não creio nela.

- Quando tiver aberto essa caixa, há-de crer.

- Ah! - bradou vivamente o senhor de Sartines - vamos então ver.

E recebeu o cofre das mãos de Lorenza. Mas de repente, tendo reflectido, pô-lo na secretária.

- Não - disse ele com desconfiança - abra-o a senhora mesma.

- Mas eu não tenho a chave.

- Como não tem a chave? Traz-me uma caixa que contém o sossego do reino e esquece a chave!

- É coisa tão difícil abrir uma fechadura?

- Não, quando se conhece.

Um instante depois, acrescentou:

- Temos aqui chaves para todas as fechaduras, vai dar-se-lhe um molho delas, e a senhora mesma a abrirá.

E dizendo isto olhava fixamente para Lorenza.

- Dê-me as chaves - disse Lorenza simplesmente.

O senhor de Sartines tocou-lhe na mão, estava fria como se fosse de pedra.

- Mas - disse ele - por que não trouxe consigo a chave do cofre?

- Porque o dono dela nunca a larga.

- E o dono do cofre, esse homem mais poderoso de que um rei, quem é?

- Quem é ele, ninguém o pode dizer; o tempo que ele tem vivido, só o sabe a eternidade; as acções que pratica, só Deus as vê.

- Mas o seu nome, o seu nome?

- Tenho-o visto mudar de nome mais de dez vezes.

- Enfim, aquele pelo qual o conhece?

- Acharat.
- E mora?...
- Na rua de S...

De repente, Lorenza estremeceu, deixou cair a caixa que segurava com uma das mãos e as chaves com a outra; fez um esforço para responder, a boca torceu-se-lhe numa convulsão dolorosa; levou as mãos ao peito, como se a afogassem as palavras que estavam próximas a sair: depois, erguendo para o céu os braços trémulos, sem ter podido articular um som, caiu sobre o tapete do gabinete.

- Pobre pequena! - murmurou o senhor de Sartines; - o que será que a aflige? É que realmente é muito formosa. Bem, bem, nesta vingança há amor e ciúme.

Tocou a campainha e levantou ele mesmo a italiana que, com o olhar desvairado, os lábios imóveis, parecia morta e já desligada deste mundo.

Entraram dois lacaios.

- Levem daqui cautelosamente esta senhora - disse ele - e conduzam-na para a

sala contígua. Vejam se a podem fazer tornar a si, e nada de violências. Vão!

Os criados obedeceram levando Lorenza.

FIM DO QUARTO VOLUME